

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS**

**MULHERES “ARTISTAS”, ENTRE A CRUZ E A DISCIPLINA: SOCIALIZAÇÃO E  
CONTROLE DE IMPRESSÕES NO PROJETO ROSA DE SARON (CARUARU- PE)**

CAMPINA GRANDE – PB

2015

**JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS**

**MULHERES “ARTISTAS”, ENTRE A CRUZ E A DISCIPLINA: SOCIALIZAÇÃO E  
CONTROLE DE IMPRESSÕES NO PROJETO ROSA DE SARON (CARUARU- PE)**

Dissertação entregue à coordenação do Programa  
Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS –  
da Universidade Federal de Campina Grande,  
como exigência final para a obtenção do título de  
mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Doutor Vanderlan Francisco da Silva

CAMPINA GRANDE – PB

2015

**Catálogo na fonte**  
Sistema de Bibliotecas da UFCG – Biblioteca Central

S237m

Santos, Jaquielson Ferreira da Silva.

Mulheres “artistas”, entre a cruz e a disciplina: socialização e controle de impressões no projeto Rosa de Saron (Caruaru- PE) / Jaquielson Ferreira da Silva Santos. – Campina Grande, PB: O autor, 2015.

198 f.: il.: Color. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Vanderlan Francisco da Silva, Dr.

Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Drogas. 2. Instituição Total. 3. Dramaturgia Social. 4. Conversão. 5. Socialização. I. Silva, Vanderlan Francisco da. (Orientador). II. Título.

CDU 316.7:347.976 (813.4)(043.3)

JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS

**MULHERES “ARTISTAS”, ENTRE A CRUZ E A DISCIPLINA: SOCIALIZAÇÃO E  
CONTROLE DE IMPRESSÕES NO PROJETO ROSA DE SARON (CARUARU- PE)**

Dissertação entregue à coordenação do Programa Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS – da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência final para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Campina Grande, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de  
2015.

Avaliação: \_\_\_\_\_

---

Professor Dr. Vanderlan Francisco da Silva (PPGCS/UFCG- Orientador)

---

Professora Dra. Hilderline Câmara Oliveira (PPGA- UNP - Examinadora Externa)

---

Professor Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior (PPGCS/UFCG - Examinador Titular  
Interno)

CAMPINA GRANDE – PB

2015

## **Dedico**

Àquela cujo sorriso representa a maior motivação para viver – Anna Alice da Silva Ferreira (Filha) – bem como àquela cuja vida é a maior inspiração para amar – Geizeane Roberta da Silva (esposa).

Ao professor Dr. Kleber Fernando Rodrigues, Luzinete Lemos e a minha querida e eterna professora Margarida Alexandrina, por me guiarem em meus primeiros passos pelo fantástico e inspirador caminho da pesquisa.

Ao amigo Paulo David Amorim Braga por representar um exemplo de superação força e fé. Pelo companheirismo, incentivo, e, principalmente, por me mostrar que não importa o tamanho de nossas dificuldades, pois *“tudo o que Deus faz é perfeito”*.

À todos e todas que fazem parte do Centro de Recuperação Rosa de Saron.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder primeiramente o dom da vida, me acompanhando nessa jornada árdua, mas recompensadora; solitária, e ao mesmo tempo em sua presença; por ter me dado forças nos momentos de fraqueza.

Aos meus pais, Cícero Ferreira dos Santos e Rosileide Francisca da Silva, pela educação, carinho, respeito e renúncias a mim dedicadas. À minha avó materna – Maria Francisca – pelas orações desprendidas à cada viagem feita entre Pernambuco e Paraíba.

Agradeço à minha esposa – Geizeane Roberta da Silva – pela compreensão nesse momento tão delicado da vida. Por acreditar que cada passo era possível. Pelas vezes que renunciou o afago e companhia de seu marido, para que esse, na condição de pesquisador, pudesse cumprir as exigências do PPGCS. À Anna Alice (filha) que, embora não entenda o que agora escrevo, foi uma das grandes e principais razões para que eu ousasse transpor mais esse limite na minha formação. Pelos sorrisos e brincadeiras que se constituíram em força para encarar a dura, árdua, mas fascinante missão no campo científico. *Te amo filha!*

Por mencionar o PPGCS, não poderia deixar de agradecer a todos os professores do programa, em especial àqueles que tive contato durante meu processo formativo – Arilson, Clóvis Alberto, Gonzalo Roja, Jesus Izquierdo, Lemuel Guerra, Ramonildes Gomes, Roberto Veras, Roseli de Fátima Corteletti – cujo os momentos de discussões em nossos encontros possibilitaram o amadurecimento necessário para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao professor Vanderlan Francisco (orientador) cujo mérito é bastante reconhecido para que entrasse nesses agradecimentos. Agradeço pelas conversas, pela paciência, pela destreza teórica, pelo desprendimento do tempo, pelo zelo em relação ao conhecimento, pela confiança, por buscar sempre um ideal de justiça, pela grande e maravilhosa pessoa que é. Ter lido como orientador prova o quanto Deus é misericordioso e bondoso para com os seus filhos. Meus mais sinceros agradecimentos e reconhecimento do grande legado deixado na vida desse pesquisador e o convite para que esta seja uma das várias experiências que possamos ter ao longo de nossa jornada acadêmica. Também ao Dr. Ronaldo Sales e a Dra. Hilderline Oliveria pela dedicação e ânimo em aceitar realizar a leitura e avaliação de: trabalho.

À Rinaldo (secretário do PPGCS), Daniela (secretária), Claudiana (secretária) e toda a sua equipe, por todo o trabalho realizado durante o desenvolvimento do curso, além do companheirismo de cada dia.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – por proporcionar, através do provimento de recursos financeiros, as condições necessárias para o bom desempenho das funções no campo da pesquisa.

Ao meu cunhado, amigo, grande sociólogo, e agora “pastor” Robson Gerliandro por me apresentar a essa fantástica instituição – PPGCS -; por seus conselhos e orientações que culminariam na escolha do tema abordado. Agradeço também pelo companheirismo semeado nesses 15 anos que nos conhecemos. Ao meu cunhado Ricardo (*in memoriam*), pela torcida e por proporcionar meios favoráveis de locomoção para que cursasse as primeiras disciplinas – ainda como aluno especial -. Minha eterna gratidão; ele fez realmente parte da minha história.

À direção do Projeto Rosa de Saron – representado pela missionária Jane Sueli -, por abrirem as portas para que esse trabalho fosse possível. A todas as “mulheres” internas por partilharem SUAS VIDAS, contribuindo significativamente para a realização desse trabalho.

Aos meus amigos e colegas do PPGCS que, juntamente comigo, partilharam ideias, experiências e companheirismo. Todos vocês fizeram parte desse trabalho.

Dos alunos do PPGCS destaco, em especial, a participação da aluna Fernanda. Obrigado pelo companheirismo e amizade surgida no árduo trajeto entre “Caruaru e Campina Grande”. Obrigado por partilhar as alegrias e dores inerentes ao processo que nos submetemos. Você foi muito especial para mim juntamente com seu marido Demétrius “Chauffeur”.

A todos os irmãos da Igreja Batista Pinheirópolis, pela preocupação, incentivo e orações desprendidas ao longo dessa trajetória. Além dos pastores da IGBAPI que abriram as portas da igreja para o desenvolvimento dessa pesquisa – Pastor Philip Daniel Warkentien; Pastor Marcos Pereira da Silva – agradeço ao irmão Geraldo e prezada equipe pela acolhida na incursão etnográfica que resultou nos fecundos dados obtidos e utilizados nessa pesquisa.

E por último, a todos que acreditaram na conclusão deste trabalho e de alguma forma contribuíram para sua realização.

**“E, quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens.” (Mateus: 6:5)**



## RESUMO

O presente trabalho analisa, em uma perspectiva sociológica, as experiências de mulheres que ingressaram o Centro de Recuperação Rosa de Saron (CRRS) devido ao quadro de dependência química apresentado. Após sofrerem diferentes tipos de pressões, estigmas e exclusão social, as trajetórias dessas mulheres se encontram em um centro cuja proposta de reabilitação perpassa por uma terapia regada por princípios normativos religiosos que eclodem tão plurais - e muitas vezes contraditórios - quanto as internas que nele se inserem. Foi a partir da psicologia social e do interacionismo simbólico de Goffman que as trajetórias dessas mulheres foram evidenciadas e problematizadas no interior dessa instituição total. Desenvolvida a partir de uma incursão etnográfica no referido campo de pesquisa – entre março de 2013 à fevereiro de 2015 na sede do CRRS (Caruaru-Pernambuco) – os dados colhidos, através da execução de procedimentos metodológicos como observação participante e entrevistas semi-diretivas, revelariam o cotidiano dessas mulheres; esse marcado por relações de conflitos, tensões, resistências, negociações, estigmas, relações de poder, vigilância e controle. A evidenciação desses elementos serviram como plano de fundo para a percepção das relações das internas mediante ao conjunto de normas e regras que constituem a cultura institucional. A ação dramaturgica ganha força ao se perceber um conjunto de privilégios concebidos mediante a estigmatização e resistência de outras. Desse modo, assumindo que a nova identidade é forjada a partir de uma perspectiva relacional, se deixar moldar pela instituição passa a representar mais que um ato de espontaneidade em busca de uma efetiva reabilitação, mas pode constituir uma estratégia de sobrevivência acarretando sobre a interna certo alívio em relação à dureza e rigidez do campo investigado. Seguindo esse caminho, a conversão religiosa é apresentada – sob a lógica da liderança do centro - a partir de dois polos: a chamada conversão sincera e a conversão cínica. Para ambos os casos, a nova religião professada pode favorecer essas mulheres na progressão de em suas respectivas carreiras morais: de internas à fiscais; de fiscais à líderes; e, finalmente, de líderes à obreiras. Assim, os dados coletados e apresentados nessa pesquisa convidam a um repensar do termo “instituição total” enquanto uma instituição de controle absoluto, bem como perceber as internas enquanto sujeitas subjetivas construtoras de trajetórias distintas.

**Palavras-chave:** Drogas. Instituição Total. Dramaturgia Social. Conversão. Socialização

## ABSTRACT

This paper analyzes, in a sociological perspective, the experiences of women who entered the CRRS - due to chemical dependency table. After suffering different types of pressures, stigma and social exclusion, the trajectories of these women are as plural and contradictory as internal that it is fall. The social psychology and symbolic interactionism by Goffman indicates the trajectories of these women within this total institution. Developed from an ethnographic process - from March 2013 to February 2015 (in Caruaru-Pernambuco) - the data gathered through the implementation of methodological procedures such as participant observation, semi-directive interviews, between others, reveal the daily lives of these women; this everyday marked by relations of conflicts, tensions, resistance, negotiations, stigmas, power relations, monitoring, control, among others. The religious conversion is presented – according to the leadership of the center - from two poles: the call “sincere conversion” and the “cynical conversion”. In both cases, the new religion can promote these women in progression in their moral careers. Thus, the data collected and presented in this study invite a rethinking of the term "total institution" and the power that it develops.

**Keywords:** Drugs. Total Institution. Social Drama. Conversion. Socialization.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	- Fundadora e atual coordenadora do centro Jane Sueli.....	<b>59</b>
<b>Figura 2</b>	- Oficina de ornamentação (I).....	<b>63</b>
<b>Figura 3</b>	- Oficina de ornamentação (II).....	<b>63</b>
<b>Figura 4</b>	- Internas assistindo ao culto na Igreja Assembleia de Deus.....	<b>71</b>
<b>Figura 5</b>	- Missionária Jane pregando na Assembleia de Deus.....	<b>71</b>
<b>Figura 6</b>	- Internas à caminho da IURD.....	<b>73</b>
<b>Figura 7</b>	- Internas e membros no interior da IURD.....	<b>73</b>
<b>Figura 8</b>	- Doações de alimentos e materiais para limpeza feitas pela IURD.....	<b>74</b>
<b>Figura 9</b>	- Internas exibindo o livro do fundador da IURD Edir Macedo.....	<b>75</b>
<b>Figura 10</b>	- Liderança do centro e membros da Igreja Batista Pinheirópolis.....	<b>76</b>
<b>Figura 11</b>	- Planta do Centro Rosa de Saron.....	<b>85</b>
<b>Figura 12</b>	- A casa da obreira.....	<b>86</b>
<b>Figura 13</b>	- Limites de arame do centro.....	<b>86</b>
<b>Figura 14</b>	- Fila para o jantar.....	<b>88</b>
<b>Figura 15</b>	- Obreira Drielly Siqueira no escritório do CRRS.....	<b>89</b>
<b>Figura 16</b>	- Placa comemorativa dos 13 anos do centro Rosa de Saron.....	<b>92</b>
<b>Figura 17</b>	- Mesa montada em comemoração aos 13 anos do centro.....	<b>92</b>
<b>Figura 18</b>	- Homenagem aos colaboradores e visitantes do centro.....	<b>93</b>
<b>Figura 19</b>	- Líder Juliana emocionada com a vinda da filha ao centro.....	<b>94</b>
<b>Figura 20</b>	- Líder Juliana à espera de sua filha.....	<b>94</b>

<b>Figura 21</b>	- Gincana institucional.....	<b>96</b>
<b>Figura 22</b>	- Interna competindo na gincana institucional.....	<b>96</b>
<b>Figura 23</b>	- Confraternização anual: internas se abraçando.....	<b>97</b>
<b>Figura 24</b>	- Confraternização anual: sociabilidades na piscina.....	<b>97</b>
<b>Figura 25</b>	- Jantar: Internas utilizando utensílios plásticos.....	<b>111</b>
<b>Figura 26</b>	- A menina Vitória com uma das internas do centro.....	<b>125</b>
<b>Figura 27</b>	- A menina Vitória com mulheres de diferentes faixas etárias.....	<b>125</b>
<b>Figura 28</b>	- Pesquisador Jaquielson ministrando louvor ( I ).....	<b>131</b>
<b>Figura 29</b>	- Pesquisador Jaquielson ministrando louvor ( II ) .....	<b>132</b>
<b>Figura 30</b>	- Obreira Poliana em vigia às internas.....	<b>132</b>
<b>Figura 31</b>	- A obreira Poliana preparada para o culto Batista.....	<b>133</b>
<b>Figura 32</b>	- Poliana recitando versículos bíblicos na Igreja Batista.....	<b>133</b>
<b>Figura 33</b>	- Peça teatral promovida por mebros da Igreja Universal.....	<b>138</b>
<b>Figura 34</b>	- Internas apresentando peça teatral.....	<b>140</b>
<b>Figura 35</b>	- Drielly Siqueira representando Jesus.....	<b>140</b>
<b>Figura 36</b>	- Momento do apelo Batista.....	<b>141</b>
<b>Figura 37</b>	- Internas no café da manhã na Igreja Batista.....	<b>146</b>
<b>Figura 38</b>	- Internas em evento externo promovido pela Igreja Universal.....	<b>146</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1</b>	- Estimativas do uso regular de crack e/ou similares nas capitais do Brasil .....	<b>55</b>
<b>GRÁFICO 2</b>	- Mapa do crack em Pernambuco.....	<b>56</b>
<b>GRÁFICO 3</b>	- Indicadores para a iniciação às drogas.....	<b>101</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b>	- Quadro populacional do CRRS.....	<b>61</b>
<b>QUADRO 2</b>	- Normas internas do CRRS.....	<b>112</b>
<b>QUADRO 3</b>	- Perfil social das internas do CRRS.....	<b>101</b>

## LISTA DE SIGLAS

<b>CRRS</b>	- Centro de Recuperação Rosa de Saron
<b>IURD</b>	- Igreja Universal do Reino de Deus
<b>IGBAPI</b>	- Igreja Batista Pinheirópolis
<b>AD</b>	- Assembleia de Deus
<b>UFPE</b>	- Universidade Federal de Pernambuco
<b>FAVIP</b>	- Faculdade do Vale do Ipojuca
<b>TP</b>	- Teologia da Prosperidade
<b>DSM-IV</b>	- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (4º Edição)
<b>AIS 14</b>	- Área Integrada de Segurança responsável pela manutenção da ordem e combate à violência em 14 municípios da região.
<b>4º BPM-PE</b>	- 4º Batalhão da Polícia Militar de Pernambuco.
<b>SISNAD</b>	- Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas
<b>FUNCAB</b>	- Fundo de Prevenção e de Combate às Drogas de Abuso
<b>ROCAM</b>	- Rondas Ostensivas Com Apoio de Motocicletas - PMPE
<b>PMPE</b>	- Polícia Militar de Pernambuco
<b>UNESCO</b>	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>FIOCRUZ</b>	Fundação Osvaldo Cruz
<b>SISNAD</b>	Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas
<b>E.U.A</b>	Estados Unidos da América
<b>H.I.V.</b>	Human Immunodeficiency Virus

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO</b> .....	<b>23</b>
2.1	ELEMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS.....	24
2.2	SOCIALIZAÇÃO: BASE PARA UMA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA.....	25
2.3	INSTITUIÇÃO.....	30
2.3.1	Instituição total e ação dramaturgica.....	33
2.4	METODOLOGIA.....	41
2.4.1	Primeiras experiências no campo: definição dos procedimentos metodológicos.....	41
2.4.2	Caminhos da pesquisa etnográfica.....	45
2.4.3	Os sujeitos da pesquisa.....	51
<b>3</b>	<b>A INSTITUIÇÃO E SEUS AGENTES</b> .....	<b>53</b>
3.1	DROGAS: DIMENSÕES EPIDÊMICAS E ALTERNATIVAS RELIGIOSAS PARA A REABILITAÇÃO.....	54
3.2	SURGIMENTO DO CRRS: CENTRO DE RECUPERAÇÃO ROSA DE SARON.....	59
3.3	FRONTEIRAS DA INFLUÊNCIA RELIGIOSA NORTE-AMERICANA.....	64
3.4	PRINCIPAIS IGREJAS E CORRENTES RELIGIOSAS PARTICIPANTES DO CENTRO.....	67
3.4.1	A cruz pentecostal.....	68
3.4.2	A cruz da prosperidade.....	72
3.4.3	A cruz tradicional.....	76
3.5	AS NOVAS GATAS: INTERNAS E EGRESSAS NA LIDERANÇA DO CENTRO.....	79
3.6	ESPAÇOS E SUJEITOS.....	84
3.7	AS CERIMÔNIAS INSTITUCIONAIS: O OUTRO LADO DA INSTITUIÇÃO E DE SEUS AGENTES.....	91
3.7.1	Aniversário do centro: mecanismos de divulgação.....	91
3.7.2	Natal, gincanas e confraternizações: invertendo os papéis.....	94



<b>4</b>	<b>O MUNDO DAS INTERNAS: TRAJETÓRIAS DE QUEM “CAIU” NO CENTRO.....</b>	<b>98</b>
4.1	TRAJETÓRIAS E PERFIL SOCIAL DAS INTERNAS.....	99
4.1.1	Caminhos para o vício.....	100
4.1.2	Caminhos para o centro.....	107
4.2	RITOS DE PASSAGEM E A MORTIFICAÇÃO DO EU.....	110
4.3	NEM TUDO MORRE.....	116
4.4	VITÓRIA: UM MOTIVO PARA ATUAR.....	122
4.5	A HORA DO CULTO: TENSÕES, CONFLITOS E RESISTÊNCIAS.....	127
4.6	CONVERSÃO: O “SIM CÍNICO” E O “SIM SINCERO”.....	137
4.7	À CAMINHO DA IGREJA.....	145
4.8	MOMENTO DA DESPEDIDA.....	149
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>151</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>156</b>
	APÊNDICE A - Levantamento geral do perfil social das internas do CRRS.....	170
	APÊNDICE B - Perfil social das internas: frequência dos dados coletados.....	173
	APÊNDICE C - Perfil social das internas: cruzamentos de variáveis.....	191
	APÊNDICE D – Roteiro de entrevista (internas).....	193
	APÊNDICE E – Roteiro de entrevista (Jane Sueli).....	195
	APÊNDICE F – Roteiro de entrevista (Obreiros e voluntários).....	197

# 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata de estabelecer uma análise acerca de como as internas do Centro de Reabilitação Rosa de Saron (CRRS) desenvolvem suas trajetórias no interior dessa instituição de tratamento para toxicômanos.

Assumindo uma perspectiva de tratamento socio-religioso de suas internas, sua proposta surge na tentativa de proporcionar o que chamam de “*a verdadeira regeneração*”<sup>1</sup>, adotando como lema a passagem bíblica “eis que as coisas velhas passaram e tudo se fez novo” (*II Cor. 5:17*).

No cotidiano das interações entre membros da liderança e internas, os discursos religiosos são lançados legitimando relações de poder, dominação, status, entre outros. Além disso, os mesmos discursos veiculam um conjunto de regras e valores morais (BERGER, 1972) para o abandono das drogas. Nesse ponto, a ética e a moral religiosa se unem a um projeto de sociedade, articulando-se dentro de uma ação que representa a extensão de uma biopolítica (FOUCAULT, 1997), esta advinda dos interesses do Estado e de toda uma lógica articulada por mecanismos de dominação e controle voltados ao domínio do corpo e da mente das mulheres que ao programa se submetem.

Uma vez inseridas na dinâmica do tratamento nesta instituição total (GOFFMAN, 1974) - apresentadas às normas, seguindo as rotinas estabelecidas - pouco a pouco as internas entram em contato com um conjunto de valores cuja proposta busca um ajustamento de suas identidades em relação à instituição.

Dentre as trajetórias desenvolvidas, a conversão<sup>2</sup> religiosa figura como um dos relevantes e significantes momentos para o estabelecimento de novas interações e status entre internas e liderança.

---

<sup>1</sup> Foi percebido no discurso da *liderança* que a referida expressão marca a tentativa de estabelecer uma diferenciação desse centro interdenominacional em relação aos demais centros seculares. Entre seus discursos é concebida a ideia de que seria somente a partir da adoção de novos ritos e crenças (inerentes à ressignificação de uma efetiva identidade religiosa) que a interna teria condições para superar a dependência das drogas. Esse discurso representa um dos principais “*emblemas*” da proposta institucional (Pesquisa de campo/2015).

<sup>2</sup> Neste trabalho essa transformação do indivíduo pela via espiritual, o que resulta em novos meios de agir socialmente acompanhado pela adoção de um novo conjunto de símbolos, signos e práticas religiosas é chamada de “CONVERSÃO”. Sociologicamente, esse conceito é apresentado próximo daquilo que Foucault (2006) chama de *Metánoia*. É um acontecimento que leva o indivíduo a um transtorno seguindo de uma transformação. Acontece por meio de uma ruptura do indivíduo; essa marcada pela negação, renúncia e morte de si mesmo para o renascer em um outra identidade sócio-religiosa. Berger (1985) marca conversão como um ato no qual o passado é “dramaticamente transformado” em que o indivíduo passa a ver seu passado como um cativo na falsa consciência sendo os fatos reinterpretados radicalmente.

*Carregar a cruz*<sup>3</sup> (assumindo assim publicamente uma nova identidade religiosa) torna-se um sinal do poder da instituição sobre a interna; um poder semeado por uma *disciplina* que, conforme Foucault (1997), se fortalece à medida que usa como dispositivos de dominação “a arte da distribuição dos corpos” e do “controle das atividades”. Um poder que visa certa submissão e massificação das internas como estratégia de controle.

Algumas das peculiaridades inerentes ao campo de pesquisa, bem como de suas respectivas participantes, servem de elementos para a devida afirmação.

Na realidade do centro, das 40 mulheres internas sondadas a partir da aplicação de um questionário social (APÊNDICE A), 23 delas declararam não possuir senso de pertença ou identificação com nenhuma das religiões evangélicas atuantes no CRRS no momento de suas respectivas inserções (QUADRO 3 / INDICADOR 21). Entretanto, no decorrer do tratamento, percebe-se que esse número cai drasticamente, à proporção que a pertença ou o reconhecimento no grupo das “evangélicas” emerge de forma cada vez mais expressiva (QUADRO 3 / INDICADOR 22). Mesmo aquelas que se definiam como evangélicas desviadas<sup>4</sup> - no início do tratamento – apresentam-se, com narrativas e concepções religiosas acerca do que é o CRRS bastante ressignificadas.

Todavia, se por um lado os eventos descritos podem passar uma ideia acerca da força da instituição sobre suas participantes, por outro, autores como Simmel e Goffman permitem pensar e questionar esses processos de ajustamento das internas em relação ao conjunto disciplinar exercido.

A ação dramaturgica advinda do interacionismo simbólico de Goffman e o formalismo social de Simmel – a partir de seu conceito de sociabilidade - dão margem para pensar a realidade do campo de pesquisa como algo mais complexo e poroso<sup>5</sup> do que aparentemente se

<sup>3</sup> A palavra “cruz”, que empresta o nome ao título desse trabalho, é aqui utilizada como sinônimo de “religião”. Na obra de Wilkerson (1983) – fundador do projeto Desafio Jovem – a palavra “cruz” traduz a opção religiosa por uma vida asceta; uma vida que vai de encontro com desejos individuais que leva à prostituição, crime, às drogas, entre outros. A “cruz” ou “carregar a cruz” são expressões tomadas como sinônimo para mudança de vida, religião no interior do CRRS. Sinônimo de renúncia e transformação, essas expressões bastante conhecidas no meio evangélico são facilmente encontradas nos livros bíblicos de Mateus 16:24, Mateus 10:34, Marcos 8:34, Lucas 9:23, Lucas 14:27, entre outros. Mais uma vez o conceito de Metánoia de Foucault (2006) é tomado como referência, pois traduz a morte do indivíduo a si mesmo em favor de um ideal religioso marcado por renúncias, abstinências, comprometimento com as regras institucionais – ainda que elas pareçam duras demais.

<sup>4</sup> Classificação dada por Silva (2014a) àquelas consideradas ex-desviadas, ou seja, àquelas que professavam a fé em algum segmento evangélico e que devido ao uso das drogas, abandonaram ou foram excluídas do convívio religioso.

<sup>5</sup> Entende-se o conceito de porosidade é compreendido como um entrelaçar de relações que constituem um fluxo entre o que está dentro e fora da “instituição total” (BARBOSA, 2005).

apresenta; esta composta por um conjunto de eventos e ações que rompem – ou buscam romper – com a dominação institucional exercida, ressignificando-a à medida que processos de interações são concebidos.

Tomamos como exemplificação, dentre tantos outros eventos possíveis, a ação da conversão. Ao ser reafirmada publicamente, a aparente “identidade religiosa” - no contexto das internas - pode surgir não apenas como um ato que traduz uma mudança de paradigmas religiosos, mas como um ato que pode proporcionar certo alívio em relação à dureza que marca as rotinas concebidas no CRRS. Desse modo, as atividades, o controle institucional, as interdições, podem passar a ser mais suportáveis à medida que novos status e papéis são conferidos às fachadas das internas.

O que antes era proibido - como frequentar espaços específicos, saídas supervisionadas do centro, certos “privilégios” em relação às demais - torna-se mais acessível para aquelas cujos requisitos mínimos de assujeitamento foram alcançado. À medida que a interna atua correspondendo às expectativas institucionais, tenderá a aumentar significativamente suas possibilidades para exercer “novos papéis”, em diferentes locais, com distintas ou já conhecidas plateias, marcando assim o desenvolvimento de suas respectivas trajetórias individuais. A **crúz**, neste caso, passaria a suavizar não apenas o “espírito”, mas a dura **disciplina** vivenciada no centro.

O acesso ao “proibido” revela certo grau de status da interna no seio da instituição. Por outro lado, ele também favorece a promoção de práticas consideradas ilícitas<sup>6</sup> e, portanto, “ocultadas” aos demais líderes do centro – como a busca por estabelecer contatos ou relações homossexuais, tentativas de ingestão de bebidas alcoólicas, drogas, entre outros.

Desse modo, manipular as impressões – tornando-se efetivamente “**artistas**”<sup>7</sup> – passa a se constituir em mecanismos de resistência que permitem que algumas das internas vivam simultaneamente entre mundos distintos: entre as líderes e lideradas; entre o permitido e o proibido; entre a dominação e a “liberdade”<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Ilícitas em relação ao código de conduta interno do centro.

<sup>7</sup> A expressão “artistas” é um termo utilizado pelas líderes do centro para identificar aquelas internas que manipulam suas fachadas e impressões nos rituais de interações estabelecidos. Nesse trabalho essa expressão é utilizada com igual valor ao que Goffman (1974), (1996), (2001) chama de ator.

<sup>8</sup> O termo liberdade é aqui utilizado como fruto do que Goffman (1974) chama de **locais livres**.

Fica claro, todavia, que assumir publicamente os valores institucionais não elimina que as internas sejam alvos da força institucional – para essas, suas intimidades e desejos continuam sendo constantemente sondados -. Mesmo para essas, suas práticas continuam sendo regidas ao “SOM DO APITO”, este que anuncia o fim de uma atividade e o início de outras, marcando certo controle e domínio da instituição, que opera no esquadrihamento do tempo, na dominação dos corpos e das mentes, entre outros. Desse modo, a instrumentalização da religião permite que um novo mundo de possibilidades e atuações seja vivenciado, e que trajetórias surjam e ressignifiquem a participação dessas internas no contexto das interações no campo investigado.

A incursão no campo de pesquisa revelou que por mais que se procure identificar os mecanismos que sustentam a lógica das relações e estilos de vida de determinado grupo social - idealizado na realização de uma investigação que reúna dados verdadeiros e objetivos da realidade - a versão produzida pelo pesquisador é sempre fomentada por uma subjetividade a qual não pode ser desvincilhada do produto final da pesquisa. Dessa forma, o resultado final dessa dissertação não corresponde apenas à análise realizada sobre o objeto, mas revela também os *traços, os olhares, as vivências e as experiências ínfimas* do pesquisador em relação ao que se investigou.

Durante boa parte do trabalho de pesquisa, pude me questionar acerca do que de fato me movia a confrontar essa realidade. Busquei evidenciar quais os impulsos objetivos e subjetivos que corroboraram para minha incursão nesse campo composto por sujeitos “aparentemente” tão diferentes da minha própria realidade. Equivoquei-me! Dentro dessa perspectiva, inserido no campo e refletindo acerca da minha própria história de vida, percebi - através da utilização do procedimento metodológico da observação participante - que a realidade daquelas mulheres envolvidas na pesquisa não representava algo tão distante em relação à minha própria trajetória de vida. Percebi nos discursos, nas conversas informais, nas histórias de vida de cada uma delas, que existiam mais pontos que nos uniam do que nos distinguiam.

Desde a infância fui instruído a evitar passar por certos pontos da cidade. Pontos esses que eram frequentados por mulheres que viam na prostituição um meio de obter recursos para manter o vício<sup>9</sup>. Seus sorrisos e acenos camuflavam, perante os olhares curiosos de seus expectadores, as violências e conflitos sofridos durante esse processo.

---

<sup>9</sup> Tomando como referência que parcela significativa das internas investigadas afirmaram que em algum momento de suas trajetórias sociais utilizaram-se da prostituição como meio de obtenção de drogas.

Assim, como muitas daquelas mulheres (sujeitas da pesquisa), estudei em escolas da rede pública. Desde os 7 anos de idade tive que aprender a me ajustar a uma realidade cujo o problema das drogas era bastante evidente. Mesmo sem me reconhecer nesse meio, tive que aprender a lidar com indivíduos e grupos sociais que tinham contato com drogas, trazendo em si as respectivas marcas dessa aproximação em seus corpos e mentes. Era muito comum e natural saber que elas estavam lá – ainda que parecessem invisíveis-. Alguns espaços “esquecidos” na escola tanto pela direção e professores quanto para muitos alunos – como salas de aula interditas, corredores escuros, banheiros, entre outros - se transformavam em verdadeiros locais livres (GOFFMAN, 1974), deixando rastros – seringas abandonadas, colheres, preservativos, latas, entre outros – que comprovavam que não somente os valores institucionais estavam sendo concebidos, mas que estes eram seguidos por uma gama de “aprendizados alternativos” que implicavam diretamente na realidade das interações desenvolvidas naquele espaço escolar.

Nesse espaço fui várias vezes estorcido e assaltado por sujeitos que já não eram tão desconhecido. O que faziam com os bens e recursos obtidos através do crime praticado era algo tomado como quase certo para cada um dos alunos. Ainda hoje, revisitando esses espaços, posso perceber que pouca coisa mudou; os ciclos parecem se repetir - ou até mesmo apresentam-se intensificados-. Próximo à minha residência em Caruaru-PE, os velhos pontos de venda e consumo de drogas continuam existindo. Visíveis a quem interessar ver. Assim como fui instruído a permanecer afastado desses lugares quando criança, agora busco repetir o ciclo com a minha própria filha.

Se pouca coisa aparentemente mudou ao longo desses últimos 25 anos, buscara perceber o porquê de não ter o mesmo destino de muitos de meus colegas e amigos de infância e adolescência.

Aos 13 anos, no ano de 1997, já participante do cotidiano de uma igreja evangélica Congregacional<sup>10</sup> - na cidade de Caruaru-PE -, acreditava, naquele momento, ter na fé e nos princípios e valores religiosos professados os recursos necessários para DIZER NÃO quando fosse preciso. A cada página folheada da minha Bíblia, assistia com “espanto adolescente” o número das seringas se acumularem nos espaços obscuros da escola. Talvez, assim como muitos com quem convivi, pudesse eu ter uma trajetória que me levasse ao Desafio Jovem - não como pesquisador, mas como interno -; todavia, resisti!

---

<sup>10</sup> Igreja Evangélica Congregacional Vale da Bênção Central – localizada na Rua Joaquim Távora nº441, Bairro São Francisco, Caruaru-PE – presidida até hoje pelo pastor reverendo Nicácio Corrêa de Moura Filho.

Entretanto, ao longo dos anos, percebi que mesmo aqueles que professavam a mesma fé não deixavam de pertencer a certo “grupo de risco” das drogas. Pude encontrar indivíduos próximos de minha convivência internados em centros de tratamentos - tanto evangélicos quanto não evangélicos.

Desse modo, conhecendo o trabalho do recém formado centro Rosa de Saron – no ano de 2003 -, pude ingressar nesse campo, sempre visitando e escutando as histórias de vida daquelas mulheres. Era meu primeiro contato com meu futuro campo de pesquisa (ainda que não soubesse). Assim, percebi que eram apenas sutilezas em nossas trajetórias de vida que nos separavam; e que, como muitas delas, poderia ser eu um dos sujeitos dessa ou de outras pesquisas. Logo depois, ao estabelecer um relacionamento com aquela que seria minha esposa – no ano de 2004 -, recebia muitos convites de minha sogra (Rosilda) à participar de momentos no CRRS: cultos, festas, doações de alimentos, entre tantos outros – prática que ela conserva até o dia de hoje.

Dez anos depois, agora como membro da Igreja Batista Pinheirópolis, me percebo participando de um culto evangélico “aparentemente normal”. Todavia, assim como muitos dos membros dessa igreja, percebo as internas do Centro de Recuperação Rosa de Saron adentrando os espaços do templo. Os primeiros olhares, delas e dos membros ali reunidos, deixavam claro a perplexidade do fato e dos universos que se chocavam.

Ficavam em cantos isolados; a aparência delas – muitas que ostentavam certa vaidade, mas que traziam em si as marcas e a desconfiança em relação à sua condição - muito se destacava das roupas usuais utilizadas aos domingos pelos membros da igreja. Cada saída ao banheiro ou para beber água era acompanhada, monitorada, vigiada. Mesmo as que tinham passado pelo ritual de conversão religiosa – quer no CRRS, quer no próprio templo - não escapavam de todo um conjunto de disciplina, dominação e estigmas.

Ao visitar o centro, depois de tanto tempo, uma das internas suplica para que eu intercedesse por ela para que pudesse sair do centro e ir com as outras – como se eu pudesse intermediar a situação-. Uma das líderes exclama: “muitas delas não estão preparadas para sair... cantam, se comportam, e, na primeira tentativa, FOGEM!”.

Percebi que essas, assim como outras situações, apontavam para a incidência de manipulação de impressões e fachadas entre os sujeitos envolvidos. Concomitantemente, conflitos, violências simbólicas e duras disciplinas estariam propensos a marcar o processo de construção das trajetórias das internas do centro.

Ao estabelecer o procedimento da “observação participante”, compreendi que isso exigiria de mim um *grau considerável de interação e integração com o grupo investigado*.

Perlongher (2008) apresenta como positivo o estabelecimento de um procedimento de pesquisa que adote tais características. Assim, uma vez definida a abordagem etnográfica como instrumento de incursão e captação de dados nessa pesquisa, me situei, dentro do contexto do campo investigado, no grupo daqueles considerados como “visitantes<sup>11</sup>”. Busquei avaliar quais seriam, dentre os principais instrumentos de coleta de dados, os melhores meios para captar as impressões características da realidade investigada que levassem à solução do seguinte problema: *de que modo se configura a inserção e o desenvolvimento das trajetórias das recém-chegadas no universo institucional investigado, sendo elas portadoras de uma identidade religiosa distinta daquela professada pela maioria das participantes internas?*

Portanto, estabelecer uma análise de como são desenvolvidas as trajetórias individuais dentro do centro permitiu perceber os contrastes que marcam o campo de pesquisa, estes característicos das ações e interações de suas participantes. Desse modo, é na tentativa de favorecer uma investigação que busque apresentar os aspectos inerentes ao processo de inserção e socialização das internas, bem como os impactos que a ação religiosa traz para a dinâmica do processo de interação e desenvolvimento das respectivas trajetórias individuais, que esta dissertação está dividida em três partes distintas.

No primeiro capítulo realizaremos uma discussão teórica a partir dos conceitos de autores como Goffman (1974), (1988), (1996), (2011), Foucault (1977), (1988), (1997), (2000), (2005), Berger (1972), entre outros. Buscaremos aqui apresentar alguns dos aspectos teóricos para a problematização das chamadas “Instituições Totais” – em destaque os procedimentos que estas instituições adotam como meio de ajustamento do indivíduo para sua efetiva “devolução” para a sociedade mais ampla, as relações de poder existentes, entre outras-. Do ponto de vista das relações entre os indivíduos, sob a luz do interacionismo simbólico, serão discutidos conceitos inerentes ao comportamento face a face advindos de Goffman (2011) como: linha, fachada, estigma, rituais de interação, trocas de apoio e corretivas, ordem interacional, entre outros. Neste mesmo capítulo serão apresentadas algumas considerações referentes à abordagem metodológica adotada – dando acentuado destaque ao trabalho de campo do etnógrafo e a complexidade que envolve o cenário de pesquisa adotado.

No segundo capítulo buscaremos dar destaque à instituição e ao trabalho de seus agentes. Nesse ponto buscou-se apresentar a história do projeto Desafio Jovem e como essa

---

<sup>11</sup> Visitante é o nome dado àquele participante que realiza trabalhos sócio-religiosos dentro da instituição. Uma vez sendo membro de uma igreja reconhecidamente evangélica pode desenvolver atividades no centro como: louvores, pregações, aconselhamentos, dinâmicas de grupo, entre outras.



perspectiva de trabalho clínico-religiosa surgida com o pastor David Wilkerson - em 1958 em New York City - impulsionou a criação de vários centros no âmbito brasileiro – dentre esses o Desafio Jovem Rosa de Saron da cidade de Caruaru no Estado de Pernambuco -. Serão apresentados também os vários espaços que caracterizam a sociabilidade das internas no centro, entre outros. Além disso, é dado um foco especial ao trabalho dos agentes (líderes e obreiros) do projeto. São problematizados nesse espaço desde aquelas denominações religiosas cujos membros visitam o centro - na perspectiva de apresentar suas mensagens e discursos característicos da corrente teológica que professam-, até aqueles sujeitos considerados pertencentes à liderança fixa – internas, coordenadores, diretores, entre outros.

No terceiro capítulo a proposta se firma em fornecer um olhar sobre o mundo das internas. Apresentar como se desenvolvem as trajetórias das internas no centro de reabilitação, os estigmas sofridos, as condições que favorecem a manipulação de impressões, entre outros, constituem-se em alguns dos objetivos traçado nesse capítulo. Ainda nesse ponto é dado destaque ao momento de conversão. A partir desse episódio na vida da interna evidenciou-se o que mudou em suas rotinas, relações, hábitos, estruturas de poder, processo de estigmatização e desestigmatização, entre outros. A problematização do uso “instrumental da religião” no processo de interação entre as jovens internas também se apresentou como um dos grandes destaques nesse ponto da pesquisa.

Assim, com a finalidade de focar nas principais ações, decisões, negociações, tensões, estigmas, conflitos e possíveis “conversões” das internas no campo investigado, e fundamentado no diálogo de autores que fornecem uma via favorável para tal discussão, buscar-se-á apresentar os principais traços que marcam a dinâmica do tratamento no campo referido - como o cotidiano, as interações, relações de poder, construções e a manipulação das identidades das internas - a partir do momento de inserção da interna recém-chegada nesse universo permeado por regras sociais e, ao mesmo tempo, por todo um padrão de vida legitimado em valores e crenças religiosas.

## 2. Marco Teórico-Metodológico

## 2.1 ELEMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Desde o romper do século XIX até a alvorada do século XX, tem-se assistindo a um conjunto de transformações que atingiriam a sociedade nas mais variadas esferas: *na ordem política, econômica e científica* (HOBSBAWN, 1997).

Essas transformações nas chamadas “estruturas sociais”, nas duas primeiras ordens, trariam sérios impactos para o campo da ciência, este que se “reconfiguraria” de acordo com os atuais desdobramentos e contornos sócio-políticos da época.

Diante desse quadro de transformações, a sociologia surge enquanto ciência, dotada de um corpo de ideias a respeito do processo de constituição, consolidação e desenvolvimento da sociedade moderna. Surge como a “*ciência da crise*”, procurando respostas frente às questões sociais impostas por eventos deflagrados pela Revolução Industrial, Francesa<sup>12</sup>, entre outras (TOMAZI, 2000). Dentre algumas das questões mais emergentes são destacadas: a) a ascensão da representação e atuação da figura feminina em novos espaços sociais; b) o surgimento das clínicas e suas propostas para a devida recuperação dos indivíduos em condição de incapacidade ou que representam uma ameaça para si ou para os demais membros da sociedade (GOFFMAN, 1974); c) os diálogos que certos participantes de camadas da sociedade mais ampla mantêm com segmentos religiosos, bem como estes contribuem para o estabelecimento de representações acerca da realidade (BERGER, 1972); d) o conceber de gestões governamentais pautadas em um princípio de racionalização moderno.

Para a análise e reflexão destes e de outros fenômenos, a sociologia surge e continua fornecendo um meio diferenciado de falarmos acerca da sociedade (IZQUIERDO, 2013). Concebe, assim, uma maneira de falar sobre a sociedade e seus fenômenos não apenas porque é munida de uma linguagem própria - característica de seu campo científico - mas porque leva em consideração a relevância de outros dois pontos característicos, conforme o mesmo autor: 1) uma forma específica de se referir à sociedade; 2) um meio de desvelar a realidade social a partir de métodos científicos.

Quanto ao primeiro aspecto – *uma forma específica de refletir a realidade* -, Fernandes (1977, p. 50) infere que “o padrão do trabalho intelectual, explorado nos diversos

---

<sup>12</sup> Ortiz (2011) destaca a Revolução Francesa como decisiva para o estabelecimento dessa onda de mudanças, contribuindo assim para a desorganização de todo um quadro de referências intelectuais, abrindo espaço para uma nova ordem de ideias.

ramos da investigação científica, é determinado, formalmente, pelas normas, valores e ideias do saber científico”. Estabelecer uma investigação que considere a abordagem de um objeto a partir da ótica do campo das ciências sociais deve, portanto, suscitar capacidades e habilidades de captação da realidade, fundado a partir de princípios e valores advindos do conjunto teórico disponível<sup>13</sup>.

Já quanto ao segundo aspecto, a importância da elaboração, reflexão e execução de “procedimentos metodológicos específicos” – estes que são concebidos como meios que possibilitem a abordagem dos problemas apresentados bem como a composição de um conjunto de explicações plausíveis para os fenômenos que compõem a complexidade que envolve a realidade – ganha significativa relevância ao traduzir o papel assumido pela sociologia moderna na análise e compreensão de condutas padronizadas, processos sociais, e fundamentos que alicerçam valores e atitudes de ações individuais e coletivas (VIDICH; LYMAN 2007).

Com base na singular força que representam, são apresentados esses dois desdobramentos específicos na roteirização desse trabalho de pesquisa: *teorias e métodos adotados*.

Na composição de sua primeira metade, este capítulo busca apresentar o conjunto teórico que forneceu a base para a reflexão do problema anteriormente exposto - além de uma apresentação teórica que evidencia, concomitantemente, algumas das principais características do campo de pesquisa como instituição total. Já na segunda metade deste capítulo, informar os principais desdobramentos metodológicos adotados, alguns dos limites da pesquisa, além das características iniciais elementares das relações entre o campo e os sujeitos envolvidos tornaram-se alguns dos mais expressivos objetivos.

## 2.2 SOCIALIZAÇÃO: BASE PARA UMA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA

Ao se discutir como recorte para análise o processo de inserção das internas no Centro de Recuperação Rosa de Saron -, bem como estas desenvolvem suas trajetórias à medida que se relacionam com um conjunto de singularidades características do campo de pesquisa e de

---

<sup>13</sup> Izquierdo (2013), em concordância com esta afirmação, acrescenta que a sociologia, enquanto representante de um campo específico da ciência, não concebe um “único” conceito para representar a sociedade e seus fenômenos.

seus atores, torna-se necessário evidenciar alguns “*marcos referenciais*” elementares para a referida abordagem sociológica.

Desse modo, ao ser selecionado um conjunto de conceitos – advindos de autores distintos – foi pretendido apresentar alguns dos atuais debates teóricos acerca do fenômeno investigado que representam “a revisão do conhecimento acumulado” (RICHARDSON, 1999, p. 60) e que marcaram espaço nos contornos dessa pesquisa.

Se neste trabalho a análise dos processos que envolvem a inserção e socialização de novas internas<sup>14</sup> participantes da terapia sócio-religiosa do CRRS se prestou a evidenciar os principais contornos característicos do desenvolvimento das trajetórias<sup>15</sup> dessas personagens dentro do quadro da institucional – processo esse acompanhado por tentativas institucionais de “mortificação do eu” das internas, estigmatizações, manipulações de impressões, resistência, entre outros -, a discussão de dois conceitos sociológicos tornou-se conveniente para a efetiva problematização e verificação do referido objetivo: a) o conceito de socialização; b) o conceito de “instituições sociais” bem como os impactos destas na formação do indivíduo enquanto participante social.

Quanto ao primeiro conceito, a literatura científica oferece uma ampla e fecunda discussão acerca de seus limites, características, formas de manifestações, impactos e aplicações<sup>16</sup>; tão ampla e fecunda que se converte em uma base conceitual complexa e densa - principalmente quando leva em conta as várias correntes sociológicas existentes do campo das ciências sociais e demais domínios adjacentes-.

Em um primeiro passo, a partir de uma pesquisa de levantamento de fontes bibliográficas, percebeu-se que a narrativa funcionalista de Durkheim influenciara consideravelmente a construção teórica conceitual de significativa parcela das produções científicas no campo das ciências sociais<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> “Interna” é um termo utilizado para identificar as participantes do projeto Desafio Jovem Rosa de Saron. Esse termo designa o status e papéis os quais espera-se que desempenhem enquanto participantes das interações no referido campo.

<sup>15</sup> Neste trabalho, o termo “trajetória” foi concebido como um conjunto de experiências, mutações e transformações (SILVA, 2008) que acompanham as novatas participantes durante o processo de socialização secundária (BERGER; BERGER, 1977) na instituição total pesquisada.

<sup>16</sup> Alguns exemplos teóricos concernentes à concepção e aplicação do conceito de socialização podem ser traduzidos nos trabalhos de Johnson (1997); Berger & Luckmann (1985) Ariès (1981); Elias (2011), entre outros.

<sup>17</sup> Atuores como Berger (1972), (1985); Peter L Berger e Brigitte Berger (1975); Tomazi (1993); Mead, Parsons Goffman, entre outros.

De certo modo, percebe-se que embora as produções científicas abordem o conceito de maneiras distintas, concebem o processo de socialização a partir da premissa de que ocorre certa interiorização de elementos constitutivos da cultura a qual o indivíduo participante faz parte; interiorização esta que ocorre durante a preparação do indivíduo para a atuação na esfera coletiva. Esse processo representaria a via em que regras, normas, hábitos, valores morais, entre outros, passariam a ser integrados na vida do participante - reproduzidos e refletidos em seu comportamento-.

Revisitar Durkheim – bem como um de seus interpretes mais expressivos (BERGER, 1972) - em meio à vastidão literária disponível, possibilitou estabelecer um exercício de percepção de como o pensamento institucional se faz representar no pensamento individual dos participantes do pequeno grupo investigado – tal como fez Douglas (1998).

Na alvorada da sociologia enquanto ciência, desenvolve um modelo teórico para socialização compreendendo-o como

ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Tem por objetivo suscitar e desenvolver (...) certo número de estados físicos, intelectuais e morais que lhe exigem a sociedade política no seu conjunto e o meio especial ao qual está particularmente inserida (DURKHEIM, 2012, p. 41).

Sendo um dos primeiros a forjar o conceito de socialização, Durkheim compreende a relevância desse processo, o qual é concebido como ações que resultam do processo de uma concepção de consciência coletiva entre participantes sociais. Socialização, nessa perspectiva, é concebida como uma transmissão de cultura; transmissão de um conjunto de leis, regras, valores legitimados e essenciais para o desempenho e aceitação do participante no seio social, buscando garantir unidade, coerência e coesão entre os indivíduos.

Portanto, seria através da educação que o “ser social” seria forjado como “um sistema de ideias, sentimentos e hábitos que exprimem em nós não a nossa personalidade, mas sim o grupo ou os grupos diferentes dos quais fazemos parte” (DURKHEIM, 2012, p. 42).

Tendo como alguns de seus maiores interpretes autores como Peter Berger e Thomas Luckmann – estes que ao propagaram o pensamento de Durkheim nos Estados Unidos provocariam um acentuado reavivamento de seus conceitos – as produções e discussões durkheimianas passariam a adquirir novos desdobramentos – como, por exemplo, o processo de socialização.

Enquanto que para Durkheim o processo de socialização era concebido como uma reprodução da ordem social pelos seus indivíduos, os autores acima abrem as portas para

pensar esse processo a partir da concepção de “mudança social”. As instituições passam a ser interpretadas não mais como integradoras e complementares, mas como dotadas por certa autonomia para a construção de mundos diferenciados (SETTON, 2005). Desse modo, refletir por essa via favorece a concepção teórica de reconhecer a existência de certa pluralidade nas dinâmicas concebidas nos diversos grupos sociais e instituições, estes que adquirem contornos, tramas, configurações e sentidos específicos peculiares às suas respectivas realidades –.

Embora seja plausível concordar com a ideia de certa interiorização das normas e valores culturais por parte dos indivíduos – em que cada um sofre significativa carga de coerção como parte de um processo civilizatório -, a perspectiva durkheimiana apresenta certos limites quanto ao pensar o indivíduo em relação à sociedade de forma dinâmica e autônoma, tomados por um conjunto variado de referências que marcam certas fragmentações no conceber de suas identidades sociais - percebidos como portadores de conteúdos próprios no estabelecimento das relações grupais. O indivíduo, em Durkheim, passa a ser visto, em uma perspectiva orgânica, como um ser cujos instintos e desejos mais ínfimos devessem se deixar modelar (SETTON, 2005).

Se é bem plausível inferir que o pensamento individual possa ter suas raízes fincadas no campo institucional – conforme declara Douglas (1998) ao comentar o pensamento de Durkheim – isso não aponta para uma ideia de um desenvolvimento concebido de forma plena/pura.

Pensar as relevâncias dos indivíduos em meio às interações e conteúdos que representam favorece perceber como a identidade das participantes internas do CRRS são concebidas a partir de um processo dialético entre indivíduo x sociedade; relação esta em que a participante interna figura como produto e produtora das relações sociais, sendo constituída como alguém que “segue configurações sociais estabelecidas, mas que também propõe novas alternativas; sugere outros caminhos; rebela-se contra a ordem atual; constrói outras ordens” (SILVA, 2008, p. 26).

Tomando como base que o objetivo desse tópico é perceber de que forma a literatura sociológica oferece elementos para a reflexão e análise do processo de socialização das participantes internas do CRRS – sendo estas já adultas e, portanto, tendo experimentado outros processos de socializações durante suas respectivas trajetórias de vida<sup>18</sup> -, o caminho

---

<sup>18</sup> É por essa razão que tomou-se para esse trabalho o conceito de SOCIALIZAÇÃO SECUNDÁRIA de Berger & Berger (1975).

de construção teórica dessa pesquisa idealizou conceber uma abordagem alternativa às definições características de modelos generalistas e universalistas – um dos principais emblemas dos conceitos elaborados de cunho funcionalista.

Todavia, não se trata de torná-los irrelevantes, pois traduzem uma via peculiar de encarar os fenômenos sociais; mas, para a referida proposta - que procurou estabelecer uma investigação pautada em relações estabelecidas em um universo social delimitado, constituído por interações entre seus participantes -, dentre as várias opções fornecidas pela literatura sociológica, George Simmel e seu “formalismo sociológico” apresentou contornos mais favoráveis dentro da proposta idealizada. O referido autor – a partir da análise estabelecida entre os pólos indivíduo e sociedade - possibilita perceber que a participação do indivíduo no processo de socialização tende a ocorrer de maneira ativa, tendo ele maior autonomia e liberdade reflexiva. Sendo capaz de dialogar, questionar e escolher um universo de relações, juntamente com os valores que constituem esse universo distinto dos demais (SETTON, 2005), o indivíduo em Simmel toma contornos distintos daquele percebido em Durkheim.

Com uma escrita científica fortemente influenciada pelo Neokantismo – em que forma e conteúdo apresentam-se como elementos essenciais para a explicação das relações sociais – Simmel entende a sociedade como um produto das “interações” múltiplas entre os indivíduos<sup>19</sup>. Todavia, diferentemente da perspectiva durkheimiana, as formas ou os modos pelos quais os chamados “atores sociais” se relacionam podem ser convergentes ou divergentes de acordo com a natureza de seus interesses<sup>20</sup>.

Seus estudos, que resultam no conceito de *sociação*<sup>21</sup>, figuram como uma alternativa relevante ao conceber o indivíduo como um valor cultural, contribuindo significativamente para o repensar desse fenômeno característico da sociedade.

Compreendendo, o autor, que a existência da sociedade perpassa pela interação entre seus indivíduos, a sociedade passa a ser concebida em diversos graus, de acordo com a maneira particular de interação entre os indivíduos.

---

<sup>19</sup> Para Simmel, o processo de socialização repousaria no resultado da forma que mais se repetisse, a mais importante – entendendo forma como o elemento relativamente estável, padronizado, que constitui a vida social, que, por sua vez, apresenta-se distinto do conteúdo, que apresenta-se variável (LAKATOS, 1990).

<sup>20</sup> É a partir dessa concepção que nasce um dos principais conceitos do autor: o conceito de *sociação*.

<sup>21</sup> Neste trabalho, *sociação*, a partir de Simmel, corresponde a forma pela qual os indivíduos participantes da sociedade se constituem em “unidades” procurando a satisfação de seus interesses. É, portanto, a maneira pela qual os indivíduos conseguem realizar suas inclinações e objetivos. À medida que procuram essa satisfação, ligam-se constantemente a outros indivíduos influenciando-os e sendo influenciados. A sociedade, desse modo, passa a ser encarada não com algo em si, concreta, mas um “devir”; um acontecer; onde “cada um recebe de outrem ou comunica a outrem um destino e uma força” (SIMMEL, 2006, p. 18).



Para Simmel, a sociedade apresenta-se, do ponto de vista sociológico, como uma das formas nas quais “a humanidade modela os conteúdos de sua vida; mas nem a humanidade é essencial para todas as formas, nem é a única no seio da qual se cumpre o desenvolvimento de tudo o que é humano” (SIMMEL, 2006, p. 88). Ou seja, em sua perspectiva sociológica, o processo de socialização passa a ser marcado não apenas por coerências e unidades entre seus agentes socializadores, mas por contradições, distanciamentos, conflitos e questionamentos que influenciam e são influenciados concomitantemente – oposições essas que possibilitam perceber os modos distintos em que as interações<sup>22</sup> são concebidas -; Desse modo, tomados como portadores de conteúdos e desejos distintos, o indivíduo é encarado como um ser constituído por certa autonomia no conceber de suas relações e interações sociais.

Para o autor, as ações dos participantes sociais se dariam entre a generalidade e a individualidade; ou seja, dotados de conteúdos próprios, interagem com os membros da sociedade, seus padrões e normas, tornando possível, assim, a vida social.

Desse modo, Simmel encontra na interação entre indivíduo e sociedade as condições para a vida social – vida social esta rodeada por contrastes e oposições. Assim, a escolha por Simmel possibilita, neste trabalho, elucidar de forma peculiar a complexidade que envolve o campo das relações das participantes do projeto Rosa de Saron quanto à identificação de mecanismos que favorecem o desenvolvimento de suas respectivas trajetórias durante o tratamento bem como percebê-las como indivíduos – dotadas de opiniões, desejos e interesses distintos – forjadas na particularidade de cada história de vida que representam.

A relevância de seu campo conceitual permite ser elucidado não apenas em suas obras ou grandes interpretes, mas inspirou autores e escolas, dentre eles o interacionismo simbólico da Escola de Chicago, representado pela sociologia de Erving Goffman, que constitui um dos principais marcos teóricos para a discussão do segundo ponto relevante para essa abordagem teórica: *o conceito de instituição*.

### 2.3 INSTITUIÇÃO

Tão relevante quanto conceber um caminho teórico que apontasse para uma análise de como são concebidos os modelos de socializações das novas internas participantes do CRRS –

---

<sup>22</sup> Levine (1981), citado por Vandenbergue (2005), infere que Simmel, na busca por responder sua grande questão sociológica – como a sociedade é possível? -, conceberia em suas análises cerca de seiscentas formas diferentes de se conceber as interações sociais entre os indivíduos, o que mostra o quão plural a interação social é representada para Simmel.

que resulta no estabelecimento e desenvolvimento de trajetórias no cerne das relações – foi perceber quais formas ou mecanismos representariam canais para que tal processo se estabelecesse.

Se a dinâmica de socialização pode ser percebida, conforme a revisão de literatura, como um meio pelo qual gerações mais maduras ou próximas de um conjunto de regras e normas transmitem para as gerações mais novas esses valores - o que resulta em uma troca cultural caracterizada por intensas relações de interação e oposição entre os sujeitos (SIMMEL, 1983) - de que forma normas e valores institucionais são compartilhados e legitimados socialmente? É com base nessa perspectiva que se encontra o valor das ações e dinâmicas que envolvem as instituições sociais sobre o pequeno grupo investigado.

Para Souto (1985), *apud* Ramos & Nascimento (2008), existe uma dificuldade significativa em conceituar instituição dentro das opções literárias disponíveis, o que resulta em interpretações e conceitos amplos que, muitas vezes, se imbricam ou se confundem com outros.

Desse modo, a relevância dessa revisão teórica justificou-se pela obtenção de definições conceituais que possibilitem o desvelar das relações características do campo de pesquisa adotado. Tomando esses objetivos como plausíveis, algumas definições para instituições sociais foram tomadas.

De acordo com a definição apresentada por Lakatos & Marconi (1990), o conceito de instituições sociais, utilizando-se da definição de Fichter, é apresentado como uma estrutura relativamente<sup>23</sup> permanente de padrões, papéis e relações que os indivíduos seguem e realizam de acordo com determinadas formas que representam os interesses objetivos e necessidades sociais básicas.

Assim sendo, quer seja na condição de uma instituição “espontânea” – neste caso, sendo considerado como exemplo uma família -, quer seja na condição de instituições “criadas” – como no caso das igrejas -, as instituições carregam, conforme os seus objetivos, as seguintes características:

Finalidade. Satisfação das necessidades sociais; conteúdo relativamente permanente; padrões, papéis e relações entre indivíduos da mesma cultura; Há coesão entre os componentes, em virtude de combinações estruturais de padrões de comportamento; estrutura unificada. Cada instituição, apesar de não poder ser

---

<sup>23</sup> “Relativamente” é uma expressão utilizada devido ao fato da literatura informar como os indivíduos participantes de certos grupos sociais encontram brechas para fugir, em determinadas circunstâncias, de seus papéis bem como o conjunto de regras e normas as quais professam perante seu grupo, conforme é perceptível, por exemplo, nas análises de Goffman (1974).

completamente separada das demais, funciona como uma unidade; possuem valores; código de conduta (LAKATOS; MARCONI, 1990, p. 167).

As instituições são apresentadas como forma de intermediar anseios e expectativas que emergem de uma cultura aceita socialmente como legítima. Elas conferem papéis aos seus participantes, papéis estes que devem ser seguidos, pois representam os valores da instituição em conformidade com sua função social; envolvem as regras e valores de vários grupos. É a partir do contato com esses valores, bem com a dinâmica específica inerente à função de cada instituição, que se firma a proposta de que o indivíduo seja “socializado para ser uma determinada pessoa e habitar em determinado mundo” (BERGER, 1985, p. 29).

Berger & Berger (1977), por sua vez, conferem às instituições 5 (cinco) características as quais consideram fundamentais: a) exterioridade; b) objetividade; c) coercitividade; d) autonomia moral; e) historicidade.

Desse modo, são vistas como exteriores, por ser algo que está situada fora do indivíduo; como uma realidade externa. Essa afirmação infere que ocorre uma aceitação por parte dos participantes sociais quanto à sua legitimidade, existência e função. Exercem pressões, influências e poder sobre seus participantes<sup>24</sup>. São apresentadas como um valor moral aceito socialmente, ainda que isso não ocorra de forma total por parte de seus participantes. As instituições são possuidoras de uma história; são referidas como anteriores e serão posteriores à passagem dos indivíduos que por elas passam.

Nessa dinâmica, os indivíduos que participam de determinados grupos, regidos por uma dinâmica institucional, são apresentados a um conjunto de elementos que juntos apresentam-se “como um padrão de controle, ou seja, uma programação da conduta individual imposta pela sociedade” (BERGER; BERGER, 1977, p. 193).

Refletir até que ponto o pensamento individual depende das instituições correspondeu em um dos principais problemas elencados por Mary Douglas (1998) em sua obra “Como as instituições pensam”. Ao abordar temas como solidariedade, cooperação, a teoria da escolha racional - a partir da crítica estabelecida no pensamento de Fleck e Durkheim – a autora discute como as instituições interferem no pensamento dos indivíduos, em suas decisões, em suas práticas sociais.

Douglas (1998) ainda infere que o pensamento institucional, quando internalizado pelos indivíduos, parece inexistente ou invisível. Essa invisibilidade pode resultar em ações,

---

<sup>24</sup> Todavia, sociologicamente, isso não pode ser tomado de forma absoluta. Não se pode negar a relevância dos participantes sobre as dinâmicas institucionais que, conseqüentemente, exercem de igual modo pressões e influências sobre elas.

por parte de seus participantes, que traduzem a interiorização de uma moral advinda do contato com a instituição. Nesse processo, quando a instituição apresenta aos indivíduos os valores e os padrões do que é legitimado e deve ser aceito, ou seja, como o indivíduo deve pensar – a ideia de programação de Berger & Berger (1977) – as ações e papéis desempenhados por este, na esfera das relações individuais, tenderão a corresponder àquilo apresentado institucionalmente.

De certa forma, é desse modo que o indivíduo, mergulhado na dinâmica das interações sociais regada pelo crivo das instituições, constrói uma via de viver e interpretar o mundo social a partir dos elementos fornecidos pelas instituições – o que remete a uma das grandes contribuições da autora: apresentar a relevância da instituição no processo de constituição do pensamento individual.

Dentro da proposta dessa pesquisa - tomando como base a premissa oferecida pelo conjunto teórico apresentado - em oferecer um recorte de como as participantes internas constroem suas trajetórias no universo do CRRS, perceber os contornos e particularidades desse centro de tratamento para toxicômanos enquanto instituição social - bem como suas particularidades e singularidades que favorecem a eclosão de uma rede de sociabilidade peculiar na ação e interação de seus membros participantes –, seus objetivos explícitos e globais, a maneira como são coordenadas as atividades entre suas participantes, entre outros, favorece o estabelecimento de caminhos que favoreçam elucidar as formas e mecanismos pelos quais a dinâmica institucional é constituída e apresentada entre seus membros participantes.

Para a referida tarefa buscou-se um conceito que pudesse traduzir os singulares elementos e relações que integram o campo investigado.

Levando em consideração algumas das características do campo do CRRS (obtidas a partir de uma incursão etnográfica) – *tendência de isolamento de seus membros; controle das rotinas diárias; controle de informações; vigilância constante seguida de violação de intimidade; entre outros* – o conceito que se destacou com grande relevância para este trabalho foi encontrado nas contribuições teóricas de Erving Goffman (1974) e seus estudos sobre “instituições totais”.

### 2.3.1 Instituição total e ação dramática

A década de 1930 assistiria ao florescer de uma corrente teórica metodológica cujo foco repousaria na simbologia da interação. De acordo com Schlenker (1980) o que se

convencionou chamar no âmbito da psicologia social de “interacionismo simbólico” (MANIS; MELTZER, 1972) representa, antes de tudo, a concepção de que indivíduo e sociedade são seres inseparáveis. Nessa corrente, os símbolos são partes essenciais no processo de interação social. As ações dos indivíduos (doravante atores) são desempenhadas a partir do sentido que estes dão às suas práticas. Todavia, é em Mead (1982) que surge uma das teorias mais expressivas do interacionismo simbólico, compondo a base para o que chamaria de “*a metáfora dramatúrgica*”: *a teoria do self*.

Essa dimensão da personalidade que o indivíduo tem de si é defendida como consequência da experiência do indivíduo dentro de suas relações sociais. Sendo assim, para Mead (1982, p. 172), “é impossível conceber uma pessoa fora da experiência social”<sup>25</sup>.

Dentro dessa perspectiva, a sociedade passa a ser concebida não apenas como organismo anterior ao indivíduo, “estática”, aquela que controla o indivíduo (através da coerção) – assim como a perspectiva durkheimiana –, mas sim como algo que está em constante “acontecimento”, fruto das interações entre os indivíduos.

1 **O indivíduo não é uma personalidade coerente, estruturado** (...) mas está sempre “**no estado de tornar-se**”. (...) O indivíduo não é socializado, mas está sempre em processo de ser socializado; o indivíduo não é ajustado ou fixo, mas está em constante mudança no processo de interação.

2. A sociedade e o grupo são conceituados **não como algo estático** “lá fora”, (...) mas inteiramente como um processo de interação. A sociedade possui **padrões emergentes que vão sendo constantemente alterados ou reafirmado ao longo do tempo**. O que as pessoas chamam de “sociedade” e “grupo” são padrões que inferimos a partir do processo de interação.

3 **O indivíduo** é caracterizado como possuindo uma mente e um “self”, mas ambos são conceituados como **processo**, não como entidades estáticas<sup>26</sup> (MEAD *apud* CHARON, 1995, p. 27, grifos nossos).

A experiência da construção do indivíduo em sociedade, na teoria de Mead, se dá de forma dinâmica; de forma que possa sofrer mudanças de acordo com as interações que estabelece entre outros indivíduos ou instituições sociais. O indivíduo passaria a encontrar elementos e conhecimentos necessários para atuar socialmente. Essa experiência, a partir dessa importação de padrões, promove que o mesmo indivíduo atue olhando para si levando em consideração os padrões de comportamento importados do grupo social o qual faz parte, ou seja, ele olha para si a partir da visão do outro.

É dentro da efervescência do desenvolvimento dessa corrente e conceitos sociológicos que surge um autor que constitui uma das principais referências tanto para a referida Escola

<sup>25</sup> (Tradução nossa).

<sup>26</sup> (Tradução nossa).

de Chicago<sup>27</sup> quanto para o desenvolvimento das intenções já apresentadas nessa pesquisa: Erving Goffman.

É no legado das pesquisas de Mead, bem como de seus contemporâneos mais expressivos, que este canadense escreve seu nome no campo das ciências do século XX - destacando-se por suas análises dentro do campo da interação entre atores sociais.

Goffman fornece uma das primeiras impressões teóricas para o conceber de uma ação que resulte em uma conceituação do modelo de clínica escolhido como campo desta pesquisa: *o conceito de “instituição total”*.

A partir da exemplificação de características pertinentes a este tipo de instituição, o autor fornece condições para a teorização dessa categoria institucional contextualizando-a com os contornos específicos que envolvem o CRRS e as relações neste campo desempenhadas. Além disso, possibilita evidenciar a construção e socialização neste espaço característico percebendo de que forma esta categoria institucional age à medida que investe na constante mortificação do “eu” das internas participantes (pelo menos na proposta da instituição, uma vez que isso possa não ocorrer de forma absoluta – conforme será contemplado no desenvolvimento deste trabalho).

Para exemplificar as características deste tipo de instituição, o autor se debruçou por três singulares campos investigados: *prisões, conventos e manicômios*. Cada uma dessas instituições recebe grupos específicos de participantes na condição de internos. A pluralidade dos indivíduos submetidos a este tipo de instituição é tão variada quanto os diferentes tipos e funções destas instituições.

Para Goffman (1974) são cinco os possíveis enquadramentos atribuídos às “instituições totais”: 1) as criadas para cuidar de pessoas que são incapazes e inofensivas; 2) cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas, constituindo também uma ameaça à comunidade; 3) as criadas para proteger dos perigos intencionais; 4) as que são constituídas na intenção de realização, de um modo adequado, tarefas de trabalho; 5) refúgio do mundo.

É na tentativa de elucidar as principais características que marcam as ações daqueles que se inserem ou são inseridos na condição de participantes internos que Goffman (1974) apresenta um conjunto de tópicos teóricos inerentes ao funcionamento e ao universo que a

---

<sup>27</sup> Para autores como Fine & Manning (2003, p. 34) Goffman não representa apenas um teórico do campo sociológico, mas “the most influential American sociologist of the twentieth century”.

clínica representa e que, de algum modo, são evidenciadas a partir da experiência etnográfica no campo do Centro de Recuperação Rosa de Saron.

Desse modo, um primeiro ponto discutido pelo autor, em relação à natureza da clínica, repousa em sua “*tendência a um fechamento*”. Essa tendência existiria dentro da estrutura de cada uma das instituições – não necessariamente as “totais”.

Foucault (1997) descreve neste modelo de instituição algumas características singulares: o controle das práticas de seus participantes; o tempo, regulamentado; os corpos, disciplinados e ajustados – corpos e mente sendo periodicamente submetidos a ações que os deixem mais dóceis -, a vigilância estabelecida; as normas, instituídas.

É nessa tendência a um fechamento e de proporcionar certa “programação dos participantes” que a instituição total busca deter o controle desde as atividades mais primárias de seus internos até aquelas consideradas mais complexas.

Enquanto na sociedade mais ampla os indivíduos podem dispor de certa autonomia para o estabelecimento de atividades no campo do trabalho, do lazer, do descanso, entre outros, nas instituições totais estas atividades diárias tendem a ser rigorosamente estabelecidas em horário definidos pelas próprias instituições. Articuladas por uma concepção racionalista e burocrática, as instituições totais apresentam, em relação aos indivíduos que nelas atuam, a seguinte divisão: de um lado o que Goffman (1974) chama de *equipe dirigente*, e, do outro, o chamado *grupo dos internados*.

Na busca por constituir uma narrativa científica que aponte os traços característicos das trajetórias daquelas que ingressam no CRRS, perceber como ocorre a dinâmica de interação entre dirigentes e internados constituiu uma janela para o debruçar sobre as relações de *tensões, dominação, subordinação e conflitos* que marcam o cotidiano daqueles que compõem o palco do campo de pesquisa. Desse modo, este interacionismo fornece condições para perceber o modo que cada um destes participantes – quer seja do grupo da direção, quer seja do grupo dos internados - atua no palco da instituição total escolhida, bem como a identificação dos possíveis resultados dessa interação.

Uma vez inseridos no interior do campo, os participantes internos tendem a ser condicionados de modo a promover certa separação desses padrões. As normas, valores, os códigos institucionais devem envolver seus participantes a fim de criar um *modus operandi* entre eles. Os antigos padrões de conduta são, por essa via, questionados institucionalmente.

Todavia, conforme foi visto em Simmel, essa submissão dos participantes tende a ocorrer de formas variadas e distintas, de acordo com os conteúdos que cada um carrega a partir do desenvolvimento de sua própria trajetória de vida.

Destarte, tanto Simmel quanto Goffman permitem pensar que conflitos, interesses, estratégias de sobrevivência, reconhecimento, privilégios, inversões de papéis, entre outros, podem caracterizar alguns dos elementos resultantes da atuação do indivíduo em interação contínua com os vários espaços da instituição, as normas, internos, os agentes, entre outros. É dentro dessa perspectiva que eclode com significativa relevância a análise “*dramatúrgica*”.

Ao se inserir em um universo fechado – aparentemente<sup>28</sup> – cuja tarefa da instituição se firma em promover a gradativa mortificação do eu de seus participantes, tanto os dirigentes quanto o grupo de reclusos trocam informações, se deparam com rituais que, a cada investida, apresentam os valores legítimos da instituição, seus ideais, sua missão; delimitam espaços; promovem resistências, etc. Os resultados desses rituais se relacionam com a “carreira moral” do participante (GOFFMAN, 1974).

Esse conceito do autor permite perceber de que forma são concebidas as trajetórias das novas internas no ambiente da instituição campo de pesquisa escolhida; vias estas que convergem para a reestruturação e mortificação do eu das internas nesse campo específico.

Em sua obra intitulada “*a representação do eu na vida cotidiana*”, Goffman (1996, p. 25) acrescenta que “quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles”. Dessa forma, o autor deixa claro que o processo construção e manutenção das identidades é concebido de forma relacional. Cada um dos grupos se reconhece levando em consideração a legitimação dos demais envolvidos na dramaturgia<sup>29</sup>. Além disso, é a partir dessa interação entre os participantes que se obtém as informações necessárias para o agir social.

Desse modo, é dentro da concepção de que os internos desempenharam papéis em momentos anteriores ao internamento que se destaca a “*dinâmica da mortificação do eu*”; esta se apresentando como sendo uma das principais características dos objetivos inerentes às instituições totais.

Algumas dessas investidas institucionais, na tentativa de promover um ajustamento dos novos participantes internos, podem ser percebidas a partir de rotinas e dinâmicas que marcam o cotidiano e a trajetória dos participantes internos, simbolizando um rígido poder disciplinador, como: a) proibição do fluxo de visitas; b) despojamento dos bens pessoais; c) rígido controle de aparência dos participantes internos; d) participação de internos em

---

<sup>28</sup> O termo “aparentemente” justifica-se a partir do levantamento de literaturas obtidas. Um dos trabalhos que merece destaque - estabelecido dentro do ambiente prisional – é o de Silva (2008), uma vez que o autor utiliza-se do termo “paredes porosas” para indicar certos canais e fluxos entre ambientes “fechados” e a sociedade mais ampla.



atividades incompatíveis com seus antigos papéis (exemplo: idas periódicas a cerimônias institucionais como cultos religiosos); e) controle de informação; f) vigilância constante; g) compartilhamento de espaços e violação da intimidade, entre outros. Essas ações tenderão a implicar na maneira de como a “carreira moral” de cada um dos internos participantes será concebida.

Já inserido dentro dessa dinâmica da mortificação do eu, as instituições totais buscam estabelecer um isolamento de seus internos em relação ao seu antigo mundo. Uma dessas investidas é a proibição de fluxos de visitas ou saídas espontâneas de seus internos. A ideia é proporcionar uma ruptura em relação a antigos padrões ostentados pelos participantes internos e possibilitar-lhes a aceitação de novos papéis. O interno acaba por descobrir que perdeu algumas de suas características em virtude da barreira que o separa do mundo externo (embora, como foi visto, isso não ocorra de forma absoluta, uma vez que foi evidenciado no campo de pesquisa várias práticas que representavam resistências à disciplina do centro e, consecutivamente, meios de se preservar papéis anteriormente adquiridos). Esta perda inicial de papéis é geralmente seguida por um despojamento de bens que caracterizam as antigas atuações e expressões identitárias dos indivíduos em seus palcos anteriores.

É na dinâmica do processo de admissão que o conjunto de bens individuais se relaciona com as antigas representações e atuações dos participantes. Essa tentativa de anulação visa, assim, conceder à instituição o controle do antigo “*estojo de identidade*” (GOFFMAN, 1974) do participante – o que se converte na tentativa institucional em fazer com que, cada vez mais, as identidades dos participantes internos se pareçam com aquela almejada pela própria instituição.

Essas práticas de desfiguração pessoal apresentam-se como tentativas de proporcionar certa “*reprogramação do indivíduo*” – o que não representa que isso ocorra de forma plena, como será abordado mais adiante -. Essas dinâmicas concebidas correspondem a um conjunto de operações de rotina que buscam inserir os novos participantes em tramas distintas - à medida que vai sendo apresentado a um conjunto novo de papéis –; trama esta em que a instituição busca ser a grande roteirista dos papéis desempenhados.

É comum que, uma vez despojados de seus papéis, estes passem a participar de atividades que, simbolicamente sejam incompatíveis com seus antigos padrões e características identitárias, mas, por outro lado, valiosos quanto aos objetivos da instituição.

---

Esses momentos assinalam o estabelecimento de novas rotinas e padrões de vida; o exercício de papéis institucionais ainda que o interno não se reconheça neles.

No processo de reconfiguração de novos papéis a privacidade do interno passa a se constituir em um alvo almejado pela instituição. Com a inserção do interno neste distinto campo de atuação, os antigos palcos que possibilitavam a manutenção de certa intimidade pessoal dão lugar a outros cuja característica visa manter sempre os atores em contatos constantes. Desse modo, é importante que a atuação individual se pareça com aquela almejada pela instituição. Em todo o tempo, compartilham espaços coletivos desde as atividades relacionadas com o lazer, até aquelas consideradas de profunda intimidade para a sociedade moderna – com a hora do banho, entre outros.

O controle da informação também figura como um forte elemento de dominação da instituição total sobre seus internos, o que também representa um acentuado controle sobre sua intimidade. Esse controle pode variar desde a negação de pedidos de visitação - o que pode inviabilizar o contato do interno com o mundo externo - até a leitura de correspondências dos internados. Um outro ponto relevante dentro dessa perspectiva de desfiguração pessoal se dá mediante a interação do ator interno com outros que, para ele, podem soar como indesejáveis. Ao se inserir em um universo fechado – aparentemente –, cuja tarefa da instituição se firma em promover a gradativa mortificação do eu de seus internos, o participante pode deparar-se em interação com indivíduos de diferentes faixas etárias; grupos sociais; crenças religiosas; posicionamentos políticos; entre outros.

Independentemente das predileções dos internos, a instituição pode demandar que os mesmos compartilhem os mesmos espaços; promovam, mutuamente, as mesmas atividades; compartilhem suas experiências mais íntimas em sessões internas; entre outros. A vida nas instituições totais exige, quase sempre, que o interno se relacione com outros em situações semelhantes. Não apenas isso. A instituição demanda o ajustamento de seus participantes na grande trama escrita por ela.

Se é bem verdade que as relações dentro de uma instituição total são regadas pela tentativa da mortificação do “eu” dos internos - a partir de um conjunto de regras estabelecidas; vigilância quase que constante; delimitação de espaços; entre outros -, isso não pode ser concebido, de acordo com a literatura, como algo absoluto.

Goffman (1974) e Silva (2008) fornecem um conjunto teórico, além de fecundos exemplos de formas de como os participantes desse modelo de instituição encontram meios para resistir às investidas institucionais de seus principais agentes. Desse modo, os autores acima fornecem elementos para o estabelecimento de uma reflexão que fuja da imagem

clássica que a instituição total produza uma série de identidades homogêneas. Um exemplo disso pode ser encontrado no conceito de “locais livres” de Goffman (1974). Nestes espaços - em meio a toda vigilância, regras e rigores - os participantes internos podem buscar fugir (total ou parcialmente) de toda a atuação que lhes são demandadas. Por instantes, os papéis podem ser anulados; o “eu” caçado, perseguido, castrado e ferido institucionalmente, encontra meios para um ressurgimento: “mais um suspiro”; uma indicação de que a vitória institucional pode não estar completa. Esses locais representam um lugar em que os papéis desejados pelos líderes do centro podem dar lugar aos antigos desempenhados no âmbito da sociedade mais ampla. O acesso a tais espaços tende a não acontecer de forma homogênea entre seus internos participantes.

Dentro da carreira e trajetória que determinados internos desenvolvem em relação à própria instituição, o acesso a um número maior ou menor desses espaços torna-se correspondente. Exemplificando a partir das observações adquiridas no campo de pesquisa, à medida que a participante interna progride em sua carreira moral - quer seja por aceitação, quer seja por manipulação de impressões (fachada) - esta tende a adquirir certo status<sup>30</sup>, concedido pelos membros da equipe dirigente, que lhe confere acesso a lugares/espacos antes restritos – como a sala da diretora, áreas mais próximas à saída do centro; idas regulares às igrejas colaboradoras (em espaços exteriores ao centro) entre outros -.

Uma vez com acesso a tais espaços, encontram possibilidades de “libertação” de parcela significativa da dominação. Conseguem tarefas, frequentam novos espaços, o que possibilita que encontrem mais “locais livres” para fugir da fachada ostentada institucionalmente. Não manter uma “fachada”, ou seja, estar “fora da fachada” pode acarretar certas privações e entraves no processo do participante interno no contexto das interações na instituição total. No âmbito do CRRS, não manter uma fachada que corresponda – quer à instituição, quer às próprias internas – pode implicar à interna vergonha, status de inferioridade e estigmas<sup>31</sup>.

Quanto a este último conceito - quer seja na experiência etnográfica de Goffman, quer seja no campo do Rosa de Saron - o estigma apresenta-se com frequência nas interações face a face entre os participantes de ambos os campos. A relevância de seu estudo justifica-se por ser um canal que revela muito daqueles que produzem ou são alvos dele. No campo do CRRS, perceber o estigmatizado permite evidenciar os meios como são concebidas as

---

<sup>30</sup> Conceito de “status adquirido” (LAKATUS, 1990).

<sup>31</sup> Conceito definido como “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (GOFFMAN, 1988, p.7).

relações internas. À medida que a relação entre a interna participante e a instituição progridem – para o lado do desejo institucional – as sanções, de modo proporcional, tendem a diminuir, denunciando que – “aparentemente” – a interna participante vestiu-se do tipo de “eu” projetado pela instituição.

Assim, a abordagem conceitual estabelecida – em especial o conceito de instituição total –, acompanhada de todo um conjunto de conceitos advindos do interacionismo simbólico goffmaniano, proporcionou a evidenciação de uma gama teórica fundamental para elucidar os contornos e características específicas do campo do CRRS, bem como os impactos que as novas internas sofrem no desenvolvimento de suas trajetórias à medida que progridem no referido centro.

Evidenciar uma análise sociológica dos elementos constitutivos presentes no processo de socialização das novas internas no projeto Rosa de Saron, além da reflexão e apropriação de um conjunto teórico e metodológico advindo do campo das Ciências Sociais, se traduziu em uma segunda e significativa parcela constitutiva deste trabalho investigativo conforme será apresentado a seguir.

## 2.4 METODOLOGIA

### 2.4.1 Primeiras experiências no campo: definição dos procedimentos metodológicos

Conforme foi visto, a apuração das principais obras que guardam os conhecimentos acumulados do fenômeno investigado - “revisão teórica”, “revisão de literatura” ou “revisão bibliográfica” – configurou-se como um dos primeiros momentos para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Neste momento, através de um expressivo levantamento - *livros, dissertações, teses, artigos, ensaios, estudos, entre outros* -, e da apuração e reflexão de seus respectivos campos conceituais, o pesquisador pode dispor de um conjunto de elementos que proporcionassem a instrumentalização da relação entre a teoria e a realidade. Parra Richardson (1999, p. 60) essa tarefa implica “na revisão do conhecimento acumulado até o momento da pesquisa”. Concordando e ampliando essa discussão, Ridley (2011, p. 2), adotando um discurso de instrução ao pesquisador, diz que

a "revisão de literatura" é a parte da tese onde há extensas referências à teoria em seu campo de pesquisa; é o momento em que as conexões são feitas entre os textos originais que você seleciona (...). É a sua oportunidade de se engajar em um diálogo escrito com os investigadores na sua área (...). É onde você identifica as teorias e

pesquisas anteriores que influenciaram a escolha do tema de pesquisa e a metodologia adotada<sup>32</sup>.

A partir do relato da autora, é compreensível que esse processo ofereceu à pesquisa significativo grau de cientificidade a partir da adoção do que se convencionou chamar “*embasamento teórico*”, ou seja, do diálogo estabelecido com pesquisas dentro da área do pesquisador.

Todavia, essa reflexão teórica corresponde apenas a uma das várias etapas de pesquisa. Tão importante quanto o gabinete – este que proporciona a aquisição de todo um conjunto de lentes para interpretar a realidade – é a poeira, o suor, são as pessoas, as relações e interações fluentes no campo empírico.

Desse modo, se por um lado essa aquisição teórica possibilitou uma maneira diferenciada para interpretar a realidade, por outro, para o desenvolvimento dessa pesquisa, a escolha de procedimentos sistemáticos que possibilitassem a descrição e explicação dos fenômenos empíricos que envolvem o referido campo de investigação eclodiu como uma das primeiras ações deste pesquisador.

Compreende-se que, na realidade, é inexistente uma fórmula pronta que venha a orientar o pesquisador de forma rigorosa e *stricta*, em sua busca por novos conhecimentos (BOOTH; COLOMB & WILLIAM. 2000).

Dessa forma, tomando como base a concepção de Minayo (2003) *apud* Collado (2006), pensar um caminho que traduzisse o percurso do pensamento à prática – que traduzisse o comportamento, as ações, os estigmas, as relações, entre outros eventos singulares das relações que envolvem os processos para a inserção de novos participantes internos no modelo de clínica abordado – exigiu do pesquisador uma abordagem prévia da realidade a ser investigada.

Portanto, o processo de inserção prévia no campo se deu através de uma pesquisa de levantamento onde foram realizadas análises qualitativas exploratórias, estabelecimento de observações, identificação de possíveis informantes-chaves que facilitassem a aproximação com os demais sujeitos da população, o que resultaria na obtenção de dados que favoreceria o desenvolvimento de um questionário social a ser aplicado no transcorrer da pesquisa

---

<sup>32</sup> Tradução nossa.

(APÊNDICE A). Essa incursão permitiu a coleta de informações que viriam a compor um “perfil geral do grupo investigado”<sup>33</sup>.

A partir de observações periódicas, levantamentos estatísticos e pequenas participações em momentos de socialização das internas foram percebidos e destacados os seguintes elementos: a) como certos espaços apresentavam-se delimitados; b) as formas como cada interna ocupava e disputava determinados espaços ou status dentro do centro; c) o tratamento diferido pelas internas ou membros da liderança (equipe dirigente) àquelas que apresentavam-se como recém-chegadas; d) as formas/estratégias encontradas pelas internas participantes para lidar com a saudade de suas famílias – ou tentar manter vivas centelha de um passado o qual a instituição lutara para mantê-lo distante; e) os modos como recebiam e concebiam essa nova rede de interações estabelecida; f) as formas como as novas internas participantes lidavam com as várias investidas institucionais que visavam a “conversão religiosa” a partir de um constante processo de ressignificação identitária.

Ainda nesse momento de incursão inicial – que resultaria na elaboração de um projeto de pesquisa – ocorreram duas experiências que foram fundamentais para a delimitação do tema e, conseqüentemente, a formulação dos objetivos dessa pesquisa.

Em um dos momentos que estava inserido na dinâmica de um dos cultos religiosos, percebi que algumas das internas saíam frequentemente desse espaço com o pretexto de vomitar ou “ir ao banheiro”. Todavia, esse episódio era interpretado pela liderança do CRRS como um ato a ser reprovado, censurado e repudiado, uma vez que visitantes de várias denominações evangélicas adentravam o centro para desempenhar atividades relacionadas às suas respectivas crenças religiosas. O ato acima referido representaria, dessa forma, um meio encontrado pelas internas para burlar toda uma força que emergia da instituição e seus principais representantes. Ao violarem os limites de seus próprios corpos – comendo no horário do jantar mais do que podiam suportar - buscaram provocar em si uma reação de indigestão que servisse como pretexto para fugir do encontro religioso. Não apenas isso, mas uma vez compreendido o valor que esse momento representava para a liderança da instituição, buscaram envergonhá-la perante os participantes visitantes. À medida que os sucessivos gritos e correrias das internas “rebeladas” eclodiam – no ambiente em que era celebrada a cerimônia

---

<sup>33</sup> Do universo das 43 internas presentes no centro, 40 participaram da aplicação do questionário social desenvolvido (APÊNDICE A). 3 internas se recusaram em participar ou estavam fora do centro durante o momento de levantamento de dados. Para a devida organização e análise das informações – a partir de procedimentos como comparações, cruzamentos de dados e variáveis - seria utilizado o programa SPSS - Statistical Package for Social Sciences.

religiosa -, todos esses eventos denunciavam um cenário de conflitos e tensões geralmente camuflados pelas ações institucionais. A referida ação das internas pode ser traduzida também como uma tentativa de diálogo para com os participantes visitantes. Um diálogo que não poderia ser captado através das conversas indiretas, ou nos raros e rápidos momentos de interação direta com os visitantes, mas através das ações que desvelavam uma realidade “oculta aos olhos de quem não permanece no centro”. Desse modo, o cenário acima denuncia os dissensos em vários níveis em que “o conflito é permanente e a realidade (...) sempre (...) negociada entre atores que apresentam interesses divergentes” (VELHO, 1987, p. 127).

De certa forma, essa experiência favoreceu pensar como algumas das participantes internas encontravam meios para romper a dinâmica de certas cerimônias institucionais (GOFFMAN, 1974). Passaria, assim, a perceber o momento do culto no CRRS não apenas como um espaço de interação possibilitador de um florescer de experiências com o sagrado, mas também como um ambiente em que a própria instituição se favorece, promovendo a apresentação de um “tipo ideal” de internas aos seus visitantes bem como a elas mesmas. Estando essas mulheres na condição de internas, negociações e conflitos tecem a construção de uma realidade que é apresentada com determinado fim aos diversos sujeitos que atuam no palco investigado.

De certo modo, as ações das internas participantes viria a denunciar o modo como percebem esse momento de cerimônia institucional: um meio em que a instituição se apresenta perante os participantes da sociedade mais ampla. Passam, as internas, com isso, a informação de que aqueles encontros religiosos estariam mais próximos dos padrões externos conhecidos dos participantes visitantes do que a realidade cotidiana das relações do Rosa de Saron, permeada por conflitos (SIMMEL, *apud* VANDENBERGHE, 2005), violências, trocas simbólicas (BOURDIEU, 1989); (PASSERON, 1992), mortificações de “eus” (GOFFMAN, 1974) e, respectivamente, resistências.

Um segundo momento marcante para a delimitação das intenções de pesquisa ocorreu durante a aplicação de questionário teste que visava a captação de algumas das características mais gerais que favorecessem elucidar o processo de incursão das novas internas no campo do Rosa de Saron. Ao findar da aplicação desse questionário, uma das internas buscou justificar sua resposta em relação a sua resistência a adotar a religião evangélica durante seu tempo de internamento. Dizia ela que já estava no centro há seis meses, mas que não poderia fazer como “outras internas faziam”, pois a conversão – para ela - deveria ser “verdadeira”.

Desse modo, essa fala associada com certos estigmas que essa interna sofrera em relação às demais internas tidas como “conversas”, aliada com a análise dos dados

quantitativos colhidos<sup>34</sup>, favoreceu perceber que a adoção da fé religiosa evangélica poderia se traduzir em um elemento instrumental cuja utilização tenderia a facilitar a conquista de novos espaços, status, privilégios e distinção, entre outros. Permitiria ainda perceber em que medida era concebida certa aproximação destas participantes internas em relação a membros da equipe dirigente; como estes concebiam privilégios – desejados e ansiados por todas -, à medida que a adoção de certos discursos e práticas tornavam-se mais evidentes. Além disso, essa primeira aproximação forneceu as condições elementares para refletir a ação da interna participante como a de uma atriz em seu palco – *teoria das representações de Goffman* (1996) -, cuja “fachada” obtida deveria ser preservada; o novo “eu” tinha que dar provas de sua existência a fim de garantir que a dureza e rigores, que marcam as rotinas da terapia, fossem mais facilmente suportados. Em outras palavras, dependendo das circunstâncias relacionais, os referenciais que compõem a identidade de cada participante podem ser omitidos, manipulados ou revelados para os demais participantes do grupo.

Essas e outras experiências, que serão apresentadas durante o desenvolvimento dessa pesquisa, corroboraram fecunda e decisivamente para a construção do seguinte problema: *de que modo se configura a inserção e o desenvolvimento das trajetórias das recém-chegadas no universo institucional investigado, sendo elas portadoras de uma identidade religiosa distinta daquela professada pela maioria das participantes internas?*

Desse modo, vivenciando algumas das características singulares que compõem o campo de pesquisa, percebeu-se que dentre a vastidão de recursos metodológicos concernentes ao domínio das ciências sociais, uma das abordagens mais favoráveis de incursão neste meio, a fim de evidenciar toda a complexidade que envolve as relações estabelecidas entre os participantes do projeto Rosa de Saron, se daria através de uma abordagem etnográfica, conforme os caminhos justificados a seguir.

#### 2.4.2 Caminhos da pesquisa etnográfica

Conforme já apresentado, em um dos primeiros contatos com o campo de pesquisa, em que se buscou aplicar um questionário social teste, muitas das internas não demonstravam reação espontânea ao participarem dessa primeira forma de contato. Estavam reunidas em um espaço específico, por determinação da própria instituição. O som do apito determinava que todas deveriam estar lá; todas deveriam ouvir o que dizia o pesquisador, pois essa era uma

---

<sup>34</sup> Dados estes que apontavam que a maioria todas as internas que gozam de certo prestígio e recebiam cargos de liderança na instituição eram conversas à fé evangélica.



determinação do centro. Olhares vagos, dispersos, alguns poucos curiosos, todos pareciam denunciar que os objetivos da pesquisa naufragariam desde este primeiro contato. Como pesquisador, na condição de estranho ao grupo, ainda padecia da confiança deste que se negava a uma exposição maior do que aquela permitida e apresentada pelas internas participantes e agentes nas chamadas cerimônias institucionais (GOFFMAN, 1974).

Uma estratégia inicial foi convidar, dentre as internas reunidas naquele ambiente, quem se interessasse em participar da aplicação do questionário teste – este que se converteria, em um momento futuro, no questionário social exposto no Apêndice A.

Após o convite me dirigi para o refeitório. Aguardava ansiosamente as internas. Será que meu convite – buscando transcender à determinação institucional - despertaria algum interesse nas internas?

Para minha surpresa, das 43 que estiveram reunidas no auditório, 9 atenderam meu convite. Sentando ao redor da mesa, uma a uma trazia consigo trajetórias internas e externas singulares. O preenchimento do questionário se somava as conversas e denúncias promovidas pelas próprias internas. Ao reunir esse pequeno grupo de mulheres muito me chamou a atenção a postura extrovertida e irreverente da interna Cláudia<sup>35</sup>.

Era nosso primeiro encontro – uma vez que ainda não era conhecido pela maioria das internas do centro.

Ex-moradora de rua, embora tivesse a idade de 41 anos, as marcas em seu corpo deixavam evidentes as formas duras que construiriam sua respectiva trajetória de vida. Em contatos mais próximos, Cláudia se deixava conhecer mais que as outras. Falava o que pensava sem medir palavras. Cláudia deixa claro o que fez nas ruas para conseguir viver: vendia o corpo. Era agredida; aprendeu a sorrir das tristezas e violências sofridas durante o curso de sua existência. Cláudia deixa claro que a liberdade para voltar às ruas tem um preço: saber atuar e pra quem atuar no contexto da instituição. De suas experiências de socialização nas ruas aprendeu que é preciso saber com quem se fala e o que se fala.

Em vários momentos era questionado por ela se seria policial – o que atraía grande curiosidade das demais internas participantes-. Embora nunca tivesse sido policial, durante certo tempo fiquei pensando se aquela pergunta da interna Cláudia revelava uma postura adquirida em minha própria trajetória de vida. Era filho de um sargento da polícia militar de Pernambuco; era genro de um policial que fazia parte de um dos grupos mais respeitados e temidos da cidade: a ROCAM; morava em um bairro militar; quase entrei para a polícia após

---

<sup>35</sup> Nome fictício.

prestar concurso público; já tinha ministrado aulas durante longos períodos em Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais. Todos esses pontos pareciam bastante sólidos e plausíveis para fundamentar e justificar a desconfiança de Cláudia. Todavia, após a verificação do questionário aplicado, e colher suas respectivas histórias de vida, todos esses pontos não puderam encobrir que metade das internas do período em que foi estabelecida a pesquisa já tiveram alguma passagem pela polícia. Somando esses dados com as vivências que seriam construídas a partir de então, perceberia que aquele momento inicial desvelaria uma das características singulares das internas: que na trajetória dessas internas era preciso aprender a desconfiar de quem pergunta muito e deseja escutar cada palavra pronunciada. Em um ambiente que a informação é tida como elemento de troca, é preciso saber o que se fala e a quem! Isso se evidencia enquanto conversava com Claudia e outras internas.

Durante uma conversa informal com várias internas, inclusive Cláudia, uma das líderes do CRRS chega para participar da atividade. Dando-lhe as boas vindas a conversa continuava passando, a partir desse momento, a adquirir novos contornos.

Antes desse episódio, Claudia deixava claro que não tinha se convertido a nenhum dos segmentos religiosos que atuavam no CRRS. Orgulhava-se em resistir; em manter acesa algumas fagulhas de uma vida que as rotinas e as dinâmicas do centro buscavam podar. Além disso, era comum falar de injustiças, conflitos, da precariedade da estrutura do centro, dos rigores das regras, e seu desejo de sair o mais rápido possível para ganhar novamente as ruas.

Todavia, após a chegada dessa líder interna, Claudia diz: “- *mas agora estou salva graças à Deus*”. Pela primeira vez, aquela mulher tão espontânea, tão desinibida e até engraçada, levanta as mãos para o alto e reproduz um discurso característico da instituição. Nos instantes seguintes passara a ficar irreconhecível. Era mais uma que, no centro, manipulava seu discurso, suas impressões. Os sorrisos e silêncios das demais participantes deixavam claro que era preciso saber adotar um script de acordo com a platéia que assistia.

Agora, a nova platéia que se estabelecera demandaria uma nova conduta a ser seguida. Perceberia, ao longo da pesquisa, que essa ação muito representaria em relação às dinâmicas internas estabelecidas. Privilégios, disciplina, dominação, “liberdade”.

Ao mesmo tempo as demais internas, à medida que ficavam em silêncio – pondo de lado certa espontaneidade – deixavam claro que era necessário salvar a fachada da amiga. Essa prática de salvar a fachada da outra se constituiu em algo comum nas relações estabelecidas pelas internas. Segundo a informante Drielly Siqueira, no contexto do centro, muitas vezes, para ser aceita pelas demais, é preciso saber ouvir muito e falar pouco. É

preciso que você saiba como atuar internamente sem comprometer o desempenho do papel da outra.

Com a chegada dessa líder interna, que solicitou sua participação no grupo que respondia o questionário, percebi um outro elemento significativo nas relações no interior do centro: que naquele momento o interesse daquela líder representava mais do que uma tentativa de contribuir para o sucesso da minha pesquisa, mas que, naquele momento, à medida que sondava a realidade do centro através dos relatos das internas eu também era sondado.

Lembrei-me da experiência de Silva (2008) com os penitenciários do Serrotão. Não podendo impedir que circulassem por entre a área escolhida, passei a ficar mais atento em relação àqueles que frequentavam os locais escolhidos para as conversas e entrevistas. Por ser um voluntário ainda desconhecido, com propostas de pesquisa ainda não bem compreendidas por todas, perceberia posteriormente que em um universo aparentemente fechado, a informação levada à coordenação que pudesse revelar algo que se estabeleceria contra ela se constituía em uma eficaz moeda de troca, de promoção, de obtenção de privilégios, ou até mesmo de saída, momentânea ou definitiva, do CRRS. A própria coordenadora deixa claro que é preciso passar por muitas “peneiras” até que a interna – se assim desejar – possa ter condições de sair do centro.

Aquele comportamento das internas me chamou a atenção. Cada vez mais, percebia que somente o contato frequente poderia me fornecer dados mais significantes acerca do comportamento, das relações, e das ações que movem a cultura institucional.

A informante e líder Poliana Travassos deixara claro que naquele momento participávamos de universos bastante distintos e que ainda havia muito a se conhecer acerca do que move as ações de uma interna, conforme contemplado a seguir:

(muitas risadas) **Eu vim da mesma situação que elas; no seu caso você não tem nada haver com isso.** Então você (...) **passando dois dias aqui numa convivência com elas você viria pessoas...** “MULHERES ARTIRSTAS”. Mulheres que você olha assim... você acha que realmente ela tá com aquele problema, quando na verdade ela tá querendo é uma pessoa para ouvir o que ela tem para falar; porque ela quer ir embora; porque a comida é ruim; porque não pode fazer isso, aquilo, ou pra te pedir alguma coisa; pra você ligar; pra você dar dinheiro; dá um cigarro pra elas. A maioria delas são assim! Ela chegam para conversar com você; elas choram e você se ilude achando que aquilo é realmente verdade (POLIANA, ENTREVISTA N2, grifo nosso).

Por ser líder experiente do centro (com quase 3 anos de experiências concebidas) e tomada como um exemplo de interna e obreira, o discurso da informante Poliana merecia ser considerado. Sua narrativa deixava pistas para duas concepções distintas a serem tomadas nesse trabalho: uma teórica e outra metodológica.

Do ponto de vista teórico, ao utilizar a expressão “MULHERES ARTISTAS”, a informante desvela uma rede de relações e interações singulares entre os sujeitos que compõem o campo de pesquisa. Um universo permeado por manipulações de impressões, fachadas, evitações, conflitos, ajustamentos secundários, entre outros, esses que abrem as portas para a adoção, como principal marco teórico, da dramaturgia social de Goffman no processo que chamou de “ritual de interação” em instituições consideradas “totais”.

Já do ponto de vista metodológico, a informante sugere, em suas palavras, que o procedimento metodológico mais favorável a ser adotado seria o método etnográfico. “Passe dois dias e você verá”, foi o que ela disse. A narrativa da informante confirmaria o procedimento adotado.

Como membro da Igreja Batista Pinheirópolis – já há 7 anos – assistia as internas do centro adentrarem a igreja; sentarem separadamente dos demais membros no interior do templo. Tão silenciosas quanto chegavam, saíam. Utilizei minha condição de membro da Igreja Batista Pinheirópolis para adentrar o centro como voluntário – uma vez que sabia da existência de alguns membros que realizavam periodicamente visitas no CRRS. Desse modo, busquei me inserir nesse grupo de voluntários que originalmente era composto por 7 integrantes – irmão Geraldo e sua esposa Madalena; irmão Zito e sua esposa Rosário; Irmão Caetano e sua esposa Sebastiana; irmão Valdir e Irmão João.

Uma vez engajado nas atividades desse grupo, passaria - pouco a pouco - a progredir no desempenho de algumas atividades por eles desenvolvidas: ministração de pregações, louvores, marcação de datas para visitas, entre outros.

Ao informar minhas intenções ao irmão Geraldo – líder do grupo – pude iniciar a incursão no centro sendo identificado inicialmente como um membro dessa equipe, o que possibilitou que contatos individuais, no futuro, fossem realizados.

Foi a partir desse procedimento de incursão - oriundo do campo antropológico - que foram estabelecidos procedimentos como *observações participantes, entrevistas, contatos diretos com os participantes, entre outros*. Lembrei-me das considerações de Foot-Whyte (1986, p.82) ao dizer que “se as pessoas o aceitam, você pode perambular por todo canto e a longo prazo vai ter as respostas que precisa sem fazer perguntas”. À medida que progredia na minha incursão, era cada vez mais aceito em ambos os grupos – dirigentes e internas - embora

isso não me tenha poupado de presenciar ou ser alvo de conflitos, resistências e estigmas por parte de parcela das internas do centro.

A informante Poliana estava certa; e foi a partir das experiências citadas nos caminhos etnográficos de Foot-Whyte que percebi, enquanto pesquisador, a necessidade de um repensar da abordagem adotada, passando a frequentar, com certa assiduidade, os encontros religiosos, os demais momentos de socialização, os momentos livres, hora das refeições, presenciar conflitos - perceber como os mesmos eram recebidos e tratados pela instituição bem como pelas participantes internas -, entre outros.

Dessa forma, à medida que a relação cotidiana transcorria, desvelou-se um novo universo; universo este ocultado nos primeiros contatos e que denunciava uma outra dimensão e perspectiva para as relações estabelecidas. A partir de então, a orientação da pesquisa pelo método etnográfico e suas ferramentas – assim como apresentara Foot-Whyte (1986) - possibilitou uma maior aproximação com os sujeitos da pesquisa. Abordar o campo, através de um exaustivo procedimento de observação e acompanhamento, se traduziria em uma ação promissora dentro dos limites das interações estabelecidas. Frequentava cada vez mais novos espaços, cultos – esses promovidos pelas diversas instituições religiosas que adentravam o centro -, presenciara ritos de passagem quem envolviam desde a aceitação até a despedida de novas internas, processos disciplinares, experiências de conversões religiosas, brincadeiras, sociabilidades, refeições, entre outros.

Exercia a “observação participante” acompanhada por entrevistas abertas ou semi-estruturadas na tentativa de evidenciar aspectos de uma cultura e relações sociais que não se apresentavam à superfície, exigindo assim um esforço maior de integração e interação com os sujeitos e o campo de pesquisa (VELHO, 1987).

Paralelamente, registrara as experiências e um diário de campo e através de registros fotográficos – obtidos no próprio centro ou capitados nas várias incursões desenvolvidas - os quais se constituíram em fecundas ferramentas para captação e interpretação da realidade investigada.

Como voluntário do projeto, pude perceber os contornos que envolvem o cotidiano das relações entre as internas e os membros institucionais. Percebia, à medida que intensificava essa incursão, que a realidade apresentava-se mais complexa do que o esperado. As ações das internas participantes e equipe dirigente denunciavam “uma multiplicidade de estruturas

conceptuais complexas<sup>36</sup>, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas as outras, (...) simultaneamente (...) irregulares” (GEERTZ, 2008, p. 07).

Portanto, foi munido do método etnográfico que um novo desvelar do campo surgiu. Cada vez mais participe de uma nova cultura, e munido de um conjunto teórico específico, passaria a captar aspectos da realidade investigada compenetrando-a e sendo compenetrado por ela. À medida que desenvolvia a pesquisa, com base no método mencionado, adentrava de forma mais intensa o cotidiano do universo investigado, percebendo as antigas trajetórias de vida dessas mulheres se emaranhando com a teia complexa da ação coercitiva, relações de poder, força e dominação, esses que eclodem desde os membros das equipes dirigentes até as microrelações concebidas entre as demais internas.

Cada voluntário, líder, obreira e interna revelava uma visão do centro que, quando evidenciada, tornavam evidentes os contornos singulares da instituição total investigada.

Ressalta-se que foi a partir dos caminhos empíricos descritos - pela adoção da observação participante, pelas bibliografias selecionadas, pelas técnicas de entrevistas, entre outros – que se buscou apresentar os trajetos trilhados pelo pesquisador enquanto atuante nesse campo específico. Buscou-se, com isso, perceber como são estabelecido os novos contornos das identidades das internas recém-chegadas ao projeto Rosa de Saron bem como a incidência de conflitos e estigmas resultados dessas relações de interações respectivamente.

#### 2.4.3 Os sujeitos da pesquisa

A fim de possibilitar um olhar especial acerca dessa realidade<sup>37</sup>, foram concebidos vários procedimentos de coleta de dados – entre março de 2013 à fevereiro de 2015-.

Levando em consideração a pluralidade dos participantes do campo investigado, bem como os respectivos papéis que desempenhavam concomitantemente, durante essa pesquisa

---

<sup>36</sup> Um dos exemplos para ilustrar o posicionamento teórico-metodológico de Geertz (1999) pode ser perceptível nos vários discursos religiosos professados no centro. Embora possam ser considerados como expressões da lógica dominante, muitas vezes apresentam-se em suas perspectivas teológicas e sociais de forma contraditórias quando comparados aos demais grupos de correntes religiosas distintas que também tinham atividades no centro. Esses contrastes favorecem que as atuações das internas eclodam tão plurais quanto os discursos dominantes professados.

<sup>37</sup> Entende-se – conforme escreve Velho (1987) - que, por mais que se busque entender, registrar o discurso, captar a visão de mundo de sujeitos inseridos dentro de um contexto cultural específico; por mais que se procure identificar os mecanismos que sustentam a lógica das relações sociais e estilos de vida de determinado grupo social; por mais que se idealize realizar uma investigação que reúna dados verdadeiros e objetivos da realidade, a versão produzida pelo pesquisador é sempre fomentada por uma subjetividade a qual não pode ser desvincilhada do produto final da pesquisa.

foram entrevistadas<sup>38</sup>: a) 6 (seis) **internas** estratificadas por desempenharem funções de liderança - com no mínimo 4 meses de internamento-; b) 2 membros da **diretoria/coordenação**; c) 2 **membros de igrejas evangélicas** que visitam frequentemente o projeto para a realização de cultos, aconselhamentos, trabalhos lúdicos;

No ato da inserção de uma nova interna todo um processo de acompanhamento foi firmado a fim de perceber como novos e antigos participantes internos se relacionavam entre si bem como os demais membros da instituição. Concomitante ao trabalho desenvolvido com as novas internas, tornou-se viável evidenciar as trajetórias daquelas que se tornaram “tipos ideais”; que conquistaram, no cerne da terapia, postos de liderança, passando assim a exercer poder e influência sobre as demais. A tentativa foi perceber até que ponto essas atrizes representariam a ideologia institucional, além de perceber os possíveis impactos característicos dessas relações.

Para ambos os casos, dentre as várias opções disponíveis dentro do campo das metodologias das ciências sociais, escolheu-se a **história de vida** como um meio mais viável de dar sentido à noção de “processo em movimento” (HAGUETTE, 1987), permitindo que o objeto elencado seja abordado do ponto de vista daqueles que vivenciaram – com suas vivências, suposições, seus mundos, pressões, constrangimentos -, possibilitando ao pesquisador captar o momento em que se cruzam a vida individual e o contexto social o qual estão inseridas.

Portanto, o somatório das narrativas coletadas, bem como das experiências concebidas no campo, favoreceram que tanto o universo da equipe dirigente quanto das internas fossem abordado de forma distinta.

---

<sup>38</sup> Para uma efetiva abordagem daqueles elementos que compõem esse campo de pesquisa, considerou-se como relevante a utilização de entrevistas semi-diretivas devido à propriedade com que esses instrumentos penetram na complexidade de um problema.

### 3 A Instituição e seus agentes



### 3.1 DROGAS: DIMENSÕES EPIDÊMICAS E ALTERNATIVAS RELIGIOSAS PARA A REABILITAÇÃO

Dentre as várias categorizações e conceituações existentes para “drogas” adotou-se, para esse trabalho, aquela cujos limites ontológicos as definem como substâncias que produzem mudanças nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional dos indivíduos, sendo elas tidas como legais – bebidas alcoólicas, cigarros, remédios – e ilegais – cocaína, maconha, ecstasy, heroína, entre outros – (CARLINI, 2012).

Na atual legislação brasileira, qualquer produto ou substância capaz de causar dependência sobre seu usuário é vetado em todo o território nacional. Ainda conforme ressalta o artigo 2º da Lei que institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas, todas as substâncias, bem como “o plantio, a cultura, a colheita e a exploração de vegetais e substratos dos quais possam ser extraídas ou produzidas drogas” (BRASIL, LEI nº 11.343 de 23 de agosto de 2006, 2006) são tidas como proibidas.

Todavia, se por um lado vários tipos e categorias de drogas são tidos como ilegais, por outro, seu uso apresenta-se bastante evidente em vários espaços, faixas etárias e grupos sociais que compõem a realidade brasileira. Segundo pesquisa divulgada pelo IBGE (2009) – estudo realizado com jovens de todas as capitais brasileiras - quase 10% dos estudantes com idade entre 13 e 15 anos admitem o consumo de drogas consideradas ilícitas pelo menos uma vez na vida. Esse número sobe para 16,6% quando o conjunto da população de jovens está situado entre 16 e 25 anos (DATAFOLHA, 2009<sup>39</sup>).

Quando se leva em consideração a condição da mulher dentro desse universo os números passam a apresentar contornos surpreendentes. De acordo com uma pesquisa recente realizada pela Fiocruz (2013)<sup>40</sup>, um número de 370.000 pessoas das várias capitais brasileiras declararam ter feito uso regular do crack ou substâncias similares pelo menos uma vez nos últimos 6 meses anteriores à pesquisa. Desta população, cerca de 78,7% são do sexo masculino para 21,3% do sexo feminino.

---

39 Pesquisa desenvolvida com um conjunto da população brasileira entre 16 e 25 anos. A amostragem foi desenvolvida com 1541 entrevistas em 168 municípios. Levantamento por amostragem com abordagem em pontos de fluxo populacional com cotas sexo e idade e sorteio aleatório dos entrevistados. O universo é dividido em quatro sub-universos que representam as regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Norte/Centro-Oeste.

40 Essa pesquisa, realizada no ano de 2012 pela Fiocruz, foi realizada com cerca de 25 mil pessoas de todas as capitais federais e o Distrito Federal.

Como uma das principais consequências desse fato, o estudo aponta que embora seja esse um campo predominantemente masculino, enquanto um homem fuma, em média, 13 pedras por dia, as mulheres chegam a fumar 21 pedras. Minoria na população de usuários; todavia, as maiores consumidoras.

Discriminando o uso do crack no cenário brasileiro, o gráfico a seguir apresenta algumas projeções relevantes à discussão.

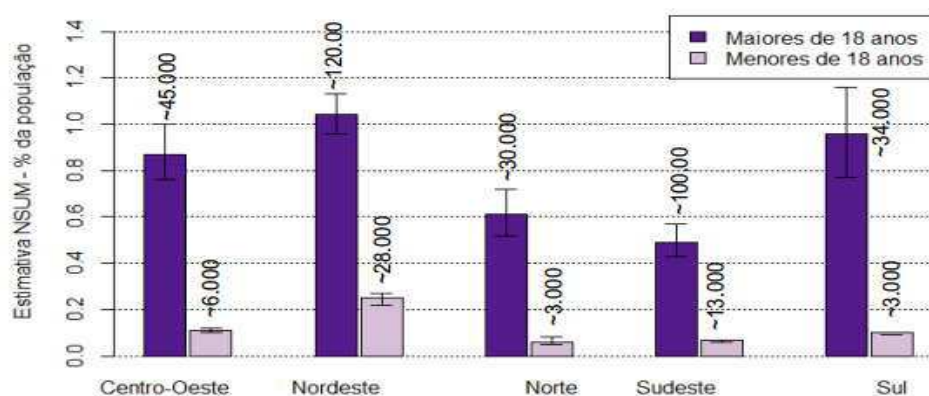


Gráfico 1: Estimativas do uso regular nos últimos 6 meses de "crack e/ou similares", nas capitais do Brasil, por grupo etário, segundo macrorregião, 2012. (FIOCRUZ, 2013, p. 08).

Embora o uso do crack seja uma questão que abranja todas as regiões brasileiras, dos 370.000 usuários participantes da pesquisa realizada pela Fiocruz (2013), percebe-se que a região nordeste apresentou o maior número de usuários maiores e menores de 18 anos consecutivamente.

Refletindo características dos números apresentados, evidencia-se que somente no Estado de Pernambuco, de acordo com a Confederação Nacional dos Municípios (CNM), dos 125 municípios do Estado, 119 enfrentam atualmente problemas relacionados com o crack e outras drogas. Destes municípios, mais de 80% estão classificados com alto ou médio grau de problemas relacionados pelo uso de drogas conforme evidenciado no gráfico abaixo:

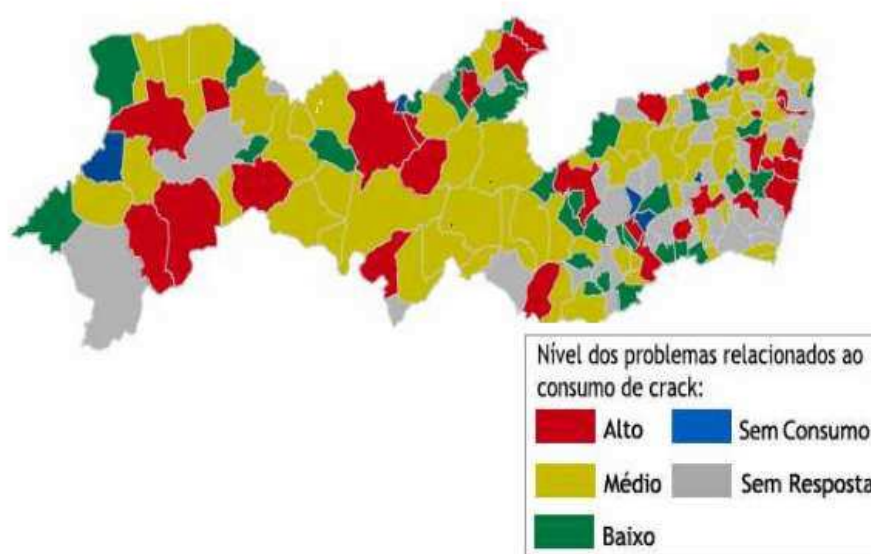


Gráfico 2. Mapa do crack em Pernambuco. (CNM *apud*, DA FONTE, 2013, p. 14).

Aspectos dessa realidade podem ser percebidos na cidade pernambucana de Caruaru, lugar onde foram desfeitos, somente no ano de 2013, cerca de 573 pontos de drogas<sup>41</sup>, o que aponta que o problema das drogas é bastante presente na realidade da cidade.

Um outro indicador que apresenta certo grau da vigente situação da cidade em relação ao cenário das drogas descrito pode ser percebido a partir dos percentuais divulgados pelo Disque Denúncia em que a referida cidade desponta como sendo a primeira do interior do Estado, e a quarta entre os 185 municípios de Pernambuco, em ligações que envolvem uso ou tráfico de drogas<sup>42</sup>. Todos os números acima corroboram para que sejam postos nas arenas políticas debates que visem a fomentação de um conjunto de políticas públicas que versem a prevenção e o combate ao uso das drogas.

Uma vez reconhecida que a questão do uso e do tráfico de drogas consideradas ilícitas se desdobra em todas as partes do Brasil – inclusive no Estado de Pernambuco –, e que vem se tornando um problema de saúde pública se espalhando e atingindo “dimensões epidêmicas, transformando-se num sintoma inquietante de um novo e profundo mal-estar na civilização”

<sup>41</sup> 4º BATALHÃO DA POLÍCIA MILITAR DE PERNAMBUCO. Balanço de 2013 da AIS 14. (Conferência proferida no 4º BPM-PE). Caruaru, 06 de Janeiro de 2014.

<sup>42</sup> DISQUE DENÚNCIA PERNAMBUCO. Serviço soma mais de 20 mil informações sobre venda e consumo de crack. Disponível em: < <http://www.disquedenunciape.com.br/noticia.php?id=89> >. Acesso em: 23 de janeiro de 2014.

(BUCHER, 1998, p.35), torna-se perceptível, concomitantemente, as ações advindas dos campos legislativos e demais setores envolvidos.

O combate pelo sistema legislativo, que vem repercutindo na execução de políticas públicas<sup>43</sup>, pode ser evidenciado no Artigo 1º da lei nº 11,343 que institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – o SISNAD -, órgão esse responsável em prescrever medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social dos usuários e dependentes de drogas, além de promover a repressão à produção e o tráfico de drogas definindo-os como crime.

Ainda segundo a mesma lei, o art. 28 do Capítulo III prevê que

quem adquirir, guardar, tiver em depósito, transportar ou trazer consigo, para consumo pessoal, drogas sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar será submetido às seguintes penas:

I - advertência sobre os efeitos das drogas; II - prestação de serviços à comunidade;  
**III - medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo**  
 (BRASIL, LEI nº 11.343 de 23 de agosto de 2006, 2006, grifos nossos).

Como mostrou Foucault (2001, p. 110), desde o século XVIII ocorre um processo de acentuada racionalização que busca estabelecer uma relação estrita entre o crime cometido e uma respectiva pena, punindo o transgressor “exatamente tanto quanto for necessário para que o crime não comece”. Desse modo, as medidas sociocorretivas buscam levar – ideologicamente – o agente desviante<sup>44</sup> ao restabelecimento de uma condição que garanta o respeito à ordem e aos valores estabelecidos, bem como a uma condição produtiva do indivíduo nesse meio. Nesse ponto, o Estado – norteado por um quadro de racionalidade política – destaca a questão das drogas como um problema de saúde pública. Tornam-se assim uma preocupação política – é o que Foucault chama de Biopolítica (FOUCAULT, 1997) -, que encontra nas chamadas clínicas de reabilitação<sup>45</sup> meios para atingirem seus fins<sup>46</sup>.

---

43 Exemplos desse combate às drogas podem ser percebidos na elaboração de um vasto conjunto de leis e legislações que legitimaram a criação de órgãos de combate ao uso das drogas, como foi o caso da Lei nº 7.560, de 19 de dezembro de 1986 que criou o FUNCAB (Fundo de Prevenção e de Combate às Drogas de Abuso); a Lei nº 8.764, de 20 de dezembro de 1993 que criou a Secretaria Nacional de Entorpecentes; a Lei nº 9.804, de 30 de junho de 1999, entre outras.

44 Concebido nesse trabalho como **anormal** (FOUCAULT, 2001), **anômico** (BERGER, 1972) ou **outsider** (BECKER, 2008).

45 É nesse contexto que surge, como medida mais enérgica para a reabilitação dos indivíduos, a proposta III do Art. 28 do Capítulo III da Lei nº 11.343 quando se refere aos programas e cursos educativos em prol da ressocialização – que também são representados pelas conhecidas clínicas de reabilitação -.

É por essa via que se destacam os trabalhos desenvolvidos no CRRS; este que passa a representar um meio pelo qual se manifesta um conjunto de medidas de controle e saúde pública no combate ao uso e dependência química.

Reflexos da aceitação e incorporação do CRRS às necessidades e anseios forjados no âmbito das políticas públicas do Estado podem ser evidenciados a partir do reconhecimento dado por instituições jurídico-legislativas conforme apresentada através da Lei municipal 4.289 de setembro de 2003 que diz no seu Art. 1:

Fica considerado de Utilidade Pública o CENTRO DE RECUPERAÇÃO ROSA DE SARON, entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, organizado como sociedade civil de caráter assistencial, fundado em 19 de fevereiro de 2002, com sede e foro nesta Comarca de Caruaru, Estado de Pernambuco, cujos Estatutos devidamente aprovados, encontram-se registrados no 1º Cartório de Títulos e Documentos de Caruaru. (CARUARU. Artigo 1 da Lei nº 4.289 de 29 de Setembro de 2003. Considera de utilidade pública e dá outras providências. JusBrasil<sup>47</sup>).

Desse modo, compreender como o CRRS é concebido enquanto instituição; perceber os limites e características dos valores dominantes que circulam e inferem sobre as relações estabelecidas em seu interior; analisar como são concebidas as relações de poder bem como as resultantes negociações, tensões e conflitos entre sujeitos portadores de histórias de vida singulares, correspondem, nessa pesquisa, a elementos que, quando abordados, revelariam os contrastes e contornos característicos de uma instituição total e seu ideal de recuperação.

Assim, é focando nos objetivos acima que ganha significativa relevância o estabelecimento de uma abordagem que evidencie os principais contornos que marcam o centro, as trajetórias de suas internas bem como os sujeitos envolvidos nessa interação. Para isso, a fim de identificar os principais objetivos que marcam a missão dessa instituição, foi estabelecida uma abordagem cujos resultados indicariam que algumas das práticas e entraves vivenciados por essa instituição no presente momento denotam de momentos bastante remotos, conforme evidenciado nos tópicos seguintes.

---

<sup>46</sup> São as clínicas que apresentam-se atuantes a partir de um numeroso conjunto de técnicas que visam o controle dos corpos “doentes” ou “anormais” visando o controle e a dominação destes respectivamente – é o que Foucault (1988) chama de Biopoder.

<sup>47</sup> JUSBRASIL. Art. 1 da Lei 4289/03, Caruaru. Disponível em: < <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/13823906/artigo-1-da-lei-n-4289-de-29-de-setembro-de-2003-do-municipio-de-caruaru> >. Acesso em: 26 de agosto de 2014.

### 3.2 SURGIMENTO DO CRRS: CENTRO DE RECUPERAÇÃO ROSA DE SARON

A história do Centro de Reabilitação Rosa de Saron se entrelaça profundamente com a história de vida de sua fundadora e atual coordenadora Jane Sueli.



FIGURA 1: Fundadora e atual coordenadora do centro Rosa de Saron Jane Sueli.

FONTE: Pesquisa de campo, 2014.

Profunda admiradora de personagens como irmã Dulce, madre Teresa de Calcutá e Lady Diana, a missionária Jane Sueli vem atuando ao longo de 13 anos com uma proposta específica para a reabilitação de mulheres toxicômanas.

Ainda na década de 1990 assistiria seu filho tornar-se dependente de substâncias à base da maconha e cocaína. Assim como algumas mães da época, encontraria no projeto Desafio Jovem (da cidade de Garanhuns – Pernambuco) uma proposta de reabilitação com base em terapias religiosas.

Todavia, algo lhe chamaria atenção. Em seu relato declara ter percebido – em suas visitas ao centro - que o perfil de algumas das mulheres que visitavam seus filhos pouco contrastava em relação àqueles que estavam na condição de internação. Em suas palavras

eram mães drogadas; mães prostitutas; mães que depreciavam seus corpos para ganhar dinheiro ; mães (...) que os filhos estavam (...) fugindo da polícia

...ameaçados de morte... (...) Então eu perguntei a Deus: - Deus...como é que eu faço para cuidar dessas mulheres? (...) Eles precisam ter mães, mulheres, namoradas, sadias, pra cuidar deles, pra lutar contra o vício (...). Foi uma experiência muito bonita...já faz 13 anos e eu tô aqui..faria tudo de novo (COORDENADORA JANE, ENTREVISTA Nº6).

Com o fim do período da terapia de seu filho, e reunindo-se periodicamente com mais seis “irmãs”<sup>48</sup>, planejaram a criação de um centro que atendessem mulheres com o perfil de Maria (dependente química, envolvida com a prostituição, moradora de rua, portadora do vírus da AIDS) *a primeira interna*.

A trajetória de Maria não se distancia daquelas concebidas pelas mulheres que atualmente participam do CRRS.

Maria, ainda muito nova, perderia seu pai de forma drástica. Revoltada, abandonaria a fé e ganharia as ruas das cidades se deparando com um cenário de violência e drogas. Assim como parcela das atuais internas que se utilizaram da prostituição como meio de adquirir drogas, Maria contrairia o vírus da AIDS. A partir daí teria que aprender a lidar com um estigma que carregaria durante toda sua vida.

Ela disse: (...) - sou desviada. Ai ela se identificou: - sou de Teresina do Piauí; me desviei; fazia parte do coral da igreja (...), mas eu me revoltei por causa da forma trágica que meu pai morreu (...). - Meu pai era um homem bom e eu acho que foi um assalto; eu acho que meu pai foi reagir e mataram ele. Enfiaram na cabeça dele muitos pregos, eu acho que meu pai sofreu muito naquela hora. Ai eu comecei a perguntar: - Deus, como é que o senhor permitiu que acontecesse isso? Ai eu disse (Jane): -vontade permissiva de Deus é uma coisa e a permissão de Deus para essas coisas trágicas é outra. A gente vai estudar e você vai entender...isso se você quiser ficar (...) pra morar comigo e ser a primeira interna do centro de recuperação Rosa de Saron. (...) Ela disse: - eu quero, pois hoje até dos cabarés eu sou expulsa. Eu disse - mas por quê? -Porque eu sou soro positivo e se o cliente souber que ali tem uma que é soro positivo ele não vai mais naquele lugar. Ai é por isso eu sou expulsa. Nem pra lavar os pratos elas querem mais. Ai eu disse: - tá vendo! (...) Enquanto Jesus continua de braços abertos pra você! (JANE, ENTREVISTA Nº 6).

Maria, a primeira interna, torna-se um retrato que reflete alguns dos atuais aspectos daquelas que buscam auxílio no centro Rosa de Saron. Assim como essa primeira interna, quase metade das internas - 16 das 40 internas acompanhadas - se reconheciam como evangélicas ou ex-adeptas a alguma religião tida como evangélica (QUADRO 3 / INDICADOR 16). Já 20 das atuais internas reconhecem ter morado nas ruas pelo menos uma vez na vida (QUADRO 3 / INDICADOR 13).

---

<sup>48</sup> Termo utilizado entre mulheres que professam crença em alguma das religiões tidas como evangélicas.

Vítima de preconceito dentro e fora do centro, o estigma carregado por Maria – por ser portadora do vírus HIV – ainda figura como sendo entrave nas interações concebidas no centro. Embora tenha sido confirmado que uma interna seja portadora do vírus da AIDS atualmente, a coordenação do centro deixa claro que devido aos atritos, preconceitos e exclusão que essa identificação possa causar, muitas das internas mantêm sigilo acerca dessa condição ou afirmam não saberem se são portadoras do vírus HIV.

É com mulheres que carregam em suas trajetórias de vida esses e outros aspectos – conforme será abordado – que, desde o ano de 2001, surge o centro de recuperação Rosa de Saron, tornando-se assim o primeiro centro de reabilitação interdenominacional do nordeste a desenvolver trabalhos voltados ao gênero feminino.

Se o trabalho desse centro começou com a ação de mulheres que encontravam na prática da fé a melhor via de atender as internas que apresentavam dependência – no álcool ou em drogas (ou seja, desde a dependência de drogas consideradas lícitas até aquelas consideradas ilícitas) – ao longo de sua trajetória, o CRRS incorporaria atividades característica do campo secular.

Contando com o apoio de instituições privadas, faculdades e universidades – como a UFPE onde alunos dos cursos de pedagogia e administração desenvolvem dinâmicas e oficinas no interior do centro; FAVIP, em que os estudantes desenvolvem atividades relacionadas ao atendimento de assistência social e psicológico –, o centro desenvolve atividades que muito lhe aproxima às dinâmicas desenvolvidas nos demais centros seculares da região.

Além dessas instituições, escolas e empresas da cidade e região se fazem representar nas dinâmicas do CRRS a partir de doações de roupas e alimentos e até doações financeiras. Desse modo, a participação desses é somada a dos participantes permanentes do centro, compondo assim o seguinte quadro populacional.

<b>Quadro populacional do CRRS</b>	
<i><b>Cargo/Função</b></i>	<i><b>Quantidade</b></i>
DIRETORA/COORDENADORA	01
OBREIRAS	03
LÍDERES	06



IGREJAS PARTICIPANTES	13
INTERNAS	43 <sup>49</sup>
ASSISTENTE SOCIAL	<i>Indefinido</i> <sup>50</sup>
PSICÓLOGOS	<i>Indefinido</i>
NUTRICIONISTA	<i>Indefinido</i>
PROFESSORES DE OFICINAS	03

TABELA 1: População geral do centro.

Fonte: Campo de pesquisa

Estabelecer parcerias foi um meio encontrado para que o CRRS pudesse alcançar desde os serviços mais básicos para o acolhimento das internas até os recursos mais elementares – alimentos, produtos de limpeza, doações financeiras, entre outros. Entretanto, se o CRRS conta com o apoio de vários segmentos e instituições espalhados pela cidade, sua localização dentro de um contexto geográfico específico favoreceria também a inclusão de outros grupos seculares em sua realidade.

O Rosa de Saron está localizado no bairro Alto do Moura, um dos mais importantes centros de produção de artes figurativas das Américas – conforme Unesco. É um bairro distante da efervescência urbana – localizado cerca de 7 km de distância da cidade -. A principal e mais emblemática atividade desenvolvida nesse espaço está ligada ao trabalho de modelagem de peças de arte que retratam o passado e o presente da cidade e de seus habitantes, além de atividades ligadas ao turismo. A produção dos ceramistas se baseia no estilo artístico de “mestres ceramistas” consagrados como Mestre Manoel Galdino, Mestre Vitalino, entre outros. Dentre os vários grupos e associações localizadas nesse bairro destaca-se, na atuação no centro, o “Mulheres de Barro”.

Representando uma influência da forte realidade que envolve o CRRS, esse grupo desenvolve atividades com as internas na perspectiva de promover uma “formação para o artesanato”.

Durante o tempo da pesquisa foi comum perceber o quanto “a arte de modelar e ornamentar o barro” se imbricava nas participações de vários grupos – religiosos e seculares – na tentativa de modelar “corpos e mentes”.

<sup>49</sup> Nesse número estão inseridas as consideradas líderes do centro.

<sup>50</sup> Por serem grupos formados em sua maioria por estagiários das faculdades da região, o grupo dos assistentes sociais, psicólogos, nutricionistas e demais profissionais liberais não pôde ser quantificado. Esses grupos exercem atividades esporádicas no centro sendo formados e desfeitos ao término de cada período letivo.



FIGURA 2: Oficina de ornamentação (I)  
FONTE: Acervo Pessoal, 2014.



FIGURA 3: Oficina de ornamentação (II)  
FONTE: Acervo Pessoal, 2014.

Percebe-se o quanto a presença de práticas seculares marca as rotinas e o cotidiano das dinâmicas de reabilitação desempenhadas no CRRS. Ao mesmo tempo, o domínio religioso pede passagem e se imbrica na constituição das ações e interações concebidas no interior do centro, formando um conjunto de características singulares perceptíveis no cotidiano das internas. Conforme observado nas imagens acima, enquanto as internas ornamentam as peças de arte, um grande nome “Jesus”, na parede, não deixa esquecer os principais valores dominantes que regem o cotidiano das relações no referido campo.

Uma vez firmada que a proposta desse trabalho consiste em situar de que formas são concebidas as trajetórias individuais das internas que às dinâmicas do centro se submetem, conhecer os contornos, os antagonismos e as influências que marcam o cenário adotado como uma instituição de reabilitação, possibilita estabelecer uma análise que compreenda os elementos base para o desenvolvimento de práticas que resultem na concepção de novas trajetórias individuais das internas.

Desse modo, foi na tentativa de evidenciar alguns dos elementos que compõe essa dinâmica que se tornou viável desenvolver uma análise que evidenciasse a influência de dois campos específicos e distintos no interior das práticas institucionais concebidas: a influencia religiosa norte-americana; e a influência advinda do campo jurídico-legislativo brasileiro.

Através dessa apresentação pode-se perceber de que forma os entraves entre esses dois campos fomentaria um conjunto de valores defendidos institucionalmente, além de práticas que caracterizam uma idiosincrasia do modelo de interação entre a liderança e as internas participantes do referido centro.

### 3.3 FRONTEIRAS DA INFLUÊNCIA RELIGIOSA NORTE-AMERICANA

Se existe uma perspectiva de atuação que influenciou as dinâmicas terapêuticas interreligiosas do centro Rosa de Saron, ela advem dos trabalhos desenvolvidos no projeto “Desafio Jovem”.

Atuando por mais de meio século – desde 1961 – o centro Desafio Jovem se firmou como instituição interdenominacional que desenvolve atividades de reabilitação de indivíduos com problemas relacionados a drogas e alcoolismo.

Conhecido inicialmente como *"The Teen Challenge"*, o Desafio Jovem foi um programa desenvolvido a partir de uma visão cristã que, das ruas do Brookly, ganharia capilaridade mundial. Estima-se atualmente que, transcendendo culturas, existam mais de 1200 programas que carregam a bandeira “Desafio Jovem” espalhados por 104 países - de acordo com dados e informações colhidas da instituição “Global Tenn Challenge”<sup>51</sup>. Todavia, antes de ganhar todo esse impacto e capilaridade mundial, a história<sup>52</sup> desse projeto começa com a inquietação de um jovem pastor advindo de uma pequena comunidade religiosa da cidade de Phillipsburg - Pensilvânia.

Acreditando receber um “chamado divino”, o reverendo David Wilkerson empreende várias viagens de sua pequena cidade em direção à Nova York. Nessa cidade se confrontaria com a realidade de jovens de várias gangues; jovens envolvidos com roubos, assassinatos, tráfico e uso de drogas. Frequentemente eram práticas somadas a uma condição social de exclusão e discriminação – estigmas esses constituídos uma vez que parcela considerável daqueles jovens era constituída por negros ou imigrantes fortes alvos de segregação nos E.U.A. na década de 1960 -.

Uma das características dos jovens alvos do projeto era a delinquência. Segundo Wilkerson (1983), a maioria dos rapazes que passavam pelo centro tinham, de algum modo, infringido a lei vigente da época.

Desse modo, a proposta de “cura” e de salvação para a maioria daqueles jovens das ruas do Brookly girava a partir de 3 pontos: a) que estes abandonassem suas quadrilhas; b) se inserissem em alguma atividade de trabalho; c) começassem a frequentar as igrejas. O centro

---

<sup>51</sup> NANCE, Jerry. Welcome to Global Tenn Challenge. Disponível em: < <http://globaltc.org/> >. Acesso em: 21 de agosto de 2014.

<sup>52</sup> Se existe uma obra que pode resumir bem a trajetória de Wilkerson esta obra é “A cruz e o punhal”. O livro transformou-se em um fenômeno dos mais vendidos e com cerca de 15 milhões de cópias sendo distribuídas em mais de 30 línguas. Em 1969, o livro viria a ser transformado em um filme estrelado por Pat Boone no papel de Wilkerson. O filme levou mais de 50 milhões de pessoas a assisti-lo em 30 línguas, em mais de 150 países.

relata que somente no primeiro mês de funcionamento, mais de quinhentos jovens tinham sido alcançados pela proposta do Desafio Jovem.

Todavia, se para aqueles que se encontravam em situação de fragilidade ,ou estavam inseridos em uma vida de crimes e desvios, uma das vias de “reeducação” promovidas pelo Estado eram as prisões, para os grupos cuja característica era a dependência química restavam-lhes os hospitais – em proporção bem menor se comparada com os números de prisões existentes -.

De certo modo, a aparição do trabalho do Desafio Jovem em Nova York desponta como uma alternativa em relação aos métodos de tratamento da época considerados escassos e limitados.

Conforme o relato de Wilkerson (1983, p. 46)

em toda Nova Yorque, existe apenas um hospital público, onde um viciado pode ser tratado: o Hospital Riverside. Está sempre superlotado, de modo que a admissão é muito demorada, quando não impossível. O outro hospital público, em todo, em todos os Estados Unidos, onde um viciado de Nova Iorque pode ser admitido, é uma instituição de aspecto desagradável em Lexington, estado de Kentucky, especializada no problema.

Desse modo, a origem do centro Desafio Jovem<sup>53</sup> apresenta-se totalmente ligada ao modo como se configurava a realidade da cidade de New York City - EUA - no final dos anos 1950.

Sempre regada por uma perspectiva religiosa, o que antes era um trabalho de um membro do seguimento da Assembléia de Deus, logo ganharia um apoio interdenominacional: episcopais, presbiterianos, batistas, reformados, entre outros (WILKERSON, 1983, p. 113). O engajamento desses no projeto perpassaria desde as contribuições para a sustentação do centro até o desenvolvimento de trabalho voluntário com os jovens internos.

Os trabalhos teriam início com cerca de 20 obreiros<sup>54</sup> recrutados da Escola Bíblica Central de Springfield – todos participantes de igrejas evangélicas -.Embora a maioria dos primeiros obreiros não tivessem suas raízes fincadas na história da comunidade alvo do projeto, à medida que jovens internos concluía o tempo no projeto, estes poderiam

<sup>53</sup> Surgido em 1960 situado na Avenida 416 Clinton no Brookly em New York, EUA. Tal casa serviria como abrigo e proteção para os jovens dependentes químicos daquela realidade específica.

<sup>54</sup> Obreiro é o termo utilizado para aqueles que atuam no “trabalho” no centro de tratamento. A classificação obreiro advém da passagem bíblica de 2 Timóteo 2:15. Desse modo, é atribuído exclusivamente àqueles que trabalham e têm certa vinculação ou reconhecimento com alguma das religiões do campo evangélico.

reingressar no centro como “novos obreiros”. Na obra de Wilkerson encontra-se a história de vida do obreiro Carlos. Membro de uma das priores quadrilhas de Nova York, esse tinha como estratégia retornar à sua antiga quadrilha para contar-lhes de sua experiência e, conseqüentemente, atrair mais jovens para o centro. Esse obreiro chegou a ser esfaqueado nas ruas em que trabalhava recrutando jovens para o projeto Desafio Jovem.

A dinâmica de trabalho do obreiro Carlos torna evidente como se constituía a dinâmica das rotinas desse centro: dinâmicas essas divididas a partir de rotinas internas e externas. Quanto ao primeiro tipo, impregnavam estratégias de recrutamento tendo como principais alvo jovens alcoólatras, prostitutas, membros de quadrilhas, entre outros<sup>55</sup>. Dentre essas estratégias, atraíam jovens através da proposta de ajudá-los. Evitava-se falar sobre religião ou conversão. Acreditavam que, uma vez inseridos na dinâmica do projeto, teriam, os internos, contato com esses valores religiosos, diminuindo as possibilidades de resistências.

Tendo o público masculino como principal alvo, Wilkerson perceberia, em meio à complexidade das quadrilhas que faziam parte do Brooklyn, que o trabalho com o gênero feminino se tornaria uma necessidade. É desse modo que surge uma dinâmica específica no interior do centro voltada em compreender e atuar de acordo com a realidade a qual estavam inseridas as mulheres das várias gangues do bairro do Brooklyn.

Uma vez adotando um trabalho que contemplasse ambos os gêneros, moças e rapazes seriam atendidos em ambientes separados no interior do próprio centro. Os obreiros e obreiras que os acompanhavam eram distribuídos(as) de acordo com o gênero.

De certo modo, uma das primeiras intenções dos fundadores do projeto era o trabalho com o público masculino. Todavia percebeu-se, desde as primeiras ações, que o público feminino também era tão impactado pelas drogas e violência da época quanto o público do gênero masculino, conforme visto na citação a seguir.

Os rapazes ficariam no dormitório do último andar, com os membros masculinos do nosso pessoal; as meninas, no do segundo andar, com as obreiras e os membros casados do nosso pessoal. **Pensávamos em trabalhar principalmente com rapazes, mas se encontrássemos uma jovem em dificuldade, centamente a receberíamos** (WILKERSON, 1983, p.115, grifos nossos).

---

<sup>55</sup> A rotina de atuação desse primeiro centro incluía cultos ao ar livre; apresentavam uma proposta salvífica com base nos princípios cristãos adotados – o que fez com que os trabalhos interdenominacionais ganhassem força dentro da dinâmica do projeto -. Ambientes distintos eram focos das ações externas - prisões, guetos, hospitais -, compondo assim um leque de ações internas e externas.

Adotando agora o trabalho com o gênero feminino, novos entraves e interações passam a se desenvolver. Essa resignificação favoreceria a abordagem de uma gangue específica dentre aquelas que ocupavam o espaço ao redor do centro: as chamadas “gatas”.

As gatas eram gangues femininas auxiliares às quadrilhas masculinas. Normalmente eram reconhecidas por nome semelhante à quadrilha que servem ou se associam. Normalmente, as integrantes desse grupo se envolviam em atividades sexuais, drogas, pequenos delitos, brigas, entre outros. De certo modo, as características dessas gangues inviabilizavam abordagens de obreiros no recém criado centro de tratamento, conforme relata Wilkerson (1983, p. 131).

Era inútil falar com elas; descaradamente me faziam proposta indecorosas. O que precisávamos era de uma jovem suficientemente bonita e atraente para conquistar o respeito das gatas, mas que também tivesse uma base sólida para a sua própria fé, de modo a não ser abalada com seus deboches e risos.

Assim, uma das estratégias para favorecer uma incursão sobre as “gatas” se deu a partir do recrutamento de obreiras, com o perfil acima, visando um trabalho específico com grupos femininos. De fato, à medida que as mulheres concluíam o tempo na instituição, algumas retornavam ao centro para atuarem como obreiras. Conhecendo a linguagem, os dilemas e problemas característicos do gênero feminino na realidade referida, existia a expectativa da instituição em utilizá-las como um meio mais favorável de acessar as gatas do Brooklyn, dando assim uma maior adequação às propostas de intervenções do centro e de seus participantes em relação à realidade abordada.

#### 3.4 PRINCIPAIS IGREJAS E CORRENTES RELIGIOSAS PARTICIPANTES DO CENTRO

Conforme já foi evidenciado, o trabalho interdenominacional iniciado com o projeto Desafio Jovem não foi interrompido. No Centro de Recuperação Rosa de Saron é perceptível significativa continuidade desse trabalho desenvolvido nos E.U.A. – nas dinâmicas, no recrutamento de jovens egressos para o trabalho de liderança, na intervenção religiosa, entre outros -.

Durante o tempo de pesquisa no campo, percebi um grande fluxo de voluntários que adentraram o centro de forma esporádica ou contínua. Eram voluntários, em sua maioria,

representantes das principais igrejas evangélicas da cidade ou da região - *Igreja Batista Betel, Igreja Batista Pinheirópolis, Igreja da Família, Igreja Remaná, Igreja Glória Maior, Igreja Palavra que Cura, Igreja Universal, Ministério IDI, Igreja Vida Nova, Igreja de Deus, Igreja Anglicana (episcopal), Igreja Adventista e Igreja Assembléia de Deus.*

Embora fossem denominações diferentes, os discursos religiosos professados no centro perpassavam, geralmente, por três linhas ou características doutrinárias distintas: Tradicionais, Pentecostais e Pós-Pentecostais ou Neo-Pentecostais<sup>56</sup>.

Enquanto eram proferidos, esses discursos passavam para as internas visões de mundos que hora se complementavam, hora se contradiziam. Tomados como representações do discurso dominante do centro, essas narrativas religiosas revelam que não apenas as relações das internas eram transpassadas por conflitos, tensões e contradições, mas a própria lógica ideológica do centro.

Assisti também, à medida que desenvolvia a observação participante, a conflitos entre as igrejas visando uma maior afirmação de espaço e captação de internas. Essas disputas gerariam, entre as internas e a própria direção do centro, pequenas divisões e adaptações mediante as estratégias adotadas pelas igrejas participantes. Desse modo, uma vez que cada um desses segmentos religiosos se traduzia em uma maneira singular de conceber os eventos sociais, compreender como se dá o processo de socialização das internas torna-se um exercício que perpassa pela evidenciação dos principais conceitos e atributos doutrinários advindos desses três segmentos religiosos respectivamente.

Para o referido trabalho, foram selecionadas 3 igrejas daquelas que atuam no CRRS. Cada uma delas advindas uma corrente teológica distinta – pentecostais, pós-pentecostais e tradicionais. São elas a Igreja Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Batista Pinheirópolis respectivamente. Essas que se destacam no cotidiano do CRRS devido à frequência que desenvolvem seus trabalhos em relação às demais igrejas participantes.

#### 3.4.1 A cruz pentecostal

Já fora apresentado que a palavra “cruz” traduz forte significação na tradição cristã. Carregar a cruz (Mateus, 16:24), no contexto bíblico, era uma expressão utilizada pelo próprio

---

<sup>56</sup> Escolhi enfatizar nesse trabalho as características das três correntes doutrinárias que regem as igrejas citadas uma vez que dar ênfase às minúncias doutrinárias de cada uma delas corresponderia em um trabalho excessivamente exaustivo, além de desvirtuar o real foco desse trabalho.

Jesus Cristo ao se referir a um conjunto de práticas e concepções que, quando adotadas, identificava judeus e posteriormente os chamados “gentis” como seus seguidores.

Foi perceptível que todos os segmentos tidos como evangélicos observados no campo de pesquisa se utilizaram dessa expressão em suas dinâmicas, cânticos, pregações bíblicas, palestras, entre outros. Todavia, ainda que se utilizassem dessa expressão bíblica, seus significados adquiriam contornos e representações específicas, concernentes às tradições e concepções teológicas de cada seguimento religioso, hora com aproximações, hora com acentuados distanciamentos<sup>57</sup>. Desse modo, “carregar a cruz”, ou seja, interagir e participar ativamente com cada um dos grupos que atuam no centro, exige de seus participantes compreensões elementares dos signos, símbolos e tradições que compõem cada uma delas.

As investidas de segmentos advindos do pentecostalismo podem ilustrar as afirmações expostas. Os pentecostais são grupos "evangélicos" sobre os quais, neste trabalho, se tornaria impossível falar, pois existem dezenas e dezenas deles. Atualmente no contexto brasileiro, esses grupos correspondem a segmentos advindos do protestantismo na esteira das transformações religiosas ocorridas no final do século XIX ao século XX (ROLIM, 1987). O que mais pode caracterizar essa religião é sua crença no Espírito Santo, o que determina a maioria de suas práticas religiosas. Segundo Lalive d'Epinau, um dos primeiros pentecostais, o pentecostalismo sintetizará o protestantismo (cristocentricidade, biblicismo, união da fé com a ética) com uma forma de espiritualidade que é característica das religiões “populares” (emoção, ritos de possessão, participação coletiva) (D'EPINAY, *apud* SIEPIERSKI, 2003, p. 72). Defendem suas relações com o chamado “pentecostes”, momento bíblico em que se narra o batismo do chamado "povo de Deus" com o fogo do Espírito Santo, conforme referência no livro bíblico de Atos (2:1-13). Uma das marcas desse segmento está na glossolalia. Para Rolim (1987, p. 07), "não é um rito como o batismo com água, e sim, a presença toda especial do Espírito Santo que tem como sinal exterior proferir algumas palavras estranhas".

A ação de falar em línguas – que Rolim (1987) vai traduzir como glossolalia - torna-se, para alguns segmentos dessa corrente doutrinária, um símbolo do que chamam de santidade – maior aproximação de um tipo ideal de cristão -; um símbolo de um contato ínfimo com o sagrado e respeito à sua vontade.

Durante as cerimônias religiosas é comum que algumas das internas, que se identificam com esse segmento, pratiquem a glossolalia. Enquanto exercia a observação

---

<sup>57</sup> O que não significa que isso ocorra de forma absoluta, pois os grupos evangélicos que adentravam o centro apresentavam-se tão heterogêneos quanto as próprias internas investigadas.



participante, fui convidado a trazer uma reflexão religiosa a algumas das internas. Nesse momento, como fruto das interações concebidas, uma das internas – Neide<sup>58</sup> - revela que tinha sentido o desejo de falar em línguas assim como os ministradores e demais internas prestigiadas no CRRS. Todavia, receosa, temendo que aquele momento de êxtase pudesse ser interpretado pelas demais internas como uma ação cínica, relata que se conteve, permanecendo assim calada.

Embora a prática da glossolalia seja um dos momentos mais expressivos do culto pentecostal, sua prática é percebida geralmente com certa desconfiança por parte das demais internas e lideranças. Ao “falar em línguas” na hora do culto, a interna passa a ser constantemente testada a fim que seja comprovada seu “atual estado de santificação” ou para que sejam descobertas intencionalidades diversas na atuação desempenhada.

Neide parecia saber disso. Líderes, coordenação e demais internas frequentemente narram episódios de internas que tiveram sua atuação questionada.

Tem uma que se converteu. (...) Logo na primeira semana que ela chegou aqui ai se converteu. Ai, (...) foi (...) uma igreja pentecostal. Ai ela viu o pessoal orando em línguas... ai ela foi e orou em línguas também. Eu achei estranho! (...) Fui falar com ela ai eu disse assim: - e por que você falou desse jeito? Ela disse assim: - eles num falam! Ai eu disse assim: - sim, eles receberam o dom do Espírito Santo...e você? recebeu o dom do Espírito Santo? –provavelmente! - Eu vi eles falando e falei e senti uma coisa boa...Ai foi...foi... (...) ai quando foi é porque o marido dela era marinheiro. (...) E ele tinha uns quinquênios pra receber (risadas). (...) Parece que esse dinheiro era quase a 800,00 mil reais. Era muito dinheiro. E ela queria mostrar para o marido que ela era uma mulher santa, pura, convertida, e que o marido poderia confiar nela e botar o dinheiro na mão dela. (RISADAS) (JANE SUELI, ENTREVISTA N6).

A corrente pentecostal - assim como as demais correntes evangélicas - crê na Bíblia como o único livro de fé e prática (embora as significâncias dadas a certos trechos bíblicos produzam sentidos muitas vezes bastante distintos). Acredita que os mesmos milagres, que aconteceram no tempo dos apóstolos, acontecem com eles também. Desse modo, a oração passa a ter um script; roteiro esse fornecido a partir das interações concebidas entre as internas e membros pentecostais. Ou seja, nas orações pentecostais é bem comum que as internas procurem os membros dessas igrejas para intercederem por problemas nas famílias, doenças, entre outros.

Para alguns dos grupos pentecostais, a preocupação com as vestimentas e adornos é tida como uma questão a ser sempre vigiada – como no caso da Igreja Assembleia de Deus -. Nesse segmento, elementos característicos da indumentária feminina - vestimentas tidas como

---

<sup>58</sup> Nome fictício.

sensuais, adornos, brincos, colares, entre outros -, passam a ser tidos como entraves para o estabelecimento de uma nova vida; uma vida de acordo com o que considera “a vontade de Deus”.



FIGURA 4: Internas assistindo culto na Igreja Assembleia de Deus  
FONTE: Pesquisa de campo, 2014.



FIGURA 5: Missionária Jane pregando na Assembleia de Deus  
FONTE: Pesquisa de campo, 2014.

Na figura 4 percebe-se alguns dos aspectos da vestimenta feminina no âmbito da igreja apresentada. Geralmente, saia ou vestido são as roupas típicas de quem frequenta essa igreja específica. A Bíblia na mão da menina no centro atesta um outro símbolo de reconhecimento e de pertença a esse segmento religioso. Ao me inserir no campo dessa igreja pentecostal percebi que as vestimentas do dia-a-dia das internas cediam lugar àquelas tidas como “condizentes ao ambiente o qual estavam inseridas” – que traduziam certa sobriedade em sua composição -. A roupa da missionária Jane (figura 5) também traduz essa preocupação no momento de apresentar-se a um grupo específico. Suas roupas e falta de ornamentos, além da Bíblia debaixo da mão, reproduzem um tipo ideal aceito da figura feminina assembleana (SILVA, 2014a). Ainda nessa imagem percebe-se como é constituído o tipo de vestimenta ideal do gênero masculino. Geralmente roupas sociais como terno e gravata. Até para os membros mais pobres da igreja essa é uma vestimenta indispensável que atesta sua pertença ao grupo.

Nos discursos proferidos no âmbito do centro, é dado significativo destaque a uma questão emblemática dessa tradição: a crença no milênio. Essa crença ganha destaque, pois marca, doutrinariamente, como o fiel tenderá a encarar os elementos constitutivos de sua realidade. Essa crença corresponde ao que chamam de “a segunda vinda de Cristo” em que acreditam que Cristo “virá fazer uma terra nova e um mundo sem sofrimento e sem males” (ROLIM, 1987, p.46). Na visão de Siepierski (2003, p. 73) "a escatologia pentecostal tem

como elemento central a crença em um período de mil anos de paz e prosperidade na Terra, ou seja, um milênio". A esperança de viver num mundo diferente ganha força e tende a levar o cristão adepto dessa corrente a aceitar certas injustiças e males do mundo social como legítimo. O mundo é classificado como mal, e que "jaz no maligno" (1 JOÃO 5:19). A esperança passa a ser depositada na justiça divina onde, um dia, todos esses males e sofrimentos terrenos serão superados (ROLIM, 1987).

A partir da interação com membros advindos dessa corrente, uma visão particular de mundo passa a ser concebida. Um ideal de conversão e um modelo de viver e interagir socialmente passam a ser adotados. Embora uma interna venha a professar sua fé nesse segmento específico, os aprendizados concebidos nesse grupo dialogam ou se transformam a partir dos contatos feitos com as demais tradições evangélicas – compondo um híbrido religioso que perpetua nas performances concebidas nas interações com as demais denominações e suas tradições evangélicas -. Assim, uma vez conhecido alguns dos princípios que regem a fé pentecostal, torna-se relevante perceber que os mesmos não representam os únicos canais de interação com as internas do CRRS. Dessa forma, ganha importância a evidenciação dos contornos dos demais grupos religiosos que marcam presença nas atuações e interações com as internas no campo do CRRS, como, por exemplo, as tradições religiosas de grupos pós-pentecostais como a Igreja Universal do Reino de Deus, conforme apresentado a seguir.

### 3.4.2 A cruz da prosperidade

Se levarmos em conta que a escatologia pentecostal defende que o milênio virá com o próprio Cristo, há uma outra corrente que acredita que o retorno do chamado "messias" colocará fim ao período do milênio – resultando assim em uma outra via de encarar e agir socialmente por parte de seus participantes -. Este grupo acredita que o milênio já teria começado. Acreditam que as bonanças do milênio já devem ser vividas no aqui e no agora. Para esses que recebem o nome de neopentecostais seria uma nova maneira de viver o pentecostalismo. Siepierski (2003) classifica-os como pós-pentecostais, pois essa postura religiosa representaria uma ruptura com os valores do pentecostalismo, o que desembocaria em uma nova proposta de "cruz" a ser seguida.

Existe um significativo abismo em relação a esses dois segmentos religiosos. Enquanto o primeiro é marcado pelo "afastamento das questões sociais, o desprezo pelos prazeres mundanos, o cultivo da sobriedade e da temperança, entre outras" (SIEPIERSKI, 2003, p. 73),

o que caracterizaria um modelo de vida asceta, a cruz neopentecostal<sup>59</sup> se distingue pelo "afastamento do pentecostalismo tendo como cerne a teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual" (Idem, 2003, p. 79).

Esta segunda corrente eclode a partir do abandono dos sinais externos ascéticos diferentemente da primeira. Enquanto o pentecostalismo cultivava certa sobriedade, os pós-pentecostais agem e vestem-se desprovidos desses elementos característicos do pentecostalismo.



FIGURA 6: Internas à caminho da IURD  
FONTE: Pesquisa de campo, 2014.



FIGURA 7: Internas e membros no interior da IURD  
FONTE: Pesquisa de campo, 2014.

Para o grupo tido como “os neo-pentecostais”, o afastamento do mundo cede lugar à cultura de consumo. Para esse segmento o chamado “reino de Deus” já teria iniciado, cabendo aos cristãos viver de forma próspera no mundo— sinal maior da ação divina sobre o indivíduo. Conforme o discurso de um de seus mais expressivos representantes – Edir Macedo - é “necessário “estar no mundo”, fruir o que o mundo tem de melhor, solver o néctar das suas primícias, exercer a mordomia cristã plenamente, pois somos “sócios de Deus” (MACEDO, *apud* RODRIGUES(b), 2003, p. 60-61).

De acordo com a visão bíblica pós-pentecostal, há uma grande fundamentação na passagem do evangelho de Mateus onde o próprio Jesus falara "Se, porém, eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós" (Mt. 12:28). O rito de expulsão de demônios significa para os pós-pentecostais o que o falar em línguas é para os pentecostais. "O reino de Deus expande-se por meio da expulsão de demônios" (SIEPIERSKI, 2003, p. 85). Desse modo, nas ações promovidas por esse grupo, a

<sup>59</sup> Tomando como referência as atividades desenvolvidas pela Igreja Universal do Reino de Deus no âmbito do centro.

trajetória de fracasso, desvio, violência, pobreza, entre outros, passam a ser atribuídas às ações do diabo – este tendo que ser expulso para que a agora “liberta” possa gozar de um mundo próspero preparado por Deus.

Suas adeptas são instruídas a estabelecer novas relações com o sagrado. A relação com o sagrado é professada como um elemento que embarcaria o fiel em direção a uma vida próspera no mundo. Ser próspero, na linguagem e teologia iurdiana pós-pentecostal, desponta como o principal sinal da sociedade divina estabelecida (SANTOS, 2009).



FIGURA 8: Doações de alimentos e materiais para limpeza feita por membros da IURD.  
FONTE: Pesquisa de campo, 2014.

A imagem 8 deixa transparecer aspectos da “prosperidade professada” a partir de grandes doações ao CRRS. A Teologia da Prosperidade (TP) é professada às internas e com ela a concepção de que é preciso “desejar a apropriação da “herança de Deus” por meio da obtenção, usufruto e controle de bens materiais, de coisas palpáveis que expressem socialmente ascensão, enriquecimento e prosperidade” (RODRIGUES, 2003, p. 24-25). Quando a interna do CRRS compreende algumas das singularidades que marcam o plano doutrinário desse segmento, em relação aos demais atuantes, tem a possibilidade de interagir com maior profundidade com os membros dessa denominação.



FIGURA 9: Internas exibindo o livro Nada a Perder do fundador da IURD Edir Macedo.  
 FONTE: Pesquisa de campo, 2014.

Caracterizando essa afirmação, percebe-se na figura 8 o quanto a doutrina iurdiana se faz presente através de seus membros e instrumentos doutrinários. Na referida figura as internas ostentam o livro do fundador da IURD – Edir Macedo – no lugar da Bíblia. A associação com esse símbolo marca a inferência de todo um conjunto teológico – TEOLOGIA DA PROSPERIDADE – que se torna a referência para as ações e crenças das adeptas a esse segmento religioso.

Por isso, é notório percebermos nos discursos de pastores e obreiros dessas igrejas mensagens de que "Deus quer que seus filhos comam a melhor comida, vistam as melhores roupas, dirijam os melhores carros e tenham o melhor de todas as coisas". (Idem, 2003, p. 24).

Será tido como um direito do converso ter essa vida de prosperidade. Este terá também o dever de dar o testemunho do que Deus é capaz de fazer com um indivíduo caso ele siga os seus preceitos. Sua prosperidade é um sinônimo de uma pessoa que ama a Deus. "O discurso clerical da IURD, afirma que o converso auferirá "saúde, amor e prosperidade" (Ibidem, 2003, p. 35).

Se por um lado o script pentecostal é marcado pela glossolalia e o afastamento das coisas consideradas mundanas; e o script iurdiano através dos discursos que buscam letigimar certa aproximação com as “coisas do sagrado” através dos bens e riquezas ostentados; por outro, existe ainda um terceiro grupo religioso cujas características – assim como as demais correntes religiosas - demanda de suas internas participantes o domínio de novos padrões de agir e de pensar durante o processo de interação. Esse grupo, conforme será visto, é apresentado como “cristãos tradicionais” representados pelos membros da IGBAPI.

### 3.4.3 A cruz tradicional



FIGURA 10: Liderança do centro e membros da Igreja Batista Pinheirópolis  
 FONTE: Arquivo pessoal, 2014.

Na figura acima a obreira Poliana (ao centro) posa exibindo seu diploma de conclusão de estudos bíblicos promovidos com o intermédio da Igreja Batista. Ao lado dessa obreira membros da Igreja Batista, bem como a própria missionária Jane, se agrupam como um sinal de legitimidade e reconhecimento do progresso obtido pela mesma. Sucesso esse reconhecido através da atuação da obreira em cumprir certos paradigmas característicos desse grupo religioso. Para eles, Poliana, nesse estágio final de sua carreira moral, aprendera o verdadeiro sentido das expressões bíblicas “levar a cruz” e “negar-se a si mesmo”; expressões essas tão emblemáticas na trajetória de quem adere à perspectiva cristã dessa corrente religiosa.

De acordo com a Convenção Batista Nacional (2002, p. 12)

o **levar a cruz** ou negar-se a si mesmo, expressa-se de muitas maneiras na vida do discípulo. Este procurará, primeiro, o reino de Deus. Sua lealdade suprema será a Cristo. Ele será fiel em cumprir o mandamento cristão. Sua vida pessoal manifestará autodisciplina, pureza, integridade e amor cristão em todas as relações que tem com os outros<sup>60</sup>. O discipulado é completo.

Embora os aspectos acima traduzam o tipo ideal de atuação de um cristão para os grupos Batistas atuantes, eles não representam anseios exclusivos destes. Para todos os grupos religiosos atuantes do centro, a busca por uma autodisciplina por parte das internas, a

<sup>60</sup> Semelhante ao que Foucault (2006) chama de “Metánoia”.

associação com os elementos tidos como sagrados e espirituais nas interpretações dos eventos cotidianos, o estudo da Bíblia e de seus respectivos dogmas constituem alguns dos elementos do “levar a cruz”.

Todavia, enquanto as ações das igrejas pentecostais, no interior do centro, traduziam uma mensagem que focava a realização de milagres e o falar em línguas (glossolalia); enquanto para os neo-pentecostais mensagens focando certa prosperidade financeira, a ostentação de símbolos que atestassem essa prosperidade, ações de valorização do corpo e da estima das mulheres do centro; para os Batistas tradicionais a ênfase no estudo e memorização bíblica tornaram-se algumas de suas principais formas de intervenção no centro.

De certo modo, a figura acima ilustra o orgulho da informante Poliana Travassos – ao centro - em concluir um dos cursos bíblicos intermediados por essa denominação. Na imagem acima, a reunião dos membros da Igreja Batista somados com a presença da diretora do centro – à direita – parecem legitimar todo o conjunto de atuações desempenhadas pela informante até o presente momento. O rito de passagem acima parece atestar para todos do centro a condição e o status atual da informante. O certificado transforma-se em mais um elemento a compor e testificar o novo script adotado por Poliana em suas atuações dentro e fora do centro.

Todavia, se por um lado a imagem e os exemplos acima podem corroborar para a inferência de que as relações entre os participantes do CRRS ocorram de forma harmoniosa, por outro, as socializações advindas do desenvolvimento desse processo deixam explícitos conflitos e competições entre a informante e algumas das demais instituições religiosas.

Uma vez que as mensagens teológicas promovidas pelas várias denominações eclodem de forma plural, ao ostentar a pertença a um grupo religioso específico, a interna pode passar a identificar as demais igrejas atuantes como portadoras de mensagens ou padrões sociais distorcidos. Padrões sociais aceitos por algumas passam a ser questionados ou até mesmo negados por outros. Se as observações constantes no interior do CRRS deixaram essa via bastante evidente, o relato da informante Poliana Travassos corrobora ainda mais para ilustrar as novas tensões e conflitos que emergem a partir da ação elucidada.

Poliana: eu me identifico muito com a Batista. Gosto muito do ensinamento. (...) é tão bom que eu só vou pra Batista. As meninas vão pra tudo o que é igreja, mas eu só vou para a Batista.

Pesquisador: O que muda com a conversão?

Poliana: muda o caráter; muda a maneira de vestir; a maioria chega vestindo aquelas roupinhas horríveis, como eu vestia um dia. Mudam as atitudes, né? A gente vem vendo com o passar dos dias a mudança. A gente vive num mundo onde as mulheres são horríveis em falar das outras; em fofocar (...). Algumas igrejas pregam heresias... histórias que deturpam; (...) versículos da Bíblia deturpados; ou a Bíblia todinha.



Poucas ou pouquíssimas reagem. (...) Geralmente eu mesma (...) abro minha boca quando eu vejo que tem alguma coisa errada (...). Já para não deixar elas (as internas), se a gente ouve todos os dias uma coisa e agora eu estou ouvindo outra? se tiver errado eu falo sim (POLIANA, ENTREVISTA N°2).

Ao acompanhar a trajetória da interna e posteriormente obreira Poliana Travassos percebi que ao professar certa predileção aos Batistas, e sendo ela líder do centro, sua maneira de avaliar a autenticidade das atuações das demais internas consideradas “conversas” adquire padrões e características singulares aos traços da denominação adotada. Os padrões, as condutas, a conversão das demais internas, tudo passa a ser questionado a partir dos valores religiosos professados. Atuações aceitas por alguns membros denominacionais, desse modo, passam a ser estigmatizadas por aqueles que pertencem a outras – por exemplo: o modo de se vestir, o vocabulário aceito, o tipo de mensagem bíblica proferida, entre outros-.

Contudo, seu perfil de liderança, as provas de confiança e o nível de assujeitamento disposto ao longo de anos na terapia religiosa, somados com a habilidade de manusear e instruir as demais internas com base nos conhecimentos bíblicos adquiridos, fizeram com que fosse considerada um tipo ideal de liderança por parte da direção do centro, o que traduz certa predileção desses em relação ao trabalho desempenhado por alguns segmentos religiosos específicos atuantes no CRRS.

Na verdade, a líder tem que ser como Poliana né? que tem uma boa conduta; que maneje bem a Palavra de Deus; que ela saiba explicar, saiba ter uma resposta quando as meninas perguntarem alguma coisa; que as meninas fazem perguntas muito difíceis né? Poliana mostrou uma mudança, por dentro e por fora. Porque eu não acredito em uma conversão em que a pessoa continua a mesma; continue gostando de ser sensual; continue gostando de falar aquelas gírias. Acredito em uma conversão quando ela muda de verdade (JANE, ENTREVISTA N6).

O relato da diretora acerca da líder Poliana Travassos deixa claro não apenas a condição da informante perante o grupo dirigente, mas evidencia elementos que servem para perceber em que medida se dá a ação e a reinserção de egressas na dinâmica do tratamento – uma outra etapa do desenvolvimento da trajetória de uma interna – conforme será visto a seguir.

### 3.5 AS NOVAS GATAS: INTERNAS E EGRESSAS NA LIDERANÇA DO CENTRO

Dentro da dinâmica estabelecida, todos aqueles que frequentam o CRRS, executando atividades que vão desde a ministração das chamadas “oficinas” até aqueles que desempenham atividades religiosas – pregação, louvor –, são conhecidos como voluntários.

A ação desempenhada pelos voluntários e a relação de proximidade e identificação com as demais participantes do grupo faz evocar o conceito simmeliano de “estrangeiro”. Na perspectiva sociológica anunciada, o estrangeiro não estaria submetido a componentes ou a tendências peculiares do grupo. Sua atuação não é dotada por uma “não-participação”, mas por uma forma específica e, segundo Simmel (1983, p. 184) “positiva de interação”.

Embora o visitante possa parecer próximo das internas em relação aos ideais institucionais professados - devido a parcela significativa daqueles visitantes que realizam atividades no centro não advirem das mesmas situações sociais que a maioria das internas; não terem vivenciado os traumas, conflitos e estigmas as quais foram submetidas durante o período do uso das drogas; ou por habitarem o centro de forma esporádicas – suas representações, por parte de parcela das internas, o coloca em uma dimensão distanciada. Devido ao fato de que algumas representações religiosas visitem o CRRS uma vez por mês, esses grupos passam a ser concebidos como “estranhos”, cujos elementos de distanciamento são maiores que os de proximidade.

É por essas e demais outras razões que Vandenberghe (2005, p. 125) contribui para situar os visitantes, no interior das relações do grupo investigado, como “alguém que faz parte do grupo sem fazer parte verdadeiramente, já que, vindo de fora, ele não partilha nem de sua história, nem de sua cultura<sup>61</sup>”.

Se por um lado o trabalho e o contato com os visitantes apresentam-se de forma bastante limitada, existe um grupo no interior do centro cujo trabalho, o contato e o reconhecimento de proximidade são concebidos de forma mais intensa: o grupo das obreiras.

---

<sup>61</sup> Todavia, a relação de proximidade e distanciamento pode variar de acordo com a história de vida individual das internas. Se pelo menos 16 das 40 internas investigadas se identificavam com as religiões evangélicas antes de adentrar o centro, para essas os discursos, práticas e concepções dos visitantes podem passar a não parecer tão estranhos se comparadas com as demais internas.

As obreiras, assim como são chamadas, são compostas, majoritariamente, por dois grupos distintos: a) aquelas que são membros de denominações cristãs e executam atividades diárias no centro; b) ex-internas egressas<sup>62</sup>.

Enquanto o primeiro grupo de obreiras é formado em ambientes exteriores ao centro, as obreiras egressas vivenciaram as mesmas experiências que suas lideradas; tendem a compreender a complexa rede de relações, negociações, conflitos e resistências que envolvem o centro. Forjadas desde cedo no interior do centro, passaram por vários estágios de desenvolvimento até chegar à condição descrita. Após ingressar no CRRS como interna, um primeiro estágio de seu desenvolvimento rumo ao posto de obreira ocorre quando esta ocupa a função de fiscal. Sendo aquelas internas mais próximas das líderes, essas atuam auxiliando em atividades de menor complexidade. É um dos primeiros estágios do desenvolvimento da trajetória de uma interna rumo a uma aproximação maior com as agentes, é comum que a essas sejam confiadas atividades de monitoramento das demais participantes. Essas também adquirem como função a captação de informações para agentes e direção. Ser fiscal, desse modo, é uma função que traz à interna uma condição de anonimato. É comum que essas não sejam reconhecidas em sua função pelas demais internas do centro, propiciando assim que as internas exibam para essas as fachadas geralmente omitidas no convívio com os demais membros dos postos de liderança. Ser descoberta como fiscal pode incidir sobre a interna estigmas e retalhações por parte de suas companheiras. Todavia, ser reconhecida como uma boa fiscal pode trazer-lhe uma aproximação maior com a cultura e o pensamento institucional, fazendo-a progredir ao posto de “líderes do centro” consecutivamente.

Assim, a reciprocidade entre as fiscais e demais membros da liderança passa a ser fruto de um conjunto de negociações, conflitos e impasses realizados cotidianamente (SILVA, 2008). A promessa de obter futuros privilégios tende a configurar-se em uma proposta sedutora frente à condição de dominação e controle que as demais internas são submetidas.

Um segundo estágio que antecede a condição de obreira é a de “líder de grupos”. Esse grupo de internas é formado por aquelas internas que conseguiram certo destaque no cumprimento e no assujeitamento às regras institucionais; professam “aparentemente” uma nova fé com base nos valores religiosos que tramitam pelo centro, além de terem sido consideradas aprovadas no exercício das tarefas e funções desempenhadas como fiscal. Essas líderes – diferentemente das obreiras egressas – não concluíram o período de tratamento,

---

<sup>62</sup> Durante a pesquisa foram acompanhadas em profundidade as atividades desempenhadas pelas obreiras e ex-egressas Poliana travassos (3 anos no centro) e Drielly Siqueira (8 anos no centro). Além disso, ambas foram submetidas a um conjunto indagações a partir da aplicação de entrevistas semidiretivas.

respondendo ainda na condição de internas. Todavia, o destaque dessas em meio às exigências institucionais, lhes proporcionou o monitoramento de atividades disciplinares para com as demais internas, além da possibilidade de desempenhar tarefas na cozinha, nos alojamentos, na portaria, entre outros.

Enquanto o grupo das fiscais e líderes exerce funções básicas no CRRS tal como as descritas anteriormente, geralmente as atividades das obreiras são constituídas por características mais emblemáticas como coordenar dinâmicas terapêuticas, dirigir cultos religiosos, receber visitantes, entre outros.

Desse modo, terem sido concebidas no interior do centro, compondo trajetórias semelhantes às internas que coordenam, o grupo de obreiras egressas passa a desfrutar de condições de liderança e controle superiores aos identificados como “voluntários”. Quando ambos os grupos interagem em cerimônias e demais momentos, enquanto o grupo dos voluntários tende a ficar mais ligado a execução do rito religioso, o grupo das obreiras egressas busca garantir o controle das internas por meio de mecanismos de controle disciplinares.

As relações com as internas também são desenvolvidas de forma bastante distinta. Enquanto os voluntários exercem atividades em dias esporádicos - mediante agendamento - as obreiras egressas residem no próprio CRRS, tendo maior contato com os conflitos, violências e estigmas que marcam o cotidiano das relações. Conforme foi evidenciado, a relação das internas com os voluntários tende, na maioria das vezes, a tornar-se menos ásperas do que a estabelecida com as obreiras. Conforme será evidenciado, à medida que esse contato é regido por um conjunto de cerimônias institucionais, muitas das tensões, conflitos, resistências e negociações são encobertas por atuações muitas vezes condizentes com a representação esperada por parte dos espectadores – os voluntários (embora isso não signifique que sejam extintos) -. Todavia, quando o contato se torna mais perene e o voluntário passa a galgar o posto de obreiro todos esses aspectos ocultados pelas cerimônias institucionais tendem a revelar as contradições, resistências e conflitos característicos das relações entre a equipe dirigente e o grupo das internas.

Ao não ser compreendida por uma missionária que visitava o centro, a coordenadora Jane Sueli lembra, com risadas, um episódio que ilustra as dificuldades de quem pretende estabelecer uma vivência prolongada de liderança sem ter passado pela condição de interna no centro.

Missionária Jane Sueli: Tinha uma irmã que ela vinha para cá de João Pessoa. Quando ela veio tava uma turma muito rebelde. E eu já tinha falado: - ó, tá chegando um pessoal da Paraíba; é uma turma de missionários. (...) Eu quero que vocês fiquem bem obedientes; calmas; que é pra passar uma imagem pra elas bonitas; pra que elas voltem sempre. (...) Só que na hora que chegou o pessoal teve uma discutindo com a outra dizendo palavra de baixo calão. Ai eu tive que dizer: - **que isso rapaz, você está errada ! você vai ficar em disciplina** (gritando) (...). Isso a missionária, quando viu isso, se surpreendeu(...). A missionária ficou escandalizada com aquilo e disse: - irmã Jane (...), **a senhora não pode falar assim com elas**. Eu disse: - olhe, eu tenho que alterar a minha voz porque senão ela cobre a minha; e se eu deixar ela cobrir a minha eu não terei como ajudá-la mais. Eu disse o que era necessário, mas eu não gosto disso. (...). Ai (...) essa irmã (...) disse: - eu venho passar meu mês de férias aqui e a senhora vai ver que não é preciso gritar.

Pesquisador: E ELA CONSEGUIU?

Missionária Jane Sueli: no terceiro dia eu tava no meu quarto e só ouvi: que isso minha gente?! o que é isso? (gritando). Ai eu pensei: -essa é a voz da irmã (...). Daqui a pouco ela chegou aqui pálida: - irmã Jane, eu vou lhe dizer uma coisa...ligue agora pelo amor de Deus ...pra comprar uma passagem pra mim pra eu ir pro Ceará (...). Aquela fulana de tal (...) ela me tirou do sério. Falei com ela 3 vezes e ela tirando onda com a minha cara. E ainda fazendo assim catucando a outra com o pé e dizendo **vamos, vamos abusar mesmo**.... (Jane) Ai ela chegou e relatou que disse: - **me respeite porque eu não usei crack como você; eu não vivi como você; eu sou uma mulher de Deus** (JANE SUELI, ENTREVISTA Nº6, grifos nossos).

A peculiaridade do relato acima também contribui para visualizar um fenômeno característico das experiências de conflito no CRRS. Embora o centro seja permeado por indivíduos plurais, no momento em que uma aparente ameaça em comum emerge, ambas se unem sob a liderança e incentivo de uma das internas. Conforme Vandenberghe (2005, p. 120), citando o pensamento simmeliano, “o sinal de uma oposição e de uma hostilidade (...) une os oponentes em uma mesma luta e a propósito do mesmo litígio.(...) desse consenso fundamental, (...) no conflito, as partes misturadas (...) se unem para lutar”.

De certo modo, o relato acima traduz não apenas a resistência das internas em relação às práticas e pensamento dominantes, mas representa uma contra-estigmatização à postura da missionária que evoca certa categorização e antigos atributos das identidades sociais das internas como elemento de distinção em relação às mesmas. Relevante perceber que o momento de fúria e frustração da referida missionária torna evidente que nas relações entre internas e visitantes o primeiro grupo não figura como sendo o único a produzir fachadas, atuações e representações.

No caso dos voluntários do sexo masculino, as ações que revelam as resistências das internas quanto à dinâmica e a lógica institucional não se constituem apenas por meio da rebeldia, mas por aproximações sensuais e propostas sexuais.

Sabendo que a norma interna nº14 (QUADRO 2) preza que todas as internas devem agir de forma respeitosa para com os visitantes, enquanto estive na condição de observador participante pude evidenciar alguns dos voluntários - pastores e obreiros - deixarem de trabalhar no CRRS devido a abordagens semelhantes às aquelas acima descritas. Nessa estratégia de resistência, alguns aspectos inerentes ao comportamento feminino são fortemente exteriorizados - fragilidade, delicadeza, sensibilidade -, desde aqueles considerados mais sutis até aqueles mais ousados - como sensualidade e sexualidade (ANDREOLI, 2010) -. Essas estratégias são concebidas como meios de aguçar o sentimento de virilidade do sexo oposto, desvirtuando-o de seu papel institucional. Um ataque pessoal, nesse caso, pode se converter, na lógica das internas, em um ataque à própria instituição.

Se por um lado, essas mulheres são responsáveis por entraves tais como os descritos acima, por outro, a integração daquelas que desenvolveram uma carreira moral condizente aos valores idealizados possibilita o conceber de novos níveis de interação com a instituição e seus membros.

Todavia, a dificuldade em trabalhar com mulheres oriundas de experiências no âmbito da prostituição e das drogas parece não ser um entrave exclusivo do universo do centro investigado. O próprio fundador do Desafio Jovem (projeto esse que inspirou o trabalho de vários outros centros com a proposta de reabilitação de jovens em estado de dependência química) enfrentou problemas quando trabalhou com a chamada Gangue das Gatas. Esse grupo de mulheres, quando abordadas por Wilkerson, inviabilizava uma ação que favorecesse a consolidação da proposta do centro. Dadas as características do próprio grupo – que envolvia atividades sexuais, brigas, drogas – Wilkerson exclama que era inútil falar com elas. Desse modo, seu centro passa a investir em jovens mulheres que pudessem confrontar as chamadas “gatas” sem serem abaladas pelos deboches, risos ou propostas sexuais.

Logo depois que as primeiras gatas entraram para o centro, uma vez que compreendiam os aspectos culturais e sociais de suas gangues, à medida que abraçavam uma nova fé (dotadas de valores sociais) eram incluídas no plano de reabilitação como obreiras. De certo modo a proposta de atuação de Wilkerson parece vigorar ainda com significativa força nos centros de recuperações femininos. Para a informante e obreira Poliana Travassos essa condição de inclusão de ex-internas para o trabalho de liderança figura com bastante relevância nas interações e dinâmicas estabelecidas no centro.

Pesquisador: O que um líder precisa para saber trabalhar com essas internas?

Poliana: (risadas) me pegou! Eu vim da mesma situação que elas. No seu caso, você não tem nada haver com isso (PLINANA, ENTREVISTA N2).

Existe uma expressão que corre o centro – de forma paralela e marginalizada - e que revela o poder exercido pelas internas enquanto promovem atos de resistência frente àqueles “aparentemente” distantes da cultura institucional: “fazer bolinha”. Essa expressão denota que nas relações estabelecidas não apenas os agentes voluntários ou obreiros detêm poder. Mas, à medida que ele é conferido a outrem, as práticas e estratégias de resistências se reinventam.

A ação da interna em “cutucar” a outra dizendo: “-vamos, vamos bagunçar mesmo” revela a existência de lideranças paralelas entre as internas; lideranças essas que fundam novas relações de poder e, conseqüentemente, aprendizados paralelos àqueles considerados institucionais. Embora alguns dos principais alvos dessas internas sejam os voluntários, Revel (2005) adverte que não é contra o poder que eclodiriam necessariamente suas lutas, mas contra certos efeitos dele; esse, assim, emerge contra certos estados de dominação existentes.

Desse modo, para aquelas que cumprem as regras, que progridem dentro de uma expectativa religiosa; para aquelas que assumem os papéis institucionais conferidos, a condição de liderança é uma das mais prováveis rotas nas trajetórias a ser conquistada. Todavia, para as demais participantes – estigmatizadas a partir da eclosão de vários conflitos institucionais – novas possibilidades de lideranças paralelas afloram formando poderes paralelos à medida que se reinventam na busca de formas distintas de resistências<sup>63</sup>.

### 3.6 ESPAÇOS E SUJEITOS

A geografia do centro é marcada – como na maioria das instituições totais – por espaços que caracterizam as diferentes fases do desenvolvimento da trajetória das internas no interior do centro. Cada um desses espaços serve para identificar, consecutivamente, as lideranças estabelecidas – sejam elas líderes ou “obreiras” egressas -. Aliar-se ou não a essas lideranças estabelecidas pode implicar em maiores ou menores possibilidades de frequentar tais espaços.

---

<sup>63</sup> Rompendo essa dicotomia, não se anula a possibilidade de uma interna participar dessas duas esferas simultaneamente – conforme será evidenciado mais adiante.

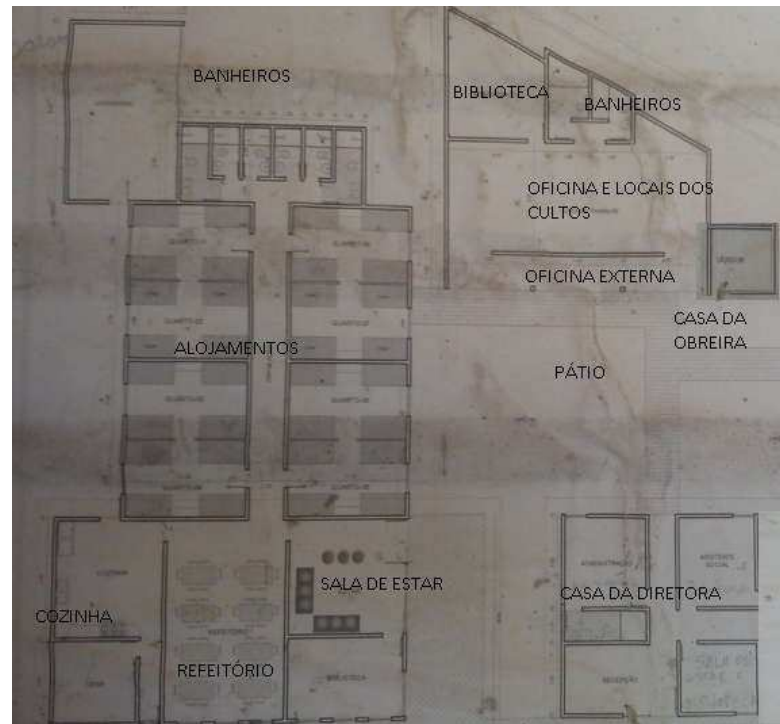


FIGURA 11: Planta do Centro Rosa de Saron  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2014

A estrutura do centro é projetada para que todas as internas sejam constantemente observadas. Essa estrutura panóptica favorece o desenvolvimento de relações que operam para o funcionamento de dispositivos disciplinares e coercitivos.

Além da casa da obreira, que se destaca como um espaço privilegiado de observação do ambiente externo e de parte significativa de ambientes internos, as internas são instruídas a manterem observações constantes umas para com as outras.

uma vigia a outra; essa regra tem que ser bem visível. Uma tem que ficar de olho na outra. (POLIANA, ENTREVISTA N2).





FIGURA 12: A casa da obreira (grifo nosso)  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2014.



FIGURA 13: Limites de arame do centro  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2014.

Durante a pesquisa de campo identifiquei que essa casa – figura 12 - foi ocupada pela informante e obreira Poliana Travassos. Ao conquistar esse espaço, a referida informante passou a usufruir de uma intimidade e privacidade que para a maioria das internas era negada. Portadora de um espaço próprio, Poliana passava a usufruir de elementos que lhe traria certa distinção em relação às demais internas: como um quarto próprio; uma cama própria; uma cozinha própria, entre outros benefícios.

Não era um espaço em que qualquer mulher na condição de interna pudesse adentrar. Percebi que aquelas que adentravam esse espaço eram internas que se destacavam no cumprimento e assujeitamento às regras institucionais – ou pelo menos davam provas dessa condição, inclusive para a informante Poliana -. Nesse espaço, assim como na casa da diretora do CRRS, existem pequenas janelas que dão condições para que “quem está dentro possa observar quem está fora sem ser observado”.

Os limites do centro são constituídos por cercas de arame farpado, o que traduz simbolicamente que sair já não é uma questão de escolha; que sair é um dos vários desejos vetados pela instituição. O arame traduz, em suas farpas, as dores que atingirão a todas que tentarem transpor os limites do centro. Já a cozinha é um posto dedicado às internas mais “exemplares”. É um dos espaços mais restritos do centro, uma vez que o acesso a objetos cortantes pode representar uma ameaça em um ambiente regido por resistências e conflitos tão expressivos.

Durante o tempo da pesquisa percebi que esse ambiente era liderado por internas provenientes da dependência do álcool – além de uma escolaridade superior às demais; seguidas por uma postura (comportamento) mais refinado (polido). Ao questionar a

coordenadora Jane acerca dos critérios para a inclusão de uma interna nesse espaço, a mesma apresenta uma série de qualidades que as distinguem das demais que fazem parte do centro.

Gislene<sup>64</sup> foi Alcool (...). Ela entrou numa depressão e (...) ficou viciada. Mas é uma mulher polida, educada, sensata; o mundo pode desabar ali...ela tá na dela... não se envolve. Se ela vê alguma coisa de errado aí ela chega perto de mim e diz: - mãe Jane, vigie fulana, vigie ela. Chega aqui discretamente, diferente das outras que quando tem alguma coisa pra resolver chega dizendo: - EI MÃE JANE...VEM CÁ...FULANDO FEZ ISSO (FALANDO ALTO); aí a gente sabe diferenciar. Como Gislene eu acho que aqui tem umas dez dessa turma todinha. (JANE, ENTREVISTA, N6).

De acordo com a coordenadora do centro, o ingresso da interna na liderança na cozinha representou uma extensão do processo de socialização adquirido em momentos anteriores. Além disso, saber se sair dos conflitos internos e trabalhar com informações como elementos de troca – negociando-os com a direção - são alguns dos componentes que a coordenadora apresenta para o referido desenvolvimento da trajetória da interna. Para essas, a cozinha pode representar ainda um meio pelo qual certo distanciamento pode ser conferido de uma interna em relação às demais; uma maneira de burlar as demais atividades desenvolvidas no centro; um meio de autopreservação.

Uma sala que fica ao lado da cozinha é o refeitório. Nos momentos das refeições, ao som do apito, as internas abandonam suas ocupações, funções, terapias e formam uma grande fila. Todavia, um ritual é realizado nesse momento. Antes de receber as refeições, todas as internas passam em frente a uma parede que contém as 23 regras do centro – conforme a imagem a seguir.

---

<sup>64</sup> Nome fictício.



FIGURA 14: Fila para o jantar  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2014.

Durante pelo menos 4 ou 5 vezes ao dia, as internas passam em frente às regras. Ao ficar no refeitório – que geralmente é um espaço restrito àquelas que passam pela terapia – as regras não são visíveis àquelas que visitam o centro. São postas a fim de lembrar às internas os elementos que podem levar cada uma delas ao desenvolvimento de uma promissora carreira moral no âmbito da instituição.

Ao lado do refeitório fica o dormitório – este que fica sob a liderança da interna Juliana (segunda vez que frequenta o centro, 4 meses de interna) -. Embora seja sempre mantido em ordem – conforme ilustrado nas regras institucionais – a única entrada e saída desse compartimento ilustra o poder e a dominação institucional sobre o tempo, as rotinas e os corpos das internas. Permanecer no dormitório nos horários estabelecidos demarca parte significativa dos status das internas no cotidiano do centro. Poder circular pelos espaços regulares – pátio, refeitório, salão dos cultos, oficina, casa da coordenação, entre outros – nos horários de reclusão (dormir), no entanto, demarca a rotina de privilégios conquistada por outras.

A casa da coordenadora – ou da direção - também funciona como sala de recepções no centro. Esse ambiente é estruturado como forma de atender aos padrões externos distorcendo-se dos ambientes diversos em que as internas são geralmente inseridas. De todo o centro, este

é o único lugar em que existe um sofá. Neste espaço é exibida uma planta (projeto) que ilustra o potencial do centro para expansão e ampliação de sua estrutura.

Álbuns e fotografias ficam expostos para mostrar aquilo que a instituição tem de melhor. Suas dinâmicas, seus líderes, suas melhores internas. As dores e murmurações percebidas no interior do centro, neste espaço, cedem aos constantes sorrisos exibidos, firmando um outro lado da instituição. Busca-se, com isso, apresentar uma versão melhorada da instituição - além de fornecer uma exibição dos ciclos de atividades pelos quais as internas são submetidas -.

De todas as líderes que vivem no centro, aquela que é encarregada em coordenar esse espaço é a egressa e obreira Drielly Siqueira .



FIGURA 15: Obreira Drielly Siqueira no escritório do CRRS.  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2014.

A figura acima expressa bem a condição da informante Drielly e sua relação com esse espaço e seus principais sujeitos. Ao buscar um lugar para posar para foto a interna deixa revelar sua tentativa de identificação com a coordenadora e diretora do centro Jane Sueli, esta exposta na fotografia no fundo da imagem. Assim como a informante Poliana, Drielly adquiriu condição privilegiada na dinâmica do centro.

Goffman (1974, p. 91) assinala que “um pequeno grupo de internados protegidos pode (...) acompanhar os visitantes na instituição. Os visitantes podem, facilmente, considerar a

lealdade e as habilidades sociais desses recepcionistas como o exemplo de todo o grupo”. Esse foi (enquanto interna) e continua sendo o papel de Drielly Siqueira nesse posto.

Todavia, diferentemente das informantes e líderes Poliana e Juliana<sup>65</sup> – que passavam a maior parte do tempo em contato direto com a maioria das internas do centro - sua postura polida, letrada, esboçando lealdade e respeito à coordenadora Jane, colocara a informante e agora líder do centro Drielly Siqueira em um cargo de alta confiança para a direção: recebia e realizava telefonemas, coordenava decisões internas – liberação de materiais, cardápio, recebia os visitantes, entre outros -.

Nesse espaço, diferentemente das demais, essa informante gozava de alguns privilégios. Ouvia música, utilizava a internet; essas eram algumas das coisas que mais apreciava. Percebi que o lugar em que habitara marcava dois momentos peculiares das trajetórias das internas no centro: era um lugar em que o ritual de mortificação do eu das novas internas era iniciado; após inseridas na dinâmica do centro, os retornos das internas à esse local geralmente envolvia algum procedimento disciplinar, conforme relata a informante Juliete acerca de sua experiência após destratar um membro da coordenação.

Eu era chamada (para a sala da diretoria) quase toda semana nos primeiros dias. Nos primeiros meses eu vim aqui, descia aqui direto. (...) Com 15 dias que eu tava aqui; eu falei alto com mãe Jane (...). Aquilo dali me fez (...) sentir nojenta. (...) Como é que eu falei uma coisa daquela (...) pra (...) uma pessoa que me acolheu? (JULIETE, ENTREVISTA N4).

Todavia, para as internas, esse é um espaço que representa bem mais do que um “lugar para a disciplina”. Este espaço pode, para algumas, ser um lugar da dor, da disciplina; para outras, pode representar um lugar de separação das tensões que envolve a rotina em uma instituição total; um lugar de alívio; um espaço para usufruir de certa libertação – ainda que temporária.

Geralmente, percebia as líderes do centro adentrando esse espaço. Este local possibilitava à interna um maior acesso a bens e serviços os quais não eram frequentemente acessíveis às demais participantes. Por exemplo: realizar ligações para parentes; acessar a internet – uma vez que a casa da diretoria possui uma rede Wi-Fi com alcance limitado.

Acessar a casa da diretoria de forma voluntária (sem maiores pretextos) é concebido para as participantes internas como um sinal de status nas relações estabelecidas. Desse modo, além das consideradas líderes, as internas com maiores influências no grupo buscavam essa

identificação através da lapidação de redes de sociabilidades com as líderes – à medida que davam provas de que abraçavam a cultura institucional.

Conforme exposto, a casa da diretora representa um lugar de estigmas e, ao mesmo tempo, um lugar de libertação da dureza que compõe o mundo das internas e de suas principais agentes. Um espaço paradoxal, assim como o próprio CRRS e seus participantes – internos e externos -. Um lugar onde são fomentados desejos, mas também amarguras, uma vez que as internas indisciplinadas são a essa sala conduzidas sofrendo as sansões e rigores reservados geralmente àquelas consideradas desviantes das normas e dominação institucional. De desejos, pois quem frequenta esse espaço encontra a liberdade momentânea. Liberdade essa capaz de promover a devolução dessas ao mundo mais amplo, ainda que seus corpos permaneçam cativos nos espaços institucionais<sup>66</sup>.

### 3.7 AS CERIMÔNIAS INSTITUCIONAIS: O OUTRO LADO DA INSTITUIÇÃO E DE SEUS AGENTES

#### 3.7.1 Aniversário do centro: mecanismos de divulgação

O processo de socialização das internas é marcado por fortes contrastes. Durante o período da pesquisa era muito comum encontrar internas que se queixavam da comida servida, da estrutura do centro, da rigidez das normas institucionais, entre outros elementos. Por outro lado, também foi comum evidenciar líderes do CRRS que denunciavam fortes tensões e conflitos em suas interações com as demais internas.

Todavia, embora o universo do CRRS seja permeado por conflitos e tensões que envolvem os sujeitos de diferentes grupos – agentes e internas – nem sempre essas relações são concebidas com semelhantes níveis de intensidade.

Goffman (1974) pontua que existem, no cotidiano da vida institucional, momentos marcados por uma liberação das formalidades; uma suavização da cadeia usual de ordens,

---

<sup>65</sup> Essas que atuavam diretamente com as internas constituindo-se, assim, em principais agentes transmissores da cultura e da tradição institucional.

<sup>66</sup> Interessante perceber que parcela considerável das internas que frequentavam espontaneamente a casa da direção do CRRS participavam de alguma comunidade virtual. Ao ingressar nesse espaço virtual percebia que muitas das postagens, fotos, entre outras ocultavam a dureza do que é viver em um centro de recuperação. As internas, nesse momento, se recriavam, de acordo com os padrões externos. Interagiam com indivíduos da sociedade mais ampla adotando padrões distintos daqueles característicos do CRRS.

essa que tende a romper a distância que separa dirigentes e internas. Esses momentos o autor classificou como “cerimônias institucionais”.

Durante a incursão etnográfica percebi vários momentos que podem ser enquadrados de acordo com a classificação teórica anunciada.

Levando em consideração que as cerimônias institucionais podem ser concebidas com objetivos muitas vezes distintos, uma que ganhou grande destaque “como órgão de divulgação” ocorreu no dia 19 de outubro de 2014 - durante a comemoração dos 13 anos do CRRS.

Nessa festa anual, o CRRS era tomado por uma nova roupagem, seguido pelas colaborações e interações entre seus sujeitos. Os espaços internos se modificavam; se ajustavam mais aos padrões externos. A dureza de viver no centro era suavizada, reforçada nos discursos proferidos e mensagens expostas em vários ambientes.



FIGURA 16. Placa comemorativa dos 13 anos do centro Rosa de Saron<sup>67</sup>.

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.



FIGURA 17. Mesa montada em comemoração aos 13 anos do centro

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Placas e mensagens – elaboradas sob a perspectiva dominante do centro (como as expostas acima) - parecem ignorar as tensões, conflitos e resistências existentes nas interações concebidas (conforme a figura 16). Fornecem uma visão do centro melhorada em relação à proposta de cura que defendem.

Embora nem todas as internas participem do momento de preparação, aquelas recrutadas se comprometem em buscar reforçar a ideologia do centro – ainda que suas

<sup>67</sup> Essa placa passa a representar uma versão idealizada das relações entre internas e equipe dirigente nas relações estabelecidas no centro.

atuações venham a representar interpretações cínicas para suas demais companheiras -. Desse modo, as internas recrutadas para o trabalho, os testemunhos professados, os veículos de divulgação de notícias expostos – cartazes, murais, fotografias<sup>68</sup> -, todo o material apresentado “tende a fechar um círculo em torno da instituição e a dar um caráter de realidade pública ao mundo interior” (GOFFMAN, 1974, p. 86).

Logo o salão dos cultos se encheu de visitantes. As internas que assistiam à cerimônia utilizavam suas melhores roupas; indumentárias essas que não se faziam presentes na maioria dos encontros cotidianos.

Todas as igrejas que realizam trabalho de visitas no CRRS eram representadas. Embora tivessem diferenças teológicas, os membros das demais igrejas compartilhavam o mesmo espaço. Assim como os conflitos e tensões entre as internas eram abrandados, de igual forma esse fenômeno atingia as denominações evangélicas participantes. Era um encontro em torno de um objeto em comum. Era um momento, antes de tudo, de se prestar contas dos resultados obtidos através das parcerias estabelecidas.

As denominações evangélicas e seus representantes eram homenageados. Cada um deles tinha, através dos discursos dos agentes e dirigentes - e até mesmo das próprias internas - seus papéis reforçados quer fosse como doadores (alimentos, materiais de limpeza, recursos financeiros, entre outros), quer fosse como visitantes, como professores, como recrutadores.



FIGURA 18. Homenagem aos colaboradores e visitantes do centro.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

<sup>68</sup> Geralmente as imagens exibidas forneciam recortes de momentos pelos quais internas eram submetidas durante seus processos de socialização. Ao acompanhar todas as fotos exibidas, percebi que os sorrisos, descontrações, práticas de orações e interações harmoniosas apresentavam a postura ideal das internas, líderes e demais obreiras ideais.



A atuação fornecida pela direção, líderes e internas consolidava antigos laços com os considerados parceiros do CRRS, além de possibilitar a abertura de novos.

Enquanto a atuação das internas, bem como das líderes, se prendia dentro de uma perspectiva idealizada nos valores do centro – esta voltada a um público externo -, outras cerimônias institucionais favoreciam o afrouxamento ou até mesmo as inversões dos papéis concebidos, fornecendo assim novas possibilidades de atuações. Esses momentos se constituem através das cerimônias natalinas, gincanas e confraternizações internas, conforme exposto a seguir.

### 3.7.2 Natal, gincanas e confraternizações internas: invertendo os papéis

O período natalino se aproximava. Portanto, a maioria das internas sabia o que isso significava. Muita coisa estava para mudar.

Durante o mês inteiro, muito se fez expectativa em relação à ceia natalina. Doações de diversos grupos de colaboradores do CRRS – advindos de instituições públicas, privadas e religiosas – chegavam anunciando mudanças eminentes. O cardápio estava prestes a mudar dando lugar a uma mesa repleta de pratos incomuns no dia-a-dia. Foi comum perceber que certas concessões eram feitas para as internas consideradas mais exemplares. As visitas costumavam acontecer com mais frequência. Às mais exemplares eram dados privilégios - como passar esse período na companhia de seus filhos e filhas no interior da instituição.



FIGURA 19 – Líder Juliana emocionada com a vinda da filha ao centro.

Fonte: Arquivo pessoal, 2014.

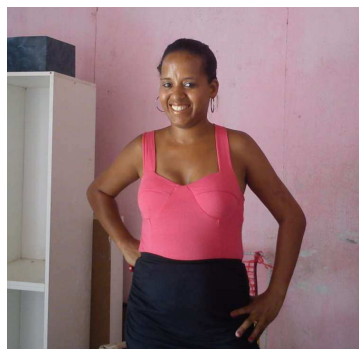


FIGURA 20 – Líder Juliana à espera de sua filha.

Fonte: Arquivo pessoal, 2014.

Os privilégios acima mencionados podem ser percebidos na trajetória da informante Juliana. As figuras 19 e 20 revelam o resultado do assujeitamento da líder Juliana em relação

à dinâmica do centro bem como ao momento especial vivenciado. Assim como algumas das líderes do centro, ao exercer um desempenho enquadrado aos padrões aceitos institucionalmente, com uma atuação considerada convincente tanto para o centro quanto para sua família (tutores), a informante Juliana ganhou a oportunidade de receber sua própria filha para passar com ela o período natalino e o fim de ano a filha no interior do centro – passando com ela cerca de 20 dias – suavizando ainda mais a dureza e as privações sofridas durante a internação.

Contudo, não apenas a liderança é recebedora de privilégios nesse período. Assim como essas, algumas internas conquistavam o direito de sair do espaço do CRRS e retornar momentaneamente às suas famílias. À medida que essas relações eram concebidas as barreiras entre o dentro e o fora eram mais abrandadas.

Enquanto o centro era adentrado por visitantes, as relações entre liderança e internas ficavam mais suavizadas, até mesmo se invertendo “momentaneamente”, como no caso das gincanas internas promovidas. Um segundo evento em que a participação dos visitantes viria a alterar as interações entre líderes e internas ocorria durante as gincanas institucionais. Contando com a participação de visitantes advindos da Igreja Universal do Reino de Deus<sup>69</sup>, a rotina do centro era rompida, ainda que momentaneamente, bem como os papéis desempenhados por líderes e internas.

Postas em igual situação, internas e líderes se misturavam nas competições estabelecidas. Uma vez formadas as equipes, papéis eram momentaneamente esquecidos. Nesse modelo de cerimônia institucional o controle e a dominação exercidos podiam ser invertidos no momento em que algumas internas se tornavam “comandantes de grupos da gincana”. Já as líderes do centro podiam, nesse momento, ser transformadas em “lideradas”. Enquanto as líderes do centro recebiam esse posto por serem consideradas “tipos ideais” ou por terem correspondido de forma positiva às investidas e controles institucionais, agora postas lado a lado, até as internas mais insubmissas tinham, nesse momento, a oportunidade de buscar superá-las – o que trazia todo um conjunto simbólico às práticas estabelecidas -. Era o momento de “dar o troco”!

---

<sup>69</sup> Esses que atuavam coordenando, julgando e premiando os vencedores, além de determinar as atividades a serem desempenhadas.



FIGURA 21. Gincana institucional.

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.



FIGURA 22. Interna competindo na gincana institucional.

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Enquanto as normas internas vetam quaisquer ações de deboches ou ridicularização das internas em relação às suas líderes ou a elas mesmas (conforme preza a norma nº20; QUADRO 2), no momento em que essa cerimônia institucional se processa, tais atos passam a ser tolerados, ou até mesmo incentivados. O abrandamento do código interno é algo presente nas relações estabelecidas a partir das cerimônias institucionais. Assim como nas festas anuais de aniversário do CRRS, nos festejos natalinos e nas gincanas institucionais, esse abrandamento também ocorre nos momentos de confraternização do grupo. O último ocorrido se deu no dia 15 de dezembro de 2014. Era um momento bastante esperado pela maioria das internas. Esse evento se processou em um espaço fora dos limites do centro – na zona Rural de Caruaru -. Somente o traslado podia ser tomado como um alívio para algumas daquelas internas – uma vez que desde que adentraram o CRRS, dele não mais saíram -.

Uma vez no espaço de lazer, as tensões, as regras e o controle existentes no centro se abrandavam, embora não tenham desaparecido por completo. Nele os corpos buscavam se libertar. Uma vez no ambiente da piscina, os corpos podiam ser exibidos abertamente; sem censura. Revelavam em si as marcas e traços de tempos anteriores ao período de internação do centro. Despertavam os olhares, ainda que indiretos. Já apito, este não soava mais. A comida não era limitada; não tinha mais hora determinada para as refeições. Podia-se falar alto; competir mais uma vez contra suas líderes; vencer!

O abrandamento das regras possibilitava que abraços, olhares e conversas, antes proibidos, fossem concebidos. Novas sociabilidades surgiam; outras – que aconteciam de forma ilegal – eram reveladas.



FIGURA 23. Confraternização anual: internas se abraçando (o que é proibido de acordo com o regimento interno).

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.



FIGURA 24. Confraternização anual: sociabilidades na piscina.

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Ser interna tornava-se tão mais confortável quanto ser líder. Os papéis se misturavam, se anulavam, se abrandavam, até o momento do retorno ao centro. Nessa hora, mais uma vez, líderes e internas eram condicionadas a assumirem seus antigos papéis institucionais. A rotina do dia-a-dia estava prestes a ser restabelecida.

## 4 O mundo das internas: trajetórias de quem “caiu” no centro

#### 4.1 TRAJETÓRIAS E PERFIL SOCIAL DAS INTERNAS

Quando uma toxicômana se insere nos novos espaços do centro de recuperação, traz consigo elementos característicos de socializações e desvios anteriores. Seu corpo, seu vocabulário, suas ações, religião que professa, traumas, orientação sexual e carreira desviante, concebidos na sociedade mais ampla, se entrelaçam com o desenvolvimento de novas experiências, redes de relações e de poder característicos do novo universo adentrado. Tais interações, concebidas no interior do centro, representam meios de se construir uma carreira moral que leva em consideração os valores, normas e padrões aceitos institucionalmente. Esses elementos – que representam o resultado de processos de socializações anteriores – concorrem com os novos padrões de ajustamento e dominação, os quais são apresentados às novas internas.

Produções científicas como as de Vanuza Souza Silva (2014b), Santos (2011), Dias (2006), entre outros, tornam evidente esse processo, dando pistas para uma primeira abordagem do objeto estudado. Ao analisarem o processo de inserção de novos internos em modelos de instituições totais, os autores concordam que estabelecer um estudo que busque compreender como as identidades e as trajetórias individuais são concebidas no interior de um centro – que tem por característica ser uma instituição total que emprega técnicas constantes de dominação dos corpos, agindo para uma efetiva mortificação do “eu” das internas – torna-se relevante compreender como as experiências socializadoras de mulheres oriundas de contextos sociais específicos interagem com a dureza, a força, e todo um poder institucional pautado em ideais e concepções religiosas.

Articulando-se com essa perspectiva, torna-se possível comparar as histórias de vida das internas; as principais características do grupo; as condições sociais e culturais das internas bem como essas se aproximam e se distanciam em seus trajetos; entre outros.

Assim, a partir desse ponto tornar-se-á possível perceber, em dimensões qualitativas, como se deu o envolvimento dessas mulheres do mundo das drogas ao campo da clínica. Histórias de vida que adquiriram, em certa medida, cursos específicos, mas que culminariam com um ponto em comum entre todas elas: *a inserção no Centro de Recuperação Rosa de Saron*.

#### 4.1.1 Caminhos para o vício

De acordo com Duarte e Formigari (2010) os usuários de drogas podem se encaixar em pelo menos uma dentre as três categorias citadas a seguir: a) não usuários; b) usuários de baixo risco; c) usuários dependentes. Embora tenham ocupado espaços geográficos distintos no contexto brasileiro<sup>70</sup>, professado religiões diversas, desenvolvido formação escolar diferenciada<sup>71</sup>, todas as mulheres que foram tomadas como sujeitos da pesquisa possuíam um ponto em comum: adentraram o CRRS devido a entraves sociais causados pelo quadro de dependência<sup>72</sup> provocado pelo contato com os vários tipos de drogas<sup>73</sup> ilícitas ou não.

De certo modo, as histórias de vida das informantes investigadas revelaram, ao longo da pesquisa, elementos bastante próximos dos indicadores acima descritos. Além disso, as análises desenvolvidas, a partir das narrativas colhidas, corroboraram para se perceber que o quadro de dependência das internas investigadas era imbricado não apenas por questões sociológicas, mas históricas, psicológicas, biológicas, econômicas, políticas, entre outras.

Ainda segundo as autoras, são vários os indicadores que podem compor a trajetória de quem pode usar eventualmente, abusar ou se tornar dependente, conforme visto a seguir.

---

<sup>70</sup> Durante o período da pesquisa, percebi que as internas do centro Rosa de Saron eram oriundas de várias cidades do Brasil como Recife, Toritama, SantaCruz, São Caetano, Paulista, Arapiraca, Campo Grande, Jaboatão, Bayeux – PB, Parnamirim, Marambaia, Maribundo-AL, Palmares, Rio de Janeiro, São Paulo, São Bento do Una, Timbauba, Mossoró, Caruaru, Rei Miguelinho, de cidades do Mato Grosso do Sul, Brasília, entre outras.

<sup>71</sup> De acordo com um levantamento feito com 40 internas do centro, apenas 11 declaram ter completado o Ensino Médio. Graças a necessidade de trabalhar cedo; ter tido filhos precocemente; entre outros, 26 internas, das 40 averiguadas, declaram não ter completado o Ensino Fundamental, sendo algumas dessas analfabetas (QUADRO 3 / INDICADOR 4).

<sup>72</sup> Alguns indicadores foram tomados como referência para a classificação de uma interna como dependente – a partir das conclusões de Duarte e Formigari (2010) em cartilha desenvolvida pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). Para estas, a classificação do indivíduo como dependente pode ocorrer quando este apresenta alguns dos seguintes quadros: 1- perda do controle e da capacidade de decidir se vai usar, o quanto ou onde; 2- vontade incontrolável pelo uso; 3- uso de doses cada vez maior; 4- mal-estar durante a abstinência; 5- desestabilização nas relações profissionais/familiares;

<sup>73</sup> Embora tenham adentrado o espaço do centro devido aos impactos causados pelo uso ou dependência química, existe uma forte relação entre a idade e a iniciação a um tipo determinado de substância psicoativa. O uso das drogas primeiras drogas (geralmente a maconha) se deu entre essa idade escolar. Das 26 internas que declaram ter feito uso da maconha (QUADRO 3 / INDICADOR 17) 15 delas declaram ter feito o seu uso pela primeira vez com idade entre 12 a 14 anos – idade escolar do nível do Ensino Fundamental. Essa idade também corresponde ao período mais propício para a iniciação do uso da cocaína. O grupo investigado apontou com maior frequência o início do uso o período que vai dos 13 aos 14 anos (6 casos) e entre 20 e 22 anos (5 casos) dos 19 casos positivos. Seguindo essa progressão, parece que o crack é uma das últimas dessas três drogas a fazer parte do uso frequente das internas. Das 27 internas que declaram ter feito uso da substância conhecida

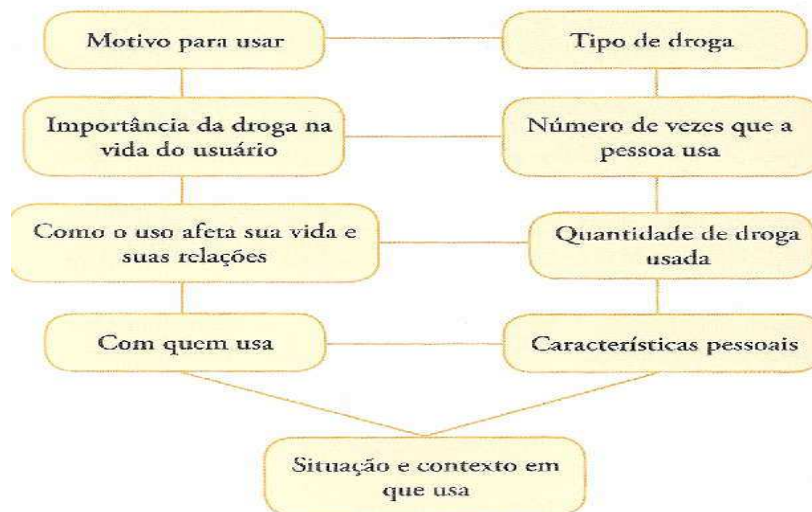


Gráfico 3. Indicadores para a iniciação às drogas. Duarte e Formigari (2010, p. 24)

Como categoria sociohistórica, o modo de vida plural concebido pela juventude a coloca em diferentes graus de vulnerabilidade em relação às drogas (PAULILO, JEOLÁS 2000). Todas essas condições se mesclam no universo do CRRS constituindo, assim, um perfil singular das internas que adentram o centro, conforme evidenciado no quadro a seguir.

### Quadro 3

Perfil social das internas do CRRS (N=40)

Nº	Indicador	x / 40
01	Faixa etária média	32 anos (m <sup>74</sup> =18 anos, M = 65 anos)
02	Tempo de internação no CRRS	
	1 mês	9
	2 meses	3
	3 meses	1
	4 meses	3
	5 meses	3
	6 meses	3
	7 meses	4
	8 meses	1
	9 meses ou mais	11
03	Cor da pele	
	Branca	9
	Preta	5
	Parda	19
	Amarela	4
	Outros	3
04	Escolaridade	
	Analfabeto	1

como crack, a idade que corresponde aos 16 anos apresentou-se como período mais frequente para a iniciação (QUADRO 3 / INDICADOR 18).

<sup>74</sup> m = mínimo; M = máximo.



	Ensino Fundamental	26
	Ensino Médio	12
<b>05</b>	<b>Residente em:</b>	
	Caruaru	1
	Cidade do Estado de Pernambuco	26
	Cidade fora do Estado de Pernambuco	12
<b>06</b>	<b>Renda mensal da família</b>	
	Até R\$ 720,00	8
	De R\$ 721,00 à R\$ 1400,00	7
	Mais que R\$ 1400,00	10
<b>07</b>	<b>Possuem filhos</b>	34
<b>08</b>	<b>Engravidaram enquanto usavam drogas</b>	24
<b>09</b>	<b>Possuem algum companheiro(a), marido</b>	15
<b>10</b>	<b>Espancadas pelo cônjuge</b>	26
<b>11</b>	<b>Idade que iniciou a vida sexual (média)</b>	14 anos (m = 8 anos, M= 21 anos)
<b>12</b>	<b>Já cometeram algum tipo de delito para comprar drogas</b>	21
<b>13</b>	<b>Já moraram nas ruas em algum momento da vida</b>	20
<b>14</b>	<b>Venderam algum bem para comprar algum tipo de droga ilícita</b>	30
<b>15</b>	<b>Já foram presas</b>	13
<b>16</b>	<b>Ingressaram no tráfico de drogas</b>	15
<b>17</b>	<b>Experimentaram maconha pela primeira vez (média de idade)</b>	14 anos (m = 8 anos; M = 25 anos)
<b>18</b>	<b>Experimentaram crack pela primeira vez (média de idade)</b>	19 anos (mínimo 10; máximo 33)
<b>19</b>	<b>Frequencia de uso de drogas</b>	
	Várias vezes ao dia	28
	Uma vez ao dia	2
	Até 3 vezes ao dia	2
	A cada 15 dias	1
	Uma vez ao mês	1
	Outros	4
<b>20</b>	<b>Já freqüentaram alguma igreja evangélica antes de entrar para o CRRS</b>	32
<b>21</b>	<b>Religião antes de entrar para o CRRS</b>	
	Sem religião	9
	Evangélica	5
	Evangélica desviada	11
	Católica	10
	Outros	4
<b>22</b>	<b>Religião atualmente</b>	
	Sem religião	5
	Evangélica	19
	Evangélica desviada	4
	Católica	8
	Outros	3
<b>23</b>	<b>Foram abusadas sexualmente</b>	15
<b>24</b>	<b>Lugar que consumiam drogas com maior frequência</b>	
	Em casa	15
	Ruas, praças, lugares públicos	8
	Casa e amigos / pessoas conhecidas	8
	Casas abandonadas	1
	Não consumiam drogas	1
	Outros	2
	Todas as opções	2
<b>25</b>	<b>Praticaram sexo para obter dinheiro</b>	24
<b>26</b>	<b>Praticaram sexo para comprar drogas</b>	24
<b>27</b>	<b>Ingressaram no CRRS sob influência de alguém evangélico</b>	31

Fonte: Apêndice B. Pesquisa de campo, 2014.

Nas trajetórias dessas mulheres, no âmbito da sociedade mais ampla, percebi - a partir das narrativas das informantes internas – que a frustração no ambiente familiar é tomada, pela maioria das internas investigadas, como sendo uma das principais causas de vulnerabilidade para a iniciação no referido mundo das drogas. O relato da informante Juliete (25 anos) contribui para evidenciar os contornos dos dados apresentados. Após ser vítima de violência sexual – cometida pelo seu padrasto –, e perdendo sua virgindade sexual aos 12 anos de idade, conheceria um novo mundo com relações, atuações e sujeitos bastante distintos.

Eu tinha 12 anos de idade; foi o meu primeiro estupro do meu padrasto... quando eu era virgem! Ai (...) ele me abusou sexualmente durante um ano. Ai no meio disso (...) foi quando eu fiquei rebelde: eu comecei a beber né? Eu não conhecia as drogas, mas o cigarro e o álcool. Ai eu comecei a beber muito. (...) Comecei a pular a janela de casa e comecei a me envolver com uns carinhas (JULIETE, ENTREVISTA N°4).

Abusos e violências sexuais marcaram a vida de 15 das 40 internas participantes do questionário social aplicado (QUADRO 3 / INDICADOR 23). No caso da informante Juliete, o abuso fora sofrido no ambiente familiar. Todavia, em conversas paralelas com as demais internas, os abusos sexuais também eclodiram através de pessoas estranhas e próximas do convívio familiar, além de companheiros e maridos das mesmas. Quer seja através de abusos e violências sexuais ou não, a vida sexual das participantes da pesquisa parece começar bem cedo. Mais da metade do grupo investigado declarou ter tido a primeira experiência sexual até os 14 anos de idade<sup>75</sup> -21 internas – (QUADRO 3 / INDICADOR 11).

A trajetória da informante e obreira Drielly Siqueira (27 anos de idade, 8 no centro) revela um outro elemento significativo na trajetória para o vício: a deteriorização dos laços e relações familiares.

Para a respectiva informante, ter uma iniciação sexual precoce não corresponderia em fator tão determinante quanto ter sido abandonada - ainda na infância – pela própria mãe. Drielly se narra como consequência de uma gravidez, que ela classifica como “irresponsável”. Para ela, um fator determinante para sua dependência se daria devido à falta de referências e afeto no âmbito familiar, conforme o trecho a seguir.

Minha mãe tinha 14 para 15 anos na época (...) Meu pai... junto com os amigos dele fizeram uma aposta para ver que ficaria com a minha mãe. Ele ganhou a aposta e

<sup>75</sup> Algumas internas declaram experiências sexuais a partir de seus 8 anos de idade. A vida de pelo menos 30% das internas foi marcado, segundo coletado na pesquisa, por experiências sexuais ainda na fase da infância.

ficou com a minha mãe... e nesse ficar eu fui gerada; concebida. Nisso minha mãe foi colocada para fora de casa...grávida de mim. Passou um período nas ruas (...) Ai no dia do meu nascimento meu avô foi buscar minha mãe. Nisso minha mãe tava morando um tempo na casa do meu avô (...) Ai, certo dia, ela alegou que ia pro médico, e me deixou na casa dos meus avôs paternos (...) até hoje ela nunca voltou do médico. Nisso eu fui crescendo, isso foi gerando uma revolta muito grande dentro de mim, pois qual o filho que não quer o pai e a mãe? ter o pai e a mãe juntos né? Isso foi gerando diversos conflitos na minha mente (...). A família do meu pai sempre me deu de tudo: colégio, roupas boas, boa alimentação; tudo necessário para uma pessoa viver né? Mas faltava o essencial; faltava amor, pois não adiantava você ter tudo e não ter amor. Nisso eu fui crescendo, crescendo... e teve um determinado tempo da minha vida que eu me deparei com as drogas. Quando eu fui passar minhas férias de verão na casa da minha mãe aprendi a fazer tudo o que não presta: beber, fumar, se drogar, se prostituir (DRIELLY SIQUEIRA, INFORMANTE N°1)

Além dos problemas enfrentados no âmbito familiar, a influência de pessoas próximas que se declaram usuárias também se apresentou como elemento para a iniciação às drogas. Esse fato pode ser percebido a partir da narrativa da informante Betânia (23 anos). Ao ser questionada como ocorreu sua iniciação a mesma apontou para a influência de pessoas próximas (usuárias) a ela.

**Pesquisador:** Como se deu o início de seu envolvimento com as drogas?

**Betânia:** Porque um amigo meu disse vai...ai eu cai na besteira e fui. (...) Conhecia pessoas que tinha contato com drogas.

**Pesquisador:** e o que você fazia para obter mais drogas?

**Betânia:** Eu falava lá...pegava lá...com meus amigos... Eles davam...também depois eu comprava (BETÂNIA, INFORMANTE N°5).

Percebe-se que, na história de vida da informante, não apenas as pessoas mais próximas eram responsáveis pela iniciação, como também pelo abastecimento das drogas que, a agora usuária, viria a consumir. Para o grupo investigado, quando questionadas acerca do lugar que consumiam drogas com maior frequência (QUADRO 3/ INDICADOR 24), as casas de amigos recebiam a mesma relevância que os espaços públicos – 8 casos cada um (estando ambos no segundo lugar na preferência). Embora o ambiente da própria casa fosse apontado como sendo o espaço ideal para o uso de drogas ilícitas (com 15 casos), o uso de drogas em ambientes coletivos – de acordo com as internas – estimularia a prática, além de contribuir para o recrutamento de novos usuários. Olievestein (1985) *apud* PAULINO; JEOLÁS (2000) aponta que as experiências dos usuários de drogas não são empreendidas de forma solitária ou voluntariamente, mas são concebidas no interior de uma história, de um contexto socioeconômico, imersos em momentos socioculturais, vinculados a sistemas familiares e condicionados pela manipulação e apelo da sociedade na qual vivem. A ingestão de drogas funde-se, portanto, com os dados desta história. De acordo com as narrativas feitas pelas

informantes, a influência do contexto social, a precária situação econômica, entre outros, teria colaborado nessa iniciação às drogas. Uma das informantes que fundamenta essa percepção é mais uma vez a Juliete; essa que vivenciando a precariedade familiar – social e econômica – se insere em novos contextos sendo, respectivamente, apresentada ao universo do consumo das drogas e da prática da prostituição.

Quando eu sai de casa eu tinha 14 anos de idade... e com essa idade eu fui me prostituir. Então (...) quando eu cheguei no Recife eu fui morar no Holiday - é um edifício que só tem usuários de drogas e garotas de programas. Ai eu conheci um kitinete que morava 12 meninas e a dona - entre essas meninas 11 era usuárias de crack. Foi ai que eu conheci o crack, a maconha, todo o tipo de drogas que você imaginar eu conheci lá; ai eu passei a usar (JULIETE, ENTREVISTA Nº4).

Todavia, uma vez estabelecidos os caminhos que levaram algumas dessas mulheres ao vício, como manter o uso frequente de tais substâncias químicas?

Ao questionar a informante Juliente, a mesma aponta que uma das formas que encontrou para sustentar o vício se deu através da prostituição. O corpo passa a ser concebido como mercadoria no jogo entre compradores e vendedores (PERLONGHER, 2008), passando assim, a ser tomado como valor de troca (CACCARELLI, 2008). O uso do corpo é tido como um trajeto bastante marcante no desenvolvimento da carreira desviante das internas. Embora muitas delas tenham exercido alguma ocupação<sup>76</sup> antes de entrar para o centro, com a intensificação da dependência, durante o transcorrer de suas respectivas carreiras desviantes (BECKER 2008), encontraram na prática sexual um meio de obtenção de recursos para saciar o vício. No contexto investigado, 24 das 40 internas afirmaram em algum momento da vida já ter praticado sexo para obter dinheiro (QUADRO 3 / INDICADOR 25). Todas as que afirmaram já ter se prostituído também confirmaram que, em algum momento da vida, praticaram sexo para alimentar a dependência (QUADRO 3 / INDICADOR 26).

A informante Cláudia (41 anos de idade, 11 meses no centro) descreve que encontrou nos espaços escuros das ruas o que poderíamos chamar de “a dialética de uma mulher pobre e viciada das ruas”: vender e comprar. Vender o corpo e comprar a droga; Todavia, nessa proporção, vende-se mais o corpo do que se consome drogas.

Conversando com ela, Cláudia deixa claro que não sabia com quantas pessoas teve relações sexuais com esse propósito. Ainda tomado por certa ignorância em relação aos

---

<sup>76</sup> Eram elas: animadoras de festas infantis, artesãs, autônomas, auxiliares de cozinha, babás, cambistas, sorveteiras, padeiras, empregadas domésticas, diaristas, contabilistas de supermercado, corretoras, cozinheiras, agricultoras, faxineiras, garçonetes, vendedoras secretárias, entre outras (APÊNDICE B).

elementos que constituía a realidade da história de vida dessas mulheres, questionando se teria tido relações sexuais para consumir drogas com cerca de trinta homens, irreverente, diz: - *mais de trinta não... foi mais de cem... bem mais que isso!!!*

Embora tenha respondido de forma irreverente, o relato de outras internas deixa claro que a afirmação fornecida por Cláudia representava um elemento plausível da condição de parcela significativa de mulheres internas que se enveredaram pelo caminho da dependência. Uma delas é a informante Juliana (25 anos). Em seu relato ela descreve que para poder manter o vício nas drogas enveredou por essa prática como última opção, ainda que fosse uma prática que lhe causasse grande repúdio.

Vários dias eu consumia as drogas... Vários dias... tanto dia quanto à noite... eu num parava; mas nunca trafiquei... nunca trafiquei.. mas de usar drogas, eu usava muito; me prostituía muito para ter a droga. E era muito horrível naquele lugar. Muito horrível! (JULIANA, ENTREVISTA N°3).

Na fala da informante percebe-se que a mesma dá ênfase ao fato de nunca ter traficado. Ao dar essa ênfase parece admitir a ideia de que existem meios mais drásticos de obtenção das drogas e manter o vício: o tráfico.

Das 24 internas que declararam ter praticado sexo para obter drogas, mais da metade delas, 14 internas, admitiram ter dado um próximo passo: ingressado no tráfico de drogas (APÊNDICE C). De acordo com o relato da informante Juliete - após passar 4 meses no centro de recuperação Rosa de Saron, saindo precocemente devido às promessas de um ex-companheiro com quem se relacionava – esse percurso faria parte do desenvolvimento de sua trajetória. Além de uma antiga prática – a prostituição – conheceria, nesse novo momento, a dura vida no tráfico de drogas.

Eu disse a mãe Jane que não conseguia ficar sem ele. Pedi e fui embora depois de quatro meses. Me arrependi amargamente (...) e recai de novo. Ai eu fiquei (...) seis meses usando de novo. Ai foi quando eu conheci um cabaré. Fazia tempo que eu não me prostituía. Fiquei trabalhando nesse cabaré. Então eu comecei a me aprofundar demais com pessoas muito erradas - porque até então eu ficava perto de usuários -. Nesse cabaré comecei a me envolver com traficantes. Comecei a vender a esse pessoal. Conheci um rapaz... ele me botou no meio (JULIETE, ENTREVISTA N°4).

O tráfico e a prostituição não figuram como sendo os únicos meios para a obtenção de drogas. Meios menos drásticos também foram utilizados como estratégias para alimentar o vício. No início da carreira desviante, um dos meios mais favoráveis para a obtenção de recursos consiste – para o grupo investigado – na venda de algum objeto pessoal ou de

outrem. Das 40 participantes da pesquisa 30 assumiram já ter vendido algum objeto/bem para adquirir drogas ilícitas (QUADRO 3 / INDICADOR 14). Ao cruzar as variáveis “renda familiar” e “venda de bens para aquisição de drogas”, constatou-se que essa prática eclodia com certa regularidade em praticamente todos os grupos investigados (APÊNDICE C). Na falta de bens próprios ou de outrem para vender, outra alternativa praticada, por parcela do grupo investigado durante o período de convívio na sociedade mais ampla, se deu através de furtos ou roubos de objetos. Mais da metade das internas investigadas (21 mulheres) declararam em algum momento já ter praticado furtos e roubos com o objetivo de obtenção de drogas (QUADRO 3/ INDICADOR 12). Dessas, metade assumem já ter passagem pela polícia – sendo até mesmo presas – pelo menos uma vez.

Foi desse modo que as trajetórias dessas mulheres se desenharam nos espaços exteriores ao CRRS. Mulheres essas que tiveram suas vidas, seus corpos, suas ações, suas crenças redesenhadas à medida que progrediam no desenvolvimento de suas carreiras desviantes. Todavia, embora tenham construído trajetórias rumo à dependência por vias distintas, as vidas dessas mulheres se unem quando adentram o espaço do Centro de Recuperação Rosa de Saron. Desse modo, a pluralidade de experiências, vivências, socializações e desejos individuais, que compõem as identidades das mesmas, entram em confronto com um ambiente regido por regras disciplinares e monitoramentos constantes que buscam reajustar os corpos, convertendo-os em úteis sob uma perspectiva dominante alicerçado por um conjunto de valores religiosos.

#### 4.1.2 Caminhos para o centro

São muitos os caminhos; diversas são as trajetórias que podem levar uma mulher ao centro Rosa de Saron.

As narrativas colhidas das informantes apontaram que pressões familiares, judiciais, ameaças de morte ou mesmo a expectativa de uma efetiva transformação de vida, figuram como sendo algumas das principais causas que motivam as mulheres a buscarem o internamento.

Para a informante Juliete, ter se tornado dependente e praticado, conseqüentemente, a prostituição para a manutenção do vício, a levou a um cenário de riscos, violência e crimes. Como resultado disso, ameaçada de morte, busca o apoio do CRRS tomando-o um refúgio contra as ameaças concebidas no âmbito da sociedade mais ampla. No caso da informante Poliana, após fugir de casa - e ao se deparar com a dureza das ruas, tentativas de estupros e

uso compulsivo do crack -, reconheceu que sua vida corria perigo. Desse modo, assim como a informante Juliete, busca abrigo e proteção no centro de reabilitação.

Tentaram me estuprar (...) depois eu vim para Recife. Lá eu conheci a bebida, o cigarro, depois eu conheci a maconha; Ai quando eu viajei para outros lugares... cheirei cola. Comecei a fazer uso de cocaína. (...) Foi então que um certo dia conheci o crack. Tudo ainda ia... ainda dava para andar. Depois que eu conheci o crack eu parei no tempo... a minha vida era só o crack (...). Conheci o Cristolândia (...) pedi que o pastor me trouxesse ligeiro senão eu ia morrer (POLIANA, ENTREVISTA N. 2).

A dependência em crack, assim como para a obreira e ex-interna Poliana, representou o momento culminante para sua inserção no CRRS.

Tornou-se muito comum evidenciar nas entrevistas, testemunhos e conversas informais, que o uso e a alta dependência do crack marcaria o momento de entrada dessas mulheres no CRRS. Por outro lado, para aquelas que professam uma pertença a algumas das religiões evangélicas atuantes no centro, os discursos e interpretações religiosas são concebidas e reforçadas a partir da perspectiva de uma batalha espiritual. Essa internas, à medida que se narram, ressignificam-se. Elas narram os episódios que motivaram suas inserções no âmbito do centro apontando para o discurso da ordem dominante religiosa.

Comecei a vender drogas, fui ameaçada de morte... me envolvi com uma pessoa que passei um mês com ela só pelas drogas; quase fui parar no presídio de menor. E isso minha vida foi passando a ser cheia de mentiras, ilusão, **o diabo quase que tentou me destruir**... sendo que esse momento na escola foi um propósito de Deus. **Deus teve um propósito comigo quando eu fui pêga com drogas na escola** (DRIELLY SIQUEIRA, ENTREVISTA N1, grifo nosso).

Me envolvi com drogas... várias drogas, bebida também né? E tentativa de homicídio também... Lá fora (...) não foi fácil pra mim também. **Satanás investiu muito na minha vida; não vigie!** Mas eu... eu dei um grito de socorro e vim pro Rosa de Saron (JULIANA, ENTREVISTA N3, grifo nosso).

Vigiar, na narrativa da última informante, é a expressão utilizada para aquelas que, professando alguma religião evangélica (antes de entrar no centro), buscam permanecer de acordo com os dogmas doutrinários e religiosos abraçados. Todavia, aquelas que não permaneceram no cumprimento desses dogmas geralmente são chamadas de “desviadas” ou “afastadas”. Pelo menos 16 das 40 internas investigadas se identificavam nessa categoria específica no momento da inserção (QUADRO 3 / INDICADOR 21) – sendo 11 que se auto-identificaram como desviadas e 5 como evangélicas afastadas -.

O contato com as várias tradições, dogmas e ritos das religiões evangélicas atuantes no CRRS desponta como elemento inevitável na construção da trajetória de uma interna. Tomando como referência que as três principais formas de se entrar no centro Rosa de Saron se dá por a) influência familiar, b) por intermédio de alguém que professa a fé evangélica, ou c) por ordem judicial<sup>77</sup>; das 40 internas que participaram do questionário social, 31 delas admitiram ter entrado no centro sob influência de alguém que se reconhece ou pratica a fé evangélica (QUADRO 3 / INDICADOR 27). Para estas, o contato com aspectos da cultura religiosa do centro ocorreria ainda na fase de pré-internação.

Nas narrativas das informantes acompanhadas, aliadas com as observações participantes, percebi que entrar indicada ou sob a tutela de membros de instituições evangélicas constitui algumas das formas mais comuns de inserção nesse universo. Essa intermediação geralmente é feita através de outros centros, pastores, obreiros colaboradores ou membros de igrejas evangélicas que, embora não participem ativamente do cotidiano do centro, tem conhecimento da existência dele, conforme percebido nos relatos a seguir.

No cabaré comecei a me envolver com traficantes. Comecei a vender a esse pessoal. Conheci um rapaz...ele me botou no meio...e me fez várias ameaças de morte. Ai foi onde eu me deparei no desespero e encontrei um lugar. Era uma oficina de um amigo meu também usuário de drogas. Minha mãe trabalha perto; (...) ela passou onde eu tava (...). Ai eu vi a minha mae de longe...ai eu sai gritando desesperada, pedindo ajuda. Ai ela me ajudou. Ligou para Maria - que foi essa pessoa que me trouxe pela primeira vez no Rosa de Saron. (...) Minha mãe chamou Maria e eu pedi para voltar pra cá. Ai ela ligou pra mãe Jane e imediatamente mãe Jane deixou voltar (JULIETE, ENTREVISTA Nº 4).

A primeira vez quando eu soube daqui foi através de um irmão. Minha irmã falou com ele e disse que eu tava precisando me internar. (...) Foi uma decisão minha que eu fiz né? porque eu quero me internar; porque eu não quero ficar nessa situação (JULIANA, ENTREVISTA Nº3).

Já a narrativa da informante Poliana mostra como se dá o ingresso por meio da comunicação entre centros (a partir da liderança de obreiros e pastores).

Então certo tempo da minha vida eu tentei buscar ajuda, mas eu não encontrava alguém que pudesse me ajudar. Tinha muita gente, mas ninguém estava disposto a me ajudar. Então depois de tanto andar pela rua conheci o Cristolândia - é um cento de reabilitação masculino - mas lá, nesse local, ele acolhe tanto o dependente homem quanto a mulher. Os homens ficam lá e as mulheres são encaminhadas para outros centros de reabilitação. Foi o que aconteceu comigo. Eu já estava ameaçada de morte e (...) pedi que ele (o pastor) trouxesse ligeiro para cá porque senão eu ia morrer (POLIANA, ENTREVISTA Nº2).

---

<sup>77</sup> Quanto à primeira, Goffman (1974) conceitua como “a pessoa mais próxima”.



Por último a narrativa da informante Betânia mostra como se deu sua experiência de inserção através das intermediações de instituições seculares.

Comecei a usar com 16 anos. Nunca passou na minha cabeça passar por um centro,; mas percebi que queira deixar dessa vida e (inaldível)... Ai eu peguei e vim pra cá pra mudar de vida. O conselho tutelar falou comigo..conversou comigo...ai no outro dia eu vim pra cá (BETÂNIA, ENTREVISTA Nº6).

As narrativas são algumas das várias que serviriam para ilustrar o processo inicial que marcaria a inserção dessas mulheres no ambiente do centro. Todavia, todas essas histórias de vida, todas essas trajetórias externas concebidas de formas tão diferentes encontram em seu traçado um ponto em comum: o Centro de Recuperação Rosa de Saron.

Separadas geograficamente, com experiências hora próximas, hora distintas, essas mulheres se deparam com uma instituição e sua proposta de cura com base em uma disciplina que se entrelaça em concepções teológicas tão plurais – e em alguns momentos tão contraditórias – quanto as mulheres que a esse centro se submetem.

Assim, uma vez que o caminho ao centro chega ao fim, uma série de processos e ritos passam a marcar o momento de admissão dessas mulheres; ritos esses que visam o assujeitamento das internas transformando-as em corpos dóceis e controláveis; ritos seguidos por mutilações e privações que visam atingir as identidades das mulheres que ao centro se submetem.

#### 4.2 RITOS DE PASSAGEM E A MORTIFICAÇÃO DO EU

São amplas as definições antropológicas possíveis para elucidar o que se convencionou chamar de ritos de passagem. De acordo com um dos mais expressivos antropólogos brasileiros - Damatta (1986) -, esses eclodem em todas as esferas sociais, marcando a transição de um estágio da vida para outro. Caracterizam processos que podem levar o indivíduo à obtenção de um novo status, grupo social, instituição, entre outros.

No campo da instituição total investigada, esses ritos eclodem em diferentes momentos, espaços e grupos; marcando o desenvolvimento das diferentes trajetórias das internas.

Um dos primeiros ritos que marca o processo de mortificação do eu dessas mulheres se expressa já na admissão. É a partir desse momento que a futura interna é submetida a um processo que visa atingir seu “estojo de identidade” (GOFFMAN, 1974). Sendo ela exposta a

todo um conjunto de mecanismos disciplinares que visam obter o controle de seu corpo, sua mente, tempo, entre outros; atividades que eram desempenhadas no âmbito da sociedade mais ampla - como comer, dormir, com quem se relacionar, hábitos de higiene, limpeza (conforme as normas internas nº6, 7, 8, 10, 11 e 12; QUADRO 2) - passam a ser esquadrihadas e determinadas, nessa nova fase, pelo centro. Não apenas o horário passa a ser determinado pela instituição, mas o modo como participarão dessas atividades. Mecanismos de controle eclodem visando desestabilizar a nova interna no processo de mortificação do eu<sup>78</sup>. Por exemplo: comer com colher as refeições – sendo este e todos os demais utensílios utilizados fabricados de plástico - ; limite das porções alimentares fornecidas; horário delimitado para o início e o fim de cada refeição; entre outros, conforme figura a seguir:



FIGURA 25 – Jantar: Internas utilizando utensílios plásticos.  
FONTE: campo de pesquisa, 2014.

Logo no processo de admissão são lidas 23 regras internas. O script institucional é dado a cada uma que se insere como participante - script esse que demarcará os limites, os interditos, bem como os deveres durante o tempo de internamento -. Cada uma dessas regras é constituída com o propósito de compor as próximas atuações das internas no desenvolvimento da carreira moral.

---

<sup>78</sup> Visa-se, assim, diminuir o grau de periculosidade dos objetos possuídos, uma vez que brigas e discussões circulam as relações estabelecidas entre as internas e os principais agentes do centro. Além disso, a utilização desses utensílios demarca as relações de poder e status entre as internas e o grupo de agentes – transformando-se em um sinal de distinção.

Centro de Recuperação Rosa de Sarom

A diretora do Centro de Recuperação Rosa de Sarom, Jane Sueli Silva, vem através deste, informar que a entidade possui regras que precisam ser seguidas por todas as internas, que, gratuitamente, permanecem no abrigo e recebem assistência básica. E ao preencher e assinar a ficha de identificação, **a interna concorda com as seguintes regras (direitos e deveres):**

1. É proibido fumar no Centro de Recuperação Rosa de Sarom.
2. É proibido manter relação sexual.
3. É proibido qualquer ato de violência.
4. A interna deve seguir a orientação da monitora designada pela diretora do Centro Rosa de Sarom.
5. A interna tem o dever de participar das atividades realizadas pelos voluntários do Centro, sejam elas: aulas de inglês, capoeira, aula de português, oficina de fotografia, etc.
6. Toda interna deve cumprir uma atividade diária na manutenção da higiene do Centro, já que por sua permanência não é exigido qualquer quantia, visto que o centro é mantido através de doações.
7. A interna deve arrumar a cama de dormir todos os dias.
8. A interna deve lavar sua roupa e seus lençóis.
9. A interna deve participar do culto religioso toda manhã.
10. A interna deve tomar banho todos os dias.
11. A interna deve escovar os dentes todos os dias.
12. A interna deve utilizar o absorvente de maneira adequada sempre que estiver no período menstrual.
13. A interna deve sempre preservar e manter limpo o espaço onde realiza alguma atividade.
14. A interna deve respeitar os voluntários ou voluntárias do centro.
15. A interna deve falar baixo durante as refeições e quando for se dirigir a qualquer pessoa dentro do Centro.
16. É proibido comer com a mão.
17. É proibido cozinhar sem touca no cabelo e sem luvas.
18. É proibido ingerir qualquer tipo de medicamento sem prescrição médica.
19. É proibido brigas e tapas entre as internas. Caso ocorra, a interna ficará responsável pela limpeza de todos os quartos do Centro, como forma de repreensão e atenção diante do desvio de conduta.
20. É proibido rir ou ridicularizar qualquer interna. Caso ocorra, a interna ficará responsável, sozinha, pela limpeza da cozinha e terá que lavar todas as roupas de todas as internas durante um mês.
21. É proibido gritar ou faltar com respeito com a diretora do Centro Rosa de Sarom. Jane Sueli Silva. Caso ocorra, a diretora entrará em contato com o órgão responsável ou familiar para notificar sobre o fato. Se ocorrer uma segunda vez, a interna será imediatamente transferida do Centro e entregue ao responsável.
22. A interna só receberá visita após autorização e agendamento com a diretoria do Centro.
23. A interna poderá participar de matéria jornalística, caso o Centro seja procurado pela imprensa. A interna tem o direito de recusar a participação e sua decisão será respeitada.

Quadro 2: Normas internas do CRRS.

Fonte: pesquisa de campo.

“**Proibido**” e “**dever**”: duas palavras que acompanharão as internas durante o desenvolvimento de suas carreiras morais.

Após a apresentação das regras internas, o ritual que demarca o início do processo de mortificação do eu no ambiente institucional prossegue com os despojamentos de bens pessoais. A interna, nesse momento, toma conhecimento do que é permitido manter e do que deve se desfazer. Conforme observado, um dos principais bens pessoais que gera certo “desconforto” – ou agressão – durante o exercício desse ritual de despojamento se dá através da perda do telefone celular. Essa seria mais uma das várias barreiras que as instituições totais

colocariam entre o internado e mundo exterior, marcando assim as primeiras mutilações do eu da interna (GOFFMAN, 1974).

A perda do telefone celular corresponde a uma forte mutilação para parcela das internas do CRRS. Segundo a informante Poliana são corriqueiras as investidas das internas, frente aos membros da equipe dirigente, na intenção de estabelecer contatos externos informais, ou seja, fora do período estabelecido pelo centro – estes que regularmente acontecem uma vez por semana, ou a cada 15 dias por exemplo.

Às vezes elas chegam “na tora” dizendo vá tia faça uma ligação a cobrar pra mim!  
(Poliana Responde) -Eu não posso querida! Quando a missionária chegar ai eu peço pra ela pra ligar pra família (POLIANA, ENTREVISTA N2).

Agora, na condição de interna, contatos com os familiares ficam cada vez mais restritos, sendo condicionada à permissão institucional. Manter contatos frequentes com os familiares pode fornecer até às internas mais rebeldes meios de suavizar as pressões sofridas durante o processo de internamento. Esses, por sua vez, tendem a fornecer, às internas, elementos materiais, alimentos diferenciados daqueles oferecidos no centro, informações acerca de acontecimentos e eventos que envolvem outros familiares, podem trazer ao centro os filhos e filhas das internas, fazendo-as lembrar de suas maternidades interrompidas, entre outros.

Ao assinar a ficha de inscrição dar-se prosseguimento ao ritual de transformação. O status civil cede lugar ao agora adquirido “status de interna”. Essa transformação também atinge tanto o status das pessoas mais próximas da interna quanto seus denunciante. Esses passam da condição de denunciante à tutores das mesmas. Assim, a possibilidade de sair do centro fica condicionada ao desejo de outrem devidamente outorgado.

No início de minha incursão etnográfica, no momento em que ainda era reconhecido como um visitante do centro, percebi que muitas internas me procuravam para realizar denúncias acerca do que “acontecia no CRRS”. Essas denúncias iam desde reclamações acerca da comida, das instalações, das regras de convivência, até denúncias de maus tratos, trabalho forçado, entre outros. Ao longo de minhas vivências no CRRS, percebi que muitas dessas denúncias de maus tratos, comida e precariedade das estruturas ocorriam de forma ampliada em relação à condição real. Ao ser visto como visitante era concebido como um elo

entre a geografia do centro e a sociedade mais ampla<sup>79</sup>; como um meio que pudesse ocasionar uma intermediação entre o denunciante e seus respectivos tutores legais – familiares ou órgãos judiciais designados -. Desse modo, conforme evidenciado nas práticas das internas, tentativas como as expostas podem representar um caminho de saída em meio à impossibilidade real provocada pelas sanções, controles e relações de dominação estabelecidas no centro<sup>80</sup>.

A abstinência, a perda da autonomia e da liberdade, são apresentados por algumas das internas como os grandes impasses para quem inicia uma carreira moral no centro de reabilitação, revelando a perda de antigos papéis e anunciando a adoção de novos.

Na primeira vez foi muito difícil. Fui uma pessoa desde os 14 anos (...) dona do meu nariz. (...) eu conseguia ganhar o meu dinheiro; ganhava e trabalhava (...) porque na época tinha um corpo muito bonito. (...) Quando eu cheguei a um lugar que não conhecia ninguém, me vi presa. Não podia sair, pois eu era uma pessoa muito livre, sem regra nenhuma no meio da rua; (...) e aqui, cheio de regras. Eu, na primeira vez, (...) achei muito difícil (JULIETE, ENTREVISTA N4).

É comum que a pessoa mais próxima ou o denunciante apresentem à equipe dirigente características e informações da interna. A obtenção de detalhes da história de vida da interna fornece, à equipe dirigente, elementos para uma maior e melhor abordagem da mesma.

De acordo com a informante e obreira Drielly Siqueira, sondar a vida da candidata à internação torna-se relevante, pois permite à equipe dirigente dar autenticidade à atuação desempenhada pela interna, além de poder inseri-la em um enquadramento prévio específico. Conforme seu relato

É melhor quando a pessoa chega logo agitado porque a gente já sabe quem é. Mas agora aquela que chega mansa; branda; corra! Essa é a mais perigosa que existe. Mas quando a pessoa chega estourada a gente já conhece o temperamento (...) porque essa não se camufla. É isso e é isso mesmo; do que aquelas que chegam quietinhas, com a bíblia debaixo do braço. Ai corra! É a mais perigosa (DRIELLY SIQUEIRA, ENTREVISTA N1).

<sup>79</sup> O que faz lembrar a noção de “estrangeiro” de Simmel. Para ele, uma das possíveis relações de associações estabelecidas é a condição funcional de concebe-lo como um intermediário ideal entre duas comunidades, capaz de importar elementos de uma esfera à outra (VANDENBERGHE, 2005).

<sup>80</sup> A pessoa mais próxima ou a denunciante é aquela figura que em interação com a interna atesta sua condição de desvio social perante o centro. Desse modo, conforme será abordado no decorrer desse trabalho, ao assumir a condição de tutor, recebendo parcela do direito de cidadania da agora interna, somente esta figura poderá retirá-la do centro de forma legal. Assim, ainda que o centro não ateste a condição plena de cura da interna, se convencida, a figura do tutor pode legitimar socialmente a nova condição de reabilitação da interna retirando-a do centro. É por essas razões um dos principais comportamentos da interna na busca por recuperar o status de cidadania “temporaneamente cedidos” se dá mediante o desempenho de atuações para seus tutores. À medida que atuam de forma cínica, e conquistam a saída do centro, a atuação desempenhada para os tutores pode se constituir, no imaginário e na prática das internas, como uma rota de fuga “legal” em relação às demais outras discutidas ao longo desse trabalho.

Já a informante Poliana apresenta que observações constantes e testes de obediência, são desprendidos nos primeiros passos de socialização da nova interna – prática essa confirmada pela coordenadora do centro Jane Sueli e constatada com o contato etnográfico.

Cada uma que chega a gente só observa. Eu somente observo. Com o passar dos dias o comportamento, como é que ela vai reagir, porque tem aquelas que chegam mansinhas, boazinhas (...) são perigosas! É melhor chegar uma daquelas revoltadas, que esculhambam, porque a gente sabe que é aquilo que está acontecendo, do que chegar aquela quietinha demais, mansinha; depois põe “as unhas de fora” (POLIANA, ENTREVISTA N2).

Eu sempre boto uma pessoa e digo – olha, adota essa pessoa pra tu. Ai essa pessoa fica o tempo todo conversando...conversando....Ai, a partir das conversas, a gente percebe se quer realmente uma transformação ou se quer apenas passar o tempo. Só que ela não sabe que aquela pessoa tá colhendo informação e tá me dizendo. Ai a gente vai trabalhando dessa forma (JANE, ENTREVISTA N6).

Desse modo, além das informações cedidas pelo agora tutor - somados ao preenchimento de um questionário social fornecido pelo centro -, a equipe dirigente elege uma das internas – que já alcançou certa confiança e condição de assujeitamento à dinâmica de controle e dominação do CRRS – para monitorar a recém-chegada em seus primeiros momentos no centro (conforme apresentado na norma nº4 da QUADRO 2). Além disso, sua função é a de questionar a recém-chegada obtendo informações acerca de sua postura, perceber o nível de cumprimento das regras, os desvios externos e internos cometidos, levando-os – em seguida - à direção ou aos demais líderes.

A mortificação do eu prossegue com a participação das internas em grupos os quais elas podem não se identificar - participação obrigatória das atividades como oficinas culturais, cultos religiosos, dinâmicas, entre outros –. Fica evidente que a participação dessas nas atividades descritas corrobora para que estejam sempre expostas, observadas, monitoradas.

Uma vez perpassando por esses e outros processos, à medida que corresponde às investidas institucionais, a interna participa do que Goffman (1974) chama de sistema de premiações, em que cada ação em sintonia com a proposta do centro se reverte em benefícios e privilégios que podem suavizar a vida de quem se inserem em uma instituição total. Todavia, é na tentativa de garantir a mortificação e desfiguração do eu da nova interna que são apresentadas algumas das principais sanções disciplinares aplicadas no centro.

Embora o regulamento assinado preveja apenas duas formas de correções para eventuais desvios cometidos pelas internas – executar trabalhos de limpeza (como na cozinha,

na lavagem de roupas das demais internas); ou um possível desligamento da interna – muitas outras são aplicadas de acordo com o julgamento da equipe dirigente como: a) permanecer incomunicável com a maioria das internas; b) permanecer isolada do grupo; c) memorizar versículos bíblicos – ainda que a interna não professe a fé cristã -; d) perda das sobremesas oferecidas; e) perda do direito de sair à igreja ou de participar dos momentos conhecidos como inclusão social<sup>81</sup> (uma vez que esses direitos foram conquistados); entre outros.

Entretanto, embora todas essas investidas institucionais busquem propiciar o surgimento de um novo perfil identitário e social, estratégias de “sobrevivência do eu” são concebidas pelas internas a fim de impedir que a função institucional se cumpra em sua totalidade. Desse modo, foi evidenciado que esse processo passa a ser permeado por ações e atuações que revelam conflitos e resistências no processo de interação das internas em relação aos valores e dinâmicas institucionais.

#### 4.3 NEM TUDO MORRE

Se por um lado as investidas institucionais buscam realizar o ajustamento da nova interna a partir de práticas e dinâmicas que traduzem a mortificação do eu dessas respectivamente, foi perceptível, no universo do centro, que esse processo não ocorre de forma absoluta e instantânea, mas de forma gradativa. A mortificação do eu, desse modo, passa a ser marcado por contínuos eventos de resistências<sup>82</sup> que buscam manter vivas as identidades individuais concebidas em processos de socializações anteriores. Características como essas podem ser evidenciadas na narrativa da obreira Drielly Siqueira quando essa relembra aspectos de seu tempo ainda como interna.

Drielly Siqueira : Eu teria que parar em uma clínica ou ir para o presídio. **Não tive opção!** (...) Eu não queria mudar. Mas por falta de opção eu vim. E chegando aqui eu dei um pouco de trabalho, porque minha cabeça era totalmente virada. **Sem querer se aceitar eu não me alimentava; eu passei 11 dias sem comer.** Ai eu até acho graça as vezes, porque chegam garotas aqui fazendo greve de fome. Mas eu digo: -ninguém bate meu recorde. Passei 11 dias sem comer nada! Absolutamente nada!

Pesquisador: Mas por que a greve de fome?

<sup>81</sup> Também conhecido como “reintegração social”; momento esse que as internas adquirem o direito de sair do centro para realizar atividades e trabalhos em diversos âmbitos da sociedade mais ampla.

<sup>82</sup> Em meio ao cruzamento das experiências de socializações anteriores com os padrões de ajustamentos demandados pela instituição e seus agentes, práticas de resistência emergem na ilegalidade, podendo ser concebidas não apenas por novatas ou pelas internas mais estigmatizadas, mas por aquelas consideradas tipos ideais.

Drielly Siqueira : Porque eu tava revoltada. Porque eu não queria ficar aqui no Rosa de Saron. Não queria, não gostei. De início não gostei da missionária; não gostava do ambiente, porque eu dizia...- **“era muito humilde... muito simples... não tinha o que queria”**. **Eu me sentia diferente... porque eu tive que lidar com várias pessoas de várias classes sociais, de vários pensamentos (risadas) de vários problemas e vi que aquilo ali não era do meu reduto. (...)** Eu achava chato as regras. **Tinha regra pra tudo**. Eu **achava isso horrível**. Eu achava horrível a regra de dizia que você não podia falar com pessoas novatas. Eu achava isso horrível, porque eu queria me enturmar; eu queria aprender com o pessoal, **mas eu vi que aquilo ali no futuro era essencial para mim. Se eu tô aqui até hoje é por causa das regras que me fez ser gente**. Ai eu fique; tive muitos conflitos, muitos estreitos com algumas obreiras por causa disso; dessas regras. Mas depois foi caindo a ficha. À medida que eu fui ficando antiga eu vi que aquele trabalho era necessário (DRIELLY SIQUEIRA , ENTREVISTA N1, grifos nossos).

Na trajetória da informante Drielly Siqueira fica evidente uma das práticas bastante comuns daquelas mulheres que adentram o centro e buscam resistir às investidas institucionais: a chamada “greve de fome”. Dentro da perspectiva goffmaniana da mortificação do eu, ao se inserir em um novo ambiente, a informante Drielly Siqueira passa por algumas mudanças radicais em sua carreira moral; mudanças essas que afetam suas crenças em relação a si própria, em relação às demais internas que compartilhavam da mesma condição; em relação ao trabalho concebido pelas agentes. A instituição lhe impôs um contato interpessoal indesejável. Pouco a pouco fornecia um script para que essa atuasse de acordo com os papéis estabelecidos. Essa “agência de contaminação” (GOFFMAN, 1974) - em que contatos interpessoais e relações sociais são impostas aos novatos em instituições totais – corrobora na promoção da mistura de grupos etários, étnicos e raciais, fazendo com que o internado sinta que está sendo invadido (violado) à medida que desempenha contatos considerados indesejáveis em relação aos demais internos.

Drielly Siqueira, pouco a pouco, começa uma atuação que lhe levaria à futura condição de líder do centro. Quando solicitei que identificasse o momento que achasse ser decisivo para que passasse de simples internas à condição de líder, Drielly desvela que além do respeito às normas institucionais, a habilidade de se sair de situações conflituosas, negociar informações sobre outras internas às respectivas líderes e evitar sociabilidades fora dos limites considerados aceitáveis pelo centro são tidas como outras três condições favoráveis para os próximos passos da intera no desenvolvimento de sua carreira moral.

Pesquisador: O que você acha que foi decisivo para que deixasse de ser uma simples interna e passasse a ser uma líder no centro?

Drielly Siqueira : **quando eu passei a obedecer**; passei a observar as coisas (...); foi quando as pessoas vieram falar comigo coisas que não me edificavam; eu cortava! Eu dizia: - vá procurar uma obreira que ela vai te ajudar; ou até mesmo chegar até a minha líder superior e dizer: - olha, aquela pessoa tá com alguma



**dificuldade**<sup>83</sup>, tá precisando de um conselho; uma ajuda (DRIELLY SIQUEIRA , ENTREVISTA N1, grifos nossos).

Enquanto desenvolvia o procedimento da observação participante no universo do centro, percebi que as internas concebiam inúmeras formas de manter acesa parte dos aprendizados e desejos interiorizados – constituintes de seus antigos estojos identitários - que institucionalmente eram vetados. Perceber as internas em interação com o grupo das agentes possibilitou a identificação de práticas paralelas que forneciam uma nova gama de significados aos espaços frequentados tornando-os em verdadeiros “locais livres” (GOFFMAN, 1974).

Em uma de minhas incursões no centro observei que muitas das internas se queixavam por não terem acesso a caneta e papel. Observando as reações, os conflitos e tensões – além dos relatos colhidos através das espontaneidades de algumas das internas -, percebi que aquele momento desvelava uma forte reação institucional em relação à tentativa de violação de uma regra tomada como “uma das mais importantes” do centro<sup>84</sup>. Esse momento revelava não apenas as sanções disciplinares do centro frente às transgressoras, mas as sutilezas, estratégias de resistências e padrões de manipulação de impressões desempenhados pelas internas. Era uma punição coletiva, pois era a fachada de algumas internas influentes que estava em jogo.

Nesse momento, a coordenadora do centro tinha confiscado todas as canetas e papéis das internas como atividade disciplinadora, devido ao fato de ter sido descoberta uma prática de resistência que trazia às internas certa liberdade perante a rígida rotina e controle institucional. A prática reprimida: tentativa de contato sexual entre internas. – “*Te encontro no banheiro!*”. Essa era a frase escrita em um bilhete passado de mão em mão. Além disso, o teor descrito nesse bilhete denunciava um dos vários locais livres existentes no centro.

Inseridas em uma cultura norteadas por traços heteronormativos – nome dado ao dispositivo cultural de poder, que age através do gênero, que tem como finalidade produzir entre as internas corpos heterossexuais (WEEKS, *apud* ANDREOLI, 2010) –, a instituição se ergue sobre a interna através de uma série de interditos: proibição de falar umas com as outras; de se abraçarem; entre outros. Desse modo, para a recém-chegada homossexual, não apenas a abstinência das drogas representava um entrave e desafio no estabelecimento de uma efetiva carreira moral. Cercadas por outras mulheres, terão que lidar com o desejo sexual por

---

<sup>83</sup> A partir do contato promovido pela incursão etnográfica, podemos traduzir a palavra dificuldade – apresentada na narrativa da informante – como sinônimo de prática desviante, contrária às regras institucionais.

<sup>84</sup> A famosa REGRA N° 2 que determina a proibição de relações sexuais no interior do centro.

internas do mesmo sexo, conforme preza as norma interna nº2 (QUADRO 2), ou pelo menos se apresentar, perante a instituição, com tal postura.

Se o acesso às drogas “aparentemente” é distante, inseridas em um contexto plural, tanto para as que eram homossexuais assumidas quanto para as heterossexuais que desejavam conceber tais práticas como uma forma de acalmar o desejo e impulsos sexuais, o banheiro se constituía - em momentos que a vigilância ficava mais branda – em local livre; lugar em que podiam conceber ações que as libertariam da dominação “constante”, podendo, assim, transgredir o código interno; ser “elas mesmas” por alguns momentos.

Buscar manter relações sexuais, ou ter acesso às drogas, ou falar ao celular, combinar atos de rebeldia, tornara o banheiro um espaço simbólico que permitia a interna frequentar mundos distintos e que, muitas vezes, se imbricavam. Assim como no banheiro, o momento de dormir se configurava em um período crítico no processo de monitoramento das internas. Ao questionar a coordenação do centro acerca a alocação da nova interna nos alojamentos, a missionária Jane Sueli revela que essa, assim como a maioria das decisões no centro, era uma tarefa que cabia a liderança. Ao buscar justificativas plausíveis para isso percebi que além de ser uma ação que revelava o controle da instituição sobre seus indivíduos, denunciava também uma ação preventiva às práticas já conhecidas no interior do centro.

Ao sondar o histórico da interna no processo de admissão, a coordenação do CRRS buscara identificar o quarto mais propício para a interna, bem como o nível de monitoramento e vigilância necessários ao longo da noite. Ou seja, logo ao ser inserida em um quarto específico, a interna já tem parte de seu perfil traduzido no olhar de suas novas companheiras e da instituição. Isso porque durante a noite, em que o fluxo de vigilância torna-se mais branda, os alojamentos podem se constituir em outros locais livres para a concepção de práticas consideradas proibidas institucionalmente. A coordenação narra experiências de internas que se beijavam durante a noite transgredindo conseqüentemente os valores da moral religiosa que rege o centro, conforme visto a seguir.

Olhe...aqui no Rosa aconteceu no banheiro...beijo né? (...). Aconteceu no banheiro e aconteceu na cama; de uma ir no banheiro e a outra ficar dormindo e uma acordar a outra com um beijo. Mas assim, a gente agora tá botando câmara (...) infravermelho que vai detectar tudo isso; e graças a Deus (...) eu oro sempre a Deus que Deus não permita que isso aconteça, e graças a Deus quando acontece de chegar nesse estágio do beijo alguém já me disse; já é detectado o problema (...); e se as duas estão no mesmo quarto a gente troca o quarto... se possível é levada até para a casa da obreira (JANE, ENTREVISTA N6).

Eventos como esses demonstram o CRRS como uma instituição em que elementos do sagrado e do profano reivindicam os mesmos espaços e sujeitos. A ação de repressão promovida pelo centro, faz com que as práticas de resistências das internas sejam cada vez mais sutis; imperceptíveis; invisíveis. Concomitantemente, os espaços livres se transformam; se reinventam; mudam de sentido ou se ajustam em novos espaços até então pouco explorados.

Portanto, à medida que o banheiro ou os quartos são cada vez mais monitorados, outros espaços do centro revelam práticas de resistências à cultura institucional assinalando o que Goffman (1974) chama de ajustamentos secundários<sup>85</sup>. Um desses espaços é a “oficina externa”. Na oficina externa são ornamentadas geralmente artes figurativas de barro feitas por artesãos do Alto do Moura nos arredores do centro.

Durante o tempo da pesquisa, estive sempre atento em relação às internas e espaços que cada uma delas ocupava. Percebia também que muitas internas pleiteavam funções de trabalho perante suas líderes e coordenadoras. Uma delas foi Andréia<sup>86</sup>.

Andréia passara a frequentar constantemente a oficina externa desempenhando trabalho de ornamentação. Todavia, por traz do trabalho desempenhado, finalidades ocultas se revelavam. Com histórico de homossexualismo, Andréia trazia outros significados ao exercício desempenhado; via no trabalho um meio de ficar mais próxima de Francisca<sup>87</sup>, com quem buscava estabelecer um relacionamento afetivo. Desse modo, enquanto atuavam perante a liderança, exercendo atos “aparentemente” de acordo com as normas sociais e culturais do centro, relações ocultas se processavam transpondo os limites das regras institucionais.

O momento de “reintegração social”, assim como o espaço da oficina externa, também pode se constituir em um espaço favorável ao concebimento de práticas que refletem certos ajustamentos secundários. A reintegração social é um dos momentos que marca a fase intermediária e final da trajetória da interna no centro. Através desse momento as internas podem ser moderadamente reinseridas em âmbitos sociais mais amplos – desenvolvendo, assim, trabalhos sociais, vendas de doces pelas ruas da cidade, entre outros -. Todavia, é uma dinâmica em que o acesso a bens ou práticas interditas institucionalmente torna-se mais favorável.

---

<sup>85</sup> O autor chama de ajustamentos secundários a “disposição habitual pelo qual o participante de uma organização emprega meios ilícitos, ou consegue fins não-autorizados, ou ambas as coisas, de forma a escapar daquilo que a organização supõe que deve fazer e obter” (GOFFMAN, 1974, p. 160).

<sup>86</sup> Nome fictício.

<sup>87</sup> Nome fictício da interna mencionada.

Uma vez que esses momentos representam uma retribuição institucional ao assujeitamento da interna em relação às suas normas e dominação, distantes do CRRS, essas saídas favorecem que atuações - como as desempenhadas no interior da instituição – sejam reforçadas ou até negadas. É o que pode ser percebido conforme o relato da coordenadora do centro.

Pesquisador: Durante o tempo que estive aqui no centro percebi que muitas internas saem para exercer atividades em centros sociais, casas de família, vender cocada pelas ruas...todavia, já aconteceu algum problema com algumas delas durante esse processo de inclusão social?

Coordenadora Jane: algumas fugiram depois retornaram; umas retornaram outras não....e Driele foi uma! Ela foi uma das que a gente quando botou pra inclusão social - porque foi ela quem pediu essa inclusão social – “deixa eu ir...deixa eu ir” (simulando a voz da interna). Ela se envolveu com um rapaz. O rapaz chamou ela pra ir pra um motel e ela foi...não foi pra droga, mas foi nessa área ai. Você depreciar o corpo; eu acho o maior absurdo! Ai eu disse a Driele: - você vai passar um bom tempo aqui em casa porque você não aprendeu ainda. Mas graças a Deus que Driele não fugiu ou não enveredou por uma vida errada novamente.

E quanto às meninas que vão e vem (ou seja, que saem periodicamente do centro para exercer atividades externas) (...) ai não tem como elas fazerem algo de errado, porque todas elas quando chegam, elas só vão dormir quando tem uma conversa comigo. Ai nessa conversa eu olho tudo, eu observo tudo. A droga é uma coisa que ela deixa sinal na visão, nas pálpebras aqui, no hálito, os poro; não tem como elas usarem drogas e voltar sem a gente perceber. Percebendo ficam aqui; já não saem mais; porque foi reprovada (risada) nesse teste né? Já no caso de Flaviana<sup>88</sup> o problema não era tanto a droga; ela era tentada na parte sexual. Ela chegou a se prostituir e passou a depreciar o corpo delas sabe?; ela e outras, e outras....coisas terríveis na área de prostituição; é onde o diabo pega mais elas por causa da carência (JANE, ENTREVISTA, N7).

A coordenadora reforça aquilo que foi averiguado nas relações das internas no interior do centro: que a busca pela saída pode representar para algumas das internas um meio de conceber práticas interditas institucionalmente; de fazer reviver o “eu” perseguido no contato constante com as agentes. Exercer algum tipo de trabalho nos locais designados pode representar, para a interna, um meio de acesso fácil às drogas, ao exercício sexual ou mesmo de uma eminente fuga.

De certo modo os locais livres, ou os chamados ajustamentos secundários, funcionam como uma válvula de escape em relação às tensões e pressões sofridas pelas internas quanto ao rigor do regime disciplinar a ser cumprido. As internas percebem que suas atuações podem lhes conduzir a espaços ou a níveis de vigilância bastante distintos, podendo assim garantir a continuidade do exercício das práticas consideradas ilícitas.

---

<sup>88</sup> Nome fictício da interna mencionada.

Assim, à medida que projetam possíveis consequências para suas atuações, as internas adotam um script que, quando cumprido, pode lhes trazer benefícios e a suavização de suas rotinas no centros, conforme evidenciado a seguir.

#### 4.4 VITÓRIA: UM MOTIVO PARA ATUAR

Enquanto progredia no desenvolvimento da incursão no campo, compreendendo como se constituía a lógica das relações entre as internas e a direção, buscava ganhar a confiança de cada um dos grupos participantes. Minha incursão em novos espaços ia se ampliando. Pouco a pouco, ia sendo convidado para conhecer novos locais no centro de forma espontânea: como quartos, banheiros, “a casa da obreira”.

. Quanto a esse último, desde o primeiro momento de minha incursão, percebia que embora todas as internas passassem em frente dele, poucas eram aquelas que podiam frequentá-lo. Era um quarto que ficava do lado de fora do ambiente. Nele era desenvolvida a maioria das atividades do centro.

Estratégico, sempre de porta aberta, sua vista dava direto para o único portão de entrada e saída, para o pátio (também chamado de quintal) e para casa da diretoria, principalmente. Quem ficasse nesse quarto tinha uma visão panóptica do centro. Embora a única porta dessa casa ficasse sempre aberta, as luzes da casa, sempre apagadas, davam a quem estava do lado de dentro a oportunidade de “ver sem ser visto”. Mesmo sendo simples em sua estrutura, sua função no centro favorecia que as internas seguissem um script fornecido pela instituição. Do lado de dentro, o que separava a pequena sala de recepção de um pequeno cômodo no interior era uma estampada coberta (lençóis); essa que passava a mensagem de que ao mesmo tempo que vigiavam, qualquer interna que nele adentrasse poderia ter sua intimidade violada – levando em conta que muitas auxiliares e internas próximas frequentavam essa casa juntamente com a obreira -. Mesmo nessas condições, quem ocupava esse cômodo era considerada com certo “privilégio” em relação às demais líderes do centro. Era aquela egressa tida como modelo para as demais internas e perante a instituição. Quem o possuía detinha intimidade e status que para muitas não era acessível. O fogão próprio trazia certa independência e privacidade; contribuía para dar autonomia em meio à rotina do centro. Embora fosse um quarto oferecido à egressa Poliana, havia um pequeno fluxo de internas em seu interior: na maioria das vezes aquelas que tinham galgado certa confiança e se assujeitado à líder Poliana.

Enquanto estive nele, percebi que a presença adulta não era a única a circular por entre os espaços do centro. Minha primeira ida à chamada “casa da obreira” foi marcada por um surpreendente encontro: pela primeira vez, em meio a todas aquelas mulheres, conflitos, resistências, disputas e estigmas, me deparei com aquela linda menininha de três anos que trazia no nome as marcas de quem – mesmo antes de nascer – travaria uma luta pela vida por consequência do envolvimento de sua mãe com vários tipos de drogas: seu nome era “Vitória”.

Após galgar a confiança da informante e obreira Poliana, a mesma me convidaria para que fosse entrevistada nesse espaço. Normalmente um lugar tão reservado não seria facilmente concebido à presença masculina durante 30 minutos e 22 segundos – tempo que durou a entrevista -. Adentrar esse espaço, e nele permanecer, representava que a incursão no campo de pesquisa estaria chegando a novos estágios em seu desenvolvimento.

Todavia, tão fecunda quanto a entrevista concebida pela informante Poliana foi meu primeiro encontro com a menina chamada Vitória. A encontrei chorando; estava nos braços de uma das internas. A entrevista demoraria um pouco mais para começar, uma vez que tentei consolar aquela pequena menina em meio ao seu pranto. A princípio não a tinha tomado como sujeito da pesquisa. Mas à medida que passei a desenvolver um relacionamento com ela - esse que pensava ser alheio aos interesses dessa pesquisa -, percebi que a mesma traduzia mais os contornos das relações e das trajetórias concebidas pelas internas no interior do centro do que supostamente imaginava.

À medida que minha relação com a pequena Vitória estreitava, novos olhares acerca do comportamento das internas eclodiam, fornecendo assim um meio de desvelar as relações concebidas entre essas e as equipes dirigentes ou visitantes. O contato etnográfico forneceu um olhar favorável para elucidar essas relações.

Ao revisar as experiências concebidas registradas no diário de campo, foi com grande surpresa que percebi quantas relações e interações se processavam em nossa volta. E assim escrevi no diário:

O centro sofre constantemente com a falta d'água. O racionamento entre as internas é constante. Quando chega água muitas internas se mobilizam rapidamente para fazer serviços básicos como lavar roupas, carregar baldes, tomar banhos “mais exagerados”. Enquanto as internas desempenham essas tarefas com grande suor e força, percebo a criança Vitória correndo pelos cantos. **A alegria dela contrasta com um mundo de trabalho e das várias funções desempenhadas pelas internas;** da abstinência e da penitência das adultas que trabalham no centro.

Ao conversar com a Vitória pela primeira vez logo ela me deu sua simpatia. Suas lágrimas momentâneas deram lugar a um doce sorriso, sorriso esse que

sempre se apresentava quando fazia com ela uma brincadeira, alguma perguntinha boba.

Resolvi dar-lhe um presente simples: uma kit de massa de modelar. Quando cheguei ao centro no dia 12 de dezembro, uma das primeiras coisas que fiz foi perguntar por Vitória. Naquele momento achava que tudo aquilo não fazia parte da pesquisa: me enganei! Quando saímos à sua procura ela estava com um brinquedinho simples – de fazer bolha de sabão. Fiquei admirado, pois em todo o tempo que desenvolvi a pesquisa jamais a tinha visto com brinquedo algum. Vinha com um brinquedo simples, roupas simples. **Tudo parece ser mais escasso quando o acesso a ambientes sociais mais amplos é restrito.**

Entreguei o presente que tinha preparado para ela. Me surpreendeu o quanto ela gostou daquela simples massa de modelar. Logo a chamei para o espaço em que são promovidos os cultos. Lá tinha muitas cadeiras; esperava sentar em uma para lhe mostrar como brincar. Tinham várias internas naquele momento ao meu redor. Algumas estavam incomunicáveis. Seus olhares atravessados pareciam demonstrar algum interesse em relação ao que acontecia. Somente em momentos posteriores perceberia o motivo daquela ação: **algumas estavam em disciplina; outras deveriam permanecer incomunicáveis. Eram as regras da casa!** No momento em que adentrei essa sala o apito não soou. Já não era mais desconhecido para muitas; mas muitas novatas ainda não me conheciam. Estavam como deviam estar. A complexidade das relações estabelecidas nesse momento se desvelava com enorme força e notoriedade.

**Enquanto ensinava Vitória pensei ser ela o centro das atenções. Mais uma vez perceberia que estava enganado. O centro das atenções nesse momento era eu!**

Mal termino de ensinar como a Vitória deveria brincar com a massinha, logo chega uma outra interna me pondo nos braços uma outra criança: o pequeno Salomão<sup>89</sup>. Percebi que havia uma expectativa daquela interna que essa criança (de 4 meses de idade) também me encantasse assim como fora com a Vitória. **Lembrei-me nesse momento o que disse uma outra interna em uma das entrevistas; que somos vistos, muitas vezes, como um canal de possibilidades para as internas, uma vez que nos encontramos em contato mais favorável com a sociedade mais ampla** (DIÁRIO DE CAMPO, 12 DE DEZEMBRO DE 2014, grifos nossos).

Após revisar essa passagem, passei a focar melhor a maneira de como Vitória interagia com as demais internas do CRRS, bem como esse contato favorecia a evidência de recortes e aspectos singulares do processo de socialização das mesmas.

Ser criança no CRRS atrai os olhares de parcela significativa das internas – especialmente daquelas que passaram pela dureza do processo de separação de seus filhos -. Vitória conecta novatas e veteranas, líderes e lideradas. Em torno dela, redes de sociabilidades surgem e desaparecem. Além disso, no contexto do CRRS, Vitória representa um meio pelo qual as internas podem lembrar de suas maternidades interrompidas devido ao tempo de reclusão<sup>90</sup>.

---

<sup>89</sup> Nome fictício.

<sup>90</sup> Se a menina Vitória se transforma em um meio de rememorar as identidades maternas interrompidas, possuir contatos mais duradouros torna-se um privilégio para poucas – o que também se traduz no resultado de



FIGURA 26: A menina Vitória com uma das internas do centro.

Fonte: campo de pesquisa, 2014.



FIGURA 27: A menina Vitória com mulheres de diferentes faixas etárias.

Fonte: campo de pesquisa, 2014.

Em geral, muitas vezes as mães que desejam se tratar no CRRS deixam seus filhos durante os meses de internamento – do grupo das 40 internas investigadas 34 delas são mães (QUADRO 3 / INDICADOR 7), sendo que 21 delas possuem entre 2 e 3 filhos e 24 das internas afirmam terem usado drogas estando grávidas (QUADRO 3 / INDICADOR 8) -. Além disso, das 6 internas que responderam que não possuem filhos, 4 abortaram ou desconfiam que abortaram.

Filha única, esse poderia ter sido o destino da pequena Vitória. Sua curta trajetória de vida compartilha aspectos comuns com as vivências e experiências de algumas dessas mães que tiveram que aprender a lidar com a maternidade e a dependência simultaneamente.

Conforme relata sua mãe – Carla Fernandes (21 anos de idade; três no centro) – não sabendo que estava grávida da pequena Vitória, a mesma fazia usos constantes do crack e do álcool.

Pesquisador: Você chegou a usar drogas enquanto estava grávida?

Carla Fernandes: Usei...usei! Usei porque nem barriga eu fiz né? Ai minha menstruação também atrasava; Ai eu pensava que eu não estava grávida. Quando eu vim descobrir eu já tava na maternidade sentindo as dor. Foi ai eu fiquei surpresa quando a médica disse que eu tava grávida e já tava nascendo! (CARLA FERNANDES, ENTREVISTA N7).

---

negociações entre as internas ou um sinal de status concebido pela instituição. Desse modo, percebi que os cuidados da menina Vitória, quando não atribuídos à mãe, geralmente ficam sob responsabilidade das internas com maiores status, com maior tempo de internação no centro, ou que já conseguiram dar maiores provas de confiança à liderança ou à sua mãe.



Nascida prematuramente, sob o efeito do crack e do álcool, a pequena Vitória começa sua incrível luta pela vida. Contraria as estatísticas das mães internas que tiveram precocemente seus filhos. Sobrevive! Ao sair do hospital a pequena Vitória passa a ser alvo de duras disputas, sendo posteriormente criada pelo Avô materno.

Assim como aconteceu com a informante Carla Fernandes, com a vinda dessas mães para o CRRS, o papel de criar as crianças fica a cargo de algum parente mais próximo geralmente. Todavia, à medida que desenvolvia sua trajetória no centro, em meio às crises de abstinências, aos conflitos em que se envolviam as demais internas, o desejo de ter a filha por perto fez com que a informante Carla Fernandes encontrasse novas razões para atuar e interagir frente os mecanismos de controle e dominação existentes.

Foi notória a reação da maioria das novas internas em relação ao grande entrave estabelecido quando estas se deparam com o conjunto de restrições e rotinas que compõem o cotidiano do CRRS. Interagindo com mecanismos que buscam o despojamento de suas antigas atuações, dos bens que lhes conferiam identidade, de seus filhos e filhas, é comum que o processo de adaptação seja marcado por acentuados conflitos e resistências – estes que repercutem diretamente na carreira moral desenvolvida pelas internas-. Uma vez que o papel da maternidade, do ponto de vista da socialização da mulher dentro de uma sociedade patriarcal, a faz assumir o posto de predestinada à procriação dos filhos – ideal esse reforçado pelos discursos religiosos heteronormativos do CRRS -, a maternidade pode representar um sentimento de culpa quando surge a necessidade de abdicação da função de mãe, da função de esposa e das “obrigações femininas”, conforme Santa Rita (2006). Ainda, segundo a autora supracitada, para as mães inseridas no contexto de instituições totais, cuidar dos filhos no ambiente de reclusão pode colaborar como mecanismo de abrandamento das rígidas e duras experiências vivenciadas. Para exercer alguns dos papéis da maternidade, a mãe interna tenderá a uma maior adequação às normas e regras da instituição, evitando assim o envolvimento em conflitos disciplinares.

A informante Carla Fernandes, em seu pouco tempo de reclusão no centro, perceberia quais as melhores atuações a desenvolver – compondo uma significativa carreira moral – a fim de ser uma das poucas exceções do CRRS: ter Vitória consigo durante o período de internamento para enfim exercer a maternidade que lhe fora negada meses atrás. Parecia uma tarefa difícil, pois teria que convencer com sua atuação várias plateias distintas: *demais internas, líderes, obreiras, visitantes, coordenação, direção e, principalmente, SEUS*

*FAMILIARES*. Percebera na postura de internas em condições semelhantes às da líder Juliana (esta que ganhara o privilégio de permanecer no centro ao lado de sua própria filha) os impactos de se “estar na linha” (GOFFMAN, 1996) no novo ambiente adentrado.

Assim, Carla Fernandes começa a desenvolver uma trajetória considerada, para muitas, como “exemplar”. Era preciso atuar dentro do que era considerado “os papéis principais” – incorporando e se assujeitando aos valores oficialmente reconhecidos pela elite do centro -. Assumir responsabilidades; liderança; dar provas de que o ideal institucional nela se cumpria; compreender como se relacionar tanto com as líderes quanto com as lideradas do centro. Todos esses correspondiam a alvos a serem atingidos.

De certo modo a informante Carla Fernandes deixa transparecer a necessidade de atuar para plateias internas e externas no discurso exibido a seguir.

Viam que eu tava recuperada mesmo né? Ai liberaram; porque na vida que eu tava a avó dela disse que não ia liberar né? Mas graças a Deus a irmã Jane falou muito com ela e ela a liberou né? (CARLA FERNANDES, ENTREVISTA N7).

Uma vez fornecendo provas de uma aparente recuperação, promove que a própria coordenadora do centro interceda por ela à sua família para que a pequena Vitória estivesse ao seu lado. A experiência de Carla Fernandes e de sua filha Vitória revela um processo relevante dentro da dinâmica de socialização do centro. À medida que a interna dá sinais significativos de assumir os papéis fornecidos pela instituição, a dureza das regras e interditos tende a ser reduzidos, concebendo à participante novos postos de atuações e uma ressignificação das relações e sociabilidades estabelecidas no interior do centro<sup>91</sup> – conforme será contemplado mais adiante -.

#### 4.5 A HORA DO CULTO: TENSÕES, CONFLITOS E RESISTÊNCIAS

A hora do culto é um dos momentos em que ocorre uma interação direta entre as internas e os chamados “visitantes” – esses geralmente membros pertencentes a algumas das denominações religiosas já apresentadas nessa dissertação -.

---

<sup>91</sup> Todavia, tendo atingido seu objetivo e consolidado a permanência de sua filha no âmbito do centro, a atuação de Carla Fernandes como mãe passa a ser questionada pelas demais integrantes da liderança do centro. O desejo de garantir um futuro melhor à sua filha, bem como a si mesma, faz com que ceda às expectativas de uma visitante que expressara o desejo de criar a pequena Vitória. Como consequência, ambas deixam o CRRS envolvidas em severos conflitos e estigmas.

Assistindo aos cultos celebrados pelas várias denominações ao longo dessa pesquisa pude identificar algumas características semelhantes em relação ao comportamento e atuações das internas. O culto passa a ser um momento entrelaçado por relações e disputas de poder, conflitos, resistências, estigmas, esses que dividem lugar com as práticas e ritos considerados sagrados. Desse modo, embora pudesse realizar uma breve síntese da eclosão desses eventos nas várias cerimônias religiosas ocorridas no CRRS, o culto de confraternização de fim de ano da Igreja Batista Pinheirópolis parece ter sido uma ocasião propícia para a evidenciação de todos esses elementos.

Desde que integrei o grupo da Igreja Batista Pinheirópolis que frequentemente realizava visitas no CRRS, até então desempenhava uma participação bastante modesta. Todavia, algumas situações inesperadas iam me impulsionando, cada vez mais, a assumir novas posturas e atuações. Uma dessas ocasiões eclode quando um membro do grupo - o “irmão João” – deixa a cidade com toda a sua família retornando definitivamente à sua cidade natal no Estado de São Paulo.

Considerado o ministro de louvor da IGBAPI, irmão João era o responsável por realizar o momento de cânticos com as internas logo nas aberturas dos cultos. Todavia, sua partida levaria o irmão Geraldo – diácono e líder do grupo de visitação - a me convidar para assumir esse posto vago. Consequentemente, o momento para marcar essa substituição inesperada foi logo escolhido: a festa de confraternização da Igreja Batista Pinheirópolis no encerramento do ano de 2014. Foi numa quinta feira – dia 18 de dezembro do referido ano – ocorrendo no próprio CRRS.

Quase todas as internas já tinham se dirigido para o salão dos cultos para o início da cerimônia. O som do apito reaparece antes do começo desse “culto festivo”. Ele lembrava àquelas que ainda não tinham adentrado aquele espaço a obrigatoriedade de suas presenças<sup>92</sup>. A insistência de seu som – marcado por uma característica tonalidade musical em sol - significava que nem todas as internas desejavam estar lá.

Conforme as informantes Poliana e Drielly Siqueira, embora seja um momento obrigatório na rotina das internas, existem significantes resistências por parte de algumas quanto às suas respectivas participações. As narrativas das informantes revelam a existência de várias estratégias de resistências utilizadas pelas internas quanto às idas obrigatórias aos cultos.

---

<sup>92</sup> Uma vez que as normas internas nº 5 e nº9 determinam a obrigatoriedade da participação das internas em momentos como esses (QUADRO 2).

Na hora do culto há a manifestação de banheiro. Dizem: -“tô passando mal”;- tô com dor de cabeça; -tô com diarreia; sempre tem alguma coisa que num deixa elas ali concentrada (...). Ai saem; andam... vai tomar banho. Se acontecer um culto e chamar para tomar banho na hora...nossa! tem gente que se deixar soltam fogos de alegria (POLIANA, ENTREVISTA N2).

Horário de culto, no caso das que não querem ir, a desculpa é porque está tomando banho; têm que tomar o banho tarde. Quando identificam que chegou uma “igreja chata” fazem cera dizendo: - ai! eu tenho que tomar banho pra ficar arrumadinha (...). A gente tem que ficar atenta nas resistências de algumas (DRIELLY SIQUEIRA , ENTREVISTA N1).

Para a informante Betânia, esse é um problema enfrentado principalmente com as novas internas. A partir de sua experiência, declara ela que a abstinência das drogas pode despontar como sendo uma das causas para algumas das reações de resistência referidas.

Tem uma que sempre...de vez em quando atrapalham; mas depois fica quieta quando a obreira vai no ouvido e conversa. **Eu acho que algumas atrapalham o culto por causa da abstinência**<sup>93</sup> (BETÂNIA, ENTREVISTA N5, grifos nossos).

O que para a pequena Vitória parecia ser um som agradável, engraçado, para as internas, o som do apito marca todos os momentos considerados de participação obrigatória no cotidiano da instituição total investigada; marca assim a série de rotinas e obrigações de cada interna – hora para comer, dormir, chegada dos visitantes, hora do culto, entre outros-. Sua relevância é marcante no processo de socialização e interiorização da cultura institucional. Símbolo de um regime disciplinar, seu som promove um esquadrihamento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos, atingindo seus gestos e corpos (REVEL, 2005). Esse mecanismo de controle ditava o tom da atuação esperada pela instituição em relação às suas internas.

Seu som não dava apenas o compasso da dinâmica e rotina do centro, mas, uma vez interiorizado, passa a ser lembrado por algumas internas em suas experiências posteriores ao período de internação no CRRS - é o que relata a informante e líder Juliana após ter retornado para casa depois de sua primeira passagem pelo centro.

---

<sup>93</sup> Segundo o DSM-IV o quadro de abstinência pode ser caracterizada, clinicamente, como uma síndrome específica com sinais e sintomas característicos à determinada substância, que surge devido à interrupção ou à redução no consumo da mesma (em geral, após uso prolongado e/ou em altas doses), causando sofrimento e impacto clinicamente significativos em diversas áreas no funcionamento global do indivíduo. Os sintomas podem progredir de acordo com o tempo de abstinência das drogas indo desde sintomas leves como tremores, irritabilidade, ansiedade, insônia, náuseas, vômitos até quadros específicos e graves como delírios, hiperatividade, distorções perceptivas intensas e níveis flutuantes de atividade psicomotora – sintomas esses que podem variar de acordo com o tipo de substância interrompida (TREMELINI; MONDONI, 2009) -.

Esse som indica muita coisa (risada). Eu me lembro quando tava aqui na primeira vez e fui embora; (...) eu escutava muitas coisas, principalmente o apito (risadas). Escutava nas horas da janta. Eu dizia à minha irmã: - é seis horas; essa hora estava lanchando. Seis horas estava acordando de manhã. Quatro horas estava lanchando. Eu contava tudo o que aprendi (...), o que pratiquei (...). Dizia que quando cheguei no centro não podia usar roupa curta. Quando voltei era a mesma coisa lá; vestia a mesma coisa! Ai ela dizia: -poxa Juliana, como tais mudada! O apito eu sempre escutava; principalmente quando dormia (risada). Não somente o apito, mas a voz da mãe Jane que falava muito comigo (JULIANA, ENTREVISTA N3).

O apito emite seu último som. Só quem convive no dia-a-dia do centro sabe seu significado; conhece seu controle; seus limites. Só quem convive pode notá-lo em meio às conversas e interações estabelecidas entre os visitantes.

As últimas internas chegam. Sem se comunicar com nenhum daqueles que visitavam o CRRS, sentavam-se prontamente. Era necessário atuar ao ponto de fazer com que todos acreditassem que aquela noite marcaria o encontro de mulheres disciplinadas e cedentes por ouvir os louvores, as palavras e reflexões advindas das leituras bíblicas. O culto finalmente começa!

Após a leitura da Bíblia feita pelo irmão Geraldo, a oportunidade é a mim delegada. Chegando perante todas as internas, pude perceber que os locais em que cada uma das internas ocupava desvelavam suas intenções, status, conflitos e resistências naquela cerimônia institucional. Todas as internas estavam dispostas em uma formação diferente da habitual – formação enfileirada das bancas – com as bancas, dessa vez, em forma de “U”. Embora institucionalmente tivesse que ser eu o centro de todas as atenções, os olhares de algumas se desviavam constantemente. Embora mantivessem o silêncio, pequenos gestos denunciavam que a participação no rito religioso não era o único objetivo para algumas das internas naquele momento. Gestos, olhares, posturas, passavam, para as demais internas, mensagens imperceptíveis aos olhos de quem ocupava posição distante em relação à cultura que predominava no centro. Todavia, foi percebido que práticas como essas corroboravam para o desvelar de aspectos da cultura e das interações estabelecidas. De acordo com Portela (2012, p. 59-60).

uma piscadela pode ter infínitos significados conforme códigos e conjunturas sociais e pessoais infinitamente complexas. Pode haver uma série de sentidos num “inocente” ato de piscar. Há sinais em gestos, palavras, posturas corporais, maneiras de agir ou não agir, que precisam ser decifrados, compreendidos e explicados. Nos detalhes, nas retículas, no “invisível” é que se percebem os sinais de cultura.

De forma semelhante Geertz, ao se reportar ao clássico exemplo de Ryle, ilustra que o gesto de piscar pode se traduzir em algo maior do que uma ação involuntária. Ilustrando essa tese antropológica, a partir da ação de dois garotos, o autor argumenta que:

Num deles, esse é um tique involuntário; no outro, é uma piscadela conspiratória a um amigo. Como movimentos, os dois são idênticos; observando os dois sozinhos, como se fosse uma câmara, numa observação "fenomenalista", ninguém poderia dizer qual delas seria um tique nervoso ou uma piscadela ou, na verdade, se ambas eram piscadelas ou tiques nervosos. No entanto, embora não retratável, a diferença entre um tique nervoso e uma piscadela é grande, como bem sabe aquele que teve a infelicidade de ver o primeiro tomado pela segunda. **O piscador está se comunicando e, de fato, comunicando de uma forma precisa e especial: (1) deliberadamente, (2) a alguém em particular, (3) transmitindo uma mensagem particular, (4) de acordo com um código socialmente estabelecido e (5) sem o conhecimento dos demais companheiros** (GEERTZ, 2008, p. 5, grifos nossos).



FIGURA 28: Pesquisador Jaquielson (à esquerda) ministrando louvor ( I )  
Fonte: arquivo pessoal, 2014.



FIGURA 29: Pesquisador Jaquielson ministrando o louvor ( II ).

Fonte: arquivo pessoal, 2014.



FIGURA 30: Obreira Poliana em vigia às internas.

Fonte: campo de pesquisa, 2014.

Ao meu lado esquerdo estavam os membros da Igreja Batista. Interessante perceber que da mesma forma que as internas adentravam o templo dessa mesma Igreja ocupando posições isoladas em relação aos demais membros - permanecendo assim sempre juntas umas das outras - os participantes visitantes dessa denominação pareciam repetir essa mesma condição no interior do centro. Dessa forma, percebi que os locais ocupados – tanto pelos membros da IGBAPI quanto pelas internas - traduziam elementos que desvelam relações de poder e status nas interações estabelecidas. Por trás da localização dos membros da IGBAPI algumas frases bíblicas traduziam o ideal missionário e transformador da instituição. Versículos como: “recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas, até os confins do mundo” (Atos 1:8); e “se pois Jesus vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (João, 8:36). O posicionamento dos membros da IGBAPI em relação aos versículos bíblicos na parede demonstrava a proximidade deles em relação ao grupo dos agentes do centro.

Assim como os membros da IGBAPI interagiam ocupando localizações próprias em relação às internas (Figura 29), a postura e localização da informante e obreira Poliana apresentava-se de forma bastante distinta quando comparada aos demais participantes – uma vez que essa ocupava o espaço que correspondia à única passagem de entrada e saída do recinto de culto (Figura 30).

Antes de começar a cerimônia, percebo a pequena Vitória correndo por todos os espaços do salão. Suas roupas lembravam aquelas que eram usadas pelas internas

consideradas mais exemplares – tomando como referência o ponto de vista institucional<sup>94</sup> -. Os poucos brinquedos que carregara para todos os espaços cediam lugar a um dos símbolos maiores de quem professa a fé em alguma das religiões evangélicas do centro: a Bíblia. Era uma Bíblia para adultos. Embora não soubesse ler a carregava como um complemento da indumentária idealizada pelas demais participantes.

A exposição da Bíblia passava mensagens para os visitantes. Portá-la e exibi-la de acordo com a atuação adotada trazia consigo os sinais de quem se assujeitou à cultura institucional<sup>95</sup>. Conhecer e saber citar suas palavras trás consigo significativa ascensão para aqueles que ingressam no projeto, quer seja como líder, visitante ou até mesmo como interna.

Ao acompanhar a trajetória da informante e obreira Poliana, percebi que ela – durante a construção de sua carreira moral – havia compreendido essa regra muito bem. Sempre em contato com os batistas, a percebia portando e recitando versículos e mensagens contidas nesse livro – conforme as imagens abaixo.



FIGURA 31: A obreira Poliana preparada para o culto Batista utilizando roupas sóbrias e Bíblia.

Fonte: arquivo pessoal, 2014.



FIGURA 32: Poliana recitando versículos bíblicos na Igreja Batista. Ao lado direito o pastor da igreja acompanhando rigorosamente o recitar de suas palavras.

Fonte: arquivo pessoal, 2014.

<sup>94</sup> Embora Goffman (1974) venha apresentar que no processo de admissão da novata seu estojo de identidade venha passar por certa desfiguração, à medida que a instituição busca o que chama de “mortificação do eu”, o centro Rosa de Saron permite – diferente de outras instituições totais – o uso de vestimentas próprias. Ao sondar os processos de interações, status e relações de poder, entre outros, percebi que à medida que progridem no desenvolvimento da carreira moral os estilos das roupas utilizadas pelas internas líderes tendem a mudar cada vez para mais sóbrias (atendendo assim às expectativas institucionais quanto aquelas que professam uma nova pertença religiosa). Assim, é possível identificar os líderes do centro a partir de dois elementos básicos: **a) a liberdade em circular e permanecer nos espaços do centro; b) a recuperação de antigos bens pessoais que, além de reconfigurar a identidade pessoal ainda possibilita um contato em maior frequência com a sociedade mais ampla; c) os tipos de roupas utilizadas (geralmente mais sóbrias).**

<sup>95</sup> Foi comum perceber que mesmo aquelas que não sabiam ler as portavam e exibiam com orgulho.



Essa atuação da obreira Poliana, ainda enquanto interna, lhe trouxe destaque no desempenho de suas funções no centro - é o que reconhece a coordenadora e fundadora do projeto, Jane Sueli -.

A líder tem que ser como Poliana né? Tem que ter uma boa conduta; tem que manejar bem a Palavra de Deus; ela tem que saber explicar e ter uma resposta quando as meninas perguntarem alguma coisa (...). Ela tem que mostrar realmente uma mudança. Poliana mostrou uma mudança por dentro e por fora (...), porque eu não acredito em uma conversão em que a pessoa continua a mesma (...), gostando de ser sensual (...), de falar aquelas gírias... Acredito em uma conversão quando ela muda a interna de verdade (JANE SUELI, ENTREVISTA N6).

Ao iniciar os louvores percebo a pequena Vitória fechando os olhos e levantando as mãos para os céus. Enquanto cantava as mesmas músicas entoadas por todas seu comportamento se assemelhava com a maioria das internas naquele momento.

Todavia, em um dos momentos ela se evade do espaço de culto. Aparentemente tão feliz quanto estava lá dentro brincava do lado de fora. Escutavam-se os seus gritos, risadas - ela era uma exceção às regras que regiam as demais internas -. Lembro-me do trabalho antropológico de Edlaine de Campos Gomes (2006) em que a autora analisa o processo de socialização e, consecutivamente, o comportamento de crianças em cerimônias religiosas e ritos fúnebres. Conclui a autora em seus achados que em momentos religiosos considerados sagrados as crianças são menos cobradas em suas posturas devido à: a) especificidade da criança enquanto uma etapa de desenvolvimento humano; b) o seu grau de maturidade, conectando faixa etária e flexibilidade; c) o controle e autocontrole da criança no momento da cerimônia. Todavia, ainda acrescenta a autora, os comportamentos delas são tolerados pelos demais grupos uma vez que o engajamento das crianças promove uma ação pedagogicamente voltada ao aprendizado dos processos sociais os quais participarão no futuro.

Durante as observações desprendidas à menina Vitória, percebi que o seu comportamento parecia incentivar algumas das internas novatas menos experientes. Entretanto, diferente da pequena Vitória, essas não tiveram as mesmas oportunidades e, principalmente, tolerância. Constantemente percebia algumas internas se levantando de suas cadeiras e indo em direção à porta. Eram constantemente impedidas pela obreira Poliana. As tentativas de fugas mentais se misturavam com as súbitas tentativas de escapes físicos do local do culto religioso.

Muito antes de adentrarmos aquele espaço, Poliana se localizava no único local possível de entrada e saída. Suas roupas e seus gestos, durante o culto, denunciavam uma

postura “ideal” em meio às demais internas. Contudo, as várias tentativas de saídas das internas deixavam claro qual era o seu papel no desempenho daquele rito. Seus olhares constantemente se desviavam da Bíblia e seguiam em direção às internas. Embora não falasse nada, era rapidamente compreendida por todas. Sua posição disciplinar sutil e firme eclodia de forma quase que imperceptível aos olhos dos visitantes. Sua postura em relação às demais internas ditava o tom do papel a ser desempenhado.

A posição em círculo das cadeiras dava a Poliana condição privilegiada se comparada às demais internas. Anteriormente a esse momento, observei que as cadeiras eram agrupadas em fileiras. Ao analisar a diferença do comportamento das internas percebi que aquela mudança não era em vão. Muitas internas aproveitavam-se da pouca visibilidade e vigilância, em relação às observações constantes promovidas pelas líderes, para fazer do lugar do culto verdadeiros “locais livres”. Nesse espaço pequenas conversas entre as internas denunciavam certas sociabilidades que eclodiam ocultamente. Bilhetes eram trocados com maior facilidade. Gestos, olhares, conversas, contatos físicos demonstravam práticas de resistências das internas em relação às normas institucionais. Poliana, em meio a esses contrastes, representava mais um dentre os vários mecanismos de controle que compunham o cotidiano do centro. Sua atuação corroborava para que desvios eminentes fossem corrigidos, senão prevenidos. Representava a extensão de um regime disciplinar que se mune de certas técnicas coercitivas que visa o controle da conduta, do comportamento e das atitudes das internas.

Terminando o louvor me sento junto com os demais visitantes da Igreja Batista. As disposições das cadeiras – separando-os das demais internas - denunciavam a grande distância cultural entre esses participantes. Embora acredite ter feito de forma inconsciente, sentei na última banca dessa mesma fileira: aquela que me deixava mais próximo das demais internas. Refletindo, percebi que o contato etnográfico havia me deixado entre esses dois mundos: entre o mundo de fora e o mundo de dentro; entre os líderes e os liderados; entre visitantes e internas.

Sentado onde estava percebo que a obreira Poliana se ausentou do posto de vigilância em que se encontrava. Parecia ser essa uma ótima oportunidade de perceber a reação das internas a partir de sua ausência. Depois de vários minutos contidas, não demorou muito para que uma das internas se levantasse e buscasse sair do local do culto. Sua velocidade em sair deixava expresso o valor daquela oportunidade. É nesse momento que uma candidata à líder aparece.

Sentada na primeira banca, bem próxima da porta, a ainda interna Márcia corre em sentido oposto olhando firme nos olhos dessa outra interna. Sem falar, repete com a mesma

firmeza os gestos da obreira Poliana. Foi o seu primeiro passo para atingir um novo nível em sua carreira moral. Ao sondar a carreira moral da interna Márcia, bem como das internas que buscam meios de resistência à cultura institucional, percebi que na dinâmica do centro geralmente figuram dois grupos de internas: aquelas que se internam por vontade própria e aquelas que adentram o centro de forma compulsória ou por pressões familiares (Márcia estaria no primeiro grupo).

Assim como Márcia, que ascendia cada vez mais para ocupar postos de liderança no centro, muitas outras internas encontravam-se em situação semelhante: dentre elas, a informante Juliana.

A primeira vez quando soube daqui foi através de um irmão (da igreja). Minha irmã falou com ele e disse que eu tava precisando me internar. **Foi uma decisão minha** (...) porque eu queria me internar; porque eu não queria ficar naquela situação. Eu queria me ver transformada para minha família para que essa chegasse a dizer: - essa é minha filha! **Quanto às regras...(susurra) eu não queria saber se o centro tinha regra! Eu quero saber que eu queria me tratar;** eu queria ser uma mulher diferente para meus filhos e minha família. Bom... (...) vim pra cá; me adaptei, gostei muito do lugar. (...) Quando eu cheguei aqui no Rosa de Saron eu cheguei positiva; muito positiva. E não teve nenhum problema não. Chorava bastante, chorava quando a saudade batia. A saudade vinha e passava. Chorei bastante; **pedi muito a Deus que conseguisse vencer né?** Nada para Deus é impossível? Botei as mãos na cabeça e passei até dez meses aqui dentro na primeira vez! (JULIANA, ENTREVISTA N3, grifos nossos).

Além de sua entrada voluntária, adentrar o centro partilhando experiências passadas em religiões evangélicas proporcionou para interna Juliana uma melhor adequação às normas e rotinas do centro. Diferentemente da informante Juliana, a coordenadora Jane cita a trajetória da ex-interna Flaviana como exemplo que justifique as ações de resistência de algumas internas quando inseridas no projeto de forma compulsória.

Sem querer pode, e a gente já recebeu algumas. Flaviana mesma foi uma internação involuntária. Por isso que ela me pediu logo pra ir para o trabalho de inclusão social e eu deixei, porque como ela tava com uma intervenção judicial ela não ia fugir né? Eu deixei sem medo. Mas foram poucas as que a gente teve desse jeito (JANE SUELI, ENTREVISTA N6).

Todavia, quer entrassem de forma voluntária quer entrassem de forma compulsória, uma vez inseridas na dinâmica do centro, espera-se que compartilhem os mesmos espaços; construam uma carreira moral em interações constantes, além que essas submetam-se ao controle institucional vigente. Os casos acima, bem como as interações observadas no campo de pesquisa, reforçam a concepção de Goffman (1974) de que uma vez que a interna voluntariamente entra no hospital, pode passar pelas mesmas rotinas de experiências daqueles

que entram compulsoriamente. O momento do culto era mais um momento em que a dinâmica do poder, do controle e da disciplina interagiam com fortes forças advindas das estratégias de resistências e conflitos das internas. Uma vez inserida na dinâmica do centro era necessário à interna saber se localizar. O papel que optasse em atuar tenderia a demarcar sua pertença a alguns dos grupos estabelecidos no centro: quer fosse como perenes internas lideradas, quer fosse visando ascender à liderança.

A ação da interna Márcia lhe posicionaria rapidamente acesso a um desses grupos. Buscar assujeitar os demais foi um dos meios encontrados, por essa interna, para mostrar seu próprio assujeitamento à dinâmica de dominação estabelecida. Poucos dias depois encontro Márcia pelas ruas da cidade de Caruaru - acompanhada de uma outra líder do centro-. Após o referido episódio ocorrido no culto, ganhara as ruas e a oportunidade de desenvolver trabalhos sociais em ambientes que lhe proporcionava um contato maior com indivíduos da sociedade mais ampla e um maior status de liderança no âmbito do centro.

Ao questionar a informante Drielly Siqueira acerca de fatos semelhantes, me responde - em um tom dramático - que “ser fiscal é o ensaio para ser uma grande líder”. Após seu ensaio no momento da confraternização da Igreja Batista no CRRS, o palco mudara; Márcia iniciava suas primeiras atuações em seu mais novo papel.

Assim, todos os eventos presenciados no ambiente do culto revelam traços característicos das internas e de suas líderes. Revelam, conseqüentemente, que as relações do centro são permeadas por harmonias e discórdias. Os conflitos aqui presenciados, na condição interpretativa simmeliana, demonstram não apenas formas de resistências, mas oferecem meios plausíveis de se evidenciar formas específicas de interações, ou seja, de associações – conforme Vandenberghe (2005) citando Simmel -. Portanto, embora a filosofia da instituição permaneça inalterada dentro dessas interações, os conflitos ocorridos entre internas e liderança deram margem a um novo conjunto de estratégias de atuações para ambos os lados, proporcionando assim certos ajustamentos das relações de associação estabelecidas.

#### 4.6 CONVERSÃO: O “SIM CÍNICO” E O “SIM SINCERO”

A hora do culto representa mais um momento em que a cultura dominante é apresentada às internas. Desde o processo de admissão, as internas são submetidas a esse momento pelo menos 3 ou 4 vezes ao dia. Um conjunto de procedimentos e técnicas emergem na busca por passar visões teológicas que desemboquem em novas perspectivas de atuações sociais por parte das internas.

As mensagens, estudos bíblicos, palestras, os cânticos entoados, as representações, entre outros, geralmente reforçam o passado como um momento de desvio, trevas, de angústia e sofrimento. As peças teatrais realizadas por visitantes podem representar um exemplo disso. Sendo desenvolvidas por membros que representam uma extensão da cultura dominante, quando permitem que as internas do centro participem, essas são inseridas em papéis que reforçam o motivo pelo qual adentraram o centro – o que acaba correspondendo em um ritual de rememoração -.



FIGURA 33 – Peça teatral promovidas por membros da Igreja Universal.  
FONTE: Campo de pesquisa, 2014.

A figura acima parece ilustrar bem essa perspectiva quando uma das internas do centro é inserida no meio de dois personagens - o da esquerda representando o álcool e a da direita representando o crack -. Ambos os personagens são representados com os rostos desfigurados ou em estado de putrefação. O personagem da esquerda chama a atenção quando abraça a interna e, ao mesmo tempo, segura uma corrente (simbolizando o vício que aprisiona) na altura do pescoço da interna. Seus olhares “tenebrosos” passam mensagens típicas que circulam em praticamente todas as correntes teológicas do centro: que o tempo passado no vício representa um período da ação de Satanás na vida das internas. Desse modo, a ideia de cura, nesse caso, é transmitida a partir da adoção de valores religiosos. Nessa concepção, quanto mais próxima do sagrado a interna estiver, maior distância obterá do que chamam de “o mundo do maligno”. A interna, desse modo, é condicionada a imaginar sua participação e trajetória social como um reflexo das ações desembocadas em esferas celestiais e “espirituais”.

Ao adotar essa perspectiva dominante, as internas passam a ressignificar suas antigas trajetórias dando, assim, novos sentidos e interpretações aos eventos ocorridos e experienciados conforme os relatos a seguir.

Pesquisador: como era sua vida antes de vir para cá?

Juliana: Me envolvi com drogas; várias drogas; bebida; tentativa de homicídio... Lá fora (...) não foi fácil pra mim (...). **Satanás investiu muito na minha vida.** (JULIANA, ENTREVISTA N3, grifos nosso).

Minha vida virou ao contrário. Comecei a vender drogas; fui ameaçada de morte; me envolvi com uma pessoa (...) só pelas drogas; quase fui parar no presídio de menor; e isso minha vida foi passando a ser cheia de mentiras, ilusão; **o diabo tentou me destruir. Deus teve um propósito comigo quando eu fui pêga** com drogas na escola. **Mas teve um anjo** de Deus que disse que eu não teria que ir para o presídio. Disse que eu iria para uma clínica ou para o presídio; não tive opção! Mas minha família optou por mim dizendo: - medite! Me enviaram para o Rosa de Saron onde a irmã Jane, que é a nossa mãe, (...) me atendeu dizendo que ia ter vaga e que eu viesse (DRIELLY SIQUEIRA, ENTREVISTA N1, grifos nossos).

De acordo com Berger (1972) como novas cristãs tenderão a compreender, com isso, que suas vidas anteriores foram longas noites de pecados e alienações diante da verdade salvadora; tenderão a encarar seus respectivos passados como cativeiros na falsa consciência onde os fatos passados passam a ser reinterpretados radicalmente.

Singular que no relato de ambas a perspectiva maniqueísta figura acentuadamente: que a trajetória de suas vidas era resultado de disputas entre o bem e o mal; entre Deus e Satanás. Na representação da informante Drielly Siqueira, momentos antes considerados catastróficos, antes lamentados pelas internas – como o momento em que foi presa na escola -, passam agora a ser tomados como passagens de um script divino. Além disso, pessoas que intermediaram a vinda da interna para o centro Rosa de Saron são tidas como agentes de seres celestiais (anjo), proporcionando escolhas e, conseqüentemente, novas experiências que culminariam na eminente transformação de sua vida à caminho da reabilitação. Desse modo, “o discurso religioso re-significa a trajetória biográfica do indivíduo, dando novas cores e novos sentidos ao seu passado, presente e futuro” (DIAS, 2006, p.04).

Características dessa ressignificação biográfica podem ser percebidas nas encenações teatrais produzidas pelas internas. O teatro apresentado pelas internas passa a traduzir o modo pelo qual o passado é recriado a partir da interação com o pensamento institucional; um canal para trazer novas significações às experiências; um meio utilizado pelo centro para passar seu

projeto de reabilitação a um público externo; um roteiro e uma cosmovisão específica para as demais internas.



FIGURA 34: Internas apresentando peça teatral.

Fonte: campo de pesquisa, 2014.



FIGURA 35. Drielly Siqueira representado Jesus.

Fonte: campo de pesquisa, 2014.

Na peça acima - ilustrada através das figuras 34 e 35 – certa concepção de ação maniqueísta é reforçada. Desse modo, a utilização do álcool e de outras drogas por parte das internas é atribuída à ação da figura de Satanás, aquele ser responsabilizado pelo caos e desvios estabelecidos na vida dessas mulheres.

Relevante perceber a interna Drielly Siqueira dramatizando o papel de Jesus – esse tomado como “o salvador” e o único possível de trazer a libertação desejada para as internas, conforme as principais concepções institucionais -. A encenação da informante Drielly Siqueira, no papel de Jesus, se traduz em um elemento simbólico bastante emblemático da condição do gênero feminino no universo investigado: que a ausência da presença masculina promove que as mulheres assumam papéis geralmente reservados a esse gênero.

Todas essas dinâmicas e estratégias, à medida que reforçam os valores institucionais, visam levar as internas a um momento bastante significativo no conceber de suas trajetórias individuais: o que chamam de “conversão”<sup>96</sup>. Essa representação, à medida que ressalta os

<sup>96</sup> Que sociologicamente é compreendido como o processo que visa a transformação no universo discursivo do indivíduo que engloba uma mudança em seus valores, crenças, comportamento e na forma de interpretar os acontecimentos (SNOW; MACHALEK, 1984 *apud* DIAS, 2006).

valores oficiais do centro, torna-se uma “cerimônia, um rejuvenescimento e reafirmação dos valores morais da comunidade” (GOFFMAN, 1996, p. 41).

Conforme foi visto, a hora do culto pode revelar significantes fragmentos acerca do universo das internas bem como os rituais e interações estabelecidos. Embora seja concebido por denominações diferentes – com mensagens sociais e teológicas muitas vezes contraditórias –, existe um momento dos cultos religiosos em que suas práticas ritualísticas entram em uma aparente sincronia: o momento do apelo.

O momento do apelo<sup>97</sup> ganha relevância dentro da dinâmica investigada, pois propicia que a interna – publicamente – professe sua decisão em adotar uma nova perspectiva religiosa<sup>98</sup>.



FIGURA 36: Momento do apelo Batista.  
FONTE: Arquivo Pessoal, 2014.

Durante o período da pesquisa, assisti constantemente o florescer desse momento. Percebia internas levantando-se de seus lugares, algumas em lágrimas, outras olhando para o chão enquanto o pastor proferia suas palavras. Nesse momento geralmente os pastores fazem uma oração pelas internas solicitando que as mesmas repitam suas palavras. Geralmente essa oração adquire a seguinte estrutura:

*“Senhor Jesus, neste momento eu me arrependo dos meus pecados e te aceito como meu Senhor e salvador. Escreve meu nome no Livro da Vida, em nome de Jesus Amém”.*

<sup>97</sup> Existem algumas distinções que marcam a conversão das internas a um segmento religioso específico. No caso da Igreja Batista (tradicional) as internas se levantam e repetem a oração feita pelo pastor. Nos apelos feitos pelas igrejas pentecostais geralmente as internas são convocadas a darem seu testemunho público vindo à frente das demais. As conversões neopentecostais são geralmente marcadas por rituais de expulsão de demônios e curas. Todavia, atender positivamente ao apelo feito por uma instituição religiosa não demarca necessariamente a pertença da interna nesta, conforme contemplado ao longo desse trabalho.



Para a maioria das instituições atuantes no CRRS, esse momento se constitui em um convite ao desenvolvimento de uma trajetória pautada em uma ascese inspirada no modelo de sofrimento de Cristo. Essa ascese possibilita a ressignificação do indivíduo pela via espiritual – pautada, assim, no aprendizado de um conjunto de técnicas de viver –, esta que resulte em novos meios de agir socialmente. Essa transformação seria seguida pela adoção de um conjunto de símbolos, signos e práticas religiosas. Sociologicamente, chamada de conversão, esse conceito é apresentado próximo daquilo que Foucault (2006) chama de Metánoia. É um acontecimento que leva o indivíduo a um transtorno seguindo de uma transformação. Acontece por meio de uma ruptura do indivíduo marcada pela negação, renúncia e morte de si mesmo para o renascer em um outra identidade sócio-religiosa. Entre os participantes do campo de pesquisa sua compreensão é tomada como uma radical e severa mudança do pensamento e do espírito a partir de uma mutação súbita – embora o ideal de conversão adotado por uma denominação não seja expressamente aquele adotado por outra.

Todavia, a incursão etnográfica contribuiu para perceber que esse ritual trazia às internas uma série de reajustes em suas posições e funções desempenhadas no âmbito do centro. Desse modo, o ritual de conversão ganha relevância à medida que possibilita uma abordagem que foque não apenas na capacidade da religião em livrar o indivíduo das angústias existenciais, da solidão, da doença, do sofrimento da morte, entre outros; mas, a partir de seu estudo, foi possível estabelecer uma abordagem sociológica capaz de percebê-la como meio plausível para a justificação da existência em posições sociais determinadas (BOURDIEU, 1992).

Agora, trajadas de novas roupagens e solicitando que seus observadores levem a sério os recentes papéis desempenhados, outras possibilidades para o desenvolvimento da carreira moral emergem.

Enquanto as internas conversas iniciam essa nova fase da carreira moral, os relatos de algumas líderes somadas às observações e interações estabelecidas durante a execução do procedimento de incursão etnográfica deixam evidentes algumas das impressões que essa ação pode causar sobre parcela da platéia do centro.

De acordo com a informante Drielly Siqueira, as atuações anteriores das internas “conversas” são levadas em consideração no momento que essas reivindicam, de suas companheiras, o reconhecimento de suas recentes atuações.

---

<sup>98</sup> Geralmente associada com o que Foucault (2006) sociologicamente chamou de Metánoia.

Algumas dizem (às demais internas): -só quer ser a santinha agora; - agora não faz mais nada de errado. Sempre acontece esse motivozinho de chacota entre aquelas que não querem mudança. - Isso é a santinha... é que querem ganhar a confiança da irmã Jane; -é porque é a babona da irmã Jane (DRIELLY SIQUEIRA, ENTREVISTA N1).

O relato revela alguns elementos significantes quanto ao desenvolvimento da trajetória de uma interna conversa em seu processo de socialização: a) espera-se que para ser atestada como “conversa” esta, ao adotar um novo senso de pertença religiosa, passe a desenvolver sua carreira moral de acordo com o pensamento institucional; b) a conversão pode se constituir em um sinal de aceitação por um grupo (liderança do centro) e, concomitantemente, de estigma para outro (internas mais rebeldes); c) as chacotas e brincadeiras passam a se constituir em testes para provar legitimidade ou a ilegitimidade da conversão; d) a conversão pode representar uma atuação cínica frente à equipe dirigente.

Quanto a esse último ponto, a conversão religiosa passa a ser tratada com muita precaução pelas líderes do centro. Se um primeiro passo é buscar levar a interna à concepção desse ato, um segundo passo consiste em provar, constantemente, sua veracidade. Do ponto de vista teórico, Goffman (1996) apresenta dois tipos de atuações que constituem a dinâmica do processo de interação: a “cínica” e a “sincera”.

Enquanto essa última reúne os atores que acreditam na impressão criada por sua representação, o autor acima destaca a atuação cínica como aquela com a finalidade de enganar o público; norteadas de interesses pessoais; aquela que o ator não acredita em sua própria atuação. Esses dois perfis de atuação parecem ser bem conhecidos no cotidiano das relações entre as internas e líderes do CRRS.

Desse modo, a nova convertida terá que provar, a cada momento, a veracidade de seu “sim sincero”, sendo submetida a constantes situações de testes, conforme o relato da informante Drielly Siqueira, reforçado – posteriormente - pela coordenadora Jane.

Por exemplo: quanto à questão da conversão, a gente vai com cuidado, vendo o testemunho da interna, o exemplo, até a gente ver que a conversão é verdadeira. Muitas se convertem querendo obter algo da família ou até (...) algo aqui mesmo. Querer algo (...) como uma liderança; algum cargo (DRIELLY SIQUEIRA, ENTREVISTA N1).

Teve outra aqui que se converteu; foi lá na frente e aceitou Jesus. Ela ficou muito ansiosa, roendo as unhas, puxando os cabelos. Vendo aquela ansiedade dela eu fui lá e perguntei: -por que você tá tão ansiosa? - nada mãe Jane, nada! (respondeu) - o que você tem? Nada! (respondeu). Ai um dia ela disse assim: - **quando é que você vai me dar um grupo de meninas pra liderar? Ai eu vi que a conversão dela foi pra isso.** Infelizmente não deu certo porque o que ela **queria era fazer um subgrupo.** (Admitindo posteriormente a interna diria) - Pois é eu não me converti;

não sou uma mulher de Deus. (...) **Muitas dizem que vão por emoção; e muitas dizem também que vão pra o culto acabar logo.** Mas com o **passar do tempo** mesmo essas que fizeram isso **ficam envergonhadas** e, realmente, a gente vê a conversão no correr do tempo entendeu? (...). Muitas vezes tem umas que se convertem toda vez que chega alguém e pergunta “quem quer Jesus venha aqui pra frente”! **Elas fazem também para chamar atenção.** Para a pessoa ver que agora ela é crente, entendeu? Vários motivos levam elas para irem ali. **Elas não assimilam, não levam a sério o que ela tá ouvindo naquela hora, mas ao passo que ela tá aqui, elas passam a entender.** (...) Chegou um dia uma pra mim, no dia que ela chegou, (...) o pastor chamou para uma oração; não foi nem pra aceitar Jesus! Ela já se ajoelhou chorando dizendo: “**eu quero esse Jesus; eu quero que ele tire esse fardo dentro de mim. E ai foi uma conversão sincera.** Mas muitas se convertem, **pra tá conversando,** porque elas são muito carentes; (...) se convertem **para alguém assisti-las quando elas precisarem de alguma coisa** como um xampu ou um batom entendeu? Ai elas gostam disso; alguma coisa assim; é alguma carência que elas tem (JANE, ENTREVISTA N6, grifos nossos).

Para a liderança do centro, o que consideram como um “sim cínico ao apelo” de uma interna, pode ser dotado por inúmeros significados como: a) tentativa de dar sinais positivos de uma recuperação aos familiares ou aos tutores; b) adquirir maior poder e influência sobre as demais internas; c) como meio de influenciar o fim da cerimônia a qual a interna não deseja participar; d) para o estabelecimento de novas configurações relacionais a fim de obtenção de posses materiais; e) estabelecer novas vias de sociabilidades; f) burlar certas normas de controle e coesão previstas no regimento interno; g) dar sinais positivos de recuperação à direção do centro.

De certo modo, a busca por identificar aquelas que deram um “sim cínico” ao apelo para a conversão em relação àquelas que acenaram com o que considerou-se chamar de “sim sincero”, por parte da instituição, ocorre como uma tentativa coibir uma agressão espiritual a elementos tidos como sagrados e emblemáticos no âmbito do CRRS. Goffman (1996, p.26) declara que a atuação cínica pode representar “uma jubilosa agressão espiritual pelo fato de poder brincar à vontade com alguma coisa que o público deve levar a sério”. Além disso, ao buscar estabelecer certo atestado da legitimidade da transformação e do assujeitamento da interna, o centro localiza aquelas mais “propícias” a participarem da concessão e distribuição de indultos e poderes respectivamente.

Por fim, mesmo aquelas atestadas como conversas cínicas no ambiente do centro; mesmo aquelas estigmatizadas por buscarem desenvolver uma carreira distante dos padrões tidos como “ideais” para a liderança; mesmo essas, de alguma forma, não podem fugir da influência religiosa que emana nas relações e do cotidiano do centro. Lembro-me das considerações de Eliade (1992) ao expressar que quando o indivíduo opta em viver de maneira profana, embora não seja religioso, não poderá se libertar totalmente dos

comportamentos religiosos que estão presentes no mundo e nos hábitos dos homens; a postura individual, frente à força imanente do grupo, passa a ser pressionada por sentimentos, impulsos e pensamentos muitas vezes contraditórios aos elementos constitutivos da identidade do sujeito (SIMMEL, 2006).

Assim, é nesse entrave de forças que o processo de conversão passa a adquirir novos significados e representações sendo dotada de sentido e força para fazer progredir a carreira moral das participantes do CRRS. A busca por identificar as atuações tidas como “cínicas” passaria, portanto, a constituir um sinal que tanto a instituição quanto as suas internas compreendem o valor e o impacto desse rito nas trajetórias individuais concebidas.

#### 4.7 À CAMINHO DA IGREJA

Durante o tempo que desenvolvi a pesquisa etnográfica presenciei várias pregações de visitantes das diversas denominações acerca do seguinte texto bíblico: “Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve” (MATEUS 11.28-30). Praticamente é um versículo que aparecia em todos os momentos do chamado “apelo”. Embora tivesse percebido diversos posicionamentos exegéticos acerca dessa passagem, ficara imaginando de que forma algumas internas receberiam essa passagem bíblica? que interpretações, sentido e utilizações fariam dessa passagem?

A instrumentalização da religião, conforme apresentado em momentos anteriores, corrobora para pensar algumas das finalidades da mudança de paradigma religioso de algumas internas. Conforme fora apresentado, a conversão pode representar um meio de ascensão de status e obtenção de privilégios<sup>99</sup> - quer a interna a adote como meio estratégico ou não -. Todavia, tão sedutora quanto a proposta de adquirir maiores status e privilégios no ambiente do centro é a possibilidade de sair dele.

Conforme já foi destacado, o cumprimento das regras institucionais abre a possibilidade de inserção em novos espaços no interior do centro. Professar a pertença a algum segmento religioso, através da sinalização positiva ao apelo feito nas cerimônias no interior do centro, pode dar às internas acesso a novos espaços em ambientes religiosos exteriores ao centro.

---

<sup>99</sup> Como obter um celular, estabelecer maiores contatos com visitantes; obter saídas do centro; participar das decisões; conversar e influenciar grupos; frequentar novos espaços; obter espaços próprios; etc.

Pelo menos duas igrejas atuantes no centro realizam traslado de internas aos seus respectivos templos aos domingos: a Igreja Universal e a Igreja Batista Pinheirópolis.

Ter sinalizado positivamente ao apelo; ter fornecido provas de se inserir na dinâmica da conversão sincera; estar cumprindo satisfatoriamente as regras institucionais; esses são três dos principais pontos do desenvolvimento das trajetórias das internas que podem conduzi-las em direção a alguma dessas denominações supracitadas. Para aquelas consideradas “conversas sinceras”, o caminho à igreja pode representar um meio pelo qual novas experiências com o mundo sagrado serão estabelecidas. Tende a representar um momento de aprofundamento nos contornos e características que marcam a singularidade da corrente teológica abraçada. Essa experiência pode ainda representar um momento de alívio em relação às dores e traumas concebidos nas trajetórias de vida de cada interna.

Todavia, existe todo um cuidado do centro em não permitir que aquelas internas consideradas como “conversas cínicas” adentrem o âmbito da igreja. Isso porque, para essas, o caminho à igreja pode reservar possibilidades bastante sedutoras uma vez que: a) é um momento em que a interna pode estabelecer novas interações; b) a interna pode sair da rotina que marca o centro; c) existe a possibilidade de consolidar uma posição de status nas interações internas – uma vez que aquelas que saem são tidas como exemplo para as que ficam -; d) a igreja possibilita que as internas experimentem cardápios diferenciados em relação àqueles servidos no centro; e) a interna pode identificar possíveis brechas para fugas - uma vez que ocorre um abrandamento dos mecanismos de controle e vigilância empregados no centro o adentrar a igreja-; entre outros<sup>100</sup>.



FIGURA 37: Internas (ao fundo) no café da manhã na com membros da Igreja Batista.

FONTE: Arquivo Pessoal, 2014.



FIGURA 38: Internas em evento externo promovido pela Igreja Universal.

FONTE: Arquivo Pessoal, 2014.

<sup>100</sup> Mesmo que tais intencionalidades tenham sido percebidas, os elementos aqui descritos também podem ser acessíveis àquelas consideradas conversas sinceras.

Durante a pesquisa etnográfica, todos os pontos acima discriminados foram – em maior ou menor número – evidenciados nas duas igrejas acompanhadas.

Enquanto as percebi em interação nesses novos ambientes, pude evidenciar que parte significativa das relações concebidas no interior do centro se reproduzia em ambientes religiosos externos. Em ambas as igrejas as internas permaneciam sempre juntas e vigiadas. Sentadas nas primeiras bancas da igreja, as internas podiam repetir os gestos de adoração característicos de cada tradição. Todavia, a aparente liberdade espiritual gozada era acompanhada pelos olhares sempre atentos de suas líderes e obreiras – geralmente tidas como “conversas sinceras” - que sentavam nas últimas bancas da igreja em constante e permanente estado de vigilância.

Embora sejam, na maioria das vezes, mantidas juntas, as idas às igrejas possibilitam contatos com os demais membros. É comum conseguirem dos membros mais generosos presentes (bens materiais como Bíblias, roupas, calçados, entre outros<sup>101</sup>) que marcam o reconhecimento desses em relação ao progresso das internas no desenvolvimento de suas carreiras morais.

Percebi, durante o desenvolvimento da pesquisa etnográfica, que o ato de professar suas próprias histórias de vida aos membros das várias denominações funciona como um meio de fortalecer a atuação e a fachada desempenhada pelas internas. Desse modo, quanto mais caótico o passado da interna, maior o reconhecimento do “estado de graça” e “transformação” alcançados – o capital social inflige no fortalecimento do estado de conversão. Para Berger (1972, p. 73) a “conversão é um ato no qual o passado é praticamente transformado”. Conforme já foi visto, quando a “conversa sincera” professa seu testemunho tenderá a compreender sua vida anterior como uma longa noite de pecado e alienação diante da “verdade salvadora”, concebendo-o como um cativo na falsa consciência (BERGER, 1972). As ressignificações ocorridas em seus relatos tendem a ser concebidas influenciadas pela nova visão sagrada adotada.

Assim como as conversas sinceras, as convertidas tidas como “cínicas” também tendem a ressignificar o passado. Todavia, não acreditando em sua própria atuação, buscam recriar suas biografias como um meio de fornecer símbolos que atestem suas atuações aos demais participantes da interação. Ainda que desacreditadas posteriormente nas interações no

---

<sup>101</sup> Os bens obtidos dessa relação também podem ser traduzidos como elemento de troca por drogas quando essas retornam do projeto às suas antigas realidades. Uma das internas que visitava frequentemente a IGBAPI recebeu

âmbito do centro, as fachadas dessas estarão salvas desde que as internas tenham a habilidade de não permitirem que ambos os participantes – do centro e das igrejas – estejam no mesmo espaço da atuação (GOFFMAN, 2011).

A postura da interna Flaviana representa um exemplo significativo daquelas que, mesmo descredibilizadas no âmbito do centro<sup>102</sup>, puderam contar com os benefícios obtidos durante os vários meses de interação com membros das demais igrejas, conforme expresso no relato da coordenadora Jane Sueli.

Elas querem impressionar. Foi o caso de Flaviana. (...). Ela ganhou o título de melhor acampante (...) e foi uma das melhores participantes. Só que na área espiritual ela deixava a desejar (...). Ai eu disse: - olhe Flaviana, o pastor lhe deu o título de melhor acampante... “eu não daria esse título a você”. - O pastor só lhe deu porque não sabe de seu histórico. Eu disse (à Flaviana): - você mente em seu testemunho; eu disse que não mentisse. Ela disse em seu testemunho que matou; (...) que era traficante; ela não era nada disso (...). Ela era muito altiva. (...) Eu disse a ela: - no dia que você der um testemunho verdadeiro ai eu digo que você se converteu de verdade (...). Quanto a carta que o pastor deu, eu acho que ela agiu de má fé<sup>103</sup>. Ela me pediu a carta para ir para (nome ocultado). A mãe dela disse que pagaria o que fosse necessário (...). Ai eu disse: - há minha irmã, eu nunca cobre pela estadia dela e não vou cobrar por um relatório. (...) Mas eu não posso mentir. Eu posso lhe dar um relatório de Flaviana que ela passou todo esse tempo aqui em abstinência. Agora pra falar do comportamento tenho que falar a verdade. Aqui com as meninas ela brigava (...), mentia (...) (JANE, ENTREVISTA N6).

O relato fornece uma série de elementos de como a instituição – a partir da ação de seus agentes – classifica uma interna como “cínica”. A atuação considerada cínica exigia da interna a destreza de não permitir que as duas plateias distintas – centro e igreja – se encontrassem.

Por outro lado, tão complexas quanto as diferentes atuações das internas são as relações de disputas entre as igrejas participantes. Durante o tempo de interação era muito comum que nos ensinamentos ministrados uma igreja proferisse um discurso teológico que viesse de encontro à outra participante do centro. Além disso, como fruto desse hibridismo,

---

um violão do Irmão João – ministro de louvor da igreja -, vendendo-o com esse objetivo logo que retornou do internamento no CRRS.

<sup>102</sup> Embora exercesse liderança no centro era comum encontrar Flaviana “desassociada” de sua interpretação institucional. Conversas que envolviam teor sexual - os chamados “palavrões”-, ou até mesmo contra membros da liderança do próprio CRRS compunha o outro lado dessa líder interna (posturas altamente retalhadas dentro dos valores do centro). Aproveitava-se do momento de inclusão social para manter e realizar encontros. Suspeitava-se que relações sexuais fossem concebidas nesses momentos. Descoberta, foi disciplinada pela cúpula do CRRS, sendo impedida de sair como antes, além de sofrer fortes estigmas das líderes e de várias outras internas.

<sup>103</sup> Lembro-me de uma das conversas que tive com a interna Drielly Siqueira . Em sua concepção aqueles que figuram no centro apenas como visitantes dificilmente irão entender o comportamento de uma interna, estando propensos a se sensibilizarem com as referidas histórias professadas e correspondendo, assim, positivamente às investidas dessa.

era muito comum presenciar atuações distorcidas das internas nos múltiplos ambientes religiosos; essas que repetiam discursos e sinais de uma tradição religiosa em outra. Como por exemplo: escutar as internas falando bem alto “aleluia” em uma igreja tradicional ou defendendo a visão da TP em um ambiente pentecostal; entre outros. Se apresentar com a “fachada errada”, no ambiente da igreja, revelara não apenas um meio singular de conceber as interações entre internas e membros das igrejas participantes, mas revelava a pluralidade de mundos – teológicos e sociais – os quais as internas estavam envolvidas, incorporada no processo de mutação e transformação identitária das internas.

Uma vez que a visão teológica assimilada desemboca em uma maneira específica de visão do social, foi perceptível certo hibridismo nas falas e concepções das internas, tendo em vista que as mesmas circulavam em múltiplos ambiente religiosos durante seu processo de socialização.

#### 4.8 MOMENTO DA DESPEDIDA

Os desfechos das trajetórias das internas podem ser marcados por formas distintas de status desenvolvido durante o período de internamento. Geralmente, as internas que conseguiram dar provas de suas efetivas recuperações, aproximando-se da cultura institucional e demais líderes do centro, recebem um último e significativo rito de passagem: um culto de despedida.

Receber esse rito de passagem é constituído como uma das maiores honrarias possíveis no centro. Nesse culto, os valores do centro são reafirmados. Os discursos de despedida das internas são geralmente regados pela nova lógica religiosa adquirida. Ao narrarem as punições sofridas, os castigos, os interditos, o peso das regras internas, as violências simbólicas, entre outras, todo o conjunto de processos que marcam o poder e a violência simbólica exercidos pela instituição são interpretadas como necessários para o desenvolvimento das trajetórias das internas, conforme o relato da ex-interna e agora obreira do centro Drielly Siqueira .

---

Ai eu passei a observar o porque que as obreiras estavam fazendo aquele trabalho tão malvado: porque eu precisava daquilo pra (...) mudar; e se fosse as pessoas novatas, não ia salvar nenhuma das duas; ia sair pelo portão e fazer tudo de novo. Ai eu fico feliz por todas essas regras, porque me fizeram uma pessoa muito melhor. Já cheguei a quebrar regras; cheguei a ser disciplinada; a minha disciplina (...) era copiar versículos da Bíblia, (...) refletir o que eu tava fazendo (sozinha);foi muito bom pra mim porque foram as disciplinas que me fizeram ter consciência que



eu realmente estava cometendo algum erro; que não ia ser bom pra mim, nem bom para minhas companheiras. Mas era muito boa essa disciplina, pois era copiar o versículo da Bíblia de acordo com o seu ato feito; e depois de copiar tinha que dizer tudo aquilo que aprendi. (DRIELLY SIQUEIRA , ENTREVISTA N1)

Já a equipe dirigente reforça esse processo mostrando-o como necessário para o desenvolvimento da carreira moral da interna. Esse momento foi um dos mais expressivos da pesquisa, uma vez que elementos singulares das trajetórias das internas são lembrados. Um conjunto de narrativas se misturam desvelando o pensamento institucional sobre suas internas. Sempre testadas/avaliadas, manter a fachada concebida no interior do centro – preservando os aprendizados concebidos, a abstinência e os valores da nova fé adquirida - é tido como “a última prova a ser dada” da aparente “cura” alcançada.

Os discursos dessas cooperam para as primeiras experiências de socialização para as novas internas. Funcionam como um incentivo para as novatas internas, embora seja uma narrativa desacreditada por algumas do convívio mais próximo.

É comum perceber que, da mesma forma que o pensamento institucional se faz presente no momento de despedida, sociabilidades paralelas – composta por um número menor de internas – são constituídas narrando alguns dos episódios ilícitos no momento cerimonial.

A saída de uma interna pode alterar as relações de poder instituídas no interior do centro – marcadas por rituais de sucessões -. Quando uma líder sai, logo uma fiscal deverá tomar o seu lugar para que o ciclo se repita.

Assim, para aquelas que concluem o período de internação, a carreira como obreira é a mais provável caso desejem atuar no centro na condição de egressas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa dissertação pudemos apresentar alguns dos aspectos que compõem a realidade das mulheres internas e dos agentes que desempenham atividades de liderança no CRRS.

À luz dos conceitos advindos da psicologia social e do interacionismo simbólico de Goffman, as trajetórias dessas “mulheres artistas” foram evidenciadas e problematizadas. Advindas de vários contextos, grupos sociais, regiões e culturas distintas do Brasil, essas mulheres encontram em suas trajetórias de vida um elemento que para todas apresentou-se como decisivo para suas respectivas incursões no CRRS: a dependência em drogas consideradas socialmente como ilegais ou legais (no caso do álcool).

Foi a partir da evidenciação das relações de poder, conflitos, tensões, estigmas, rotinas, práticas religiosas, entre outros - tipificados nas interações entre os sujeitos da pesquisa - que esse trabalho intentou perceber de que modo se configurou o processo de inserção e, conseqüentemente, desenvolvimento das trajetórias dessas mulheres sendo elas advindas de contextos culturais e religiosos bastante distintos.

Ser inserida no contexto do CRRS pode se constituir para a interna em uma drástica ruptura com antigos padrões de conduta concebidos em processos de socializações anteriores. No âmbito da instituição total, o processo de mortificação do eu – característico do projeto de reabilitação do campo de pesquisa – revelou-se permeado por tensões e negociações que acompanharam as internas investigadas durante boa parte do período do tratamento. Desse modo, embora exista todo um esforço institucional para disciplinar e controlar as internas, suas antigas experiências de socialização e desejos individuais se reinventam na dinâmica do centro. Para algumas, a busca pela preservação do eu ocorre à medida que exercem ações consideradas desviantes no meio institucional; para outras, essa busca pela preservação de um “estojo identitário”, concebido em momentos anteriores à inserção no CRRS, pode ocorrer através de ajustamentos secundários – em que a interna apresenta uma “aparentemente” sintonia com as concepções e padrões legitimados pelo centro.

Uma vez inserida na dinâmica do centro, aspectos característicos das trajetórias desenvolvidas em ambientes externos – tipo de dependência, a pertença religiosa, internações anteriores, entre outros -, representam elementos para a constituição da localização da interna na dinâmica das relações do centro. Na condição de interna, e sob a força controladora da instituição, novos padrões de conduta e atuações, demandados pelos diversos grupos

existentes, também se constituíram como decisivos na demarcação da localização da interna na geografia e hierarquia no centro.

Sondada tanto pela liderança quanto pelas demais internas, o histórico da recém-chegada e suas primeiras reações aos testes de obediência promovidos permitem identificá-la como pertencente ao grupo das “*promissoras*” – aquelas que aparentemente tenderão a desenvolver uma carreira moral favorável – ou ao grupo das “*estigmatizadas*” – que são aquelas internas que constantemente se envolvem em conflitos e resistências sendo alvo das ações disciplinadoras e repressoras conferidas na dinâmica do centro -.

Quanto a esse segundo grupo, percebi, em sua composição, a incidência de poderes paralelos em relação àqueles exercidos pela liderança. Desse modo, uma interna estigmatizada pelos representantes do centro pode compor novas relações de poder e subordinação com finalidades bastante variadas - como promover grupos e estratégias de resistência, rebeliões, facilitar fugas, violar normas, frequentar locais livres, entre outros -.

A socialização secundária pode ocorrer através da interiorização de aprendizados que fluem pelas vias marginais do centro e de seus participantes. Para aquelas que se assujeitam à cultura institucional, a marginalização promovida por segmentos de grupos de internas é um caminho bastante provável. Percebi isso principalmente quando entrevistava a interna Claudia juntamente com outras sete internas.

Nesse episódio, com a chegada de uma das líderes, todas as internas ficaram indiferentes; adotaram novos scripts; buscaram atuar de forma que pudessem salvar a fachada da amiga “em apuros”. Indago-me se naquele momento poderia ter revelado à líder o teor da conversa. Todavia, meu silêncio talvez tenha demonstrado que eu era tão ator quanto aquelas que pesquisava. Lembro-me das palavras de um pastor – durante o período da investigação – quando esse declarou que todos nós usamos “máscaras” – crentes e não-crentes -; que embora estivéssemos no âmbito da igreja, esse espaço corresponderia somente a mais um em que nós atuávamos.

A identidade é uma construção relacional. Cada igreja participante do centro demandava sutilezas nos papéis desempenhados pelas internas. Cada uma dessas correntes demandava um tipo de atuação de suas participantes o que ocasionava certas práticas híbridas ou atuações falhas das internas.

As identidades adquiridas passam, com isso, por vários testes. A conversão é um momento marcante na trajetória de uma interna. Uma vez que essa se identifica como conversa, passa a ser testada por suas líderes e demais companheiras. O objetivo, assim, é conceder a veracidade devida ao ato professado. Considerarei conceituar nesse trabalho como

“sim sincero” ou “sim cínico” o atestado institucional em relação à performance das internas quanto a esse ponto.

Inserida na dinâmica da construção do eu no ambiente da instituição total investigada, o processo de conversão revelou que as identidades das internas investigadas não são fixas, mas podem se moldar às especificidades de contextos plurais nas relações desempenhadas.

Todavia, ao contrário do que possa parecer, não apenas os considerados cínicos atuam perante sua plateia. As cerimônias institucionais, as líderes que vigiavam as internas durante a visita dos diversos membros das igrejas, alguns espaços mais próximos de padrões externos do que outros, mostraram que a instituição e seus participantes mais devotos também moldam suas relações e dinâmicas no contato com novas plateias. Eles se reinventam. Acentuam valores almejados ou tidos como “tipos ideais”. Fotografias, narrativas e imensos cartazes tendem a reforçar a eficácia da proposta institucional de recuperação, assim como a conceber as relações de internas, liderança e visitantes de forma harmoniosa. Quer seja para a instituição, quer seja para as internas, se reinventar na interação tem os seus benefícios.

Para as internas, ocupar cargos e funções de liderança pode proporcionar certo alívio ou privilégios durante o desenvolvimento de suas trajetórias individuais. Professar e praticar a cultura institucional dominante pode favorecer novos contornos e desenvolvimentos às suas respectivas trajetórias.

Todavia, é necessário saber as regras do jogo. É relevante conhecer que/quais papéis e funções são demandados.

Conforme foi visto, um dos principais elementos de troca de uma interna para com as principais representantes institucionais se dá a partir do controle e manipulação de informações. Desse modo, aquelas que se inclinam a representar “os olhos e ouvidos da instituição” – exercendo a função de fiscais - à medida que promovem a circulação de informações - como um mal comportamento, contatos físicos afetivos, rivalidades internas, conspirações, entre outros – tendem a se aproximar mais da cultura dominante e a perpetuar algumas das estruturas de controle e dominação características do centro. Todavia, mesmo para essas, observar e ser observada se constitui em dois movimentos que as acompanham em todo o período de desenvolvimento das trajetórias no centro.

Uma recompensa para aquelas que se submeteram à instituição, desenvolvendo trajetórias o mais próximo da cultura institucional dominante, se dá através da possibilidade de passarem ou permanecerem nos chamados “locais livres” (GOFFMAN, 1974). Sendo assim, ao interpretar os papéis demandados institucionalmente, o centro pode conferir às internas maiores prestígio e regalias; conseqüentemente, maiores acessos a tais espaços. Desse

modo, tornar-se uma líder de grupo ou conquistar a confiança de algum membro da liderança pode promover certa ressignificação do que é “estar inserida no contexto de uma instituição total”.

As paredes, a vigilância, a força de controle da “instituição total” enfraquece. Ela emana seu controle e poder de forma tão variada quanto os níveis de desenvolvimento das trajetórias de suas internas. Desse modo, enquanto o centro pode ser um local de cárcere para algumas - um local de privações, de renúncia, um espaço de mutilações-, para outras tais experiências parecem minimizadas ou até inexistentes. Os limites entre o dentro e o fora se dissolvem ganhando novos significados e limites. Uma vez tendo dado provas de um assujeitamento à instituição, emerge a possibilidade de frequentar novos espaços dentro ou fora do centro antes interditados a partir de: a) saídas periódicas para realizar trabalhos em centros sociais; b) saídas para as ruas da cidade afim de desempenhar atividades comerciais; c) idas semanais às igrejas participantes do CRRS, entre outros -. Para a interna que adota uma atuação cínica, enquanto possuir a condição de manter ocultos os desvios praticados nesses espaços, a dureza e os interditos do centro tenderão a ser suavizados.

O campo, ao longo da pesquisa, apresentou-se como um ambiente plural. Essa pluralidade, ao contrario do que se imaginava no período anterior à incursão, não era exclusiva do mundo das internas – uma vez que o CRRS reúne em sua sede mulheres que advêm de várias cidades do Estado de Pernambuco e da região Nordeste com trajetórias, contextos e culturas distintas – mas acabaria se relevando nas práticas institucionais de seus principais agentes e/ou representantes.

Assim, tanto as recém-chegadas quanto líderes e obreiras egressas fazem com que o CRRS seja uma instituição em que variadas formas de poder, controle e estigmas se imbricam na concepção de relações singulares desse meio. As trajetórias dessas mulheres não revelam apenas mutações à caminho de um modelo de ressocialização, mas um ideal de preservação identitária frente às tensões e pressões sociais que desencadearam a inserção e a permanência dessas mulheres no contexto do centro investigado. As resistências, conflitos e manipulações de impressões, desse modo, revelam um mundo norteado por subjetividades e de contestação da própria ordem vigente do centro. Revelam-se como contestações a uma ordem que não apenas interdita a interna do contato com os diversos tipos de drogas consideradas ilegais socialmente, mas, à medida que as “mulheres internas” se transformam em “mulheres artistas”, essas mantêm acesas esperanças de preservar vivas a maternidade, o amor, a beleza, e/ou o prazer institucionalmente caçados. As identidades e ações que marcam as trajetórias individuais concebidas, como vimos ao longo desse trabalho, passam a

representar fruto das tensões que envolvem essas zonas de interesses e desejos individuais – concebidos em processos de socialização anteriores – em relação às normas e padrões de conduta características da vida coletiva no interior do centro mediante seu projeto de reabilitação.

## REFERÊNCIAS

ABDAÇA, Gina. **A religiosidade/espiritualidade como influência positiva na abstinência, redução e/ou abandono do uso de drogas.** Revista de Estudos da Religião março / 2010 / pp. 77-98.

ABDALA, Gina Andrade et al. **A Religiosidade / Espiritualidade como Influência Positiva na Abstinência, Redução e/ou Abandono do Uso de Drogas.** Revista de Estudos da Religião. março / 2010 / pp. 77-98. Disponível em: < [http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2010/i\\_abdala.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2010/i_abdala.pdf)>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2014.

ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005

ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. **A Bíblia Sagrada** (revista e atualizada no Brasil) 2 ed. São Paulo. Sociedade Bíblica Brasileira, 1993.

ALVES, Rubem. **O enigma da religião.** 1.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975

ANDRADE, Artur Guerra de et al (Org). **I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras.** Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. GREA/IPQ-HC/FMUSP. Brasília: SENAD, 2010.

ANDREOLI, Giuliano Souza. **Dança, gênero e sexualidade.** Conjectura, v. 15, n. 1, jan./abr. 2010. Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/186/177>> . Acesso em: 23 de janeiro de 2015.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

BARRADAS, Ana Miriam Pinto. **Factores influentes na permanência dos toxicodependentes em programas terapêuticos do Desafio Jovem: um estudo de caso. 2008.** Dissertação. (Mestrado integrado em psicologia). Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Lisboa, 2008.

BARBOSA, Antônio Rafael. **Prender e dar fuga: biopolítica, sistema penitenciário e tráfico de drogas no Rio de Janeiro.** 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos.** 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BECKER, H. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENELLI, Sílvio José. **Dispositivos disciplinares produtores de subjetividade na instituição total**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a10.pdf> > Acesso em: 15 de outubro de 2013.

BERGER, P; BERGER, B. O que é uma instituição social? In: FORACCHI; MARTINS (Org.). **Sociologia e sociedade**: leituras de introdução à Sociologia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. p. 193-199.

BERGER, Peter. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. 3. ed., São Paulo: Paulus, 1985.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. **Sociology**: a biographical approach. 2ed. Nova Iorque: Basic Books, inc, 1975.

BOOTH M. **Opium**: a History. New York, St Martin's Griffin, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia da Trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno. In: GASTALDO, Édison (org.). **Erving Goffman**: desbravador do cotidiano. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL. **Lei nº 11.343 de 23 de agosto de 2006**. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Disponível em: < [http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=790351&filename=LegislacaoCitada+-PL+7663/2010](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=790351&filename=LegislacaoCitada+-PL+7663/2010) >. Acesso em: 03 de abril de 2014.

BRASIL. **Lei Ordinária nº 11.343, de 23 de agosto de 2006**. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/11343.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/11343.htm) >. Acesso em: 08 de abril de 2014.

BOOTH; COLOMB; WILLIAM. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BUCHER. R. "Psicopatologia da toxicomania". **Revista Brasileira de Saúde Mental**. Ano 2 n. 2. mar, 1998. p. 34- 42.

BUCHER, Richard; OLIVEIRA, Sandra R. M. **O discurso do "combate às drogas" e suas ideologias**. Revista saúde pública, 28 (2):137-45, 1994.



- BURKE, Kenneth. **A Grammar of motives**. Berkeley: University of Califórnia press, 1969.
- CACCARELLI, Paulo Roberto. **Prostituição**: corpo como mercadoria. In: *Mente & Cérebro – sexo*, v 4. dez/2008. Disponível em: < <http://ceccarelli.psc.br/pt/wp-content/uploads/artigos/portugues/doc/prostituicao.pdf>> . Acesso em: 23 de janeiro de 2015.
- CALDEIRA, Zelia Freire. **Drogas, indivíduo e família**. Rio de Janeiro: ENSP, 1999.
- CARLINI, Beatriz H. **Drogas**: cartilha sobre maconha, cocaína e inalantes. Brasília, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2012.
- CAMPAGNOLI et al. **A mulher, seu espaço e sua missão na sociedade**: Análise crítica das diferenças entre os sexos. *Emancipação*, 3(1): 127-153, 2003. Artigo. Disponível em: < <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/43/40> >. Acesso em: 1 de abril de 2014.
- CARNEIRO, Henrique. **Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas**. Rio de Janeiro: Elsevier; Campus, 2005.
- CARVALHO, Virgínia Donizete de et al. **Interacionismo Simbólico**: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em psicologia social. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO*, 2010, 30 (1), 146-161 (Artigo) Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n1/v30n1a11.pdf> >. Acesso em: 14 de maio de 2014.
- CHARON. J. M. **Symbolic interactionism**: an introduction, an interpretation, an integration. New Jersey: Prentice-Hall; 1995. Disponível em: < <https://people.uvawise.edu/pww8y/Supplement/TCSup/Charon%20SymInt%201995/03%20Charon%20SymInt%20SymIntPersp.pdf> >. Acesso em: 1 de maio de 2014.
- COLLADO. **Metodologia de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: McGraw Hill, 2006.
- CONVENÇÃO BATISTA NACIONAL. **Manual básico Batista nacional e manual da ORMIBAN**. (2012). Disponível em: < [http://www.cbn.org.br/downloads/manual\\_basico\\_batista\\_nacional.pdf](http://www.cbn.org.br/downloads/manual_basico_batista_nacional.pdf) >. Acesso em: 26 de dezembro de 2014.
- DAMATTA, Roberto. **Camavais, malandros e heróis**. 6a ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DATAFOLHA - INSTITUTO DE PESQUISAS. **Juventude Brasileira, 2008** (Banco de Dados). São Paulo: 2008. In: *Consórcio de Informações Sociais*, 2012. Disponível em: <<http://www.cis.org.br>>. Acesso em 22/12/2013.
- DELUMEAU, Jean, Os agentes de Satã III: a mulher. In: DELUMEAU, **História do Medo no Ocidente**: 1300-1800. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, pp. 310-349.
- DIAS, Camila Caldeira Nunes. **Conversão evangélica na prisão: sobre ambigüidade**,

**estigma e poder.** São Paulo. In. Revista do Curso de Pós-graduação em Sociologia da USP, nº 13, 2006.

DIAS, Laércio Fidelis. Usos e abusos de bebidas alcoólicas segundo os Povos. In: LABETE, Beatriz Caiuby [et al.], (orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas.** Salvador: EDUFBA, 2008. p. 199-218.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DUARTE, Danilo Freire. **TSA, uma Breve História do Ópio e dos Opióides.** Revista Brasileira de Anestesiologia 135Vol. 55, Nº 1, Janeiro - Fevereiro, 2005. Artigo. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rba/v55n1/v55n1a15.pdf> > Acesso em: 7 de abril de 2014.

DUARTE, P. do C. A. V; FORMIGONI, M. L. (Org.). **Fé na prevenção:** prevenção do uso de drogas em instituições religiosas e movimentos afins. Brasília, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010.

DUBY. Georges. **Eva e os padres.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001 p. 168.

DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia.** 3º edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Education et sociologie.** Paris: PUF, 1958. Disponível em: < <http://www.bnfa.fr/cgi-bin/koha/showdetails.pl?biblionumber=642&itemnumber=3851> >. Acesso em: 15 de maio de 2014.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 1994.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. Vol. 1. 2º ed. Rio de Janeiro> Zahar, 2011.

FARIA, Carla Vilarinho de; SANTANA, Marcelle Leite de. **Conversão religiosa no Sistema Penal Feminino:** mudança de identidade ou estratégia de sobrevivência? (monografia). Graduação em Serviço Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

FERREIRA, Rodrigo Mendes. **Individualização e Socialização em Jürgen Habermas:** um estudo sobre a formação discursiva da vontade. São Paulo: Annablume, 2000.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil:** contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1977.

FIGUEIREDO RODRIGUES, Luciana Boiteux de. **Controle penal sobre as drogas ilícitas: o impacto do proibicionismo no sistema penal e na sociedade.** 2006. Tese (Doutorado em Direito). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FINE, Gary Alan; MANNING, Philip. Erving Goffman. IN: RITZER, George (org.). **The Blackwell Companion to Major Contemporary Social Theorists.** Oxford, Blackwell, 2003. pp. 34-62.

FIOCRUZ. **Estimativa do número de usuários de crack e/ou similares nas Capitais do País.** Livreto domiciliar. 2013. Disponível em: < <http://www.iciet.fiocruz.br/content/ministerio-da-justica-e-fiocruz-divulgam-resultado-da-maior-pesquisa-sobre-crack-no-mundo> >. Acesso em: 02 de abril de 2014.

\_\_\_\_\_. **Perfil dos usuários de crack e/ou similares no Brasil.** Livreto epidemiológico. 2013. Disponível em: < <http://www.iciet.fiocruz.br/content/ministerio-da-justica-e-fiocruz-divulgam-resultado-da-maior-pesquisa-sobre-crack-no-mundo> >. Acesso em: 02 de abril de 2014.

FIORE, Maurício. A medicalização da questão do uso de drogas no Brasil: reflexões acerca de debates institucionais e jurídicos. In: CARNEIRO, H.; VENÂNCIO, R.P.(Orgs.). **Álcool e drogas na História do Brasil.** São Paulo: Alameda, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do Sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1977.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade, vol. I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 17ª edição.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da biopolítica.** In: Resumo dos Cursos do College de France (1970 – 1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1997.

FREITAS, Fernando Ferreira Pinto de. **As lógicas de controle das drogas, subjetividade e direitos humanos.** XIV encontro Nacional da ABRAPSO. 2007. Anais. Disponível em: < [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab\\_completo\\_38.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_38.pdf) > Acesso em: 6 de janeiro de 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação da cultura.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

\_\_\_\_\_. Do ponto de vista de nativo: a natureza do pensamento antropológico. In: **O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed.

Vozes, p. 85-107, 2001.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNSP, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1988

\_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**, Petrópolis, Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOLDSTEIN, Paul J. **The Drugs/Violence Nexus: A Tripartite Conceptual Framework**." Disponível em: <<http://www.drugpolicy.org/docUploads/nexus.pdf>>. Acesso em: 03 de janeiro de 2014.

GOMES, Edlaine de Campos Gomes. **Morte em família**: ritos funerários em tempo de pluralismo religioso. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2006, V. 49 N° 2.

GOULART, Sandra Lucia. Estigmas de grupos ayahuasqueiros. In: LABETE, Beatriz Caiuby [et al.], (orgs.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 251-288.

GOULART, Íris; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. **Interacionismo simbólico**: uma perspectiva psicossociológica. Em Aberto, Brasília, ano 9, n. 48, out./dez. 1990. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/747/669>>. Acesso em: 8 de maio de 2014.

GUARINELLO, Luiz. O vinho: uma droga mediterrânea. In: LABETE, Beatriz Caiuby [et al.], (orgs.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 189-198.

GUERRA, Ana Carolina et al. Ação coletiva e solidariedade: uma alternativa em políticas públicas de desenvolvimento. **ESAC Economia Solidária e Ação Cooperativa**. Vol. 5, n° 01, janeiro/junho 2010. Disponível em: <<http://www.revistaesac.unisinos.br/pdf/72.pdf>>. Acesso em: 8 de maio de 2014.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1992. Disponível em: <[www.xa.yimg.com/kq/groups/24455541/.../name/interacao+simbolica.pdf](http://www.xa.yimg.com/kq/groups/24455541/.../name/interacao+simbolica.pdf)>. Acesso em: 9 de maio de 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HENMAN, Anthony Richard. A coca como planta mestra: reforma e nova ética. In: LABETE, Beatriz Caiuby [et al.], (orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 369-382.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IZQUIERDO, Jesus. **A pesquisa como uma forma de representação do social**. 2013 (mimeo).

JARDILINO, José Rubens L. **Sedução e Conversão Religiosa num Contexto de Globalização**. (2005) Disponível em: <  
<http://www.pucsp.br/revistanures/revista1/jardilino.pdf>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2015.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JOHNSON, D. Focus groups. In: ZWEIZIG, D. et al. Tell it! **Evaluation sourcebook & training manual**. Madison: SLIS, 1994.

KARAM, Maria Lúcia. Legislação brasileira sobre drogas: história recente: a criminalização da diferença. In: ACSELRAD, Gilberta (org.) **Avessos do Prazer: drogas, aids e direitos humanos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

KRÜGER, Rolf Roberto. **Comunidade terapêutica: como acolher egressos de instituições de recuperação de dependentes químicos?** um exemplo da IECLB em Florianópolis. 2005. Dissertação (Mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo: RS, 2005.

LABATE, Beatriz Caiuby et al (orgs.) **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

LABETE, Beatriz Caiuby; COFFACI, Edilene. A expansão urbana do kampo (*Phyllomedusa bicolor*): notas etnográficas. In: LABETE, Beatriz Caiuby [et al.], (orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 315 -344.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina de A. **Sociologia Geral**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O feiticeiro e sua magia**. In: Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

\_\_\_\_\_. **A eficácia simbólica**. In: Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

MACEDO, José Reaver. **A mulher na idade média**. São Paulo. Editora Contexto. 1990.

MACRAE, Edward. A elaboração das políticas públicas brasileiras em relação ao uso religioso da ayahuasca. In: LABETE, Beatriz Caiuby [et al.], (orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 289-314.

MANIS, Jerome G. e MELTZER, Bernard N. **Symbolic interaction: a reader in social psychology**. 2. ed. Boston: Allyn and Bacon, 1972.

MARCOS, Cristiane Barros. **Toxicomania, a busca pelo sagrado e o encontro impossível** (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

MARTINS, Carlos Benedito de Campos. Notas sobre o sentimento de embaraço em Erving Goffman. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 23, n. 68, Oct. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010269092008000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092008000300011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 May 2014.

MARTINS, José de Sousa. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: HUCITEC, 2000.

MEAD, George Hebert. **Espiritu, Persona y Sociedad**, Barcelona: Paidós, 1982.

\_\_\_\_\_. **International Journal of Ethics**. Vol. 35, Issue 3 (Apr., 1925), 251-277. Disponível em: <<http://www.d.umn.edu/cla/faculty/jhamlin/4111/Readings/MeadSelf.pdf>>. Acesso em: 3 de maio de 2014.

\_\_\_\_\_. **Mind, Self, and Society**. Chicago: University of Chicago Press, 1934. Disponível em: <[http://wps.pearsoncustom.com/wps/media/objects/6714/6875653/readings/MSL\\_Mead\\_Self\\_Society.pdf](http://wps.pearsoncustom.com/wps/media/objects/6714/6875653/readings/MSL_Mead_Self_Society.pdf)> Acesso em: 9 de maio de 2014.

\_\_\_\_\_. **The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods**. Volume 10. Issue 14 (Jul. 3, 1913), 374-380. Disponível em: <<http://www.d.umn.edu/cla/faculty/jhamlin/4111/Readings/MeadSocialSelf.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2014.

MENDONÇA, Andrey Borges; CARVALHO, Paulo Roberto. **Lei de drogas: Lei 11.343, de 23 de agosto de 2006** – Comentada artigo por artigo. São Paulo: Método, 2008.

MIRANDA, Gustavo Senna. **Primeiras impressões sobre a nova Lei de Drogas (Lei nº. 11.343/2006), atualizada de acordo com as inovações trazidas pela Lei nº. 11.446/2007**. Disponível em: [www.mpes.gov.br](http://www.mpes.gov.br). Acesso em: 10/06/2014.

MISSE, M. Malandros, **Marginais e vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. [Tese de Doutorado]. IUPERJ, Rio de Janeiro, 1999.

MORAES, Pedro R. B. de. **A identidade e o papel de agentes penitenciários**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v25n1/07.pdf>>. Acesso em: 17 de outubro de 2013.

MOURA, Danieli Valeda. **A crise do sistema carcerário brasileiro e sua consequência na ressocialização do apenado.** Disponível em: <<http://jusvi.com/artigos/40365/1>> Acesso em: 25 de nov. de 2012.

MURARO, Rose Marie. Breve Introdução Histórica [a obra O Martelo da Feiticeiras]. In: KRAMER, Heinrich, SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991. p. 5-17.

NUNES, Jordão, Horta. **Interacionismo simbólico e dramaturgia: a sociologia de Goffman.** São Paulo: UFG, 2005.

NUNES, Laura Maria Cerqueira Marinha. **Análise biográfica de indivíduos com história de abuso de substâncias.** 2005, 98 f., Monografia (Licenciatura em Psicologia Clínica), Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2005.

PARSONS, T. **A estrutura da ação social.** São Paulo: Vozes, 2010.

PARSONS, Talcott; BALES, Robert. **Family, socialization and interaction process.** 1955. Disponível em: <<http://www.csun.edu/~snk1966/T.%20Parsons%20The%20American%20Family.pdf>> Acesso em: 17 de maio de 2014.

PARSONS, T. **Sociologia Americana: perspectivas, problemas, métodos.** São Paulo: Cultrix, 1970.

\_\_\_\_\_. **The social system.** Nova York: Free Press, 1951.

PAULINO, JEOLÁS. **Jovens, drogas, risco e vulnerabilidade: aproximações teóricas.** In: Serviço social em revista. Volume 3 – número 1 – Jul/Dez. 2000. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c-v3n1.htm>> Acesso em: 23 de janeiro de 2015.

PEDRINHA, Roberta Duboc. **Notas sobre a política criminal de drogas no Brasil: Elementos para uma reflexão crítica.** Fls. 5486. Disponível em: <[www.compedi.org/manaus/arquivos/anais/Salvador/roberta\\_dubocpedrinha.pdf](http://www.compedi.org/manaus/arquivos/anais/Salvador/roberta_dubocpedrinha.pdf)> Acesso em 06/05/2014.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 1996.

POIARES, C. A. **Contribuição para uma análise histórica da droga.** Revista Toxicodependência. Ano 5, n.1. 1999. p. 3-12.

PORTELA, Rodrigo. **Pesquisa, simulacro e vida real: um diálogo com a antropologia interpretativa de Clifford Geertz a partir de sua principal obra.** Protestantismo em Revista, São

Leopoldo, RS, v. 29, set.-dez. 2012. Disponível em: < <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewFile/358/483> >. Acesso em: 23 de janeiro de 2015.

PRANDI, Reginaldo. **Converter indivíduos, mudar culturas**. XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Buenos Aires, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/08.pdf> >. Acesso em: 15 de fevereiro de 2014.

PRITCHARD, Evans. **Bruxaria, oráculos e magia entre os azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

QUEIROZ, M.I. **Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”**. In: VON SIMSON (org.) Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988.

RAMOS, Danielle Marques dos; NASCIMENTO, Virgílio Gomes do. **A família como instituição moderna**. FRACTAL: Revista de Psicologia, v.20 – n. 2, p. 461-472. Jul./Dez. 2008. Disponível em: < [www.scielo.br/pdf/fractal/v20n2/12.pdf](http://www.scielo.br/pdf/fractal/v20n2/12.pdf) > Acesso em: 10 de maio de 2014.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RICCI, M. **Glossolalia e organização do sistema simbólico pentecostal**. 2006, 184 f., Dissertação (Mestrado em Sociologia), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas** São Paulo: Atlas, 1999.

RIDLEY, Diana. **The literature review: a step-by-step guide for students**. London: SAGE, 2011.

RODRIGUES, Kleber Fernando. **Teologia da prosperidade, sagrado e mercado**. Um estudo sobre a Igreja Universal do Reino de Deus em Caruaru-PE. São Paulo: Edições ABHR: Edições FAFICA, 2003.

RODRIGUES, Luciana Boiteux de Figueiredo. **Controle penal sobre as drogas ilícitas: o impacto do proibicionismo no sistema penal e na sociedade**. 2006.f. Tese (Doutorado em Direito). Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Dicotomias religiosas: ensaios de sociologia da religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **O que é pentecostalismo**. Coleção primeiros passos. São Paulo, SP: Brasiliense, 1987.

SANCHEZ, Zila. **As práticas religiosas atuando na recuperação de dependentes de drogas: a experiência de grupos católicos, evangélicos e espíritas**. 413 f. 2006. Tese. (Doutorado em Ciências). Escola Paulista de Medicina. São Paulo, 2006.

SANCHEZ, Zila; NAPPO, S. A. **Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade**. Ciência & Saúde Coletiva, 9 (1) : 43-55, 2004.



\_\_\_\_\_. **Intervenção religiosa na recuperação de dependentes de drogas.** Rev Saúde Pública 2008;42(2):265-72

SANTA RITA, Rosângela Peixoto. **Mães e crianças atrás das grades.** Revista Sociologia Jurídica. Revista Número 03 - Julho-Dezembro de 2006. Disponível em: <<http://www.sociologiajuridica.net.br/numero-3/177-maes-e-criancas-atras-das-grades->>. Acesso em: 23 de janeiro de 2015.

SANTOS, Georgina Silva dos Santos. A vida nos conventos portugueses durante a Época Moderna. In: OLIVEIRA, Daniel Martinez de (Org.) et al. **Representações do feminino: olhares revisitados e contemporâneos.** Caderno SocioAmbiental, Ano I, Número 1, 2013. Niterói, RJ: Museu de Arqueologia de Itaipu/Ibram/MinC, 2013. p. 29-42.

SANTOS, Janaina Henrique. **Entre desvios e normas: infração juvenil feminina na cidade de Natal – RN.** (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011.

SANTOS, Jaquielson Ferreira da Silva. **O milagre da conversão: o processo de reabilitação de jovens ex-drogados egressos do projeto Desafio Jovem da cidade de Caruaru Pernambuco.** 2006. Monografia (Programa de Iniciação Científica, Licenciatura em História). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. Caruaru, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sociedade Divida: Prosperidade, Demônios e Sacrifícios - os caminhos da libertação na perspectiva do discurso pós-milenarista das IURD'S e seus espaços de divulgação.** 2009. Monografia (Pós-Graduação em História do Brasil). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. Caruaru, 2009.

\_\_\_\_\_. **Os consumidores do Reino: uma análise das teorias da sociedade de consumo e da Teologia da Prosperidade e suas inferências na formação da identidade de conversos ao pós-pentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus de Caruaru-PE.** 2010. Monografia (Pós-Graduação em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. Caruaru, 2010.

SANTOS, Luana Martins. **Conversão religiosa no sistema carcerário feminino: a reconstrução das subjetividades.** 2011. Graduação (Serviço Social) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

SCHELIGA, Eva Lenita. **Trajetórias Religiosas e Experiências Prisionais: a conversão em uma instituição penal.** In: Religiões e Prisões. Comunicações do ISER. N. 61. Ano 24, 2005.

SCHLENKER, Barry R. **Impression Management: the self-concept, social identity, and interpersonal relations.** USA: Brooks/Cole, 1980.

SCHMITT-PANTEL, Pauline. A criação da mulher: um ardid para a história das mulheres? In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (Org.). **O corpo feminino em debate.** São Paulo: Unesp, 2003.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, Nov. 2005. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?Zscript=sci\\_arttext&pid=S010320702005000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?Zscript=sci_arttext&pid=S010320702005000200015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 de Junho de 2014.

SIEPIERSKI, Paulo, D. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERRIERO, Silas (org.). **O estudo das religiões: desafios contemporâneos**. São Paulo, SP: Paulinas, 2003 pp.71-88.

SILVA, Priscila de Lima. **As representações sociais do uso de drogas entre familiares de usuários em tratamento**. 2007. Dissertação (Departamento de Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

SILVA, Robson Gerliandro da. **De volta à “família da fé”**. Uma análise dos processos de reinserção de desviados na Assembléia de Deus Belém – Caruaru, PE. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014.

SILVA, Vanderlan Francisco da. **Conflitos e violência no universo penitenciário brasileiro**. Porto Alegre: SULINA, 2008.

SILVA(b), Vanuza Souza. **O entre da liberdade, as prisões**. os feminismos que emancipam, prendem? uma história do gênero feminino na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande (1970-2000). 2014. Tese (Programa de Pós-Graduação em História). Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.). **Georg Simmel**. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **A sociologia do segredo e das sociedades secretas**. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/download/2178-4582.2009v43n1p219/12792>>. Acesso em: 15 de agosto de 2014.

\_\_\_\_\_. Como as formas sociais se mantêm. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.). **Georg Simmel**. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. Conflito e estrutura de grupo. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.). **Georg Simmel**. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. O estrangeiro. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.). **Georg Simmel**. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sociología**. Estudios sobre las formas de socialización. Vol. 1. Revista de Occidente, Madrid, 1977. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/202897204/Capitulo-5-El-secreto-y-la-sociedad-secreta-Simmel> >. Acesso em: 16 de junho de 2014.

SOARES, L.E. **O Rigor da Indisciplina**: ensaios de antropologia interpretativa. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

SOUZA MARTINS, William. Mártires, freiras, beatas penitentes e matronas caridosas: modelos de santidade feminina na América Portuguesa (século XVIII). In: OLIVEIRA, Daniel Martinez de (Org.) et al. **Representações do feminino**: olhares revisitados e contemporâneos. Caderno SocioAmbiental, Ano I, Número 1, 2013. Niterói, RJ: Museu de Arqueologia de Itaipu/Ibram/MinC, 2013. p. 13-28.

SZTUTMAN, Renato. Cauim, substância e efeito: sobre o consumo de bebidas fermentadas entre os ameríndios. In: LABETE, Beatriz Caiuby [et al.], (orgs.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 219-250.

TAMELINI, MONDONI. **Dependência de Substâncias Psicoativas**. Disponível em: <[http://www.medicinanet.com.br/conteudos/revisoes/1545/dependencia\\_de\\_substancias\\_psicoativas.htm](http://www.medicinanet.com.br/conteudos/revisoes/1545/dependencia_de_substancias_psicoativas.htm)> Acesso em: 8 de janeiro de 2015.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Iniciação à Sociologia**. 2 ed. São Paulo: Atual, 2000.

VANDENBERGHE, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel**. Bauru: EDUSC, 2005.

VARELLA, Alexandre Camera. Os vícios de “comer coca” e da “borracheira” no mundo andino do cronista indígena Guaman Poma. In: LABETE, Beatriz Caiuby [et al.], (orgs.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 345-368.

VARGAS, Eduardo Viana. **Uso de drogas**: a alter-ação como evento. Rev. Antropol., São Paulo, v. 49, n. 2, Dec. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012006000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012006000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 30 jan. 2014.

VELHO, G. **Drogas e construção social da realidade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

\_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura**. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

VEITH, Hermann. **Sozialisation als reflexive Vergesellschaftung ZSE**: Zeitschrift für Soziologie der Erziehung und Sozialisation 22 (2002) 2, S. 167-177. Disponível em: <[http://www.pedocs.de/volltexte/2014/8931/pdf/ZSE\\_2002\\_2\\_Veith\\_Sozialisation\\_als\\_reflexive\\_Vergesellschaftung.pdf](http://www.pedocs.de/volltexte/2014/8931/pdf/ZSE_2002_2_Veith_Sozialisation_als_reflexive_Vergesellschaftung.pdf)>. Acesso em: 01 de junho de 2014.

VIDICH, Artur J; LYMAN, Stanford M. Métodos qualitativos: Sua história na sociologia e na Antropologia. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da Pesquisa Qualitativa**: Teorias e abordagens. 2ª ed. Porto Alegre: artmed, 2006.

WHYTE, William Foote. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1986.

\_\_\_\_\_. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

WILKERSON, David. **A cruz e o punhal**. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1983.

ZALUAR, A. (Org.). **Drogas e cidadania**: repressão ou redução de riscos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

\_\_\_\_\_. **criminalização das drogas e o reencantamento do mal**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

## Apêndices

## APÊNDICE A - Levantamento geral do perfil social das internas do CRRS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LEVANTAMENTO GERAL DO PERFIL SOCIAL DAS INTERNAS DO CRRS . N° \_\_\_\_\_ – Data \_\_\_\_\_

<b>1- Qual a sua idade?</b>
Especificar: _____
<b>2- Você se considera de que cor?</b>
(1). Branca (2). Preta (3). Parda (4). Amarela (asiático, japonês) (5). Indígena 6.Outros: _____
<b>3- Você estudou até que série?</b>
Especificar: _____
<b>4- Qual era a principal atividade (de trabalho) de seu pai?</b>
Especificar: _____
<b>5- Qual a principal atividade (de trabalho) de sua mãe?</b>
Especificar: _____
<b>6- Você já trabalhou em algum momento na vida? Se trabalhou, por favor, especifique: de quê?</b>
Especificar: _____
<b>7- Antes de vir para o centro, você residia em:</b>
(1) Caruaru; (2) em uma cidade dentro do Estado de Pernambuco; (3) em uma cidade FORA do Estado de Pernambuco;
<b>8- Qual sua renda mensal de sua família? (considere a soma da renda de todos que moram em sua casa)</b>
Especificar: R\$ _____
<b>9- Você tem filhos? (Se sim) quantos filhos?</b>
(1) 1 filho; (2) 2 filhos; (3) 3 filhos; (4) filhos ou mais (5) NÃO TENHO FILHOS
<b>10- Você já ficou grávida enquanto utilizava algum tipo de droga?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>11- Você já abortou antes?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>12- Você tem algum companheiro (a)/marido atualmente?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>13- Você já foi espancada por seu marido/companheiro/namorado(a) alguma vez?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>14- Você já sofreu algum tipo de violência sexual?</b>
(1) Sim (2) Não

<b>15- Com quantos anos você teve a sua primeira relação sexual?</b>
Especificar: _____
<b>16- Você já se considerou/ ou se considera LÉSBICA?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>17- Você já fez alguma tatuagem ou já usou algum tipo de pearcing antes de entrar no Rosa de Saron?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>18- Você já praticou sexo para obter dinheiro?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>19- Você já praticou sexo para comprar drogas?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>20- - Você já contraiu AIDS?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>21- Você já pediu esmolas para consumir drogas?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>22- Você já chegou a morar nas ruas?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>23- Você já vendeu algum bem/objeto seu para comprar drogas?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>24- Você já cometeu algum tipo de delito (ROUBO, FURTO) para obter drogas?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>25- Você já foi presa alguma vez?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>26- Você já traficou drogas alguma vez?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>27- Qual o lugar que você consumia drogas com mais frequência?</b>
(1) em casa; (2) ruas, praças (3) casa de amigos (4) outros: _____
<b>28- Você já soube de alguém da sua família que já usou drogas?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>29- Você já experimentou maconha? (Se sim) que idade tinha quando experimentou maconha pela primeira vez ?</b>
Especificar: _____
<b>30- Você já experimentou Crack? (Se sim) que idade você tinha quando experimentou crack a primeira vez ?</b>
Especificar: _____
<b>31- Você já experimentou cocaína? (Se sim) que idade você tinha quando experimentou cocaína pela primeira vez ?</b>
Especificar: _____
<b>32- E bebida alcoólica, você costuma ou costumava beber ?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>33- Com que frequência você usava drogas antes de você entrar para o centro Rosa de Saron?</b>
(1) Várias vezes ao dia; (2) uma vez ao dia; (3) até 3 vezes por semana; (4) uma vez por semana; (5) a cada 15 dias; (6) uma vez por mês; (7) outros: _____

<b>34- Você já foi a alguma igreja evangélica antes de entrar no centro Rosa de Saron?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>35- Você tem medo que, após sair do projeto Rosa de Saron, as pessoas não lhe aceite?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>36- Você tem medo que, saindo recuperada do projeto Rosa de Saron, você tenha uma recaída?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>37- Você já foi disciplinada pela liderança do centro Rosa de Saron por algum motivo?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>38- Você já freqüentou outros centros de recuperação antes? (Se sim) esses centros eram:</b>
(1) Evangélicos (2) não evangélicos (3) já freqüentei ambos (4) NÃO, É MINHA PRIMEIRA VEZ
<b>39- Há quanto tempo você está interna no centro Rosa de Saron?</b>
(1) um mês (2) dois meses (3) três meses (4) quatro meses (5) cinco meses (6) meses (7) meses (8) meses (9) meses (10) Dez meses ou mais
<b>40- Qual sua religião antes de entrar para o Rosa de Saron?</b>
(1) não tinha religião (2) evangélica (3) evangélica desviada (4) católica; (5) Espírita; (6) outras
<b>41- Qual sua religião atualmente?</b>
(1) não tinha religião (2) evangélica (3) evangélica desviada (4) católica; (5) Espírita; (6) outras
<b>42- Em sua família (os entes mais próximos em sua relação de convivência) existe alguém evangélico?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>43- Alguém evangélico influenciou sua vinda para o Rosa de Saron?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>44- Você exerce algum tipo de liderança no Rosa de Saron?</b>
(1) Sim (2) Não
<b>45- Você já recebeu algum convite para mudar de religião enquanto esteve no Rosa de Saron?</b>
(1) Sim (2) Não



APÊNDICE B – Perfil social das internas: frequência dos dados coletados



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

RESULTADO GERAL DO LEVANTAMENTO GERAL DO PERFIL SOCIAL DAS INTERNAS DO CRRS  
FREQUÊNCIA DOS DADOS COLETADOS

1- Qual a sua idade?

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	18	2	5,0	5,1	5,1
	22	3	7,5	7,7	12,8
	23	2	5,0	5,1	17,9
	24	4	10,0	10,3	28,2
	25	4	10,0	10,3	38,5
	27	5	12,5	12,8	51,3
	29	1	2,5	2,6	53,8
	30	2	5,0	5,1	59,0
	31	1	2,5	2,6	61,5
	32	2	5,0	5,1	66,7
	34	2	5,0	5,1	71,8
	37	1	2,5	2,6	74,4
	38	1	2,5	2,6	76,9
	43	1	2,5	2,6	79,5
	44	1	2,5	2,6	82,1
	45	1	2,5	2,6	84,6
	46	2	5,0	5,1	89,7
	50	1	2,5	2,6	92,3
	52	1	2,5	2,6	94,9
	53	1	2,5	2,6	97,4
	65	1	2,5	2,6	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Perdidos	Sistema	1	2,5		

## 2-Você se considera de que cor?

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	BRANCA	9	22,5	22,5	22,5
	PRETA	5	12,5	12,5	35,0
	PARDA	19	47,5	47,5	82,5
	AMARELA	4	10,0	10,0	92,5
	OUTROS	3	7,5	7,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

## 3-Você estudou até que série?

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	ANALFABETO	1	2,5	2,5	2,5
	ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO	26	65,0	65,0	67,5
	ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	1	2,5	2,5	70,0
	ENSINO MÉDIO COMPLETO	11	27,5	27,5	97,5
	8	1	2,5	2,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

## 4-Qual era a principal atividade (de trabalho) de seu pai?

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas		4	10,0	10,0	10,0
	agricultor	4	10,0	10,0	20,0
	aposentado	1	2,5	2,5	22,5
	auxiliar de serviço gerais	1	2,5	2,5	25,0
	caminhoneiro	1	2,5	2,5	27,5
	capoteiro	1	2,5	2,5	30,0

Dono de bois	1	2,5	2,5	32,5
eletricista	1	2,5	2,5	35,0
funcionário público	1	2,5	2,5	37,5
gari	1	2,5	2,5	40,0
guarda	1	2,5	2,5	42,5
lotação	1	2,5	2,5	45,0
marchante	3	7,5	7,5	52,5
mecanico	1	2,5	2,5	55,0
motorista	1	2,5	2,5	57,5
negociante	1	2,5	2,5	60,0
pedreiro	10	25,0	25,0	85,0
pescador	1	2,5	2,5	87,5
sargento aposentado do exército	1	2,5	2,5	90,0
sargento da marinha	1	2,5	2,5	92,5
sargento militar	1	2,5	2,5	95,0
servente de pedreiro	1	2,5	2,5	97,5
taxista	1	2,5	2,5	100,0
Total	40	100,0	100,0	

**5- Qual a principal atividade (de trabalho) de sua mãe?**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas agricultora	1	2,5	2,5	2,5
caixa de supermercado	1	2,5	2,5	5,0
chefe de cozinha	1	2,5	2,5	7,5
comerciante	1	2,5	2,5	10,0
costureira	3	7,5	7,5	17,5
cozinheira	1	2,5	2,5	20,0
desempregada	1	2,5	2,5	22,5
diarista	1	2,5	2,5	25,0
diretora de colégio	1	2,5	2,5	27,5

doméstia	1	2,5	2,5	30,0
doméstica; do lar	1	2,5	2,5	32,5
domestica	1	2,5	2,5	35,0
doméstica	8	20,0	20,0	55,0
doméstica / dona de casa	1	2,5	2,5	57,5
dona de casa	10	25,0	25,0	82,5
enfermeira	2	5,0	5,0	87,5
lavadeira	1	2,5	2,5	90,0
lavanderia	1	2,5	2,5	92,5
manicure e dona de casa	1	2,5	2,5	95,0
pensionista	1	2,5	2,5	97,5
vebedeira	1	2,5	2,5	100,0
Total	40	100,0	100,0	

**6- Você já trabalhou em algum momento na vida? Se trabalhou, por favor, especifique: de quê?**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	1	2,5	2,5	2,5
animadora de festa infantil / vendedora	1	2,5	2,5	5,0
artesã	1	2,5	2,5	7,5
autônoma	1	2,5	2,5	10,0
auxiliar de cozinha	1	2,5	2,5	12,5
baba	1	2,5	2,5	15,0
cambista, vendedora, atendente, serviços gerais, autônoma, artesã	1	2,5	2,5	17,5
casa de família, padaria, sorveteria, restaurante	1	2,5	2,5	20,0
contabilista de supermercado	1	2,5	2,5	22,5
corretora	1	2,5	2,5	25,0
cozinheira	2	5,0	5,0	30,0
cuidava de crianças	1	2,5	2,5	32,5

diarista	2	5,0	5,0	37,5
domestica	1	2,5	2,5	40,0
doméstica	1	2,5	2,5	42,5
em casa	1	2,5	2,5	45,0
empregada, agricultora	1	2,5	2,5	47,5
estagiária e auxiliar de cozinha	1	2,5	2,5	50,0
fábrica	1	2,5	2,5	52,5
faxina	1	2,5	2,5	55,0
garçonete	5	12,5	12,5	67,5
garçonete e limpeza	1	2,5	2,5	70,0
não	4	10,0	10,0	80,0
negociante	1	2,5	2,5	82,5
promotora de vendas	1	2,5	2,5	85,0
restaurante e doméstica	1	2,5	2,5	87,5
secretária	1	2,5	2,5	90,0
vendedor de roupas	1	2,5	2,5	92,5
vendedora	3	7,5	7,5	100,0
Total	40	100,0	100,0	

**7- Antes de vir para o centro, você residia em:**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	Caruaru	1	2,5	2,6	2,6
	Em uma cidade dentro do Estado de Pernambuco	26	65,0	66,7	69,2
	Em uma cidade fora do Estado de Pernambuco	12	30,0	30,8	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Perdidos	Sistema	1	2,5		

**8- Qual sua renda mensal de sua família? (considere a soma da renda de todos que moram em sua casa)**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	,00	2	5,0	8,0	8,0
	300,00	1	2,5	4,0	12,0
	600,00	1	2,5	4,0	16,0
	700,00	1	2,5	4,0	20,0
	720,00	3	7,5	12,0	32,0
	827,00	1	2,5	4,0	36,0
	950,00	1	2,5	4,0	40,0
	1000,00	1	2,5	4,0	44,0
	1160,00	1	2,5	4,0	48,0
	1200,00	1	2,5	4,0	52,0
	1400,00	2	5,0	8,0	60,0
	1500,00	1	2,5	4,0	64,0
	2100,00	1	2,5	4,0	68,0
	2172,00	1	2,5	4,0	72,0
	2500,00	1	2,5	4,0	76,0
	2886,00	1	2,5	4,0	80,0
	3000,00	2	5,0	8,0	88,0
	4000,00	2	5,0	8,0	96,0
	6000,00	1	2,5	4,0	100,0
	Total	25	62,5	100,0	
Perdidos	Sistema	15	37,5		
Total		40	100,0		

**9-Você tem filhos? (Se sim) quantos filhos?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	1	7	17,5	17,5	17,5
	2	12	30,0	30,0	47,5
	3	9	22,5	22,5	70,0
	4	6	15,0	15,0	85,0
	NÃO TENHO FILHOS	6	15,0	15,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

**10- Você já ficou grávida enquanto utilizava algum tipo de droga?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	24	60,0	60,0	60,0
	NÃO	16	40,0	40,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

**11-Você já abortou antes?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	15	37,5	37,5	37,5
	NÃO	24	60,0	60,0	97,5
	não tenho certeza	1	2,5	2,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

**12- Você tem algum companheiro (a)/marido atualmente?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	15	37,5	37,5	37,5
	NÃO	25	62,5	62,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

**13- Você já foi espancada por seu marido/companheiro/namorado(a) alguma vez?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	26	65,0	65,0	65,0
	NÃO	14	35,0	35,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

**14- Você já sofreu algum tipo de violência sexual?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	15	37,5	37,5	37,5
	NÃO	25	62,5	62,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

**15- Com quantos anos você teve a sua primeira relação sexual?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	8	1	2,5	2,6	2,6
	10	2	5,0	5,1	7,7
	11	2	5,0	5,1	12,8
	12	7	17,5	17,9	30,8
	13	5	12,5	12,8	43,6
	14	4	10,0	10,3	53,8
	15	7	17,5	17,9	71,8
	16	3	7,5	7,7	79,5
	17	4	10,0	10,3	89,7
	18	2	5,0	5,1	94,9
	20	1	2,5	2,6	97,4
	21	1	2,5	2,6	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Perdidos	Sistema	1	2,5		



**16- Você já se considerou/ ou se considera LÉSBICA?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	5	12,5	12,8	12,8
	NÃO	34	85,0	87,2	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Perdidos	Sistema	1	2,5		
Total		40	100,0		

**17- Você já fez alguma tatuagem ou já usou algum tipo de pearcing antes de entrar no Rosa de Saron?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	19	47,5	50,0	50,0
	NÃO	19	47,5	50,0	100,0
	Total	38	95,0	100,0	
Perdidos	Sistema	2	5,0		
Total		40	100,0		

**18- Você já praticou sexo para obter dinheiro?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	24	60,0	60,0	60,0
	NÃO	16	40,0	40,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

**19- Você já praticou sexo para comprar drogas?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	24	60,0	60,0	60,0
	NÃO	16	40,0	40,0	100,0

**20- Você já contraiu AIDS?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	2	5,0	5,0	5,0

NÃO	38	95,0	95,0	100,0
Total	40	100,0	100,0	

**21- Você já pediu esmolas para consumir drogas?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	16	40,0	40,0	40,0
	NÃO	24	60,0	60,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

**22- Você já chegou a morar nas ruas?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	20	50,0	51,3	51,3
	NÃO	19	47,5	48,7	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Perdidos	Sistema	1	2,5		
Total		40	100,0		

**23- Você já vendeu algum bem/objeto seu para comprar drogas?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	30	75,0	75,0	75,0
	NÃO	10	25,0	25,0	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

**24- Você já cometeu algum tipo de delito (ROUBO, FURTO) para obter drogas?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	21	52,5	52,5	52,5
	NÃO	19	47,5	47,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

**25- Você já foi presa alguma vez?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	13	32,5	32,5	32,5
	NÃO	27	67,5	67,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

**26- Você já traficou drogas alguma vez?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	15	37,5	37,5	37,5
	NÃO	25	62,5	62,5	100,0
	Total	40	100,0	100,0	

**27- Qual o lugar que você consumia drogas com mais frequência?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	EM CASA	15	37,5	40,5	40,5
	RUAS, PRAÇAS	8	20,0	21,6	62,2
	CASA DE AMIGOS	8	20,0	21,6	83,8
	CASAS ABANDONADAS	1	2,5	2,7	86,5
	NAO CONSUMIA DROGAS	1	2,5	2,7	89,2
	outros	2	5,0	5,4	94,6
	todas as opções	2	5,0	5,4	100,0
	Total	37	92,5	100,0	
Perdidos	Sistema	3	7,5		

**28- Você já soube de alguém da sua família que já usou drogas?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	25	62,5	64,1	64,1
	NÃO	14	35,0	35,9	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Perdidos	Sistema	1	2,5		
Total		40	100,0		

**29- Você já experimentou maconha? (Se sim) que idade tinha quando experimentou maconha pela primeira vez ?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	8	1	2,5	3,8	3,8
	10	1	2,5	3,8	7,7
	11	1	2,5	3,8	11,5
	12	3	7,5	11,5	23,1
	13	5	12,5	19,2	42,3
	14	7	17,5	26,9	69,2
	15	1	2,5	3,8	73,1
	16	3	7,5	11,5	84,6
	18	1	2,5	3,8	88,5
	20	1	2,5	3,8	92,3
	22	1	2,5	3,8	96,2
	25	1	2,5	3,8	100,0
	Total	26	65,0	100,0	
Perdidos	Sistema	14	35,0		
Total		40	100,0		

**30- Você já experimentou Crack? (Se sim) que idade você tinha quando experimentou crack a primeira vez ?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	10	1	2,5	3,7	3,7
	12	2	5,0	7,4	11,1
	13	1	2,5	3,7	14,8
	14	2	5,0	7,4	22,2
	15	1	2,5	3,7	25,9
	16	5	12,5	18,5	44,4
	19	2	5,0	7,4	51,9
	20	4	10,0	14,8	66,7
	22	3	7,5	11,1	77,8

	24	2	5,0	7,4	85,2
	25	2	5,0	7,4	92,6
	31	1	2,5	3,7	96,3
	33	1	2,5	3,7	100,0
	Total	27	67,5	100,0	
Perdidos	Sistema	13	32,5		
Total		40	100,0		

**31-Você já experimentou cocaína? (Se sim) que idade você tinha quando experimentou cocaína pela primeira vez ?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	10	1	2,5	5,3	5,3
	12	1	2,5	5,3	10,5
	13	2	5,0	10,5	21,1
	14	4	10,0	21,1	42,1
	16	1	2,5	5,3	47,4
	17	1	2,5	5,3	52,6
	18	1	2,5	5,3	57,9
	19	1	2,5	5,3	63,2
	20	2	5,0	10,5	73,7
	22	3	7,5	15,8	89,5
	25	1	2,5	5,3	94,7
	30	1	2,5	5,3	100,0
	Total	19	47,5	100,0	
Perdidos	Sistema	21	52,5		
Total		40	100,0		

**32- E bebida alcoólica, você costuma ou costumava beber ?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	36	90,0	92,3	92,3
	NÃO	3	7,5	7,7	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Perdidos	Sistema	1	2,5		
Total		40	100,0		

**33- Com que frequência você usava drogas antes de você entrar para o centro Rosa de Saron?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	VÁRIAS VEZES AO DIA	28	70,0	73,7	73,7
	UMA VEZ AO DIA	2	5,0	5,3	78,9
	ATÉ 3 VEZES AO DIA	2	5,0	5,3	84,2
	A CADA 15 DIAS	1	2,5	2,6	86,8
	UMA VEZ AO MES	1	2,5	2,6	89,5
	nao usava	4	10,0	10,5	100,0
	Total	38	95,0	100,0	
Perdidos	Sistema	2	5,0		
Total		40	100,0		

**34- Você já foi a alguma igreja evangélica antes de entrar no centro Rosa de Saron?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	32	80,0	82,1	82,1
	NÃO	7	17,5	17,9	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Perdidos	Sistema	1	2,5		
Total		40	100,0		

**35-Você tem medo que, após sair do projeto Rosa de Saron, as pessoas não lhe aceite?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	15	37,5	39,5	39,5
	NÃO	23	57,5	60,5	100,0
	Total	38	95,0	100,0	
Perdidos	Sistema	2	5,0		
Total		40	100,0		

**36- Você tem medo que, saindo recuperada do projeto Rosa de Saron, você tenha uma recaída?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	23	57,5	59,0	59,0
	NÃO	16	40,0	41,0	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Perdidos	Sistema	1	2,5		
Total		40	100,0		

**37- Você já foi disciplinada pela liderança do centro Rosa de Saron por algum motivo?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	25	62,5	64,1	64,1
	NÃO	14	35,0	35,9	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Perdidos	Sistema	1	2,5		
Total		40	100,0		

**38- Você já freqüentou outros centros de recuperação antes? (Se sim) esses centros eram:**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	EVANGÉLICOS	4	10,0	11,1	11,1
	NÃO EVANGÉLICOS	5	12,5	13,9	25,0

	AMBOS	3	7,5	8,3	33,3
	NÃO, É MINHA PRIMEIRA VEZ	24	60,0	66,7	100,0
	Total	36	90,0	100,0	
Perdidos	Sistema	4	10,0		
Total		40	100,0		

**39- Há quanto tempo você está interna no centro Rosa de Saron?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	UM MÊS	9	22,5	23,7	23,7
	DOIS MESES	3	7,5	7,9	31,6
	TRÊS MESES	1	2,5	2,6	34,2
	QUATRO MESES	3	7,5	7,9	42,1
	CINCO MESES	3	7,5	7,9	50,0
	SEIS MESES	3	7,5	7,9	57,9
	SETE MESES	4	10,0	10,5	68,4
	OITO MESES	1	2,5	2,6	71,1
	NOVE MESES	1	2,5	2,6	73,7
	DEZ MESES OU MAIS	10	25,0	26,3	100,0
	Total	38	95,0	100,0	
Perdidos	Sistema	2	5,0		
Total		40	100,0		

**40- Qual sua religião antes de entrar para o Rosa de Saron?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	não tinha religião	9	22,5	23,1	23,1
	evangélica	5	12,5	12,8	35,9
	evangélica desviada	11	27,5	28,2	64,1
	católica	10	25,0	25,6	89,7
	espírita	3	7,5	7,7	97,4
	bruxaria	1	2,5	2,6	100,0



Total		39	97,5	100,0
Perdidos	Sistema	1	2,5	
Total		40	100,0	

**41-Qual sua religião atualmente?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	não tenho religião	5	12,5	12,8	12,8
	evangélica	19	47,5	48,7	61,5
	evangélica desviada	4	10,0	10,3	71,8
	católica	8	20,0	20,5	92,3
	espírita	2	5,0	5,1	97,4
	outra	1	2,5	2,6	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Perdidos	Sistema	1	2,5		
Total		40	100,0		

**42-Em sua família (os entes mais próximos em sua relação de convivência) existe alguém evangélico?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	33	82,5	86,8	86,8
	NÃO	5	12,5	13,2	100,0
	Total	38	95,0	100,0	
Perdidos	Sistema	2	5,0		
Total		40	100,0		

**43- Alguém evangélico influenciou sua vinda para o Rosa de Saron?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	31	77,5	79,5	79,5
	NÃO	8	20,0	20,5	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Perdidos	Sistema	1	2,5		
Total		40	100,0		

**44- Você exerce algum tipo de liderança no Rosa de Saron?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	9	22,5	24,3	24,3
	NÃO	28	70,0	75,7	100,0
	Total	37	92,5	100,0	
Perdidos	Sistema	3	7,5		
Total		40	100,0		

**45- Você já recebeu algum convite para mudar de religião enquanto esteve no Rosa de Saron?**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Válidas	SIM	11	27,5	28,2	28,2
	NÃO	28	70,0	71,8	100,0
	Total	39	97,5	100,0	
Perdidos	Sistema	1	2,5		
Total		40	100,0		

APÊNDICE C - Perfil social das internas: cruzamentos de variáveis



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

RESULTADO GERAL DO LEVANTAMENTO GERAL DO PERFIL SOCIAL DAS INTERNAS DO CRRS

CRUZAMENTOS ANALÍTICOS DE VARIÁVEIS

*Cruzamento Analítico de Variáveis n°1*- CRUZAMENTO N1- PRÁTICA SEXUAL PARA COMPRA DE DROGAS X PRÁTICA DE TRÁFICO DE DROGAS

Tabla de contingencia 19- Você já praticou sexo para comprar drogas? \* 26-  
Você já traficou drogas alguma vez?

Recuento

			26- Você já traficou drogas alguma vez?		Total
			SIM	NÃO	
19- Você já praticou sexo para comprar drogas?	SIM		14	10	24
	NÃO		1	15	16
Total			15	25	40

*Cruzamento Analítico de Variáveis n°2*- RENDA X VENDA DE OBJETO PARA COMPRA DE DROGAS

Tabla de contingencia 8- Qual sua renda mensal de sua família? (considere a soma da renda de todos que moram em sua casa) \* 23- Você já vendeu algum bem/objeto seu para comprar drogas?

Recuento

			23- Você já vendeu algum bem/objeto seu para comprar drogas?		Total
			SIM	NÃO	

8- Qual sua renda mensal de ,00	2	0	2
sua família? (considere a	1	0	1
soma da renda de todos que	1	0	1
moram em sua casa)	1	0	1
300,00	1	0	1
600,00	1	0	1
700,00	1	0	1
720,00	2	1	3
827,00	1	0	1
950,00	1	0	1
1000,00	1	0	1
1160,00	0	1	1
1200,00	1	0	1
1400,00	1	1	2
1500,00	0	1	1
2100,00	1	0	1
2172,00	1	0	1
2500,00	1	0	1
2886,00	1	0	1
3000,00	2	0	2
4000,00	1	1	2
6000,00	0	1	1
Total	19	6	25

## APÊNDICE D – Roteiro de entrevista (internas)



Universidade Federal  
de Campina Grande

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Universidade Federal de Campina Grande, Bairro, Universitário, Campina Grande – PB. CEP: 58429-900.

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-DIRETIVA COM AS INTERNAS  
DO CRRS**

Nome da entrevistada (fictício): \_\_\_\_\_  
 N° \_\_\_\_\_  
 Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
 Escolaridade \_\_\_\_\_ Ocupação: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: \_\_\_\_\_  
 Filhos(as) \_\_\_\_\_  
 Tempo no CRRS: \_\_\_\_\_  
 Local da  
 Entrevista: \_\_\_\_\_  
 Data da entrevista \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_. Horário: \_\_\_\_\_

- 1- O que você acha que lhe levou a usar drogas?
- 2- Como você soube da existência do Rosa de Saron?
- 3- Como foram seus primeiros dias no Rosa de Saron? (relações, disciplinas, entre outros)
- 4- Você exerce algum tipo de liderança no centro. Se sim, como se deu essa passagem?
- 5- Ser evangélica é importante para ser líder no centro?
- 6- O que uma líder precisa saber para trabalhar com as internas?
- 7- Quais os maiores problemas/dificuldades que você já enfrentou como líder?
- 8- Em sua opinião, quais os maiores problemas/dificuldades enfrentados pelas internas durante sua permanência no centro de tratamento?

- 9- Em sua opinião, o que leva uma interna a descumprir alguma das normas da instituição?**
- 10- Como a direção do centro age com aquelas que descumprem as normas institucionais?**
- 11- O que uma interna geralmente faz quando ela não quer participar dos cultos ou de qualquer atividade desenvolvida no CRRS?**
- 12- O que muda no cotidiano de uma interna quando esta se “converte”?**
- 13- Você acha que a opção religiosa professada interfere na relação entre as internas ou liderança?**
- 14- Para você, qual o perfil ideal de interna (aquela que é melhor de liderar) e o perfil menos desejado de interna? Comente!**

## APÊNDICE E – Roteiro de entrevista (Jane Sueli)



Universidade Federal  
de Campina Grande

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Universidade Federal de Campina Grande, Bairro, Universitário, Campina Grande – PB. CEP: 58429-900.

---

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-DIRETIVA APLICADO COM A  
FUNDADORA E DIRETORA DO CRRS (MISSIONÁRIA JANE SUELI)**

- 1- Prezada Irmã Jane. A senhora poderia falar acerca de como surgiu seu interesse em criar esse centro?
- 2- Como foram os primeiros dias de funcionamento do centro?
- 3- Comente um pouco acerca da rotina do centro.
- 4- Por que um centro interdenominacional? Qual o papel (importância) da religião no tratamento das internas?
- 5- No centro, quais as funções destinadas às novatas e quais as destinadas às veteranas?
- 6- Atualmente a senhora está sendo processada por algumas de suas antigas internas. Poderia falar sua versão dos fatos?
- 7- Na sua opinião, por que algumas internas – até mesmo líderes – quando saem do centro voltam ao mundo das drogas?
- 8- Na sua opinião, quais as principais qualidades que uma interna precisa ter para ser líder no Rosa de Saron? Professar ser evangélica é importante?
- 9- Se eu desejasse me engajar como líder, desempenhando tarefas diárias com as internas, o que eu precisaria saber lidar com as internas do CRRS?
- 10- Quais os maiores problemas/dificuldades que você já enfrentou como diretora e coordenadora? (falar em relação ao relacionamento com as internas, líderes, tentativas de assassinatos, entre outros).

- 11- Em sua opinião, quais os maiores problemas/dificuldades enfrentados pelas internas durante sua permanência no centro de tratamento?**
- 12- Para você, qual o perfil ideal de interna (aquela que é melhor de liderar) e o perfil menos desejado de interna? Comente!**
- 13- De que forma uma interna busca – geralmente – resistir a uma regra da casa imposta?**
- 14- O que o CRRS pode significar para uma interna que quer buscar uma reabilitação em sua condição? E em relação àquelas que aparentemente “não querem”?**
- 15- Desejar participar do tratamento é importante na obtenção do resultado pretendido?**
- 16- Você se reúne com suas líderes para dar instruções de como trabalhar com certas internas? Se sim, que casos são mais comuns serem discutidos?**
- 17- Existe alguma diferença na postura de uma interna primária e de uma interna retornante?**



## APÊNDICE F – Roteiro de entrevista (Obreiros e voluntários)



Universidade Federal  
de Campina Grande

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Universidade Federal de Campina Grande, Bairro, Universitário, Campina Grande – PB. CEP: 58429-900.

**ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OBREIROS E VOLUNTÁRIOS  
ATUANTES NO CRRS**

Nome da entrevistada (fictício): \_\_\_\_\_  
 N° \_\_\_\_\_  
 Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
 Escolaridade \_\_\_\_\_ Ocupação: \_\_\_\_\_  
 Estado Civil: \_\_\_\_\_  
 Filhos(as) \_\_\_\_\_  
 Tempo de atuação no CRRS: \_\_\_\_\_  
 Local da  
 Entrevista: \_\_\_\_\_  
 Data da entrevista \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_. Horário: \_\_\_\_\_

1. O senhor poderia falar acerca de como surgiu o interesse em participar do trabalho com as internas do CRRS?
2. Que atividades sua denominação religiosa vem desempenhando com as internas do centro?
3. Por ser um centro interdenominacional, como você avalia a utilização da religião no tratamento das internas?
4. Qual a sua opinião em relação ao trabalho realizado pelas outras denominações? (do ponto de vista social, teológico).
5. Na sua opinião, todas as internas que vem do CRRS à sua igreja vem com o mesmo propósito? Comente!

6. **Na sua opinião, quais impactos a conversão religiosa pode trazer para uma interna do CRRS?**
7. **Você percebe alguma diferença entre as internas consideradas “convertidas” em relação às demais internas?**
8. **Na sua opinião... por que algumas internas – até mesmo líderes – quando saem do centro voltam ao mundo das drogas?**
9. **Já ocorreu algum conflito/incidente com as internas enquanto elas estiveram em sua igreja? Se sim, poderia falar daqueles que você considera mais expressivos?**
10. **Para você, qual o tipo ideal de interna e qual aquele tipo mais difícil de se trabalhar?**
11. **Se eu fosse exercer algum trabalho com as internas, que observações, dicas, você me daria?**